

José Pedro da Rocha Neto

CONTOS E RECONTOS

Copyright@José Pedro da Rocha Neto
todos direitos reservados ao autor

Capa
José Pedro da Rocha Neto

Editoração Eletrônica e Composição
José Pedro da Rocha Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha Neto, José Pedro da
Contos e recontos / José Pedro da Rocha Neto. --
Londrina, PR : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-01535-4

1. Experiências - Relatos 2. Histórias de vidas
3. Homens - Biografia 4. Memórias 5. Narrativas
pessoais 6. Rocha Neto, José Pedro da I. Título.

24-205485

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Biografia 920.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
APRESENTAÇÃO	11
COMO ERA A REGIÃO NO ENTORNO DE LONDRINA ANTES DA MESMA SER FUNDADA	13
LONDRINA COMEMORA SEUS NOVENTA ANOS DE EMANCIPAÇÃO POLITICA (10/12/2024)	19
DIFICULDADES QUE A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL SEMPRE ENCONTROU.....	33
GESTÃO DO PREFEITO JOSE RICHA.....	43
ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DALTON PARANAGUA (Administração anterior a do José Richa).....	61
ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO ANTONIO BELINATI (Em seguida a gestão do José Richa).....	71
LONDRINA ENSINANDO O QUE MAIS APRENDEU A FAZER.....	77
OS CINEMAS DE LONDRINA.....	89
O TRATAMENTO DO LIXO EM LONDRINA.....	93
AS FANFARRAS DOS COLÉGIOS EM LONDRINA	101
OS SERVIÇOS DE ÁGUA E ESGOTO EM LONDRINA.....	105
OS TRADICIONAIS ‘FOOTINGS’ QUE OCORRIAM NOS FINAIS DE SEMANA EM LONDRINA	113
AS REIVINDICAÇÕES CULTURAIS DA CIDADE DE LONDRINA	117

APRENDENDO A DANÇAR	125
APRENDENDO A FAZER POLITICA	131
ARISTOTELES ALEXANDRE VIEIRA, (QUE SABIA CONTAR FATOS E GENEALOGIAS DE FORMA ENGRAÇADA), E QUE SERIA O PRIMEIRO COLETOR DE RENDAS ESTADUAIS EM LONDRINA	137
EM 1954 LONDRINA COMEMOROU SEUS VINTE ANOS E A CIDADE DE SÃO PAULO O SEU QUARTO CENTENARIO. DÁI A MINHA CURIOSIDADE QUANTO AOS NOSSOS ANCESTRAIS AO LONGO DOS ANOS SEGUINTE.....	153
OS PALACETES LONDRINENSES NA DÉCADA DE 1940 E INÍCIO DOS ANOS DE 1950.....	169
OS CLUBES DE SERVIÇOS EM LONDRINA NOS ANOS DE 1950 E SEGUINTE.....	175
CELSINHO GOMES, O AGLUTINADOR DE AMIGOS	183
A ESCOLA DE BELAS ARTES PARA LONDRINA.....	189
POR QUE RAZÃO O ESTÁDIO DO CAFÉ ESTÁ LOCALIZADO NAQUELE LOCAL?.....	193
A BOCA MALDITA DE LONDRINA	199
VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS A CONVITE DO DEPARTAMENTO DE ESTADO NORTE AMERICANO 1964.....	203
EXECUTANDO A OBRA DA AGENCIA DO BANCO ITAÚ EM NAVEGANTES SC	211
A CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO EM CURITIBA	219
BIOGRAFIA DE RUI CUNHA. MEU PATRONO NA ABROL/PR (Academia Brasileira Rotária de Letras/Pr)	227

REMINISCÊNCIAS DE QUEM VIVENCIOU CURITIBA NA DÉCADA DE 1930.....	237
AS AULAS CÍVICAS E DE PORTUGUÊS NO GRUPO ESCOLAR PROFESSOR SERAPIÃO EM UNIÃO DA VITORIA.....	249
OLIMPÍADAS DO CURSO GINASIAL EM LONDRINA.....	261
HISTÓRIA DO INÍCIO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UEL EM LONDRINA.....	269
AS NOSSAS VIAGENS DE TRENS	275
O IMPORTANTE PARA MIM NUNCA FOI PERTENCER A UMA SALA DE AULA DESTACADA. MAS SIM, ESTAR JUNTAMENTE COM OS AMIGOS ONDE ESTIVEREM.....	283
O DIA QUE ENTERRARAM HITLER EM LONDRINA	285
PLANO DIRETOR DO SISTEMA DE TRANSPORTE URBANO EM LONDRINA.....	289
O MILENAR CAMINHO INDIGENA QUE RESULTOU NA ESTRADA DO CERNE	293
QUANDO A “BOCA MALDITA DE CURITIBA” ERA NO CAFÉ ALVORADA PRÓXIMA AO PRÉDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E AO MESMO TEMPO UMA EXCELENTE ACADEMIA DE ASSUNTOS GENERALIZADOS.....	319
A LENDA DO EL DORADO NA AMAZÔNIA	327
O QUE FAZER DA OBRA DO ARQUITETO JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS NA RUA SERGIPE (ANTIGA RODOVIÁRIA).....	335
O ECLIPSE TOTAL DO SOL EM MAIO DE 1947	337
OS INCÊNDIOS FLORESTAIS.....	341

COMO ERAM OS CLUBES DE SERVIÇOS EM LONDRINA POR VOLTA DE 1956 BEM COMO O MAGISTÉRIO DO CURSO GINASIAL E CIENTIFICO	345
SOBRE O RUI CUNHA	351
CONCEPTORES DE SONHOS PARA LONDRINA E A NECESSIDADE DE BONS EXECUTORES COM OS PÉS NO CHÃO	355
FATO DECISIVO RELATADO POR RUI CUNHA	365
CLUBE DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DE LONDRINA HOMENAGEIA A PRIMEIRA TURMA DE ENGENHARIA DA UEL PELOS 50 ANOS DE INGRESSO NA MESMA. BEM COMO, SEUS PRIMEIROS PROFESSORES.....	371
DRENAGEM URBANA DE LONDRINA.....	377
ARBORIZAÇÃO DE LONDRINA.....	383
FINALIZANDO	387
LIVROS ESCRITOS PELO AUTOR	388



Autor Engenheiro José Pedro da Rocha Neto (abril 2024)



Neolete Rocha e o Filho José Pedro quando chegaram em Londrina (outubro 1940)



José Pedro da Rocha e seu pai Aristóteles Belo da Rocha, 1947



Roseli Aparecida da Rocha Londrina, 1953



Neolete Rocha e os Filhos José Pedro e Pericles (Londrina, janeiro 1945)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à toda minha família, em especial a minha esposa Marilene que tem acompanhado meus escritos, bem como antepassados, meus filhos Silvia Maria, José Marcos, Helena Maria e descendentes.

Também quanto às entidades que pertenci, (ou continuo pertencendo), que de uma forma ou outra me permitiram efetuar o presente registro pertinente a Londrina.

Da mesma forma, ao ex-jornalista da Folha de Londrina, Widson Schwartz, por ter sugerido o meu nome, para a devida entrevista, junto à Comissão Organizadora pertinente a comemoração dos 90 anos de Londrina. Por eu próprio possuir assunto extenso sobre a cidade, este fato resultou no presente registro em livro.

Agradeço ainda, a Sra. Wilma Turquino, esposa do meu ex-companheiro dos tempos universitários em Curitiba, porém agrônomo, Tito Turquino, pela cooperação na execução da capa deste livro.

Aos meus irmãos, Roseli e Pericles (*in memorian*) por sempre me incentivarem a registrar em livros as nossas histórias familiares

APRESENTAÇÃO

Os presentes contos e recontos, na verdade são relatos por mim vivenciados ao longo da minha vida. A maior parte dos mesmos já constantes nos diversos livros que escrevi. No entanto, ressalto, vistos sob a minha ótica e como ficaram impressos na minha memória. Ou seja, subjetivamente.

Por outro lado, ao receber comunicação do meu amigo Widson Schwartz, “ex-jornalista da Folha de Londrina”, no sentido de que o mesmo me indicara para ser ouvido num vídeo onde várias pessoas vão dar um pequeno testemunho sobre a cidade, mas pertinente às comemorações dos 90 anos da mesma, aceitei. Porém, sabendo que cada manifestante terá uns dez minutos para tanto, cada uma terá de se cingir a um determinado fato e tempo. Porém, na minha cabeça, tenho muitos. Mas vou me cingir a regra.

Porém, a meu ver, tais contos e recontos estão destinados mais aos meus familiares e descendentes. De vez que muito acentuo nossas próprias histórias familiares e que, na maior parte das mesmas, nada tem a ver com a cidade de Londrina. Porém, efetuar um livro próprio para tanto, pareceu-me desnecessário. Daí, a razão de tais histórias familiares estarem integradas ao presente livro e que foram apontados tais livros como constantes a fim de facilitar melhor a complementação para um melhor entendimento.

Mas como fazem parte da própria história do Paraná, por que não constá-las no presente?

Desde os tempos do curso primário, sempre considerei-me umbilicalmente interligado a minha família, a minha cidade e ao meu Estado do Paraná. Em vista disso, morando em Londrina, Rolândia, Curitiba e novamente em Londrina, nunca consegui dissociar o local onde residia do meu próprio Estado do Paraná e dos meus antepassados.

Portanto, os presentes contos inevitavelmente refletem esse contexto. Ainda que pontualmente possam divergir de uma documentação mais acurada de parte de um verdadeiro pesquisador.

Londrina, 05 de abril de 2024.

COMO ERA A REGIÃO NO ENTORNO DE LONDRINA ANTES DA MESMA SER FUNDADA

Com o início da colonização de parte da Companhia de terras do Norte do Paraná, 1930, tornou-se impositivo a construção de novas rodovias em toda a região norte do Estado. Muito embora, a própria Companhia e Terras também tivesse o mesmo problema para interligação dos novos núcleos de colonização entre si bem como com as cidades já existentes.

No entanto, na região onde Londrina foi implantada, já existia a pequena localidade atualmente denominada Tamarana, (anteriormente São Roque), bem como inúmeras fazendas de café localizadas na Gleba Três Bocas. Assim denominada em função do Ribeirão Três Bocas, muito próximas de Londrina. Região esta também denominada Patrimônio Três Bocas de vez que na região existiam muitas Fazendas, (adquiridas do Governo do Estado do Paraná, anos antes, por diversos interessados onde ocuparam terras e passaram a produzir café).

Por outro lado, tais fazendas não possuíam a devida escrituração para a devida caracterização de suas áreas bem como, muitas delas, sem divisas perfeitamente definidas. Decorrente disso, necessitou-se, anteriormente a localização da cidade de Londrina, (a fim de não conflitar com a área da própria Companhia de Terras), uma Medição Judicial que transitou na Comarca de Tibagi. Na verdade, tal Medição Judicial visava mais propriamente os moradores e proprietários que aí se estabeleceram e cultivaram produtos agrícolas e até mesmo exerceram a pecuária. Mas que precisavam de documento próprio, com área definida, para a devida e pertinente legalização das suas propriedades rurais. Pois até mesmo estradas, (aproveitamento melhor de antigos caminhos), já existiam.

Mesmo que cada proprietário pudesse definir a sua propriedade pertinente, carecia o mesmo de um memorial descritivo da mesma decorrente de uma planta ou medição. Com isso, a devida petição judicial para homologação do intento. Neste sentido, contou-se com a participação do advogado João Alves da Rocha Loures. Nascido em Palmas, Paraná, 1900, onde também cursou o Grupo Escolar. Filho do Jesuíno casado com uma descendente do José Ferreira dos Santos. Líder de uma das bandeiras que descobriram os campos de Palmas. 1836. Mesma vertente ancestral da nossa bisavó Deolinda dos Santos. Pois filha do Joaquim dos Santos. Também, do meu avô José Pedro da Rocha, falecido em 1919.

Na sequência, o João Alves da Rocha Loures foi para Curitiba, passando a estudar no Ginásio Paranaense. Após formado em Direito, poucos anos depois também Juiz da cidade de Palmas. Mas formado em advocacia no Rio de Janeiro. Embora fundada em 1912, a Universidade Federal do Paraná encontrou problemas para o início do bom funcionamento de algumas áreas. Em vista disso, muitos que tinham intenção de cursar Direito, dirigiram-se para o Rio de Janeiro pois de fácil acesso, por mar, a partir de Paranaguá. Pois havia naquela época, linha costeira, que alcançava também Florianópolis e o Rio de Janeiro, efetuando tal trajeto dia sim, dia não. Ou seja:- Ida num determinado dia e retorno no dia seguinte.

Acredito como parte de honorários advocatícios acabou ficando com uma notável área rural onde implantou a Fazenda Maravilha. Praticamente, próxima das margens do rio Tibagi. Município de Londrina. Local este, não muito distante da estrada do Cerne após a travessia do rio Tibagi. Portanto, local estratégico. Ao menos naquela época. Tanto isto pode ser verdade, pois no Governo Estadual do José Richa, o mesmo executou a ligação asfáltica de Assaí até a localidade próxima de tal Fazenda. Porém faltou a ponte sobre o Rio Tibagi. Estrada esta que se viu inaugurada por João Elísio Ferraz de Campos. Porém, ao que sei, se deveu ao atendimento das solicitações

dos prefeitos daquela região de Assaí que desejavam uma interligação mais fácil com Londrina, a fim de melhor contarem com atendimento médico, comercial e de ensino.

Porém, ao que se sabe o João Alves da Rocha Loures trabalhava no escritório do advogado Marins Alves de Camargo, (filho do Pedro Alves da Rocha Loures), pois os descendentes do Marins Alves de Camargo, ainda aos dias atuais, 2024, possuem terras, por herança, em Londrina. Existem informações familiares que o próprio ex-Governador Afonso Alves de Camargo, também possuiu áreas de terras em Londrina. Porém, documentalmente, não as encontrei.

Já em 1930, o Interventor Manoel Ribas, diante do surgimento de várias novas cidades, dentre elas, Sertanópolis, (cujos moradores predominantemente tinham origem em Marília, Presidente Prudente e Assis), preocupou-se com isto. A razão era que tais moradores passaram a necessitar de uma melhor integração não só com a nova colonização em si mas também com outras regiões do próprio Estado do Paraná. Principalmente, Curitiba. Com isso, uma das primeiras preocupações do Interventor Manoel Ribas foi interligar Curitiba ao Norte do Paraná propriamente dito.

Já existia o antigo caminho do Cerne, (bem como outros), que partindo de Curitiba chegava ao norte do Paraná. Este caminho do Cerne já era um fato que permitia a interligação de Curitiba, passando por Pirai do Sul, São Jeronimo da Serra, alcançar Jataizinho. Local onde anteriormente existiu a Colônia Militar do Jatai numa das margens do Rio Tibagi e defronte na outra margem, a Colônia de São Pedro de Alcantara. (Aldeamento indígena).

Com o advento dos automóveis e caminhões, a partir de 1925, o próprio Governo do Paraná deu-se conta que tal caminho precisava tornar-se estrada. Mas fato que igualmente passou acontecer em todas as direções a partir de Curitiba. Em direção a Guarapuava, Foz do Iguaçu, União da Vitoria, Paranaguá, Itararé, Jacarezinho, etc.etc.

Porém, inegavelmente, o norte pioneiro era uma das mais necessitadas regiões de vez que neste local intensificou-se o plantio do café. Com isto, a necessidade de exportação para o Porto de Paranaguá pois via Porto de Santos, mais atendia ao Estado de São Paulo que propriamente o Paraná. Pois o Estado do Paraná precisava de arrecadação.

Agora, diante da importantíssima colonização que tinha origem nos ingleses, (mas já sob administração de empresários paulistas), o Paraná passou a dirigir suas atenções a fim de permitir arrecadações fiscais e impostos que ficassem prioritariamente no Estado do Paraná. Em 1930, ocorreu a Revolução Getulista que resultou na assunção de Getúlio Vargas a Presidente da República. Com isto, por nomeação do próprio Presidente, assumiu o Governo do Estado do Paraná o Interventor Manoel Ribas. No entanto, a estrada do Cerne fora iniciada ainda em pelo Governador Afonso Camargo. Dada a Revolução Getulista de 1930, assumiu o General Tourinho e pouco meses depois o Interventor Manoel Ribas. Assim, quando o Interventor Manoel Ribas assumiu, a construção desta estrada a mesma já se encontrava adiantada. Era uma estrada feita manualmente, (de vez que inexistiam máquinas para tanto), prevalecendo o transporte de terra e rochas através de pequenas carroças ou até mesmo no lombo de burros. Assim, quando Manoel Ribas assumiu, pouco tempo depois, 1940, a mesma viu-se inaugurada. Era a maior estrada rodoviária no Brasil feita e inaugurada naquela ocasião.

Quando se viu inaugurada, interligou Curitiba a Londrina, mas que, na verdade, possuía seu traçado interligando Jataizinho a Ibiporã e dali a Sertanópolis e Porto Capim junto ao rio Paranapanema. Divisa com o Estado de São Paulo. Na ocasião, atravessando o rio Tibagi através de balsas.

Como já se cogitava na implantação da estrada de ferro interligando Cambará a Londrina, (a ser executada pelos próprios colonizadores), o interventor Manoel Ribas determinou a construção

de duas pontes em concreto armado neste local. Uma para a passagem do trem e outra para a passagem de veículos automotores. As quais foram inauguradas por volta de 1935 e 1940. Data esta, cinco anos anteriormente a inauguração da Estrada do Cerne por Manoel Ribas.

Em 1929, ficou implantado pelos ingleses o primeiro Posto avançado da colonização dos mesmos, após o Rio Tibagi, e que recebeu o nome de Londrina.

Como o município de Londrina surgiu em 1934, nesta ocasião a cidade já possuía feição de uma próspera cidadezinha e continuavam chegando, diariamente, novos moradores. Portanto quando a estrada do Cerne viu-se inaugurada, 1940, Londrina já contava com sua estação ferroviária e o seu núcleo urbano com aproximadamente quinze mil habitantes. Fato que despertava atenção de todo o Brasil. Em outras palavras, Londrina já era maior que as cidades importantes e interioranas do Paraná.

No entanto, como era o entorno de Londrina?

Pertencendo ao Município de Londrina constava a localidade denominada São Roque. Atualmente Tamarana. Bem como com toda a área rural conhecida como Patrimônio Três Bocas.

Conversando, tempos atrás, com a Sra. Aracy Stamm, (esposa do falecido eng. Mario Stamm), a mesma relatou-me que a sua família chegou a Londrina ainda nos idos de 1930. Vieram para trabalhar na Casa Fuganti. Uma das primeiras atividades que seu pai possuiu naquela ocasião, foi comercializar porcos. Para tanto, adquirindo-os em Tamarana de vez que naquela região prevaleciam os “safristas”. Após trazidos para Londrina, os comercializava com grandes frigoríficos que existiam no norte velho. Região de Jacarezinho e Jaguariaíva.

Agora, já se encontrando estes contos praticamente finalizados bem como sob análise para a devida publicação, o meu companheiro de praia, o Reinaldo Rocha Loures, esclareceu-me que o seu pai, o João Alves da Rocha Loures, por volta de 1927, comprou de Lucy Ethel Landsberg, então viúva, uma fração da Gleba Taquara com área de dois

mil e quinhentos hectares. Seu marido, falecido em 1923, era Albert Landsberg, judeu alemão, financista e banqueiro. Foi credor do falido Banco do Paraná e como tal tornou-se proprietário de terras que lhe coubera na liquidação da respectiva massa falida.

Essas propriedades se constituíam em partes que lhe couberam na liquidação da respectiva massa falida. Ou seja, elas ainda não possuíam divisas próprias e em condições de atribuí-las, proporcionalmente, a cada um dos condôminos.

Trabalho que implicou em demarcação e divisão judicial. Em tal cenário, João Alves da Rocha Loures assumiu o papel de promotor da divisão judicial das Glebas Três Bôcas e Taquara e como tal agenciou vendas e cobrou honorários pertinentes. O João Alves Rocha Loures pertencia ao escritório do seu primo, o advogado Marins Alves de Camargo. O nome de Fazenda Maravilha, deveu-se ao outro seu primo, (o Ruy Alves de Camargo), quando o mesmo visitou o local devidamente acompanhado pelo João. Maravilhando-se com tal local. Por sua vez, quando o Ruy adquiriu terras na mesma região, coube ao João dar o nome à mesma. Com isso resultou o nome de Paiquerê, nome que na língua tupi-guarani significa Paraíso. Por se tratar de fato histórico, daí o presente registro.

LONDRINA COMEMORA SEUS NOVENTA ANOS DE EMANCIPAÇÃO POLITICA (10/12/2024).

Cada ano que passa, menos testemunhas oculares da Historia, (relacionadas aos primórdios da cidade), se fazem presentes às comemorações pertinentes a fundação da cidade. Daí, a razão, agora, da presença dos seus descendentes como costumeiramente ocorre nas cidades mais velhas da região e do Paraná. Neste sentido, geralmente ouvidas.

No entanto, tendo chegado a Londrina ainda em 1940, mas ainda bebê, estou registrando no presente conto, a minha visão sobre a cidade até os dias de hoje.

Meus pais, Aristóteles Belo da Rocha casado com Neolete Rocha, chegaram a Londrina nos meses finais de 1940. Tendo eu, José Pedro, ao colo. Casaram-se em Pirabeiraba, Santa Catarina, então um Distrito de Joinville. Ocasão que meu pai era ainda militar, exercendo funções de topógrafo junto ao Quinto Batalhão de Engenharia o qual estava envolvido na finalização da construção da estrada que interligou Curitiba a Joinville. Pois, o restante da estrada até Florianópolis e ao Rio Grande do Sul encontrava-se pronto e funcionando desde há anos. Fora uma estrada concebida ainda no Governo do Presidente Washington Luís e iniciada pelo mesmo. Sendo que no trecho Curitiba/Tijucas do Sul encontrava-se construída e funcionando. No entanto, com o advento do Governo de Getúlio Vargas, a continuidade de tal construção viu-se paralisada. Muito embora tivesse muitos trechos concluídos. Mas não funcionando. Daí a razão da presença do Quinto Batalhão de Engenharia para finalização da mesma. Sediado em São João do Palmital, onde nasci e local tido como o Terceiro Distrito de São Francisco do Sul.

Casados, meus pais passaram a residir em São João do Palmital, (atual Garuva), mas não no próprio Acampamento Militar mas sim

numa casa alugada. Mas, nas proximidades do próprio acampamento. Naquela época, São João do Palmital era o Terceiro Distrito de São Francisco do Sul. Cidade esta já centenária, organizada, com muitos moradores e bom comércio. Por muitos, considerada a segunda mais antiga cidade do Brasil.

Dada a baixa do exército, o meu pai decidiu levar a nova família para Mafra. Local onde morava “Tio Protógenes Vieira”, irmão da minha avó Genoveva. Então, cidadão destacado daquela cidade que muito poderia ajudar meu pai para consecução de algum emprego condizente com a sua formação cultural e social. Anos depois, Prefeito, deputado estadual e Presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Assumindo, inclusive o Governo desse Estado por ocasião da doença de Irineu Bornhausen.

Chegando a Mafra, após alguns dias, encontrou-se com outro seu aparentado, o Aristeu dos Santos Ribas, que já era promotor público no norte do Paraná. Este, sabendo das intenções do meu pai naquele momento, o aconselhou a vir para o Norte do Paraná. Local então já tido como o “El Dorado do Paraná”. Local de muitas oportunidades de trabalho. No entanto, meu pai precisava urgentemente de algum trabalho dada a família que constituía. Em vista disso, o próprio Aristeu dos Santos Ribas contactou o Vespertino Pimpão, então Prefeito de Sertanópolis, (também com origens em Palmas, sul do Paraná), a fim de viabilização do emprego. Em vista disso, a nova família veio para Sertanópolis e aí fixou-se.

Estabelecidos em Sertanópolis, outro tio do meu pai, o Aristóteles Alexandre Vieira, conhecido como “Tio Tote”, então coletor de rendas estaduais na cidade de São Jerônimo da Serra, informou ao meu pai a existência de concurso público para a fiscalização de rendas estaduais. Concurso este a ser realizado na própria cidade de Londrina. Como meu pai era excelente datilógrafo, possuía boa redação e instrução, acabou prestando tal concurso e viu-se aprovado.

Porém, para admissão imediata pois a própria Receita Estadual precisava urgentemente de funcionários em Londrina dado o vertiginoso crescimento da cidade. Fato que motivou a nova família vir de Sertanópolis para Londrina. Por volta novembro de 1940.

O próprio Tio Tote errara na escolha quando transferido de Palmas para Londrina. Início de 1935. O mesmo era coletor de rendas estaduais. Mas no Covó, um grande entreposto do comércio de gado, mulas e outros animais e mercadorias. No entanto, decorrente de briga numa quermesse da igreja para arrecadação de fundos, um dos litigantes atirou no seu oponente. No entanto não acertou. Mas sim, no filho do Tio Tote, o Sócrates, que se fazia presente e que estava distante e na orquestra. Pois, tanto “Tio Tote” como seu filho Sócrates, eram também músicos. Sócrates viu-se mortalmente atingido e Tio Tote com um tiro na barriga. Mas acabou se recuperando.

Em função deste funesto acidente, Tio Tote quis deixar Palmas. Providenciaram-lhe, então, a cidade de Londrina com menos de um ano de idade. 1935. Mas que já se apresentava envolvente a quem chegasse. Era um período de chuvas intensas e o barro se fazia presente. Fato que não ocorria em Palmas. Ao menos daquela forma. Tal fato não o motivou a se estabelecer em Londrina.

Já emocionalmente triste com o falecimento do filho, a própria cidade de Londrina não contribuiu com o mesmo naquele momento. Decidiu não assumir suas funções. Seria o primeiro coletor de Rendas Estaduais em Londrina. Em vista disso, foi-lhe providenciada a cidade de São Jerônimo da Serra, então a melhor cidade nas proximidades. Em decorrência, a própria Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná, convocou o senhor Severo Canziani, também funcionário público, porém numa cidade do sul do Paraná, exercendo funções iguais, para assumir a Coletoria Estadual de Londrina. Fato que ocorreu.

Em dezembro de 1940, meu pai assumiu suas funções como fiscal da Receita Estadual em Londrina. Para tanto, alugando uma casa de madeira, situada na esquina da atual Rua Professor João Candido

com Goiás. Segundo minha mãe Neolete, então praticamente fora do perímetro urbano da cidade pois além deste local as casas que existiam eram muito distanciadas umas das outras. Fato que motivou meu pai a mudar-se para uma região melhor meses depois. Para a Rua Ceará, (atual Hugo Cabral), um pouco abaixo da rua Benjamin Constant. Rua esta onde situava-se a própria coletoria estadual e fiscalização. Portanto, local mais próximo do seu trabalho.

Nos fundos da nossa casa, porém no mesmo terreno, morava Dona Ida Larsen casada com Sr. Walter, então, mas a meu ver, idosos e possuíam o filho Walter, mesmo nome que o do pai, com mais ou menos quinze anos de idade que lhes dava muitos problemas. Além disso, tinham um cachorro cujo nome era Rex. Nessa casa, em 1942, nasceu o meu irmão Péricles.

Nascido em abril de 1940, as minhas primeiras memórias datam de 1944. Época da Segunda Guerra Mundial. Fato marcante na minha vida.

Como os nossos vizinhos aos fundos eram tidos como de origem alemã e, lateralmente, de origem japonesa, os mesmos sofriam constantes ameaças ainda que não diretamente. Chegando até mesmo lhes confiscarem rádios e outros objetos. Além disso, ocorreram prisões de muitos cidadãos de origem alemã muito embora fossem destacados líderes na cidade de Londrina e adjacências. De comportamentos exemplares.

Mas, fato que muito nos marcou. Principalmente, fatos pertinentes a própria Segunda Guerra Mundial. Pois faltaram gasolina, trigo, bem como, produtos alimentares importantes. Razão da existência de filas para as devidas e pertinentes aquisições. Até mesmo luz elétrica, pois após determinada hora noturna veio a recomendação de parte de autoridades para que as famílias fechassem as janelas pois a luz seria desligada. Para evitar algum ataque aéreo. Fato que meu pai, como ex-militar, ironizava. Sempre afirmando que na realidade era a própria empresa de fornecimento de eletricidade que estava tendo problemas. Mas, todos obedeciam tal ordem.

Meu avô Marcos Schatzmann, por volta do final de 1944, saí de Joinville e vem nos visitar em Londrina. A cidade iria festejar seus dez anos e já não era pequena. Fato que marcou meu avô e que sempre falava bem de Londrina aos seus outros familiares em Joinville assim que retornou.

Da mesma forma, minha bisavó, (pelo lado paterno), Deolinda dos Santos Vieira, conhecida por Mãe Diola, quando nos visitou em 1945. Ocasão que Londrina já era bem maior que a própria cidade de Palmas, (sul do Paraná), que festejara seu centenário em 1936.

O Prefeito de Londrina, na ocasião, era o Aquiles Pimpão, (nomeado pelo Interventor Manoel Ribas), sendo que os Pimpão tinham fortes raízes em Palmas. Londrina já possuía o seu próprio jornal, (Paraná Norte), bem como uma Estação de Rádio. A Rádio Londrina. Como possuíamos um bom rádio em nossa casa, a mesma ficava horas ouvindo notícias e as agitações promovidas pelo locutor. Mesmo não sendo novidade para a mesma de vez que ela própria ouvia notícias e músicas através do rádio em Palmas. No entanto, naquela cidade, prevaleciam sintonias melhores com as rádios da Argentina. Principalmente, a Rádio Belgrano de Buenos Aires. Ouvia-se também a Rádio Nacional do Rio de Janeiro em todo o Brasil naquela época. 1944/1945, bem como outras. Porém, estação de rádio local era uma novidade para a mesma.

Tanto Mãe Diola, como meu avô Marcos Schatzmann ficaram encantados com Londrina que já possuía mais de dez mil habitantes. A cidade não era tão pequena como muitos “sulistas” pensavam. Até mesmo o calçamento, a paralelepípedos, já havia sido iniciado pois existente, ao menos, na Avenida Paraná e ruas adjacentes.

Já funcionava o Cine Teatro Municipal, tido como um dos mais modernos na época, construído em 1939, localizado na Rua Rio de Janeiro, ao lado do Bar Líder, com excelente programação. Considerado pelos londrinenses como um dos mais modernos cinemas no país dada a sua arquitetura e disposição da plateia internamente. Já dentro das

normas e regras preceituadas pela própria indústria cinematográfica. Também, já funcionava o Cine Avenida que teria sido o primeiro considerado verdadeiramente cinema. Este, situado na Rua Quintino Bocaiuva, defronte a Praça ainda existente aos dias de hoje. (2024).

O cinema atingia o mundo todo. Com isto divulgando e uniformizando usos e costumes. Ao mesmo tempo, demonstrando a viabilidade de tais usos e costumes dos países mais desenvolvidos aos demais países do mundo inteiro. Ao mesmo tempo, expondo visualmente as terríveis notícias que estavam ocorrendo na Segunda Guerra Mundial.

A Prefeitura Municipal de Londrina já funcionava no Paço Municipal construído em 1940. Então uma edificação imponente. Já havia o Posto de Saúde, localizado num prédio moderno, praticamente defronte a Prefeitura. O prédio do Grupo Escolar Hugo Simas chamava atenção. A estação ferroviária era ainda a antiga e mesmo assim chamava atenção pelo número de passageiros que ali desembarcavam ou embarcavam. Com isso, demonstrando, de per sí, o interesse de outras pessoas que continuavam chegando na cidade ou na região. A igreja já não era mais em madeira. Agora já imponente e em alvenaria. Muito embora não fosse a atual.

Já existiam bons hospitais na cidade. Um deles o pertencente ao Doutor Anibal Alves da Rocha Loures. Outro, o denominado Santa Cecília localizado na Rua Belo Horizonte quase esquina com rua Benjamin Constant. Havia ainda, a Estação de ônibus, em madeira, cobertura em telhas sobre um bom espaço destinado ao estacionamento de ônibus, embarque e desembarque de passageiros. Nas extremidades, sanitários numa delas e, na outra, uma espécie de barzinho para o devido atendimento aos passageiros. O fluxo de passageiros chamava atenção e já se falava que tal Estação Rodoviária era insuficiente para o devido atendimento. 1945. Estava localizada na parte superior onde atualmente é a Praça da Concha Acústica.

Para Mãe Diola, o notável eram as extensas plantações de café que existiam e se perdiam de vistas no horizonte.

Mãe Diola, no entanto, estranhava que a maior parte dos moradores não eram paranaenses. Morando em Palmas, talvez desde 1883, (nascida em 1870 em Sarandi no Rio Grande do Sul), sempre se considerou paranaense pois seus pais, bem como demais familiares, tinham essa origem. Tendo sido, seus antepassados participantes da primeira caravana que chegou aos campos de Palmas. (Após a conquista dos campos de Guarapuava, 1814).

Por sua vez, politicamente, a mesma sempre fora aguerrida defensora do ex-Governador Afonso Alves de Camargo e dos seus sucessores que sempre militaram na mesma corrente política. Fato que igualmente a maioria dos “palmenses” adotavam.

Por sua vez, Mãe Diola, sabia, genealogicamente, quem era quem em Palmas. Principalmente, quanto aos fazendeiros mais destacados e seus filhos. Podia-se dizer que até mesmo no Paraná pois seus familiares igualmente militavam politicamente. E os que mais se destacavam eram decorrentes de famílias tradicionais e com bom suporte econômico. (Evidentemente, haviam exceções).

No entanto, quando veio a Londrina, Mãe Diola constatou que a maioria da população londrinense não era paranaense. Vindos dos mais diferentes pontos do país. Principalmente São Paulo. Fato que lhe pareceu estranho pois os sulistas paranaenses eram muito poucos. Mas os sulistas, naquela época, dedicavam-se mais a pecuária, às pequenas lavouras, a industrialização e exportação da erva-mate, (muito embora já decadente), e aos pequenos negócios.

Mais estranho ainda para Mãe Diola, quando soube que determinados líderes, já destacados na cidade de Londrina, afirmavam que teriam vindo de Minas Gerais para Londrina sob a alegação que eram perseguidos por Getúlio Vargas naquele Estado. Fato que não ocorria no Paraná.

Mas Getúlio Vargas era um ídolo da população paranaense. Sacramentado pelos excepcionais serviços prestados pelo Interventor Manoel Ribas em todos os pontos do Estado do Paraná. Na visão de Mãe Diola, a prova era a própria estrada do Café, (aproveitamento do milenar caminho do Cerne), que chegou a Londrina e daí seguiu até Maringá, Paranavaí e alcançando Guaira. Com possível interligação ao Mato Grosso.

Além dessa, as estradas que, também partindo de Curitiba, alcançaram União da Vitoria e daí Palmas, Clevelândia, et.etc. Havia ainda, a estrada que partindo de Ponta Grossa alcançou Guarapuava e Foz do Iguaçu muito embora muitos afirmassem que teria sido apenas uma melhoria o que não era verdade.

A própria finalização da estrada que interligou São Paulo a Curitiba, no Governo de Getúlio Vargas, aproveitando-se do antigo caminho do Apiaí, era outra. Sem falar a estrada que interligou Curitiba a Joinville na qual meu pai trabalhou. Ressalto que anteriormente, o mesmo também exerceu as mesmas funções de topógrafo na construção da Estrada da Ribeira. (Aproveitamento do milenar Caminho do Apiaí). Após a conclusão dessa estrada, por convocação do então Capitão Luís Carlos Pereira Tourinho, é que meu pai se viu convocado para a finalização da estrada Curitiba/Joinville.

Por outro lado, segundo Mãe Diola, teria sido o Interventor Manoel Ribas quem verdadeiramente estava acudindo a maioria dos municípios com construções de grupos escolares, ginásios, postos de saúde, coletorias, estradas, etc.etc.

Manuel Ribas, com apoio de Getúlio Vargas, alavancara o próprio Estado do Paraná. Nesse sentido, bastante respeitado em Londrina bem como em todo o Paraná.

Mas o plantio, colheita e exportação do café, naquela a época, (1945), era a maior riqueza do Brasil. Fato que Mãe Diola, não vivenciara mas estava presenciando naquele momento.

Quando lhe foi informado que o próprio ex-Governador Afonso Alves de Camargo, (ou aparentados do mesmo), obteve área de terras

onde hoje, (2024), é o Jardim Shangri-lá, bem como nas proximidades do antigo aeroporto de Londrina, então localizado na estrada que ia para o Distrito de São Luís, a mesma passou a ponderar melhor. Pois, na verdade, outros sulistas destacados também se faziam presentes em Londrina. Dentre os mesmos os palmenses, médicos, Aníbal Alves da Rocha Loures e Josino Alves da Rocha Loures. Este casado com a Carmen Richlin, conhecida de minha mãe Neolete, desde Joinville. Havendo, ainda, o advogado João Alves da Rocha Loures que possuía uma grande fazenda de café no Distrito de Maravilha junto ao rio Tibagi. Podia-se afirmar, também, que o agrônomo, Silvano Alves da Rocha Loures, também possuiria propriedade.

Havia ainda, residindo em Londrina, a Dona Ana Vieira de Camargo, (para nós Nenê Camargo), viúva do Carlos de Camargo, (conhecido no nosso seio familiar como Carlito), sendo que a mesma era descendente dos mesmos “Vieira” interligados ao “Seu Mestre”. Seu pai, o Luziano Vieira também residente em Palmas. O Carlito, um dos sobrinhos do Afonso Camargo.

Contando-se, ainda, com o coletor de rendas federais, o senhor Anísio Ribas Bueno e o senhor Euclides Alves da Rocha que ela conhecia bem desde Palmas. Bem como outros. Constatou, também, que cartorários, professores, diretores de escola, médicos do Posto de Saúde, coletores, inspetores de rendas estaduais, etc., na sua maioria, eram naturais do sul do Paraná. Principalmente, da região de Curitiba. Nomeados por designação do Interventor Manoel Ribas.

Até mesmo o Prefeito de Londrina, naquela ocasião, era o Achilles Pimpão e com origens também na cidade de Palmas. Designado pelo próprio Interventor Manoel Ribas. Muito embora, pessoas tidas como cafeicultores, com origem no Sul do Paraná, fossem muito poucas.

Naquela ocasião, diante da curiosidade de Mãe Diola, meu pai providenciou uma charrete para que ela conhecesse melhor a cidade. Juntamente com a mesma meu pai aí me colocou. Tendo apenas cinco anos de idade. Após percorrer a cidade ficou maravilhada.

Principalmente, quanto ao centro da cidade, Paço Municipal, praças, igreja, comercio, cinemas, hotéis, Avenida Higienópolis, com duas pistas, (já contendo residências de bom estilo arquitetônico), etc.etc. Com isto, a mesma, mas após visitar seu filho, (Tio Tote), retornou a Curitiba e daí a Palmas.

Ao contar tais historias aos demais familiares motivou que os meus tios, irmãos de meu pai, a Terezinha e o Pedro Ivo, viessem a Londrina. Juntamente com a Tia Terezinha, ficávamos horas sentados no banco da praça, situada ao lado da igreja e defronte a Avenida Paraná, vendo o fluxo de pessoas que por ali passavam bem como as lojas aí existentes. Nessa Avenida, havia um sistema de alto falante que efetuava anúncios e a maior parte do tempo músicas. Tia Terezinha, sempre adquiria algum doce numa confeitaria ali existente. A Confeitaria Seleta. Muito próxima, senão ao lado, das Casas Pernambucanas.

Ainda no início do segundo semestre de 1946, meu pai viu-se transferido para Rolândia. Agora para chefiar a Delegacia de Rendas Estaduais.

Meu pai, Aristóteles Belo da Rocha, iniciando seus serviços como aprendiz do sr. Brasil da Rocha, o verdadeiro Inspetor de Rendas Estaduais em Londrina, rapidamente cresceu na função pública. A ponto de já em 1946, (segundo semestre), ser nomeado Chefe da Delegacia Fiscal em Rolândia que ao mesmo tempo atendia toda a região além dessa cidade. Rolândia tornara-se município em 1944 e já em 1946 não era mais uma cidade tão pequena. Até um enorme prédio destinado ao Grupo Escolar de Rolândia chamava atenção de todos. A mesma empresa construtora desse Grupo Escolar já estava finalizando as edificações destinadas a coletoria estadual da cidade bem como as casas do Coletor, Coletoria, e Delegado da Receita Estadual. Onde passamos a morar poucos meses depois de termos chegado a Rolândia. Situadas na Avenida Expedicionários. Atrás da igreja matriz, então em madeira, que naquela época tinha fundos para esta avenida. Os fundos da mesma, faziam frente para nossa casa. Atualmente, o inverso.

Nessa cidade, morava já o Domingos Neves, casado com uma aparentada nossa. A Conceição Vieira Neves. Mais precisamente, da Ana Vieira de Camargo, funcionária da coletoria estadual de Londrina, viúva do “Carlito” de Camargo.

Sobre Rolândia, a mesma já não era uma cidade pequena. Bastante movimentada e os moradores já reivindicando muitas coisas ao Governo do Estado do Paraná. Veio a época que Rolândia realizou a sua primeira eleição a Prefeito e vereadores. Por sua vez, meu pai como ocupava posição de destaque na cidade, chefiando a Delegacia de Receitas Estaduais, viu-se convocado para disputar cargo de vereador. Aceitou e foi eleito.

Há que se registrar, no entanto, que tal eleição deveu-se ao enorme prestígio que o mesmo possuía junto ao Clube de Futebol denominado Nacional Esporte Clube de Rolândia. Desde a sua mocidade, o mesmo era excepcional jogador de futebol. Como ponta esquerda, pois canhoto. (Mas quanto a escrever, ambidestro). Quando veio para Londrina, ainda nos anos de 1940, jogou no time denominado São Paulo que teria alguma interligação com o sr. Minatti, então aficionado por tal esporte. Mas, na minha visão, time amador. Quando nos mudamos para Rolândia, o mesmo passou a jogar no Nacional de Rolândia. Na minha visão, também amador.

No entanto, apenas participava dos treinos após as dezessete horas e em determinados dias da semana. Mas acabou se destacando. Por sua vez o Nacional já possuía um estádio com arquibancadas em madeira. Quanto aos treinos, duas vezes por semana e após as cinco horas da tarde. Ocasões que inúmeros curiosos se postavam para ver tais treinos. Geralmente, com duas equipes. Dado o destaque do meu pai em tais treinos, a plateia passou a se somar com o mesmo. O que resultou na sua candidatura a vereador e, por consequência, a sua eleição. Contava o mesmo, com trinta e hum anos de idade.

Anteriormente a sua eleição, compareceu a nossa casa o Político Oton Mader. O mesmo pertencia a UDN e teria alguma ligação com os funcionários públicos estaduais. Mas veio, a intuito de conhecer a

arrecadação na região. Mas na sequência, observou ao meu pai que gostaria de vê-lo ingressando na UDN. Mas meu pai era getulista de carteirinha desde os anos de 1930 quando o mesmo estudou em Ponta Grossa. Ocasão que o Getúlio Vargas chegou de trem em direção a São Paulo ou Rio de Janeiro. Grande parte dos moradores de Ponta Grossa se fizeram presentes e o Getúlio efetuou uma passeata. Porém desde 1945, o Getúlio já não era mais o Presidente do Brasil mas sim o General Eurico Gaspar Dutra.

Por outro lado, os aparentados do meu pai, antigos políticos no Paraná, (desapeados do Poder por Getúlio Vargas), pertenciam ao PR, partido antiquíssimo no Paraná. No entanto, acredito, foi o Dominginhos Neves, casado com a Conceição Vieira Neves, cidadão de destaque em Rolândia naquela época, que o motivou a filiar-se ao PTB. A mesma chapa do Prefeito eleito. O Adalberto Junqueira. Pois o PTB estava coligado na chapa do Moisés Lupion, que era do PSD. Além do mais, o Moisés Lupion era casado com uma cidadã da família Rolim. A Herminia Rolim Lupion, aparentada com tia Corina, esposa de Tio Tote.

No entanto, poucos meses depois, tornou a crescer na sua própria carreira profissional. Com isto mudamo-nos para Curitiba. Meses depois, também devido ao crescimento profissional, viu-se transferido para União da Vitória. Convocado novamente para Curitiba retornamos a esta cidade. Meses depois, mudamo-nos novamente para União da Vitória e mais tarde para Londrina. Julho de 1951. Ocasão que Londrina tornara-se já uma grande cidade. Porém, antes de virmos para Londrina, fomos a Palmas, visitar os familiares de meu pai, local onde ficamos por uma semana.

Em dezembro de 1951, já sendo Governador o Bento Munhoz da Rocha Neto, o nosso pai viu-se convocado para fazer parte integrante da Comissão constituída pela Secretaria da Fazenda para o controle financeiro das obras de construção do Centro Cívico. Neste sentido, para lá se dirigiu utilizando-se do veículo Jeep. No retorno

a Londrina acidentou-se dirigindo tal veículo e faleceu. Nossa vida familiar e econômica sofreu uma grande reviravolta. Economicamente, para muito menos de vez que o mesmo fora a Curitiba não estando oficialmente designado através de Portaria da Secretaria da Fazenda para tanto. Assim, quando nossa mãe pleiteou para si e família os mesmos salários, o Procurador Geral do Estado denegou. Ela recursou, pois o seu próprio salário era muito baixo. Em vista disso, tornando-se Precatório. O qual somente foi pago, mesmo assim com enorme desconto, em 1984. Trinta e três anos depois. Tendo a mesma falecida pouco tempo depois.

No entanto, quando viemos de União da Vitória para Londrina, a cidade já não era a mesma quando a deixamos há cinco anos atrás. A população da própria cidade já se situava próxima de sessenta mil habitantes. Bem maior que União da Vitória e quase que ultrapassando a cidade de Ponta Grossa. Esta, tida como a segunda maior cidade do Paraná.

A própria Estação ferroviária já não era a mesma quando deixamos Londrina poucos anos atrás. Agora, imponente, em estilo inglês a meu ver. Vários prédios já se faziam presentes na cidade. Dentre eles, o Edifício Manella, o Autolon, o Edifício Sahão, o Edifício Santo Antonio, e tantos mais. A cidade toda calçada na sua área central. Ao menos na região acima da linha e no grande quadrilátero da planta urbanística original. Mas Londrina tinha apenas dezessete anos.

Fui matriculado no Grupo Escolar Hugo Simas. A nossa professora era a Dona Zulei Pires Vidal. A Diretora, a Professora Mercedes Camargo Martins. Vinda de Curitiba para tanto.

A própria professora Zulei Pires Vidal era bastante curiosa quanto a história de Londrina. Pois, de certa forma, isto não deixava de ser uma aula cívica pertinente a cidade de Londrina. Somente na nossa sala de aula existiam alunos filhos de vários pioneiros que chegaram a Londrina ainda no início da colonização ou mesmo em seguida. Dentre eles, o Wilson Molinari, a Wilma Minatti, a Terezinha Gregório, a Marlene Romagnolli, a Maria Vitória Antunes, a Marilda

Ceneviva, o Cesar Balarotti, a Margarida Mercer, e tantos outros que não consigo lembrar seus nomes de memória. Igualmente, quanto aos alunos de origem japonesa que chegaram a Londrina nos primórdios da mesma.

Porém, era-me perceptível que tais companheiros meus, nenhum interesse possuíam em relação ao Estado do Paraná. E isto, a meu ver, se devia a cultura histórica que seus pais possuíam pertinente aos locais e regiões de onde vieram.

Costumeiramente, Dona Zulei Pires Vidal, curiosa como era, queria saber como era alguma coisa assim que as suas famílias chegaram a Londrina. E tais companheiros nossos relatavam interessantes fatos que vivenciaram. Tais fatos tornaram a ocorrer durante todo o meu curso ginasial tendo como companheiros filhos de pioneiros que chegaram a Londrina. E isto me possibilitou tomar melhor conhecimento sobre a própria história da cidade.

Em 1954, Londrina comemorou seus vinte anos. No entanto, poucos meses antes, São Paulo comemorou seu quarto centenário. Fato que motivou a maior parte da cidade pois, inegavelmente, a maioria dos pioneiros vieram do Estado de São Paulo. Foi um ano de grandes festas. Fato que a cidade de Londrina comemorou e homenageou seus pioneiros. Com esta festa, os moradores da cidade tiveram oportunidade conhecer pessoalmente os homenageados e saber quem era quem naquela lista.

Fato que sempre teve continuidade. Destaco, no entanto, a festa comemorativa aos vinte e cinco anos da cidade. 10 dezembro de 1959. A meu ver, talvez a maior festa já realizada e que contou com a presença de grande parte dos homenageados.

DIFICULDADES QUE A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL SEMPRE ENCONTROU

Inegavelmente, a Administração Municipal, tanto no passado como no presente, sempre encontrou problemas decorrentes do crescimento urbano, (também populacional), pois ano a ano a cidade sempre apresentou crescimento diferenciado em relação ao ano anterior. (Ano este em que o orçamento para o ano vindouro é proposto e aprovado). Além disso, mas no passado, frequentemente ocorriam fortes geadas. Com isso, dizimando a produção cafeeira da região e, por consequência, queda da arrecadação municipal. (Bem como outras). Mesmo assim, apesar de tais geadas, as evidências mostram que a cidade de Londrina, bem como a região, nunca parou de crescer.

Em 1975, ocorreu a maior geada de todos os tempos. A famosa geada negra. Pois a região toda ficou com tal coloração devido a mesma. Fato que motivou a erradicação quase que total dos cafeeiros da região. O que, igualmente, provocou o surgimento de uma grande massa populacional de flagelados que deixaram o norte do Paraná. A maioria com destinação à cidade de Curitiba, ao Estado de Rondônia bem como outras localidades do país.

Quando estes fatos ocorriam, evidentemente as arrecadações municipais, e até mesmo estaduais, sofriam duro golpe. No Norte do Paraná, devido a este fato, (geada negra), o poder municipal foi um dos mais atingidos. Com isto, dificultando a necessária retomada de investimentos públicos para atender as comunidades locais. Pode-se afirmar, devido a tal geada negra, a região norte do Paraná demorou tempos para se recompor. Mas não, tanto. A razão principal se deveu que nas mesmas áreas onde existiam cafeeiros os mesmos foram substituídos por produtos agrícolas com menos prazo de colheita entre o início do plantio e a comercialização do produto propriamente dito.

Por outro lado, o próprio Governo Federal passou a pagar pela erradicação de cada pé de café. Fato que, de per sí, motivou uma acelerada erradicação dos mesmos. Com isso, o surgimento de novas culturas de rápido crescimento, colheita e comercialização. Tais como:- cana de açúcar, algodão, rami, fumo, milho, girassol, amendoim, feijão, mandioca, arroz, mamona, etc.etc. Sem falar na criação de gado que muito se intensificou.

Por sua vez, as cooperativas agrícolas muito se desenvolveram em todo o Estado do Paraná. Assim, em menos de três anos, a economia do próprio Estado do Paraná, como um todo, retomou seu crescimento. Grande parte da produção agrícola anterior, era decorrente do próprio plantio entre as fileiras dos cafezais. Com a erradicação dos mesmos, surgiu espaço para plantio da maioria desses produtos. Agora, através de métodos modernos, mais eficazes, preferencialmente utilizando-se de mecanismos agrícolas para tanto.

Ficou evidente para todos, que tal êxito se deveu à fertilidade da terra paranaense, principalmente a do norte e do sudoeste do Estado do Paraná. Mesmo assim, em outras regiões, cujas terras eram menos férteis, existiam produtos agrícolas que vinham sendo produzidos, e com êxito, desde há anos atrás.

Quanto as terras do sudoeste, (terras roxa como as do norte do Paraná), tal êxito de progresso em toda aquela área se deveu a legalização daquela região toda a partir de 1958. Com isto o surgimento de uma forte economia agrícola, também pastoril, o que motivou os surgimentos de novas cidades ao mesmo tempo que implementou o crescimento de tantas outras já anteriormente existentes. Dentre estas cidades destacadas podemos citar:- Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos, etc.etc. e até mesmo a cidade de Toledo muito embora esta não situe-se no sudoeste propriamente dito. Mas que igualmente pertenceu, (no primeiro Governo de Getúlio Vargas), ao antigo Território do Iguaçu. Sem falarmos da importante região de Cascavel e outras.

Atualmente, 2024, o sudoeste do Paraná é considerado tão pujante quanto o norte do Paraná. E isto desde já algum tempo. Fato que alavancou o próprio Estado do Paraná para uma posição de maior destaque perante a comunidade de todo o país. (Brasil).

Com referência ao norte do Paraná, mais especificamente Londrina que estamos abordando, esta rápida substituição do café por outros produtos agrícolas, de rápido plantio, crescimento, colheita e comercialização, praticamente minimizou os efeitos econômicos da tal geada negra. Fato que ocorreu em 1975.

Por outro lado, há que se falar que por volta de 1970, Londrina já contava com mais de duzentos mil habitantes. Assim, quando retornei a Londrina, início de 1965, agora já como engenheiro civil, passando a trabalhar no Departamento de Obras da Prefeitura Municipal, a população da cidade já tinha dobrado em relação a 1950. (Administração do Prefeito José Hosken de Novaes. Então um Prefeito sério, carismático, e muito preocupado na aplicação do dinheiro público que na época não dava sequer para o atendimento mínimo das reais necessidades da cidade).

Para exemplificar tal fato, mas pertinente as dificuldades econômicas que a Administração Municipal sempre encontrou, (ainda que na condição de responsável pelo setor de pavimentação e obras pertinentes a captação, drenagem e lançamento de águas pluviais nos córregos adjacentes a cidade), era visível para mim a escolha de prioridades para os Prefeitos da época.

Para o Prefeito Hosken de Novaes, naquela época, a pavimentação asfáltica no centro da cidade era prioridade. Pois a maioria das ruas eram calçadas através do uso dos paralelepípedos. Porém, para execução de pavimentação asfáltica, ainda que fosse uma espécie de recapeamento, o Prefeito Hosken entendia que a Prefeitura deveria cobrar por tais serviços. Mas existiam reações contra isso até de parte dos seus próprios companheiros políticos. Daí, na minha opinião, a indecisão de parte do Prefeito.

Nos loteamentos de maior expressão social, cabia ao próprio loteador asfaltar as ruas do seu loteamento. E, quanto a isso, não haviam questionamentos. No entanto, com o decorrer dos anos, ficou visível para a população londrinense que tais pavimentações de parte dos mesmos, na sua maioria, passaram a apresentar enormes problemas. Todos decorrentes do infra-dimensionamento das mesmas. Com isso, desagregando-se e esburacando-se devido ao trânsito de veículos automotores. O caso mais visível, ainda na Administração do Prefeito Hosken de Novaes, era o Jardim Shangri-lá. Tanto no setor A como no setor B, este último abaixo da linha férrea. No entanto, este loteamento fora recebido anos atrás. Com isso, de quem era a culpa?

Mas, o Jardim Shangri-lá não era o único caso pois existiam outros loteamentos nas mesmas condições. Mas um fato que o próprio Prefeito Hosken de Novaes, diante deste enorme problema, isentou-se de tomar alguma iniciativa pois todas teriam algum cunho punitivo.

No entanto, nos loteamentos tidos como populares, (destinados a interessados de menor renda), exigiam-se quase que as mesmas coisas. Marcação dos lotes, das praças, abastecimento de água, fornecimento de luz, arruamentos, e, muitas vezes, redes de águas pluviais. Mas desde que em tais ruas, exigidas para a aprovação do projeto, houvessem meios fios, galeria de águas pluviais e ao menos fornecimento e compactação do moledo propriamente dito. (Um solo importado, de maior consistência e resistência, originário da acentuada decomposição da rocha). Pois, inegavelmente, uma rua em terra natural, (como era o caso dos loteamentos populares), além de ser imprópria para o tráfego contínuo, causava muitas erosões. Daí, a obrigação, ao menos, de se colocar tal moledo, a fim de melhorar o suporte da mesma com vistas ao tráfego.

No entanto, quando os engenheiros do Departamento de Obras, (cito aqui os nomes dos heróis Teófilo Coutinho Gomes e Rodolfo Horner), somente aprovavam tais projetos de loteamentos urbanos com esta exigência, os loteadores, (devido ao custo), imediatamente

corriam ao Prefeito. Sempre informando que tais lotes estavam endereçados à venda para os de menor poder aquisitivo. Como é que poderiam vender tais lotes se os custos dos mesmos ultrapassavam o preço da venda ?

No entanto, sabidamente, a própria cidade questionava tais loteadores. A prova disso é que, ainda com tais exigências, as vendas nunca pararam. Daí surgirem verdadeiras comunidades, com residências adequadas, em pouco tempo. Mas tais loteadores davam canseira não só nos engenheiros do Departamento de obra como no próprio Prefeito.

Por sua vez, o Prefeito constantemente reclamava dos engenheiros do Departamento de Obras quanto a descontinuidade dos loteamentos aprovados. Ou seja:- Entre um loteamento e o outro, existia muitas vezes um grande espaço aberto. Com isto, a obrigação da Prefeitura Municipal interligar as ruas de um loteamento às do outro. Tarefa que cabia a Prefeitura Municipal. Mas tais aprovações obedeciam a Lei 133, denominada Lei de Zoneamento de Londrina, promulgada ainda em 1953. Porém, já eram unanimidade tais questionamentos, caso o Prefeito exigisse isso dos próprios loteadores.

Contudo, há que se afirmar que, por falta de um plano urbano específico para tanto, cabia aos engenheiros da Prefeitura sonhar com o planejamento e crescimento urbano da cidade. Nesse sentido, a meu ver, a cidade de Londrina muito deve aos mesmos que, tendo como base apenas a Lei de Zoneamento 133, muito sonharam com o futuro urbano da cidade.

Por sua vez, desde há anos, os Prefeitos vinham se preocupando com o estado físico da pavimentação do centro urbano da cidade e que se iniciara ainda nos anos de 1940. Calçamento em paralelepípedos e que se encontrava todo deformado devido a própria deformação da base sobre os quais foram assentados. Pois pedra não se deforma, adapta-se à sua base. E esta viu-se deformada por várias razões ao longo dos anos.

Já anteriormente àquele ano de 1940, descobriu-se que na região de Londrina havia muita pedra bola a pouca profundidade. Uma pedra com forma redonda, de origem basáltica, fácil de ser cortada, primeiramente através do uso do superaquecimento da mesma e em seguida jogando-se água fria. Com isso, originando uma retração imediata, (rachadura), facilitando o corte. Após isso, ocorria o recorte em pedras menores, denominadas paralelepípedos, e destinadas ao calçamento propriamente dito de uma área ou rua. Este fato, não era novo para muitos que chegaram a Londrina naquela época. O que lhes permitiu ingressarem na atividade do calçamento da cidade propriamente dito. Um dos primeiros calceteiros que surgiram na cidade, foi o Sr. Tramontini que possuía uma turma própria para tanto. Mas atividade esta que rapidamente se expandiu dada a motivação de outros para a mesma finalidade. Com isso, podendo-se afirmar, ao menos quanto ao centro da cidade, que tal tipo de calçamento prosperou quase que imediato. Ao longo dos anos, expandindo-se para outros locais.

Assim, quando retornei a Londrina, (início de 1965), já como engenheiro civil e trabalhando no Departamento de Obras, o Prefeito José Hosken de Novaes vinha insistindo em recobrir tal pavimentação, (em paralelepípedos), com uma capa selante, (asfáltica), e devidamente compactada. Neste sentido, o mesmo convocou-me. Pois vinha sofrendo pressões até mesmo dos seus próprios correligionários políticos.

Por sua vez, já naquela época, as Faculdades de Engenharia, no tocante à pavimentação, preconizavam a pavimentação asfáltica tanto para cidades como estradas. Pois, pavimentação a paralelepípedos já era coisa do passado.

Porém, o Dr. Hosken, como bom mineiro que era, queria gastar pouco e, ao mesmo tempo, executar mais área. Para tanto, forneceu-me um exemplo. Mas pertinente a uma cidade de Minas Gerais que vinha executando isso. Ou seja:- O mesmo queria executar tal capa

selante, sobre os paralelepípedos londrinenses da mesma forma. Para tanto, possuía exemplos que estavam sendo realizados em outras cidades. Mas, no Estado de Minas Gerais. Obedientemente, ouvi tal explanação e exemplos. Porém, em seguida, procurei o engenheiro Adir Ferreira, tradicional empreiteiro de pavimentação asfáltica na cidade, para igualmente ouvi-lo. Pois já o conhecia do Clube de Engenharia de Londrina.

O Adir Ferreira, então, deu-me uma aula pois já conhecia os propósitos e argumentações do Prefeito. Iniciou apontando-me as irregularidades existentes na própria pavimentação a paralelepípedos e nas ruas centrais desejadas pelo Prefeito para o pertinente recobrimento asfáltico. Assim, ainda que pudesse ser recoberta por pavimentação asfáltica, havia a premente necessidade de se retirar toda aquela pavimentação e refazê-la novamente. Igualmente, quanto ao sub-leito da mesma. Em seguida, efetuar a recomposição de forma correta. Mas, ainda que isto fosse feito, cujo custo era oneroso, a pavimentação asfáltica deslizaria pois os paralelepípedos, por terem origem basáltica, daí a face superior lisa devida ao tráfego, não se prestava a isto. Para tanto, paralelepípedos de origem granítica, possuíam mais aderência e, com isso, permitindo possíveis recobrimentos. Embora, igualmente, não fossem aconselháveis. Por esta razão, o Adir não queria ingressar naquele processo.

Em vista disso, fui a Curitiba para obtenção de informações maiores pois sabia que um dos meus contemporâneos da Escola de Engenharia, mas cujo nome não consigo me lembrar, apelidado carinhosamente por Tatu de vez que se interessou, inicialmente, pelo setor de fundações decorrentes de poços profundos, devidamente armados e concretados. Mas que, agora, era destacado técnico e vendedor de produtos asfálticos da Chevron em todo o Estado do Paraná. Recebido pelo mesmo, deu-me uma notável aula sobre o assunto e o pertinente recobrimento da pavimentação asfáltica sobre paralelepípedos. Porém, igualmente, desaconselhava para o caso de

Londrina que conhecia bem. Expliquei-lhe a razão e o mesmo entendeu. Com isso, dispoñdo-se a vir a Londrina. O que efetivamente ocorreu.

Quando aqui chegou, dei conhecimento ao Prefeito. No entanto, primeiramente, junto com este ex-companheiro, vistoriamos áreas e locais. Ficou-lhe visível a natureza dos paralelepípedos bem como o estado liso da superfície superior dos mesmos. A conclusão foi pelo total descarte da solução preconizada pelo Prefeito. Após tal vistoria técnica, fomos ao Prefeito. Após longa exposição, foi-lhe afirmado que gastaria duas vezes. Diante disso, como bom mineiro, o Prefeito declinou.

Meses depois, executando projetos e cálculos a noite, feriados e finais de semana em casa, a fim de complementar o salário funcional, tais serviços passaram a exigir de mim que deixasse a Prefeitura e me instalasse num escritório próprio. O que fiz.

Estava seguro quanto a isto, pois ainda durante o tempo universitário fora professor de topografia do DER, (pois até teodolito já possuía desde aquela época, ainda que velho, bem como aparelho de nível), fizera estágio no escritório de cálculo do Archimar Amorin, sub-empreitamos serviços do Jaime Valério, então topógrafo da Prefeitura Municipal de Curitiba pertinente a levantamento de terrenos destinados a loteamentos, o mesmo nosso companheiro de turma, (muito embora ele tivesse ingressado na Escola de Engenharia anos antes que nós). Bem como aprendi a calcular e desenhar redes de água e esgoto na Empresa de Saneamento Limitada, também como estagiário, etc.etc. Igualmente, quanto a projeto, calculo e desenho de instalações domiciliares na Empresa de Saneamento Limitada pertencente ao Macedinho. Portanto, seguro para deixar a Prefeitura Municipal de Londrina.

Porém, o bom seria que eu tivesse alguma complementação através de salário assim que instalei escritório no Edifício Marília em Londrina.

Comentando o fato com o Adir Ferreira, no Clube de Engenharia, ele me sugeriu contatar o Prefeito de Cambé, então o Professor Jacídio

Correia, pois o mesmo precisava de um engenheiro para dirigir o Departamento de Obras ainda que fosse em meio período e pela manhã. Disso, resultou que além do escritório, que se viu instalado no Edifício Marília na rua Sergipe, onde poderia trabalhar a tarde, a noite, feriados e finais de semana, passei a contar com o salário decorrente da Chefia do Departamento de Obras de Cambé. Uma grande experiência para mim. A ponto de, olhando em direção ao passado, concluir que ser Diretor do Departamento de Obras, numa cidade pequena, onde todo os tipos de serviços temos que resolver, bem como reparos e construções, não é para qualquer um. Uma verdadeira Academia de Engenharia.

Vivenciando esta função, na qualidade de dirigente, além de muito aprender, constatei a grande dificuldade de se conseguir recursos econômicos para atender urgências ou até mesmo exigências da própria cidade. Exercendo tal função, dei-me conta que dirigir uma cidade, (ou município), não é para qualquer um. Pois da mesma forma como uma empresa precisa de recursos, precisa-se saber administrar, aplicar etc. Além do mais, uma municipalidade tem as mesmas obrigações para com seus funcionários, máquinas, equipamentos, eletricidade, água, e também com a previdência. Além de outros. E os recursos, previstos para o ano, somente vão se realizando ao longo dos meses. E a maioria dos Prefeitos somente se apercebem disso após dois ou mais anos de exercício de mandato.

No entanto, a maior obra que o Prefeito realizou, José Hosken de Novaes, foi a construção do Serviço Telefônico de Londrina. Sercomtel. Anteriormente Londrina era servida pela Companhia Telefônica Nacional. Porém, desde há anos, obsoleta. Principalmente, no tocante a serviços interurbanos. Era uma reclamação que vinha desde há anos. O Prefeito Hosken enfrentou tal desafio. Foram elaborados todos os projetos para tanto. Quanto a edificação da central telefônica, (localizada na Rua Professor João Candido), o projeto arquitetônico coube ao arquiteto Sergio Bopp. Dentre outros projetos, coube a nós da

Tecnica Canadá Engenharia e Construções Civis Limitada, a elaboração do projeto hidráulico-sanitário de tal edificação. Na sequência, mas tempos depois, também a participação na execução da rede de dutos subterrâneos por toda a cidade, que para tanto ficou subdividida em dois enormes lotes. O outro lote, coube a Plaenge.

Por sua vez, foi na gestão do Prefeito José Hosken de Novaes que nasceu a concepção da Via Expressa. E, nesse sentido, aberta melhor a entrada da cidade a partir da Pr-45 mas em terra e sem um arruamento melhor.

Fato que igualmente vivenciei, mas anos depois, participando da Administração do Prefeito José Richa, na condição de Secretário Municipal, Presidindo o Pavilon., (Serviço de Pavimentação Asfáltica de Londrina). Muito embora tivesse deixado o Serviço Público ainda no final de 1965, (Gestão do Prefeito Hosken de Novaes), de vez que constitui empresa técnica e construtora para tanto.

GESTÃO DO PREFEITO JOSE RICHÁ

Com a desistência do engenheiro José Gabriel Salles Ferreira, por solicitação do Richa para que o mesmo assumisse a Secretaria de Obras da Prefeitura de Londrina, tal convite me foi efetuado. Porém, ainda que honroso tal convite, nossa empresa construtora possuía muitas obras na região e a assunção de tal Secretaria de Obras me iria exigir dedicação em tempo integral. Já naquela época a minha visão de futuro melhor, situava-se na área empresarial.

Também, porque participando do Comitê Instrutor de Campanha do mesmo, sabia que a menina dos olhos do Richa era a construção da Via Expressa que já se achava licitada na Administração do Dalton Paranaçu. Seria a obra que destacaria a sua Administração. Existindo, portanto, empresa vencedora de tal licitação, mas não contratada na Gestão do Dalton Paranaçu.

Por outro lado, tendo vivenciado o antigo Departamento de Obras da Prefeitura de Londrina, sabia que tal função me exigiria dedicação em tempo integral o que conflitaria com as atividades da nossa empresa que já possuía muitas obras. Por esta razão, declinei. Enquanto participante do Comitê Instrutor ao Richa, o Prefeito anterior, Dalton Paranaçu, somava conosco nesta campanha. Para tanto, disponibilizando seus Secretários para todas as informações que precisássemos.

Porém, dada a minha intensa participação na campanha política, o Richa gostaria que eu participasse da sua Administração. Além do mais, nos conhecíamos bem desde a Casa do Estudante Universitário em Curitiba. Para tanto, aceitei assumir o Pavilon. Então um órgão pertinente a pavimentação da cidade e que, igualmente, ocupei na gestão do Prefeito Hosken de Novaes. Porém, na condição de funcionário da Prefeitura Municipal e pertinente ao Departamento de Obras, pois recém formado. No entanto, tal órgão, (Pavilon), fora

criado e organizado na gestão do Dalton Paranaguá de vez que a cidade encontrava-se esburacada. Para tanto, ocorreu legislação específica a fim de permitir cobrança dos municípios pertinentes às obras que passaram a ser realizadas. Com isso, viabilizando tal órgão.

Iniciada tal gestão municipal, o Richa não encontrou algum engenheiro que se dispusesse a assumir a Secretaria de Obras. Em vista disso, cumulativamente, o engenheiro Alceu Vezozzo, então Diretor da Sudesil, ficou designado para tanto. Mas o Alceu Vezozzo estava seriamente envolvido na construção do Hotel Bourbon em Foz do Iguaçu e a sua atenção estava voltada para tal empreendimento. Com isto, até mesmo para com a Sudesil ele não dispunha de tempo. Mesmo assim, ele se preocupou com o zoneamento industrial de Londrina. Anteriormente, existiam dois núcleos. Porém, pequenos e não contíguos um do outro e que foram objeto da Administração do Prefeito José Hosken de Novaes. Denominados, Centro Industrial de Londrina I e II.

Mas durante a Campanha, o núcleo Conselheiro e Instrutor do Richa, (do qual fiz parte), motivou o nosso candidato Richa a ingressar neste tema pois a Cidade Industrial de Curitiba além de enorme, já era um fato.

Levado este fato ao Alceu Vezozzo, (mas pelo Richa), este vestiu a camisa. Não lhe foi difícil contatar o Arquiteto Jorge Wilhelm, também formado no Mackenzie como o Alceu, autor do Projeto para a Cidade Industrial de Curitiba, e disto resultou que o mesmo veio a Londrina. Analisando o mapa do município, bem como o da cidade, bem como percorrendo os locais, inclusive dos CILOS, chegou-se a conclusão que Londrina merecia uma Cidade Industrial e a mesma somente poderia ser localizada nas proximidades de local onde houvesse muita água. Em vista disso, somente poderia ser implantada na zona sul da cidade junto a PR-445. Local onde existem muitos córregos e Ribeirões. O que acabou ocorrendo, mas quanto ao zoneamento propriamente dito apenas.

Há que se afirmar, quanto ao Alceu Vezozzo, que o mesmo, desde que cheguei a Londrina, início de 1965, sempre esteve voltado para causas marcantes na comunidade. Pouco tempo depois, o mesmo tornou-se Presidente do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina. Na sua gestão, a meu ver, ocorreu uma das mais significativas comemorações em relação a Semana da Engenharia. (Semana pertinente ao dia 11 de novembro de cada ano a fim de comemorar o dia do engenheiro, bem como alguém com amplo destaque na comunidade, região, Estado ou Nação).

Rapidamente, integrei-me aos engenheiros da cidade, bem como com a Gestão do Alceu Vezozzo então Presidente do CEAL. Por designação do mesmo fui a São Paulo e Rio de Janeiro e convidamos destacados profissionais para proferirem palestras naquela Semana da Engenharia. Os mesmos vieram a Londrina e tal Semana jamais saiu das memórias dos que participaram da mesma.

Ainda na sua gestão como Presidente do Clube de Engenharia o mesmo, por iniciativa própria mas com apoio da sua diretoria, decidiu implantar o Instituto Politécnico de Londrina, (IPOLON). Situado no final da Rua Alagoas, junto ao córrego Agua Fresca, Jardim Canadá. Para tanto, primeiramente o Alceu Vezozzo envolveu o Prefeito José Hosken de Novaes para a doação do terreno o que foi feito. Projeto elaborado e aprovado, o Alceu Vezozzo contou com o apoio do Deputado Federal Rafael Rezende, ex-diretor da Construtora Brasil em Londrina, ex-sócio do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina, para consecução de verba para tanto. O que se conseguiu. Igualmente, de parte da Prefeitura Municipal de Londrina pois, juridicamente, a real proprietária da Obra.

Com isso, possibilitando-se o início propriamente da mesma.

Acredito que tal verba veio na realidade para a Prefeitura Municipal de vez que é dessa forma que verbas públicas federais são aplicadas nos municípios brasileiros. Ao que me parece, ainda não a verba total de vez que me recordo que os serviços iniciais foram

movimentação de terra e as fundações propriamente ditas. Durante a execução de tais serviços, o Alceu solicitou de mim (José Pedro), e do meu sócio na empresa Técnica Canadá, (Massaru Onishi), que fossemos os fiscais dos serviços que estavam sendo executados. Porém, o Alceu Vezozzo era cobrador do Deputado Rafael Rezende, (no tocante a liberação de recursos).

Londrina na ocasião, precisava urgentemente de mais desenhistas, topógrafos, laboratoristas para o controle da compactação do solo e da resistência do concreto, mestres de obra, etc.etc. Daí, a intenção do Alceu Vezozzo direcionada para o Instituto Politécnico de Londrina.

Porém, quanto a formação de encanadores, mestres de obra e eletricitistas, (naquela época), conseguiu-se junto ao SENAI em aulas noturnas. Por solicitação do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina, juntamente com outros, fui professor, (voluntário), para a formação pertinente aos interessados.

O Instituto Politécnico de Londrina passou a funcionar, tempos depois, primeiramente subordinado a Prefeitura de Londrina e anos mais tarde à própria Universidade Estadual de Londrina embora fosse um Curso Técnico e não universitário.

Por ocasião do início de funcionamento do mesmo, o Clube de Engenharia, por solicitação de vários sócios interessados, conseguiu através do IDORT, (Instituto e Desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho), mas vinculado a Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, que fosse ministrado o Curso de Administração Profissional direcionado a área da Engenharia. A ser lecionado nas instalações do Ipolon que já se encontravam prontas. Embora pago, conseguimos um número suficiente de interessados para cobrimos os custos para tanto. Por sua vez, o Alceu Vezozzo forneceu a Hospedagem e Refeições ao professor. Foi o melhor Curso de Administração que efetuei. Curso esse que nos foi ministrado utilizando-se as instalações do Ipolon. E que, anos mais tarde, apliquei na nossa própria empresa e ao mesmo tempo

registrei em livro tal fato. Livro este que denominei, (Administração da Construção Civil).

Acredito que o Presidente do Clube de Engenharia naquela ocasião fosse o Wilson Moreira, pois o mesmo também fez parte daquela turma.

No entanto, a maioria de nós alunos, éramos formados há pouco tempo. Enquanto o Wilson era formado por volta de 1948 ou um pouco antes. Mas na excelente Escola de Itajubá. Portanto, havendo um significativo hiato não só quanto as matérias como a própria forma de ensinar a contar da data de formatura do mesmo até o início de tal Curso de Administração no Ipolon. Na minha opinião, o Wilson se encontrava defasado.

Respaldando isto, quero afirmar que com o decorrer dos anos, mas para fins de licitações públicas, passou-se a exigir das empresas interessadas que as mesmas tivessem o ISO. Na sequência, que as mesmas tivessem Qualidade. Por fim, anos depois, que o Sistema da Qualidade adotado pela empresa tivesse Certificação de uma Auditoria para tanto. Em vista disso, após tendo tomado ciência do local onde seria isto possível, matriculei-me, (então já com mais de sessenta nos de idade), em tal Curso que estava sendo ministrado na Universidade de Maringá.

Porém, curso este lecionado a noite por uma Empresa de Auditoria do Rio Grande do Sul, cuja duração era de apenas trinta dias. Com isto, a fim de frequentar tal Curso, saía de Londrina por volta das dezoito horas e invariavelmente as vinte e três já me encontrava em Londrina novamente.

Porém, frequentando tal curso a maioria dos alunos eram jovens, funcionários, responsáveis pelo setor da Qualidade de grandes empresas de Maringá e Região. A maior parte, funcionários das grandes Cooperativas que lá existiam. No entanto, os mesmos possuíam destacáveis posicionamentos quanto ao manejo do Sistema da Qualidade. Foi-me perceptível, que os mesmos se encontravam

altamente atualizados e eu, embora experiente na construção civil, defasado. Agora, 2024, com os instrumentos de Gestão que se possui, bem como computadores, celulares, etc.etc., evidentemente, os jovens possuem muito mais habilidade que os velhos. É o mundo em evolução.

Por sua vez, naquele Curso de Administração que participei no Ipolon, eu era formado em engenharia poucos anos antes. Praticamente todos os alunos daquele curso, também jovens, alguns, recentemente formados, eram engenheiros ou administradores, bem como construtores, (meu caso), e pertenciam a destacadas empresas na cidade. Dentre as mesmas Cervejaria Londrina, a Cacique Café Solúvel, Companhia de Luz de Londrina e outros. Alguns, teriam cursado o Mackenzie ou a Politécnica em São Paulo. Portanto, todos nós vivenciado o ensino da Administração dentro dos nossos próprios currículos escolares. Agora, já sob a ótica moderna.

Por sua vez, ficou-nos perceptível, já de início, a forma do Professor Roberto nos ensinar desde que tomou conhecimento das atividades de cada um. Porém, tal Curso voltado para Administração na Engenharia propriamente dita. Planejar, Organizar, Chefiar e Controlar. Em função disso, seguida e aleatoriamente, perguntava para cada um de nós, o que é Planejar na sua ótica fulano? O que é Organograma? O que é Organizar? O que é Chefiar? O que é Controlar? Como você procede e decompõe cada uma dessas atividades? Como você procede para cada caso na sua empresa ou departamento? Que meios dispõe? O que é preciso para exercer a chefia? Quais os atributos e qualidades do Chefe? Etc.etc.etc.

Curso que se delongou por noventa dias ou mais. Um excelente curso para todos nós. Para nós que tínhamos deixado há pouco tempo as Escolas de Engenharia, de mais fácil resposta. Para o Wilson, embora já atuante empresário, o mesmo delongava-se demais nas suas respostas o que exigia de parte do Roberto que o Wilson fosse mais rápido nas suas análises e respostas. Com esta afirmação, quero apenas afirmar que desde aquela época conhecíamos a personalidade

do Wilson, como pensava e sua forma de agir. Ainda mais, que ele próprio nunca procurou se integrar àquela turma ou ao professor.

Tempos depois, já na administração do Prefeito José Richa, o Alceu sugeriu a indicação do Wilson Moreira pois, neste sentido, já houvera conversado com o mesmo. Com isso, este assume a Secretaria de Obras. Mas, o mesmo não tinha intimidade com obras de construção civil e muito menos com construção de obras rodoviárias. Mas sua empresa era notável na venda de produtos elétricos, motores e construções de pequenas hidrelétricas em fazendas, construção de linhas elétricas rurais, etc. etc. Portanto, sabendo tratar com sub-empreiteiros de tais tarefas. Também, excelente fazendeiro.

Mas, quando assumiu a Secretaria de Obras, o próprio Richa lhe informou que já existiam todos os projetos pertinentes a construção da Via Expressa, bem como discriminativo de serviços, projetos, preços unitários e totais, e ainda a empresa vencedora de tal licitação. Portanto, bastava apenas contrata-la e iniciar os serviços.

No entanto, o fato mais importante já de início da sua gestão era resolver a questão do pátio ferroviário que após todo executado, chegou-se a conclusão que estava localizado erradamente. Mas que, além de ser discutido reservadamente, tomou todo o tempo do Wilson. Disso, resultou, meses depois, o aproveitamento daquele enorme espaço para ali ser construído o Estádio do Café. Fato que não fora objeto da campanha eleitoral do Richa. Mas que o destacou já de início no seu Governo. Pois o, Richa, a ver meu, possuía “estrela”.

Devido a esta solução que além de ser política foi criativa, o Santinho Furtado, numa das reuniões da equipe do Richa teceu demorados elogios ao Wilson Moreira. No que foi aplaudido por todos nós. Com isso, destacando-se na equipe do Secretariado do Richa.

Porém, mas na sequência, como era próprio do Wilson, o mesmo passou, preliminarmente, mas durante meses, a se inteirar de todos os projetos pertinentes a Via Expressa, verifica-los, recalcula-los, a fim de se decidir pela real contratação.

Poderia decidir-se pela contratação da própria empresa vencedora da licitação na gestão anterior. Mas ficou indeciso. No primeiro momento, mas na sequência das suas análises, sugeriu ao Richa a revogação de tal licitação. Porém, o Mauro Vioto, advogado, então Procurador Jurídico da equipe do Richa, alertou ao Prefeito que a revogação deveria conter uma boa razão jurídica para tanto. Caso contrário, a empresa vencedora ingressaria com alguma medida judicial contra a Prefeitura. Na sequência, o Wilson ficou reticente. Mas não se decidiu pela contratação de tal empresa pois a seu ver os recursos econômicos para tanto não seriam suficientes. Razão de dar continuidade aos seus estudos.

Na cidade existiam diversas empresas que poderiam ser “sub-contratadas” caso a Secretaria de Obras viesse a optar pela execução por Administração Direta da mesma. Dentre elas, a Urbasa, do eng, Murilo Moreira que participou economicamente da campanha do Richa, a Viaplan, a Empresa Londrinense de Engenharia que pertencia ao Adir Ferreira, bem como outras. Também, já existia na cidade, a Caterpillar, que possibilitaria a locação de máquinas e equipamentos. (Motoniveladoras, pás carregadeiras, escavadeiras, etc.etc.). Até mesmo caminhões. Quanto às execuções das Obras de Arte, (viadutos, canais e bueiro do tipo Freyssinet), várias empresas londrinenses poderiam ser convocadas para tanto. Dentre elas, a Construtora Brasília, Plaenge, Yoshii, Mitomu Simamura, etc.etc.

Portanto, a própria cidade de Londrina possuía meios e condições para executar a Via Expressa caso fosse por Administração Direta de parte da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal. Além do que, na visão de muitos, não era uma obra rodoviária na acepção da palavra. Daí o nome de Via Expressa que interligaria a PR-45 à BR-369, passando por um trecho há muito tempo urbanizado da própria cidade de Londrina.

Além do mais, o engenheiro Mario Stamm, chefe do escritório Regional do DER em Londrina, utilizando-se menos equipamentos

para execução de estrada de rodagem, executara o desvio da PR-445, no entorno da cidade, que era algumas vezes maior que a Via Expressa em extensão. Fato que o destacara na cidade. Motivando-o a disputar eleição para Prefeito. Porém, agora os tempos já pertenciam ao MDB e dificilmente a ARENA conseguia sucessos eleitoreiros. Razão do Dalton Paranaguá e o Orlando Mayrinck Goes terem deixado tal Partido e ingressarem no MDB.

Inegavelmente, o Mario Stamm era um dos engenheiros mais simpáticos e carismáticos que exerciam suas profissões em Londrina naquela época. Mas por ser funcionário público, dirigindo o DER em Londrina, não tinha independência política para tanto.

Portanto, como afirmado anteriormente, somente após a resolução do pátio da linha férrea é que realmente o Wilson Moreira passou a se envolver com a construção da Via Expressa.

Diante disso, como acima já exposto, o Wilson Moreira decidiu conferir todo o projeto pertinente a via expressa, pois no entendimento do mesmo eram nas obras rodoviárias que ocorriam problemas costumeiramente expostos ao público. Tarefa esta que demorou meses e decorrente de reuniões diárias ao longo desse tempo. Ao final, ainda que existissem erros, concluiu que faltariam recursos econômicos para a efetiva conclusão da mesma. O Richa discordou. Porém, quando o Wilson afiançou-lhe que de forma alguma tal obra seria concluída na sua gestão, o mesmo quis saber então de que forma poderia realizar tal obra. O Wilson, afirmou-lhe que seria através de Administração Direta de todos os serviços envolvidos. A prioridade seria a construção da Via Expressa propriamente dita. Quanto as obras complementares, (viadutos, bueiros, acessos secundários, etc.etc.), isto seria possível da mesma forma. Porém, não mais através da construtora vencedora da licitação. Para tanto, exigindo-se de parte da Prefeitura a não contratação da mesma conforme vinha sendo cogitado.

Fazendo parte do Secretariado, constava o Dalton Paranaguá, ex-Prefeito e o real licitante de tal obra. Tendo o Dalton falado com o

Mario Stamm, este apontou que a Via Expressa não teria mais que sete quilômetros e meio de extensão. Embora fosse de pista dupla. Tanto na parte inicial, (PR-445 até o final do Parque Artur Tomas), como na final, (após a linha férrea, até a BR-369), utilizar-se-iam de espaços já arruados e fáceis de serem transformados na própria Via Expressa.

O problema concentrava-se na área compreendida entre o final do Parque Arthur Thomas e a linha férrea atualmente nas proximidades da Rodoviária. Pois após esta, igualmente fácil de transformar aquelas ruas em direção a BR-369 em Avenida Expressa.

A própria gestão do Dalton Paranaguá, já executara ruas no primeiro trecho, embora continuassem ainda em terra. Pelo menos, desde a PR-45 até o Jardim Jerumenha onde o mesmo construiu um conjunto de casas populares. Local este, muito próximo do final do Parque Arthur Thomas. Local onde sabidamente iniciaria o trecho mais difícil da Via Expressa. Mas que não seria um trecho tão longo assim. Pois além da linha férrea, (proximidades da atual Rodoviária), já existiam ruas urbanizadas até a BR-369. Rodovia esta, final da Via Expressa.

Por sua vez, o Mario Stamm, executando a PR-45, no seu trecho pertinente a Londrina, acabara executando todo o contorno da cidade, passando pela divisa entre os municípios de Cambé e Londrina, bem como a localidade da Warta, e nenhuma dificuldade construtiva encontrou. Razão da sua enorme popularidade na cidade de Londrina. Porém, como já afirmei, os tempos políticos agora, pertenciam ao MDB e não mais à ARENA.

Mesmo diante de tantas ponderações, o Wilson Moreira, como era próprio da sua personalidade, não abriu mão das suas convicções técnicas e econômicas. No entanto, para a execução de tais serviços, por Administração, precisava, primeiramente, de capital de giro, máquinas se equipamentos. Capital de giro, pois utilizando-se de empresas menores, essas precisariam ser pagas em seguida a conclusão de cada etapa. E não, aguardar meses após, como costumeiramente continuam

ocorrendo até os dias de hoje. (2024). Também, para pagamento de combustíveis, consertos de máquinas, etc, etc.

O próprio Luis Peralice, que fazia parte da equipe do Richa, Secretário da Fazenda, intervia muitas vezes contestando que não existiriam recursos segundo o temor do Wilson. Pois o Peralice, por ser funcionário antigo, sempre pertencendo a Secretaria da Fazenda, sabia decor e salteado como funcionava a arrecadação e o orçamento municipal.

Muito embora a Secretaria de Obras, tivesse muitas máquinas e equipamentos, (mas insuficientes na ótica do mesmo e não disposto a sub-empregar serviços as empresas tradicionais de Londrina, que atuavam na mesma área, nem locar equipamentos), exigiu-nos a devolução de todos os equipamentos que desde há anos estavam a disposição das nossas Secretarias. No Pavilon, caminhões basculantes, rolos compressores, pás carregadeiras, motoniveladoras, pás carregadeiras, etc.etc.

Na Secretaria de Serviços Urbanos, se fazia a coleta do lixo através da coleta em caminhões basculantes, pois caminhões Cuca eram muito poucos.

Na Secretaria de Serviços Rurais, a mesma coisa. Porém, esta dispunha de apenas dois caminhões basculantes, uma pá carregadeira e uma velha motoniveladora para atender toda a zona rural de Londrina. Além disso, era através dessas poucas máquinas que se atendiam as estradas rurais, pois além do tráfego de veículos particulares, havia o tráfego dos ônibus da Viação Francovig que diariamente atendiam aos moradores em direção a Tamarana. Ao saber disto, o Santinho Furtado da mesma forma como elogiou o Wilson por ocasião do Estádio do Café, agora o fez de forma inversa. Ato contínuo, solicitando a sua demissão do Secretariado.

Quanto ao Pavilon, possuíamos maior número de equipamentos. Mas que agora teriam de ser devolvidos à Secretaria de Obras. No entanto, o Pavilon vinha executando serviços novos através de

licitações. Para tanto, utilizando-se da Viaplan, Empresa Londrinense de Engenharia bem como Urbasa. Em princípio, não teríamos problema.

Mas havia, desde o início da Administração do Richa um notável programa que desenvolvíamos todas as noites, finais de semana e feriados que era a operação tapa buracos. Pois a cidade, principalmente na área central estava exigindo isto desde a administração do Prefeito Hosken de Novaes bem como a do Dalton Paraguaçu. E isto, de per si, já destacava a Administração do Richa na cidade.

Pararíamos a operação tapa buracos? Na resposta, o Wilson Moreira nos sugeriu que locássemos caminhões e equipamentos da Caterpillar e outras que existiam na cidade. Mas porque ele próprio, na nossa ótica, não estava fazendo o mesmo e queria porque queria seus equipamentos de volta? Mas que já não eram dele desde o início da Administração anterior que foi a do Dalton Paraguaçu bem como de outras.

Por sua vez, até recursos econômicos foram exigidos para tanto a fim de compor o capital de giro. Em vista disso, procurou-se alcançar os recursos econômicos do Sercomtel. Fato que igualmente o João Gilberto dos Santos discordou e somou-se conosco. Porém, o Ministro das Telecomunicações discordou telefonicamente com o Richa e este teve de reconsiderar o pedido de exoneração do Joao Gilberto.

Na verdade, a própria Secretaria de Obras possuía muitos equipamentos e que vinham ao longo dos anos atendendo os serviços da mesma. Mas na ótica do novo Secretário, insuficientes para o real atendimento da mesma. Mas era um fato que vinha ocorrendo desde Administrações anteriores.

Como a construção da canalização do córrego das Pombas, Bueiro Freyssinet, Viadutos, etc.etc. seriam sub-empreitados, (como realmente foram), a diversas empresas por que não a movimentação de terra que originaria a Via Expressa propriamente dita ?

Conversa que todos nós, levamos a apreciação do Richa. Mas o Richa nos afirmou que a Secretaria de Obras detectou que a verba para

tanto, seria insuficiente caso mantivesse o contrato originalmente licitado e vencido pela empresa que apresentou o menor preço. E o mesmo gostaria de ver tais serviços concluídos ainda na sua gestão.

Mas como tal questão não foi previamente discutido juntamente conosco, (outros Secretários), pois nos iriam afetar grandemente a boa continuidade das nossas obrigações, nem tampouco estudada uma alternativa, pois sabidamente iriam existir questionamentos e com isso delongando o início propriamente dito da obra da Via Expressa, o resultado foi a nossa demissão do Secretariado Municipal do Richa.

Por sua vez, o Dalton Paranaguá, que igualmente viu-se convocado pelo Richa para compor o Secretariado, (mas na qualidade de Secretário da Saúde), já houvera solicitado sua demissão tempos antes. O Dalton era muito ativo, líder, de raciocínio rápido, e nos era perceptível que o mesmo ficava intranquilo diante de tantas indecisões, ponderações, melhores estudos, etc. etc. que a Secretaria de Obras trazia para o bojo daquelas reuniões do Secretariado e que demoravam horas para serem concluídas. Preocupado com este fato é que o Dalton conversava com muita gente na cidade. O mesmo já houvera externado este fato ao José Roberto Ewbank, também Secretário e Evangélico como o Dalton, e por esta razão chegou ao nosso conhecimento.

Como tal licitação já havia sido realizada, havendo projeto e discriminação de todos os serviços envolvidos para tanto, seus preços unitários e totais, na opinião do Dalton Paranaguá restava tão somente a contratação dos serviços e início imediato da obra. Na opinião do Dalton, não havia tempo a perder.

Diante disso, qual a razão, (segundo o mesmo), de tanta perda de tempo recalculando todos os serviços envolvidos? Isto não poderia ser verificado nas próprias medições de serviços para os respectivos pagamentos? Ou havia algum questionamento quanto a lisura da licitação? E este fato incomodava o Dalton. Daí a solicitação do seu desligamento da equipe sob a alegação que o mesmo, (ao fazer política), desligara-se muito tempo da sua própria clientela e precisava

refaz-la urgentemente pois dependia da mesma para a sua própria sobrevivência familiar.

Evidentemente, os fatos comprovaram que o Wilson Moreira não deixava de ter razão quando ingressou naquela ideia. Todos reconhecíamos a dedicação do mesmo àquele trabalho tão intenso. No entanto, nenhum de nós queríamos deixar nossas funções naquele momento. “Mas:- “Factus ira nostra provocavit” para não afirmarmos outra coisa.

Ocorreu, ainda, um fato importante na Gestão do Richa. Curitiba, anteriormente, na gestão do Prefeito Jaime Lerner, passou a contar com o notável Calçadão no centro da cidade. Aproveitando-se o leito da própria Rua XV. Um dos fatos que mais destacaram Jaime Lerner como Prefeito de Curitiba. Devido a isto, o Richa vislumbrou a possibilidade de executar obra semelhante na Avenida Paraná. Que, igualmente, destacaria sua gestão. Mas tarefa para a Secretaria de Obras. E, quanto a isso, o Wilson Moreira sequer teve tempo para recepcionar o Jaime Lerner.

Fato que coube a mim, (José Pedro e ao Richa). Pois o Jaime Lerner, era formado em engenharia civil no ano de 1959. Sendo que a nossa turma ingressou em 1960. No entanto, em 1962, já existindo efetivamente o Curso de Arquitetura e Urbanismo, o Jaime Lerner decidiu cursar as Cadeiras pertinentes a Arquitetura e Urbanismo que passaram a existir segundo o novo currículo escolar e, com isso, possibilitando-lhe a devida inscrição no CAU. (Conselho Regional de Arquitetura e Urbanismo). Que igualmente passou a existir pouco tempo depois.

Decorrente deste fato, como estudávamos todos no Centro Politécnico, (localizado no Jardim das Américas), quase que diariamente todos nos encontrávamos, conversávamos, tornando-nos companheiros não só dos arquitetos mas também dos engenheiros eletricitas e mecânicos. Explicado isto ao Richa, diante da impossibilidade do Wilson em se fazer presente, fui convocado para, juntamente com o mesmo, recepcionarmos o Jaime Lerner.

Percorrendo a Avenida Paraná, desde a rua Santa Catarina até a rua Prefeito Hugo Cabral, o Jaime Lerner nos afirmou que tais serviços seriam muito mais fáceis dos que ocorreram em Curitiba. Para tanto, deu-nos muitas sugestões. Porém, sempre enfatizando a necessidade prévia de um bom projeto urbanístico para tanto.

Porém, a Secretaria de Obras, como era a praxe do Wilson, não dispunha de tempo sequer para tomar conhecimento daquela idéia. Tarefa que coube, na gestão seguinte, ao Prefeito Antônio Belinati. Incluindo-se a Rua Sergipe no mesmo pacote.

Ressalto, que o Jaime Lerner, igualmente percorreu outros trechos da cidade, porém com outras finalidades, ao mesmo tempo que o Richa trocou ideias com o mesmo.

Tempos depois, mas na eleição seguinte, o Roberto Conceição viu-se eleito Prefeito de Cambé. Fora nosso vizinho, anos antes, na cidade de Rolândia. Pois nossos pais eram funcionários da receita estadual do Paraná. Igualmente como eu, o mesmo fora líder estudantil e Presidente de Diretório Acadêmico. Como vereador de Cambé, pelo PTB, fora detido pela Revolução de 1964. Fato que igualmente ocorreu comigo e nas mesmas condições, mas como líder estudantil. Porém, ambos liberados pouco tempo depois.

Quando os Partidos Políticos anteriores foram extintos o mesmo ingressou no MDB. Fato que igualmente ocorreu comigo. Porém na condição de apoiador deste novo Partido. Assim, que o Roberto Conceição viu-se eleito, o mesmo me procurou para assumir a agora Secretaria de Obras de Cambé. Porém, o Secretário de fato seria o Eleotério Codato. Mas que, primeiramente, iria efetuar o Curso do Instituto Brasileiro de Administração Municipal no Rio de Janeiro. (IBAM). Curso que demoraria um ano. Nessa condição assumi a Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Cambé, (mas em meio período diurno), ficou contratado o engenheiro José Roberto Pinto como meu auxiliar, organizamos e montamos uma boa equipe, inclusive com mais técnicos, e realizamos bons serviços. Com isso, conseguimos montar e funcionar tal Secretaria.

Tempos depois, estando já a Secretaria de Obras funcionando a contento do Prefeito, deixei tais funções retornando a minha empresa construtora pois tínhamos muitos compromissos de construções e fora a forma previamente combinada entre nós. Por outro lado, quase que em seguida, o Roberto Conceição acaba falecendo. Vítima de problemas no coração.

Há que se ressaltar, (mas pertinente a Administração do Richa), que a Administração do Dalton Paranaguá se preocupou com a urbanização melhor do lago Igapó. Para tanto, contratando o paisagista Burtle Marx que elaborou projeto. Porém, o Dalton não teve tempo de implanta-lo. Com isto, cabendo a Administração do Richa. Porém, já iniciada esta Administração, sendo Secretário de Obras o Wilson Moreira, resolveu-se esvaziar totalmente o lago Igapó, ao mesmo tempo, construir uma nova represa, embora pequena, logo acima da Higienópolis, possibilitando criar-se um novo lago acima. Ou seja:- Ampliando-se o próprio Lago Igapó.

Decidido, esvaziar o lago então existente, a partir da Barragem acima em direção a Avenida Higienópolis, já se sabia que por ocasião do represamento, na Gestão do Fernandes Sobrinho, o enchimento do lago fora feito apressadamente. Com isso, a existência de restos de muitas árvores, cercas em arame farpado, etc.etc. Daí, a necessidade da utilização de dragas mas que a Prefeitura não possuía. Em vista disso, numa daquelas reuniões do Secretariado, eu José Pedro, me propus contatar o DNOS em Curitiba pois conhecia bem o eng. Eurico Expedito Dacheux de Macedo. Mas através do meu sócio na Técnica Canadá. O engenheiro Massaru Onishi que pertencera àquele órgão.

Após o Richa efetuar oficialmente tal pedido ao DNOS, bem como telefonado a tal órgão, de posse de uma cópia de tal solicitação, juntamente com o Massaru fomos a Curitiba e falamos com o Eurico e seus assessores principais. Não houve problema e tais dragas foram alocadas à Prefeitura Municipal de Londrina. O DNOS, igualmente, também acompanhou a execução dos serviços que se revelaram

enormes pois até mesmo restos de árvores e cercas em arame farpado existiam. Razão de tantas dificuldades que o Corpo de Bombeiros possuía para resgate de afogados.

Tais serviços demoraram, pois os caminhões da Secretaria de Obras, (gestão do Wilson Moreira), eram insuficientes para atendimento a todas necessidades, simultâneas, da mesma.

Restou a execução arbórea e paisagística a ser implantada segundo o projeto do Burle Marx e que fora contratada na Gestão do Dalton. Mas, em vista da falta de recursos, segundo o Wilson Moreira, tal fato não se viu executado.

Houve um fato devastador ocorrido na Gestão do Richa. Porém, de origem climática. A nefasta Geada Negra que dizimou todos os cafezais no Norte do Paraná. Com isto, comprometendo, economicamente, não só o município de Londrina mas também todo o Estado do Paraná. Fato que abordarei mais adiante.

Anos depois, também a convite do Richa, então Governador, assumi a Direção da EMOPAR. (Empresa de Obras Públicas do Paraná). Tempos depois, mas no Governo do Jaime Lerner, tornando-se Secretaria de Obras do Estado do Paraná. Portanto, vivenciando o Serviço Público e ao mesmo tempo dirigindo a nossa empresa construtora, posso afirmar duas coisas:- A primeira é que tanto uma como a outra necessita de pessoas integradas a mesma, com alguma experiência anterior, tenham bom senso e saibam administrar. A segunda, que saibam escolher técnicos ou pessoas, realmente capacitados, que se somem no mesmo propósito de alavancar e desenvolver o objetivo para o qual foram eleitos ou convocados.

Anos depois, participando da equipe do Governador José Richa, Presidindo a Emopar, juntamente com o mesmo, mais o Secretário da Administração, José Olímpio de Paula Xavier, num dos vôos ao interior, o José Richa nos falou que não aguentava mais os pedidos do Wilson Moreira.

Agora o mesmo queria asfaltar todas as estradas rurais do município. O José Olímpio, perguntou:- é o pintadinho? Confirmamos que sim. Em seguida o José Olímpio falou ao Richa;- atenda logo pois esse cara é o “pintadinho da piada” que conhecemos.

Encontrou-se uma formula e o Wilson somou-se à mesma. Com isto, conseguiu seu intento. Porém, a meu ver, a Prefeitura entraria com as máquinas, e mão de obra, e o Estado com materiais para o devido asfaltamento sem o dimensionamento necessário para tanto e uma pequena verba. Ressalto que o Heins Georg Herwig, então um dos diretores do DER, (anteriormente Secretário Municipal do Richa), muito contribuiu para este intento.

Com isto resultaram os asfaltamentos das estradas rurais para o Patrimônio São Luís, bem como outros. Ressalto que participando das administrações municipal e estadual pertinentes ao Richa, minha esposa Marilene Rocha à convite da Arlete Richa, participou, juntamente com outras, da equipe da Arlete para as mais diversas finalidades Sociais, filantrópicas e de benemerências. Com isto, muito vivenciou este novo universo.

ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DALTON PARANAGUA (Administração anterior a do José Richa)

Por ocasião da Campanha Eleitoral do Dalton Paranaguá, eu fazia parte do Comitê Instrutor ao candidato Professor João Olivir Gabardo. Já o conhecia desde Curitiba, sabia que o mesmo também participara das lutas estudantis, (porém no tempo do Richa), e que no final do seu Curso veio morar em Londrina, onde tornou-se Professor e Diretor do Colégio Estadual de Londrina, (atualmente Marcelino Champagnat), onde estudei anos antes. Mas nessa época, embora houvessem apenas dois partidos políticos, (ARENA e MDB), já existiam as sub-legendas. O arquiteto Sergio Bopp, era o candidato a vice prefeito desta chapa.

O nosso Comitê de Campanha ficou instalado na Rua Mato Grosso onde anteriormente existiu uma pequena discoteca. Era naquele local que fazíamos as nossas reuniões programáticas de Administração Municipal bem como políticas.

Devido a possibilidade eleitoreira, (no tocante a legendas), tanto ARENA como MDB tiveram as suas. No MDB as candidaturas do João Olivir Gabardo e do Dalton Paranaguá. Com isso, já de saída iniciaram-se as pesquisas eleitoreiras. O Gabardo com grande folga em relação ao Dalton. E isto nos empolgou. Ressalto que o Dalton Paranaguá fora, anteriormente, Secretário da Saúde na época do Governador Paulo Pimentel. Fato que igualmente ocorreu com o Orlando Mayrinck Goes, (destacado empresário em Londrina), ocupando este a Secretaria da Fazenda. Porém, ao que consta, acabaram discordando do Governador e, em vista disso, solicitaram suas exonerações. Diante do silêncio da ARENA londrinense quanto a um melhor apoio aos dois, os mesmos decidiram ingressar numa das sub-legendas do MDB e ao mesmo tempo concorrer ao cargo de Prefeito de Londrina.

No entanto, o Gabardo era comedido. Enquanto o Dalton Paranaguá era ousado. Propunha-se a resolver o enorme problema

que dividia a cidade em duas regiões. Acima e abaixo da linha férrea. Ou seja:- a remoção total do leito ferroviário que dividia a cidade. Este mesmo assunto também foi apreciado por nós do Comitê do Gabardo. Porém, para nós, impossível de ser resolvido. Ao menos numa só gestão. Levada a questão ao Gabardo o mesmo optou por não ingressar no mesmo tema. No entanto, com o decorrer da campanha as pesquisas demonstravam que o Dalton Paranaguá crescia dia a dia, (na nossa visão decorrente deste mote), enquanto estacionávamos num mesmo patamar. Mesmo assim, acreditávamos que o Gabardo iria vencer aquela disputa eleitoral.

No entanto, como encerramento de sua Campanha Eleitoral, o Dalton Paranaguá montou um enorme palanque praticamente sobre a linha férrea, nas imediações da Rua Pernambuco. Desde semanas antes, o tema que o Dalton iria remover a linha férrea que dividia a cidade de Londrina em duas, cresceu muito na cidade de Londrina. Da mesma forma, que ele iria resolver o problema da pavimentação urbana de Londrina que se encontrava praticamente desagregada. Além disso, iria construir um enorme ginásio de esportes para a cidade e que, ao mesmo tempo, seria palco de grandes shows, possibilitando a vinda de excelentes cantores e atores para a cidade. De forma popular, pois as instalações dos cinemas, (Ouro Verde e Cine Londrina), impossibilitavam este intento.

Finalizou seu discurso, afirmando que iria remover toda a linha férrea, bem como Estação ferroviária de passageiros daquele local. Com isso, abrindo novos espaços para circulação melhor do trânsito urbano, bem como das pessoas, possibilitando integrações das ruas acima da linha com as abaixo da mesma. A enorme multidão alí presente, vibrou com tais declarações.

Portanto, se existisse alguma pesquisa com o Gabardo na frente, a partir daquele momento o resultado se inverteu a favor do Dalton Paranaguá que realmente acabou vencendo o pleito. Fazendo parte daquele nosso Comitê, encontrava-se o Gustavo Lessa, (irmão

do médico Raul Lessa, também fanático pelo MDB), e que gostava de efetuar apostas por ocasiões de eleições. O mesmo era filho de antigo Prefeito de Jacarezinho, mas que optara por ser aviador da Panair do Brasil. Nesta função tornou-se Comandante e viajou pelo mundo. (Europa e Américas). Sabendo, decorrente disso, contar fabulosas histórias sobre planejamentos urbanos. Era nessa ocasião também loteador na cidade de Londrina, (daí sua inteiração com o urbanismo da cidade), pois já aposentado pela Panair do Brasil. Mas um invejável contador de histórias que tinham bastante sentido.

O Lessa vinha apostando no Gabardo. Porém, nos últimos dias da Campanha detectou que o Dalton iria ganhar o pleito. Em vista disso, passou efetuar apostas no Dalton muito embora votasse no Gabardo. Quando o mesmo nos comunicou, ficamos tristes.

Assim que o Dalton Paranaguá iniciou sua gestão, o mesmo passou a contar com arquiteto Léo de Judá Barbosa que anteriormente residiu em Maringá. Mas que tinha origem, a meu ver, em Minas Gerais. De certa forma, sempre me pareceu que o Dalton pertencendo a uma igreja evangélica, os pais do Leo, ao menos, teriam a mesma feição religiosa. No entanto, o Léo, participando daquela gestão do Dalton, certamente foi o mentor quanto a concepção do Ginásio de Esportes denominado Moringão, bem como da própria remoção da linha férrea daquele local. Em seguida a posse, esta gestão municipal sediou-se numa edificação situada na Rua Professor João Candido esquina com Avenida JK. (Na realidade existiam três ou quatro unidades construídas). Pois já era intenção do Dalton construir um novo Paço Municipal e Câmara de Vereadores. Para tanto, até mesmo a venda do antigo Paço Municipal passou a ocorrer havendo interesse de parte do Banco Bradesco. Com o recebimento de tais recursos isto viabilizaria o intento desejado pelo Dalton. Mas que coube ao Richa, (na gestão seguinte), realmente iniciar o processo.

Iniciada a gestão do Dalton Paranaguá, pouco tempo depois, já ficou concebido de que forma iria ser removida tal linha férrea do

centro da cidade. Até mesmo empresa construtora começou a ser cogitada. A Construtora Pinheiros.

O Secretário de Obras ficou nomeado como sendo o engenheiro José Augusto de Queiroz que conhecíamos desde que retornei a Londrina. Pois nossas esposas eram muito amigas. Porém, nas visitas que eu fiz ao mesmo, nunca detectei alguma Ação já direcionada a remoção da linha férrea bem como outras proposições de Campanha do Dalton. No entanto, o Queiroz ficou por pouco tempo. A razão foi que o mesmo se deu conta que a ausência do seu escritório técnico lhe causara um enorme rombo na sua própria renda mensal. Em seu lugar assumiu o engenheiro Walter Knoll, então engenheiro do DER em Londrina. Mas não o chefe desse órgão. Que a meu ver, continuava sendo o eng. Mario Stamm. Mas o Walter Knoll ajudava muito a administração do Tiro de Guerra de Londrina cujo diretor era o Sargento Raul Silva. Neste sentido, o Walter Knoll solicitou-me alguns reparos em tal edificação o que atendemos. (Através da Técnica Canadá). Igualmente, em todas as visitas que fiz ao Walter Knoll, em tempo algum o ví motivado para a remoção da linha férrea bem como outras propostas de campanha do Dalton.

No entanto, meses depois, a cidade tomou conhecimento que já estavam sendo iniciados estudos para remoção do leito ferroviário do centro da cidade. As primeiras prospecções já falavam no traçado atual que passa atrás do Estádio do Café. Disso resultou o projeto e as devidas autorizações da própria Empresa Ferroviária. Concluído o projeto, ficou contratada a Construtora Pinheiro para realocação de tal linha férrea a qual deu início efetivo às obras que basicamente referiam-se a serviços de topografia, implantação topográfica da linha, escavações, transportes de terra bem como execução de aterros. Cabia a própria Prefeitura Municipal de Londrina, através de seus próprios técnicos, conferir, mensalmente, as medições dos serviços efetivamente realizados e paga-los. Acredito não com verba própria.

No entanto, quando o aterro pertinente ao pátio de manobras, estacionamentos dos trens bem como Estação, já se encontrava

praticamente pronto, alguém detectou que a rampa da linha férrea estava acima do limite permissível ao bom tráfego dos trens. Pois para tanto existe um limite máximo para o bom e seguro tráfego dos mesmos. A fim de viabilizar isto, tal pátio deveria ser deslocado para outra posição. Igualmente a linha férrea teria de ser deslocada para uma posição mais ao norte, (atualmente atrás do autódromo), o que implicava em novas e onerosas desapropriações de áreas.

Porém, ano eleitoreiro, e em vésperas de novas eleições. Portanto, fato restrito apenas a algumas pessoas ou técnicos. Razão pela qual tais serviços ficaram paralisados naquela época. Mesmo assim, vazados. O eng. José Gabriel Salles Ferreira, (como possuía seu irmão como engenheiro ferroviário, mas não atuante sobre este projeto), foi uma das pessoas que primeiramente tomou conhecimento deste fato e, em vista disso, passou a criticar os envolvidos. Pois, na ótica do mesmo, descabido tal erro. Razão pela qual o José Gabriel declinou do convite do Richa para assumir a Secretaria de Obras da Prefeitura de Londrina. Mas apesar de tudo isto, o Dalton Paranaguá praticamente concluiu a sua promessa de Campanha. O deslocamento da linha férrea do centro da cidade.

No entanto, ainda no decurso da sua Administração o Dalton Paranaguá construiu o Ginásio de Esportes denominado Moringão. Uma destacada obra para a cidade de Londrina, da qual a nossa empresa participou. Mas na finalização do mesmo de vez que faltaram recursos. Houve um fato que nos contrariou. A nossa empresa Técnica Canadá vencera a licitação do Governo Estadual para demolição e construção do antigo Grupo Escolar que aí existira, (o Terceiro Grupo), Escolar, escola primária, cuja Diretora era a Dona Dinorá Cunha França. Grupo Escolar Evaristo da Veiga. (Esquina da rua Goiás com Mato Grosso). Em seguida contratados os serviços. Sabendo que os serviços seriam iniciados em seguida, o Dalton Paranaguá procurou o Governo do Paraná para que os recursos fossem repassados à Prefeitura Municipal pois, com isso, seria uma das primeiras obras destacadas

a serem realizadas pela Administração do mesmo. O Estado, no entanto, precisava a nossa autorização para realizar o distrato. Nós nos negamos. E este fato, de início motivou contrariedades de ambas as partes. Realizamos tal obra e ainda aos dias de hoje, (2024), a mesma é notável. O destaque na mesma, ainda aos dias de hoje, é a estrutura em concreto armado muito delgada. Naquele tempo, coube ao vencedor da licitação propor, calcular e executar todo o projeto estrutural inclusive com os demais serviços. Desde as fundações até a cobertura. Mas sempre nos preocupamos pois com o decorrer dos anos nessa esquina o aumento do fluxo do trânsito ultrapassou em muito as nossas próprias projeções pertinentes aquela época.

Por outro lado, há que se destacar outra promessa de campanha do mesmo. A viabilização de recursos e meios para a boa continuidade da pavimentação da cidade, incluindo-se recapes de ruas com problemas. Igualmente, pavimentação de tantas outras ruas públicas na cidade. Até mesmo recapes em todo o centro urbano. Ao mesmo tempo reconstruir a pavimentação asfáltica de muitos loteamentos, já recebidos pela Prefeitura, dada a desagregação da mesma. Embora definidas na sua gestão, a maior parte das mesmas coube a nós.

Sem falar que na Administração do Dalton Paranaguá, o mesmo conseguiu encaminhar a importante questão que foi quanto ao Abastecimento de Água da cidade de vez que os antigos mananciais que abasteciam a cidade encontravam-se saturados não mais permitindo expansões. Quanto a isso decisões importantíssimas foram tomadas que possibilitaram, poucos anos depois, a captação de água do Rio Tibagi. Na minha visão, como técnico, uma das mais sérias que outro Prefeito teve de enfrentar.

Também, foi na sua gestão que o projeto da Via Expressa foi elaborado, especificado e licitado. Mas não contratado.

Porém, quanto a pavimentação da cidade, o Dalton Paranaguá criou e deixou funcionando o Pavilon. (Serviço de Pavimentação de Londrina). Órgão que assumi. Mas na Administração Municipal do

José Richa. Para tanto instalando e funcionando a usina de asfalto localizada numa rua entre o Corpo de bombeiros e Polícia Federal, acessando a BR-369. Quanto as instalações Administrativas e técnicas, ficaram instaladas num grande terreno, quase esquina das ruas JK, (Avenida), com a rua Rio de Janeiro e atrás do cemitério municipal.

A Administração propriamente ditado Pavilon, numa confortável casa de madeira e o laboratório de análise, dimensionamento, etc.etc. da própria pavimentação, ao lado, onde estava localizado um enorme barracão que funcionava como o Laboratório propriamente dito. Quanto aos recursos para o bom funcionamento do Pavilon, a própria Administração do Dalton Paranaguá conseguira legislação específica. Com isto, permitindo cobrança pelos serviços executados nas ruas asfaltadas, ou recapeadas, dos moradores pertinentes.

Porém, antes de assumir tal cargo, fui, por um cuidado maior, a São Paulo conhecer o IPT, (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), para tanto. Também, ao escritório técnico do Falcão Bauer. Mas antes de me dirigir a São Paulo, tomei o cuidado de reler e reestudar todo o meu material escolar pertinente a pavimentação asfáltica propriamente dita.

Contei com a colaboração do meu antigo companheiro de Prefeitura Municipal de Londrina, quando eu era o responsável pelo resgate das Apólices da Dívida Pública do Município de Londrina. 1957/58. O Lúcio Pieralice, então também Diretor do Pavilon e escolhido pelo Richa. (Diretor Administrativo e Financeiro). Na sequência, contei com a colaboração do Rodolfo Horner, meu ex-companheiro do Departamento de Obras anos atrás e que muito também me ajudou. No entanto, quando o Wilson Moreira, assumiu a Secretaria de Obras, (mas tempos depois), o mesmo exigiu o retorno de todos seus funcionários que se encontravam disponibilizados a outros órgãos. Com isso, pessoalmente convidei o engenheiro Sussumu Fukuti, meu contemporâneo ginásial, formado em São Paulo, que, igualmente, muito me ajudou e somou-se conosco.

No entanto, foi o próprio Pavilon que efetuou o estudo que ajudou no estudo para viabilização de uma pedreira com vistas a execução da pavimentação do próprio órgão bem como quanto a execução asfáltica da Via Expressa pelo eng. Wilson Moreira. Époça que pensávamos que estávamos ajudando-o na importante decisão se a Via Expressa seria ou não executada por Administração Direta da Prefeitura. Mas, através da Secretaria de Obras.

Neste sentido, há que se registrar que o Wilson Moreira, (no sentido de se diminuir custos para a Via Expressa), nos solicitou que fizéssemos uma experiência em solo cal, numa determinada rua fora do perímetro urbano. Em consulta telefônica com o escritório técnico do Falcão Bauer, (em São Paulo), o mesmo nos afirmou categoricamente que iríamos apenas gastar dinheiro em tal experiência pois o solo argiloso de Londrina era impróprio para tanto. Fosse arenoso, ele indicaria o solo cimento.

Mas o Wilson Moreira era tinoso. (No sentido de demorar para acreditar no que os mais experientes lhe afirmavam). Diante da nossa justificativa, ele com pessoal próprio, efetuou tal experiência. Mas contando com apoio técnico do nosso pessoal do Laboratório do Pavilon que procedeu todas as composições solo/ cal, bem como procedeu ao controle técnico da compactação e ao final o resultado laboratorial obtido. Embora desejando tal solução para a base da pavimentação da Via Expressa, não era o que fora especificado, quantificado e licitado. Portanto, alterando o próprio projeto e serviço a fim diminuir custos. O próprio engenheiro Heinz Herwig, que também compunha a Administração do Richa, (mas engenheiro experiente do DER), desde o início nos aconselhou que não fizéssemos pois imprópria para o solo de Londrina. No final dessa experiência, o próprio Wilson se convenceu quanto a impropriedade do uso do solo cal na construção da via Expressa. O Wilson, na visão de todos nós, tinha mais experiência em outras áreas e muito menos na construção civil ou com obras rodoviárias. Ao que sempre nos constou, o mesmo

era prioritariamente fazendeiro e comerciante de produtos elétricos. A SENP.

Assim, quando o mesmo se decidiu pela Administração Direta de tais serviços, deu-se conta que lhe faltariam recursos econômicos para o dia a dia da obra, bem como caminhões, máquinas e equipamentos pois inegavelmente a obra da Via Expressa, de per sí, era enorme. Razão do Dalton Paranaguá tê-la licitado. Ou seja:- terceirizando, (através de licitação), a execução da mesma pois ele próprio estava convencido que a Prefeitura Municipal não teria meios nem técnicos para tanto. Em vista disso, o Wilson, primeiramente, visou, os Recursos econômicos do Sercomtel muito embora já houvesse expectativa de obtenção de Recursos do Governo Estadual ou Federal. Pois não se licita nenhuma obra sem primeiramente termos os projetos e os recursos.

Na sequência, o Wilson, visou nossos caminhões, pás carregadeiras, motoniveladoras, rolos compressores, pés de carneiro, etc.etc. As quais se encontravam, contabilmente, na própria Secretaria de Obras mas, desde há muitos anos a disposição de outras Secretarias. Iguamente, quanto ao Pavilon. Havia ainda, desde meses antes, que coube ao Pavilon, (juntamente com o sr. Rodavlas Lhamas e os engenheiros Joao Carlos Bespalhok e Rodolfo Horner), estudarem o local onde a pedreira seria instalada, bem como a compra dos equipamentos de britagem propriamente ditos. Para tanto, com uso do dinheiro do próprio Pavilon, de vez que a instalação de tal pedreira também muito nos ajudaria. Resolvida esta questão, tivemos impressão que na realidade estávamos sendo utilizados para tanto. E isto, muito me contrariava pois inexistia parceria. Todos nós, mesmo ainda aos dias de hoje, (2024), reconhecemos os méritos do Wilson pertinentes a Execução da Via Expressa. Mas que poderia ter tido mais companheirismo e não houve. (Fatos que registrei no livro “Acima das nuvens o céu é sempre azul.”

Razão pela qual decidi me candidatar, em seguida a minha renúncia do secretariado do Richa, ao clube de Engenharia e

Arquitetura de Londrina. Tendo como chapa adversária a composta no gabinete do Wilson Moreira. O nosso adversário foi o Enoch Vieira dos Santos. Líder da maçonaria local e profissional conceituado na cidade. Mas ele próprio desconhecia as razões da nossa candidatura. Fomos eleitos. O Enoch compareceu a nossa posse. Porém, em tempo algum, esta entidade, ou membros da Diretoria, questionou publicamente o ocorrido ou ao próprio Richa. Tivemos sucesso na nossa gestão.

Razão pela qual o próprio Richa tornou a me convidar para assumir destacado cargo na sua Gestão como Governador do Estado do Paraná. Aceitei. Novamente, uma grande experiência para mim.

ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO ANTONIO BELINATI (Em seguida a gestão do José Richa)

Quando retornei a Londrina, início de 1965, ainda existiam fortes resquícios decorrentes da Revolução de 1964. Por sua vez, a maior parte dos políticos londrinenses passaram a se colocar ao lado da mesma pois pertencer ao MDB não deixava de ser uma ousadia. Mesmo assim, foram eleitos o Dalton Paranaçu e o José Richa pelo MDB.

No entanto, na minha visão, tais fatos muito se deveram aos notáveis programas de rádio liderados pelo radialista Antonio Belinati que fortemente defendia os mais fracos. Com isso, contrapondo-se aos líderes maiores da ARENA até a nível nacional. Na minha opinião, uma ousadia. Pois eu mesmo jamais teria coragem de afirmar o que o mesmo corriqueiramente fazia. E este fato, de per sí, o alavancou como defensor dos pobres e dos mais humildes não só em Londrina como em toda a região.

Diante disso, após ingressado no MDB, motivou-o a se candidatar Prefeito de Londrina já por ocasião da Campanha do Richa. Portanto, nesta Campanha Eleitoreira, o MDB contou com dois candidatos. O Richa e o Antonio Belinati. Venceu o Richa, porém com pouca margem de votos sobre o Belinati. A razão, segundo os “politiqueiros de plantão”, é que tal fato deveu-se a ocorrência de chuvas no dia da eleição. Mas o Richa não convidou o Belinati para compor o Secretariado. Diante disso, o Belinati preparou-se melhor e na eleição seguinte viu-se eleito Prefeito sucedendo ao Richa. Muito embora este tivesse executado muitas obras bem como ter deixado a Prefeitura Municipal “nos ombros do povo”. Fato que o credenciou ser candidato a Governador poucos anos depois.

Por sua vez, muitos dos assessores do Dalton, não se postaram ao lado do Richa.

Na eleição seguinte, o candidato do Richa fora o Wilson Moreira. Porém, venceu o Belinati. Terminada esta gestão, o Wilson Moreira se recandidatou e viu-se eleito.

Iniciando sua Administração, o Belinati contou com grande parte dos ex-assessores do Dalton. O mais destacado, na minha opinião, o arquiteto Léo de Judá Barbosa. Constava do programa eleitoreiro do Belinati a finalização do pátio ferroviário, (agora, em outro local), bem como a possível execução da via leste-oeste. De vez que a linha ferroviária fora deslocada.

Igualmente, a construção de uma nova rodoviária para a cidade de Londrina, a mudança de local do Terminal de ônibus Urbano, bem como alavancagem das construções de casas populares em decorrência da fatídica geada negra ocorrida em 1975. E, para este último fato, não havia tempo a perder pois atribuía-se aos sem teto o vencimento de tal eleição pelo Belinati. Igualmente, a efetiva construção do novo Paço Municipal e Câmara de Vereadores de Londrina, cujos projetos, de autoria dos Arquitetos Segio Bopp, Luis Cesar da Silva e João Batista Bortolotti, foram finalizados na gestão do José Richa.

Quanto aos interessados nas casas populares, no final da Gestão do Richa, já eram incontáveis os interessados registrados na Cohab da cidade. A maior parte, egressos da zona rural em decorrência da geada negra. Em Curitiba, “bombava” a construção de casas populares para atender tais egressos e não havia perspectiva de paralização.

A ponto do próprio BNH, (Banco Nacional da Habitação), voltar sua atenção para aos problemas pertinentes aos emigrantes das zonas rurais do norte do Paraná. Sabiamente, o Belinati acabou escolhendo para Presidir a Cohab o empresário Edson Rísoli, então diretor da empresa Pavibrás. De início, a cidade estranhou. Porém, inegavelmente, o mesmo vestiu a camisa e saiu procurando terrenos para tanto. Ao mesmo tempo, o arquiteto Léo de Judá Babosa, juntamente com a Cohab, voltou suas atenções para a enorme área, então ainda cafezal, para aquisição e implantação de um zoneamento extraordinariamente

diferenciado. Para tanto, ruas e avenidas planejadas segundo a topografia da região. Até mesmo, largas avenidas ali passaram a existir bem como praças, etc.etc. Região esta, localizada entre a BR-369 e o estádio do café. Porém, acabou prosperando, para a implantação do maior número de casas populares a região próxima da Avenida Saul Elkind.

Por sua vez, o Edson Rispoli, extraordinariamente se enturmou com a própria Direção do BNH e Diretorias pertinentes a casas populares. Em decorrência disso, costumeiramente tais diretores passaram a vir a Londrina pois o Edson Ríspoli possuía o dom de bem recepciona-los. Com isso, inegavelmente, o Prefeito Antonio Belinatti ao deixar a Prefeitura Municipal, viu-se consagrado como o maior construtor de casas populares para a cidade. Fato que lhe possibilitou, administrar Londrina por mais duas vezes além da primeira. Até mesmo, indicar sua própria esposa como candidata a vice governadora na chapa do Jaime Lerner eleito Governador do Paraná. Ao longo dos anos seguintes, também familiares seus a cargos municipais londrinenses.

Além das casas populares, que na minha visão o maior trunfo político do mesmo, dedicou-se a construção da nova Estação Rodoviária de Londrina. Neste intento, contou com a colaboração e participação do arquiteto Leo de Judá Barbosa. Porém, preliminarmente, mas após escolhida a área como sendo a antiga zona do meretrício de Londrina, houve a preocupante desapropriação de toda aquela área para que ali pudesse haver a implantação da nova Rodoviária.

Portanto, questões jurídicas e pagamentos a tais desapropriações que algum outro Prefeito jamais teria coragem para tanto. Pois, imaginavam-se longos questionamentos jurídicos bem como discordâncias de valores a serem pagos pela Prefeitura Municipal. Como tais desapropriações foram pagas com dinheiro da Prefeitura, muitos atribuem que este fato é que ocasionou o problema de caixa da mesma no final da sua gestão.

No entanto, ousadamente, (para os mais cautelosos sem o devido conhecimento quanto ao funcionamento do caixa da Prefeitura), o Belinati enfrentou tal situação e acabou tendo êxito rápido. Com isso, permitindo ingressar na ideia da construção da nova Rodoviária propriamente dita.

Porém, como era próprio do Leo de Judá Barbosa, uma Rodoviária imponente.

Londrina já possuía uma rodoviária, (a situada na Rua Sergipe), que tivera projeto do notável arquiteto Vilanova Artigas. Agora, com vistas a uma nova rodoviária, significativamente maior que a primeira, e, por esta razão, mereceria outro notável arquiteto para tanto. Ficou sugerido o arquiteto Oscar Niemeyer, que, sabidamente, sempre foi pródigo nas suas “concepções arquitetônicas”. Mas, na ótica do Léo, Londrina merecia isto.

Para tanto, efetuado contato, o arquiteto Nyemeier “abraçou” a ideia. Disso, resultou projeto arquitetônico completo em todos os seus complementos e detalhes. Com isso, agora, a licitação da obra propriamente dita.

Mas preliminarmente, efetuado contato com o Ministério dos Transportes para consecução da devida verba. Ao mesmo tempo, agilizando deputados federais não só do Paraná como também de Minas Gerais ao que sempre me pareceu. Conseguiu-se obter uma verba preliminar para a devida licitação e início da construção propriamente dita. Efetuada a licitação para a construção, venceu uma empresa não londrinense, mas que, aparentemente teria facilidade para liberação de recursos e complementos caso fossem necessários.

Efetuada tal projeto, o mesmo viu-se largamente divulgado na cidade. Chamando atenção a imensa cúpula que graficamente seria em concreto armado. Fato que chamou atenção da comunidade dos engenheiros e arquitetos de Londrina. Os antigos romanos executaram várias obras cujas coberturas foram em cúpulas com a utilização do concreto. Mas não concreto armado. Tampouco, em algum vão

pertinente em tal projeto. Pois sendo em concreto armado, de difícil construção pois preliminarmente exigir-se-iam formas de madeira para tanto.

De minha parte, eu tomara conhecimento, anos atrás, sobre a construção da igreja do Perpétuo Socorro, localizada no Alto da Gloria em Curitiba, ao lado do Estádio do Coritiba Futebol Clube. Cujas coberturas são em abóboda e em concreto armado. Tal projeto, (penso que também a construção), deveu-se ao engenheiro Kozo Kassai. Fato que chamou atenção da comunidade de engenheiros e arquitetos. Inclusive a minha, dada a enorme dificuldade construtiva.

Iniciados os serviços da nova rodoviária de Londrina, estando os mesmos bastante adiantados, mas inconclusos, a verba do Ministério dos Transportes pertinente a rodoviária de Londrina, viu-se extinta. Pois sabidamente insuficiente para a efetiva conclusão, desde o início da mesma. Porém, não se conseguiu complementá-la. Em vista disso, a obra ficou paralisada ainda na própria gestão do Prefeito Belinati.

Quando o Wilson Moreira assumiu a Prefeitura de Londrina, deparou-se com tal fato. Em vista disso viu-se envolvido como terminá-la sem a verba federal para tanto. Agora, com recursos econômicos municipais e locais. Para tanto, suprimindo muitos serviços. Principalmente quanto a abóboda que era o elemento principal que destacava, arquitetonicamente, tal obra.

Além, das casas populares e da nova Rodoviária o Belinati acabou executando o notável calçadão na área central de Londrina.

Inegavelmente, o Belinati deixou sua marca, pois acabou se reelegendo Prefeito de Londrina por mais duas vezes. Fato inédito na história política da cidade.

Anos depois, o Prefeito Alexandre Kireff envolveu-se na construção do Teatro Municipal de Londrina. Era uma ideia do Deputado Federal André Vargas, ex-vereador em Londrina e Presidente da Câmara Federal em Brasília. No entanto, da mesma forma, não se

conseguiu recursos para se poder concluir tal obra até os dias atuais. (2024).

Portanto, na minha opinião, não se conseguindo já de início obter o total da verba para conclusão de uma obra, o melhor é licita-la de acordo com a verba já inserida no orçamento da União, cabendo a própria Prefeitura Municipal a complementação devida a fim de não se tornar precatório como foi o caso.

LONDRINA ENSINANDO O QUE MAIS APRENDEU A FAZER

Londrina, desde a sua fundação, sempre foi destacada pela sua agricultura. E isto se deveu às pessoas que para cá vieram. Tanto nacionais como estrangeiros. Experientes no cultivo da terra e no plantio da mesma.

Além disso, ao longo dos anos, os agricultores devido as periódicas geadas que ocorriam, dizimando tudo o que haviam plantado, (principalmente o café), muito aprenderam. Mesmo assim, ao longo dos anos, vieram para a cidade e região destacados agrônomos, constituindo a Associação dos engenheiros agrônomos de Londrina e região, idealistas, que passaram a discutir os problemas da lavoura bem como propor soluções.

Por outro lado, ainda nos anos de 1950, (ou talvez um pouco anterior), foi criada a Associação Rural de Londrina, cujo propósito era somar esforços para enfrentar os desafios que usualmente surgiam e ao mesmo tempo conseguirem melhores colheitas. A soma de esforços entre as duas entidades acabou destacando as mesmas na região. A ponto do jornal a Folha de Londrina, através de seu Diretor João Milanez, interessar-se pelo assunto e, com isso, separar um bom espaço em tal jornal, para que ambas entidades ai pudessem expor seus pontos de vistas e as reivindicações que já existiam e cresceram ao longo dos anos. Com isso, resultando, primeiramente na criação do IAPAR, (Instituto Agrônômico do Paraná), sediado em Londrina e, anos depois, a instalação de um significativo braço da Embrapa, (Empresa Brasileira de Pesquisa Agro-Pecuária), traduzida, primeiramente na construções de diversas unidades destinadas à finalidade da própria Empresa. Algumas dessas unidades da Embrapa, foram construídas por nossa empresa construtora.

Porém, para abordar sobre o IAPAR e EMBRAPA, afim de uma informação melhor a este trabalho, contei com a colaboração dos engenheiros agrônomos, Florindo Dalberto e Celso Gaudêncio, meus contemporâneos dos tempos universitários em Curitiba, (1960/1964), e ambos destacados profissionais em tais entidades. O primeiro, pertinente ao IAPAR e o segundo à EMBRAPA.

Em, função disso, posso registrar:- O Instituto Agrônômico do Paraná, IAPAR, foi fundado no final dos anos de 1960 e início de 1970. Para tanto, havia um contexto:- A Agricultura predominante no Norte do Paraná naquela época tinha pertinência com a cultura cafeeira da região. Mas já começando a dar sinais decorrentes de vários problemas. Havia geadas, ainda que periódicas, mas não sequenciais, mas que inegavelmente causavam grandes estragos das mais variadas naturezas. Por sua vez, quando isto ocorria, havia uma enorme preocupação de todos que tinham algum relacionamento com a produção do café pois praticamente uma única economia agrícola na região.

Podia-se afirmar que no norte do Paraná existiam outras culturas agrícolas pois existiam significativas e destacadas indústrias que se utilizavam de produtos advindos das mesmas em significativa escala. Indústria de óleo de girassol, indústria do rami bem como algodão. Mas quando aconteciam geadas inegavelmente a cultura agrícola do café era a mais atingida e, por consequência, inegáveis estragos na própria economia da região e até mesmo do Paraná.

Nessa época, chega a Londrina meu ex-companheiro da Casa do Estudante Universitário em Curitiba. O agrônomo Florindo Dalberto, agora pertencendo aos quadros do IBC. (Instituto Brasileiro do Café).

Ocasão que havia em Londrina uma destacada Associação de Agrônomos na qual se discutiam muitas vertentes de atuação da mesma. Via de regra, publicada pela Folha de Londrina quando o assunto possuía interesse destacado. Discutia-se sobre o trigo, algodão, rami e o próprio café. Então o produto agrícola mais importante do norte do Paraná.

Semanalmente a Folha de Londrina publicava algum artigo a respeito. Mas não havia unificação de aspirações e posicionamentos e sim a intenção de compartilhar conhecimentos. No entanto, tal coluna ainda era incipiente podendo-se assim afirmar. Em vista disso, o próprio Diretor da Folha, o jornalista João Milanez, decidiu criar um espaço maior que se denominou Folha Rural o que permitiu que a própria Associação dos Agrônomos pudesse utilizá-la melhor. Daí, surgiu o Suplemento Agrícola adicionado a Folha Rural e que circulou pela primeira vez em 20 de dezembro de 1969. Basicamente, sugestões, estudos e até mesmo pequenas pesquisas, dirigido ao setor agrícola da região.

Porém, grande parte dos artigos, não eram decorrentes de pesquisa agrícola mas sim da vivência ou experiência de grande parte dos agrônomos que discutiam ou trocavam informações entre si. Tal fato, demonstrou-se interessante para toda a região do Norte do Paraná. Principalmente, a região de Londrina. Mas, como já dissemos, não se tinha pesquisa local.

Diante disso, surgiu a ideia de se ter pesquisa local. Com isso, a possibilidade de se criar uma entidade para tanto que poderia se chamar Instituto Agrônomo do Norte do Paraná. A Folha de Londrina, através do João Milanez, simpatizou-se com tal ideia.

Os agrônomos dariam o respaldo técnico mas teriam de convencer pessoas e políticos bem como produtores rurais para viabilização de tal projeto. Além do mais, já era tradicional, anualmente, a Associação Rural de Londrina referir-se ao mesmo assunto bem como efetuar reivindicações neste sentido. Porém, no ano de 1970, decidiu-se implementar tal ideia. Ou seja, reivindicar um Instituto Agrônomo para o Norte do Paraná, de forma a se pesquisar melhor o café, bem como outras culturas diversas além do café, como o rami, girassol, arroz, feijão, etc.etc.

Em 1970, um paranaense estava na diretoria do IBC. (Instituto Brasileiro do Café). Órgão vinculado ao Ministério da Indústria e

Comércio. O João Ribeiro. Diante disso, o pessoal local, tendo como líderes o Bispo Dom Geraldo Fernandes, João Milanez, Celso Garcia, Francisco Sciarra, e tantos outros da própria Associação Rural, efetuaram tal reivindicação ao Governo Federal. Para que fosse instalado em Londrina um órgão destinado a pesquisa agrícola.

Para tanto, a engenharia montada para tal fim, visou:- Que o IBC fosse o pai de todas as outras organizações necessárias para tanto. Vazada esta notícia para o Ministro da Agricultura, por ocasião da Exposição daquele ano, o mesmo somou-se na mesma ideia.

Quando foi aberta a exposição promovida pela Associação Rural do Norte do Paraná, o próprio Ministro da Agricultura no seu discurso, afirmou aprovar tal ideia e que o Governo Federal também se somaria bem como o próprio IBC. Para tanto, abrangendo pesquisas não só na área do café como também de todos os outros produtos agrícolas do Norte do Paraná.

Por outro lado, há que se informar que o próprio Regime Militar, (que dirigia o país), estava empenhado em transformar o Brasil num participante importante a nível mundial pertinente a produção de alimentos. Assim, a ideia local de tais agrônomos ingressou nesse contexto.

Em seguida a finalização de tal Exposição, mas no mês de junho, realizou-se um evento no Estado do Paraná, (no Palácio Iguazu), onde foi feito o convenio entre o Governo do Paraná e o IBC. Este fornecendo um milhão de cruzeiros para aquisição de uma área para Instalação de tal Instituto Agrônomo e ao mesmo tempo criando uma comissão partidária para desenvolver o projeto inicial desta entidade. Portanto, sendo o IBC o financiador. Em seguida, cabendo ao Governo Estadual do Paraná criar uma entidade para gerir e implementar tal projeto. Havendo, inclusive, uma Comissão de Agrônomos.

A escolha da área, ficou sendo como a Fazenda do médico londrinense Raul Lessa que sempre se somou às grandes ideias de Londrina. Uma área inicial de cento e quinze alqueires no que foi

complementada por outras áreas contíguas. Localizada na Pr-445. O mesmo local atual.

Por sua vez, o Governo Estadual determinou ao Departamento de Estradas de Rodagem, escritório de Londrina, então dirigido pelo engenheiro Mario Stamm, que efetuasse a movimentação de terra e a devida terraplenagem da área onde seriam localizadas tais edificações pertinentes ao Instituto Agrônômico do Paraná. (IAPAR). Tais fatos sucederam-se rapidamente. Por sua vez, a CARSI, (Comissão de Armazéns e Silos), cercou toda a área.

Na sequência, o projeto preliminar de tais instalações coube ao Souza Dias para um estudo preliminar.

Criou-se uma Comissão Paritária, que ficou encarregada de elaborar um Plano Diretor, que visitou, preliminarmente, o Instituto Agrônômico de Campinas, e disso resultou o projeto atual do Instituto Agrônômico do Paraná. IAPAR. Um projeto, no jargão popular, “atemporal”.

Os recursos econômicos começaram a chegar e a partir daí iniciou-se a construção da obra propriamente dita. Cabendo a empresa ECISA, de São Paulo, a construção do mesmo. Mas sendo a CARSI, (Comissão de Armazéns e Silos, do próprio IBC), a contratante e fiscalizadora da construção. Assim, a partir da ideia preliminar da Associação dos Agrônomos de Londrina, mais a importante participação da Folha de Londrina, liderada pelo jornalista João Milanez, complementada pela Associação Rural de Londrina, Governo do Paraná e destacados líderes rurais da região, iniciaram-se os serviços pertinentes a construção do IAPAR. O que possibilitou realizações de importantes e destacadas pesquisas agrônômicas não só para a região como ao Paraná e todo o Brasil.

Mas inicialmente dirigidas ao café e outras culturas regionais, do próprio Estado do Paraná.

Jaime Canet, então Governador do Paraná, baixou decreto unificando todos os setores do governo em torno do IAPAR. Somente

em 1972 foi criada a fundação Instituto Agrônomo do Paraná. Em setembro deste ano foi nomeada a primeira Diretoria Administrativa e Conselho Curador. Passou a ser uma Instituição.

Nomeada a primeira Diretoria assim ficou constituída:- Raul Juliato como Diretor e Florindo Dalberto Primeiro Secretário Geral. Este, então muito jovem. Porém, devido a sua destacada participação na política estudantil universitária, bem como condições pessoais e culturais, obtivera uma bolsa de estudos para participação num dos cursos da Universidade de Harvard. Ao mesmo tempo, conhecer a agricultura e o sistema agrônomo dos Estados Unidos.

Foi efetuado o primeiro concurso de pessoas, estabelecendo o modelo de gestão. Com isso, o IAPAR ficou com feição inovadora para trabalhar com modelos sistêmicos. A Diretoria do IAPAR foi atrás de exemplos no mundo inteiro onde haviam órgãos de pesquisa multidisciplinares. Juntava os esforços de todos num sentido único. Com isso, as primeiras pautas de pesquisas começaram a surgir.

Contratou-se a notável empresa de pesquisas IRI. (Ibec Ressource Institute), então um braço da Fundação Rockefeller que já atuara no Brasil. Mas voltada para a agricultura tropical. Então, uma equipe mista, (Brasil e Pessoal do Exterior), onde se originou a primeira programação de pesquisa propriamente dita para o IAPAR.

No entanto, como a sede do IAPAR estava ainda em obras, criou-se uma sede provisória na avenida Rio de Janeiro, em Londrina. Onde hoje é a Casa Coletto.

Montada a sede provisória, começaram a surgir muitas consultorias. Porém, foi do Estado Norte Americano, Illinois, a ideia do manejo integrado de pragas. Pela primeira vez no Brasil.

Criaram-se as equipes básicas, montaram-se os laboratórios, desenvolveram-se as pesquisas e surgiram os primeiros resultados.

Em 1975 surgiu o primeiro manual agro pecuário do Estado do Paraná. Com isso, consolidando todas as informações para as principais culturas do Paraná. Manejo do solo, erosão, etc.etc. Tanto

para as questões das culturas, (sequenciamento das mesmas, mês a mês), como para os produtos agro-ecológicos, e como entender um órgão de pesquisa a disposição dos interessados no Paraná e até mesmo em outras regiões do Brasil.

Há que se afirmar que o IAPAR acabou absorvendo todas as redes experimentais do Estado do Paraná. Também, a pecuária e a produção animal.

O ciclo do café passou. Mas a pesquisa do café deu condições de atender a alta qualidade do mesmo. No que contou com a participação do agrônomo Francisco Barbosa Lima. Cinquenta anos atrás o café era uma monocultura praticamente a cabo de enxada. Hoje, o Paraná desenvolveu a ocupação qualitativa dos espaços. Criou organizações, criou conhecimento. Incorporou-se tecnologia de gestão. O agro paranaense tornou-se padrão mundial. Exportando para o mundo inteiro.

O Paraná hoje, tornou-se uma potência agrícola. Sementes, hoje até em royalties. Empresas de consultorias e empreendedorismo. Manejo de soja sustentável do solo, plantio direto, et.etc.

O IAPAR tornou-se “gente grande” do ponto de vista agrícola com qualidade. E a revolução que se teve foi a revolução tecnológica. Agricultura hoje é conhecimento. Mais produção e melhor qualidade. Transformação de produtos.

Por sua vez, a Embrapa, (Empresa Brasileira de Pesquisa Agrícola), anos depois, passou a contar com o engenheiro agrônomo, Ali Saab, que morou em Londrina e gostava de participações político-administrativas. Nesse sentido, integrou-se aos dirigentes maiores em Brasília. Passando a participar da Diretoria da Embrapa. Ocasão que tal órgão já vislumbrava montar um largo braço dessa entidade na região. Cooptado pelas lideranças locais pertinentes a agricultura, integrou-se no mesmo propósito muito embora tal decisão coubesse aos dirigentes maiores da Agricultura em Brasília. O fato é que se decidiu pela implantação de um dos braços de tal órgão em Londrina.

Efetuada a licitação, coube a nossa empresa construtora, (juntamente com a Construtora Jahu, (do Estado de São Paulo), executar várias daquelas unidades. Que foram implantadas no Distrito de Londrina denominado Warta. Mas há que se afirmar que a Embrapa incentivou a criação de empresas de pesquisas no Brasil todo. Pois a temática da mesma era soja para todo o Brasil.

Participando dos quadros da Embrapa em Londrina, encontrava-se meu ex-companheiro, também dos tempos universitários em Curitiba, o agrônomo Celso Gaudencio. Então, ex-chefe substituto da Representação da Embrapa no Paraná. O qual subsidiou-me com as informações abaixo:-

A criação da Empresa Brasileira Agropecuária EMBRAPA, foi uma ação para o aumento da fronteira agrícola do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) e Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO). Desde o iniciou se preocupou em aumentar o efetivo dos pesquisadores e aprimoramento especializado em pós-graduação. Para tanto, foram criados Centros Nacionais dos principais produtos tais como: trigo, soja, milho, arroz e feijão, gado de corte, gado de leite, aves e suínos, florestas, frutas de clima temperado, frutas tropicais, horticultura entre outros.

A ideia era montar uma equipe multidisciplinar. Em função disso, foram criados os Centros de Pesquisas Regionais nos Cerrados, Amazônia Oriental e Amazônia Ocidental. Igualmente, implantaram-se Serviços de Sementes Básicas e de Recursos Genéticos.

Com esta estrutura a pesquisa se desenvolveu, tendo como diretriz o enfoque sistêmico. Em cada centro de pesquisa se implantou trabalhos nesse sentido, concebendo sistemas envolvendo diferentes produtos comerciais e espécies como agentes biológicos melhoradores dos solos. Na difusão da tecnologia, inicialmente contou, como carro chefe, os pacotes tecnológicos, baseados nos resultados de pesquisa, E que, com o decorrer do tempo, aprimorados com as recomendações técnicas regionais, para que a assistência técnica levasse ao produtor toda tecnologia disponível, em tempo real.

Em Londrina, foi implantando o Centro Nacional de Pesquisa de Soja, primeiramente nas instalações do Instituto Agrônômico do Paraná recém-criado com a mesma diretriz, adotada pela EMBRAPA. “O IAPAR ficou com feição inovadora para trabalhar com modelos sistêmicos”. Modelos sistêmicos segundo os preconizados por Edmundo Gastal, então Diretor da Primeira diretoria da EMBRAPA, com ensaios principalmente no Paraná.

A Embrapa-Soja construiu a sede própria, quando já possuía uma equipe multidisciplinar, que produziu grandes avanços tecnológicos. Dentre os mesmos, destacam-se os desenvolvimentos de cultivares adaptadas a baixas latitudes, de hábito indeterminado insensível ao foto-período, ou período juvenil longo, desenvolvida pela equipe de Romeu Afonso de Souza Kiihl. Tal cidadão foi agraciado com o Prêmio Frederico Menezes e cidadão honorário de Londrina. Estas cultivares permitiram que a soja cultivada no Sul, fosse cultivada no Brasil Central, nordeste e norte do Brasil. Esta tecnologia teve um impacto econômico imensurável para agricultores e divisas, como principal produto agrícola brasileiro.

Nada suplanta essas cultivares entre as contribuições da pesquisa rural brasileira, ao impacto econômico que proporcionou. Com isso, aqui fica o registro da importância do Centro Nacional de Pesquisa de Soja com sede em Londrina.

O controle de doenças da soja foi sempre um desafio principalmente após ter expansão continental. O londrinense José Tadashi Yorinori, cidadão honorário do Estado do Mato Grosso, viu-se agraciado pelos grandes feitos na pesquisa e na difusão de controle das doenças.

A ferrugem Asiática chegou com força e apresentou complexidade de controle necessitando inclusive vazio sanitário. Foi aí que a criatividade e estudo aprofundados de controle se iniciou quanto a complexidade da doença e no intrincado processo de obtenção de cultivares tolerantes.

O próprio Celso Gaudêncio, pensava que se assemelhava a resistência horizontal. Quando o mesmo já se encontrava aposentado, alguém deixou na portaria do seu prédio um compêndio sobre doenças da soja. Ao lê-lo, o Celso Gaudêncio, deparou-se com a complexidade do tema. Pois uma Catilínia Biológica. Porém, um dos autores era o agrônomo Londrinense José Tadashi Yorinori e que insistia na análise de parte do Celso, que ficou reticente. Mesmo assim, (mas temeroso), respondeu. Mas este estudo, acabou prevalecendo. Com isso, demonstrando a capacidade e os bons serviços que a Embrapa prestou ao Brasil. Seu falecimento em acidente doméstico, deixou uma grande lacuna na EMBRAPA e no Brasil. Neste caso particular a EMBRAPA ficou e continua devendo em memória ao grande mestre. Pois um dos melhores pesquisadores agrícolas londrinenses.

No aprimoramento e adaptação das semeadoras de plantio direto, o soja por muito tempo foi colhida com colheitadeira de trigo necessitando de múltiplas regulagens para diminuir a perda na colheita. Foi desenvolvida colheitadeira específica para colher soja de baixo custo. Foi desenvolvido um copo para estimar perda na colheita, para orientar o agricultor na necessidade de regulagem nos componentes da colheitadeira, promovendo-se campanhas anuais de perdas na colheita, com premiação aos operadores de máquinas.

Enumerar as contribuições do Centro Nacional de Pesquisa em Soja localizado em Londrina é tarefa difícil, desde a pesquisa fundamental até a aplicação imediata.

Por sua vez, a equipe em fisiologia e tecnologia de sementes, desenvolveu toda pesquisa fundamental como para avaliação apurada das sementes através o treinamento de laboratoristas em todo país. Hoje pode-se assegurar que toda semente comercializada apresenta segurança em sua viabilização, desde sua emergência, até que atinja seu potencial produtivo. Isto, constitui um dos principais fatores para que o produtor possa ser competitivo mundialmente.

A relação dos diferentes componentes nutricionais foi pesquisada a fundo. A recomendação de calagem pela saturação de bases, em substituição a todos anteriormente indicados, foi um dos pontos altos desse estudo.

O controle biológico da lagarta do soja, foi uma tecnologia importante para lavoura de soja e um passo luz para importância da biologia nos processos de cultivo da soja e de outras lavouras. O futuro da agricultura estará sempre atrelado a tecnologia biológica, primazia da fixação biológica de nitrogênio do ar, conforme as pesquisas demonstraram.

O Controle Integrado de pragas teve seu aprimoramento no Brasil, no que tange ao soja, pela recomendação de produtos seletivos biodegradáveis, fisiológicos e biológicos, como tecnologia avançada com objetivo de preservar o meio ambiente e a segurança alimentar.

Pesquisas para o controle de plantas daninhas para a consolidação da prática conservacionista do solo, Plantio Direto, máquinas semeadoras apropriadas e herbicidas, rotação de espécies vegetais para cobertura verde, etc.etc. sempre estiveram no bojo das pesquisas. Bem como a eficiência do plantio direto e a conservação dos solos. O próprio Celso Gaudencio, teve oportunidade de participar em importantes pesquisas. Não só na área do soja, como em outras. Sempre salientando, como parte da sua modéstia, que nesta situação pertencia aos quadros da Embrapa. Pois foram muitos os pesquisadores agraciados com diferentes premiações desde o jovem cientista, Frederico Menezes, (maior premiação da EMBRAPA), cidadãos municipais e estaduais, frutos do impacto do trabalho e pesquisas desenvolvidos pela equipe de Londrina.

Mas tenho conhecimento que o Celso Gaudêncio, se viu agraciado como um dos mais destacados pesquisadores da Embrapa em Londrina.

Razão de tê-lo também ouvido afim de me permitir o registro da presente matéria. "Londrina ensinando o que mais aprendeu a fazer".

OS CINEMAS DE LONDRINA

Desde o final dos anos de 1947, eu e o meu irmão Pericles, frequentávamos o cinema aos domingos a tarde. Ocasão que morávamos em Rolândia. Eu já com sete anos de idade, no primeiro ano escolar, e meu irmão Péricles com cinco. No entanto, na primeira vez fomos acompanhados pelos nossos pais e num filme colorido exibido à noite. Branca de Neve e os Sete Anões. Fato que me recordo com bastante clareza ainda aos dias de hoje.

Porém, aos domingos, íamos sozinhos. Eu e o meu irmão. No entanto, como já me encontrava no primeiro ano escolar, no interior do cinema sentávamos ao lado dos meus companheiros de Grupo Escolar. Os filmes que passavam eram:- primeiramente notícias da Guerra, (embora a mesma tivesse já sido finalizada dois anos antes), cujas imagens nos chocavam. Principalmente, as pertinentes aos campos de concentrações de judeus quando nos era perceptível a presença de inúmeras crianças com suas mães nos mesmos. Era comovente e de chorar.

Na sequência, os filmes de o Gordo e o Magro e algum seriado cuja sequência se dava, geralmente, na semana seguinte. Porém, os seriados pertinentes a Flash Gordon, por se referirem a viagens interestelares, chamavam atenção de toda a garotada.

Quando o nosso pai foi transferido para Curitiba, passamos a morar no Alto do Itupava. (Atualmente rua Angelo Lopes quase esquina com Augusto Stresser), e a menos de cem metros da Avenida Nossa Senhora da Luz. Portanto, uma região muito distante dos cinemas. Com isso, deixamos, eu e o meu irmão Péricles, de frequentar cinemas. Porém, pouco tempo depois, quando nos mudamos para União da Vitoria, retornamos às nossas idas aos cinemas nas tardes dos domingos.

Porém, meses depois retornamos a Curitiba, agora morando na Rua Julia da Costa quase esquina com Prudente de Moraes. Com isso, viabilizando o nosso retorno aos cinemas. E, quanto aos mesmos, Curitiba possuía diversos. Cine Palácio, Cine Avenida, Cine Odeon, anos depois, Cine Ópera, etc. etc. bem como aos situados na rua Voluntários da Pátria praticamente ao lado dos cinemas acima. Cine Curitiba e Cine América.

Porém, logo percebemos a discórdia do nosso pai. Pois o mesmo nos exigia que frequentássemos via de regra o Cine Odeon. Pois este possuía melhor programação cultural segundo o mesmo. E realmente isto ocorria. Em seguida ao amplo noticiário, o filme também do Gordo e o Magro, Charles Chaplin ou do Cantinflas, algum seriado e para finalizar um filme.

Retornamos a União da Vitoria. O cinema local possuía o mesmo nome. Cine Odeon e situava-se defronte à Estação Ferroviária. Porém, do lado catarinense. Porto União. Então um cinema muito bom, da mesma categoria do que frequentávamos em Curitiba. Além dos tradicionais Gordo e o Magro, os seriados, e para finalizar um bom filme. Dentre os mesmos, inesquecível para mim, A Grande Valsa.

Em julho de 1951, encontrávamo-nos em Londrina. Vindos de União da Vitoria. Da mesma forma nosso pai nos dava a pequena mesada para que fossemos ao cinema aos domingos. Eu e o meu irmão Péricles. Na ocasião, Londrina possuía o cine Avenida, (localizado na Quintino Bocaiuva. Então, considerado o mais antigo de Londrina), o Cine Londrina, (localizado na Praça Gabriel Martins), bem como o Cine Teatro Municipal, localizado na Rua Rio de Janeiro pouco abaixo da Avenida Paraná. Construído em 1939 e já nos padrões exigidos pela arte cinematográfica.

Porém, os meus companheiros do Grupo Escolar Hugo Simas frequentavam o Cine Londrina. Em vista disso, passamos a frequentar tal cinema. Um enorme cinema. Porém, via de regra, exibindo notícias do Brasil e do Mundo, os filmes de O Gordo e o Magro ou Cantinflas,

seriado do Durango Kid, etc. Finalizando algum filme de expressão a exemplo do que ocorria em Curitiba e União da Vitória.

No entanto, a presença de tantos companheiros de sala de aula do Hugo Simas, permitia-me a sensação de intimidade com tal cinema. Daí, a nossa preferência pelo mesmo.

Poucas semanas após o falecimento do nosso pai, Tia Aracy, irmã de meu pai, agora já casada com o médico Maçud Macruz, (que estava iniciando atividades na cidade de Igarçu), veio nos visitar. Ocasão que me encontrava seriamente doente. Diante de tal fato, ela própria me levou ao Hospital São Leopoldo de propriedade do médico Anibal Alves da Rocha Loures. O mesmo detectou apendicite e imediatamente me internou e operando-me na sequência. Ressalto, de forma irônica, que naquela época Londrina era considerada a capital mundial da apendicite. Pois muita gente era operada decorrente disso.

Porém, durante o meu restabelecimento no leito hospitalar, me foi visível que ambos se conheciam desde Palmas e eram muito amigos. Por sua vez, o filho do Anibal também fora meu contemporâneo no Grupo Escolar Hugo Simas mas não na mesma sala. Atrevo-me a afirmar que o mesmo se chamava Reginaldo.

Da mesma forma, ela conhecia o Josino, também médico e proprietário de jornal em Londrina, bem como o João Alves da Rocha Loures. Este, já morando em Curitiba. Ambos, (Aracy e Anibal), possuíam muito assunto. Fato que comprovava as afirmações de “Mãe Diola” quando a mesma nos visitou em 1945.

No ano seguinte, 1952, é que o Cine Ouro Verde se viu inaugurado. Então um luxuoso cinema, com ar condicionado, poltronas reclináveis, etc.etc. Fato que chamou atenção de todo o Estado do Paraná. Por sua vez, passando a exibir filmes destacados.

Porém, já cursando o Ginásial é que preferencialmente íamos ao Cine Ouro Verde. Muitos anos depois, tal cinema viu-se incendiado. Com isto destruindo-o completamente. Fato que despertou atenção de todos os londrinenses que rapidamente se dirigiram ao local. Inclusive, eu. Grande parte dos presentes choraram. Foi uma comoção.

Dois anos depois, efetuou-se uma licitação para Restauo do mesmo. Coube à nossa empresa, vencedora de tal licitação, executarmos os serviços. Uma enorme reforma e um enorme Restauo. Fomos felizes neste intento. Fato que registrei no livro “Sopro de Luz sobre as cinzas do passado”.

Mesmo assim, quando o filme era bom, não me importava onde estivesse sendo exibido. Ia a tal cinema.

Muito embora, no Cine Londrina, vez por outra ocorresse a mesma coisa. Pois, igualmente, exibindo filmes destacados a nível mundial.

Anos depois, fui estudar em Curitiba e a presença de vários e destacados cinemas naquela cidade ensejou a exibição de filmes inesquecíveis.

Na minha memória, mas desde que passei a frequentar cinemas, (a tarde), ficaram retidos ainda que não sequencialmente:- Cantando na Chuva, O mágico de Oz, Paixão de Cristo, A última vez que ví Paris, E o vento levou, Suplicio de uma saudade, Dr. Jivago, Sete noivas para sete irmãos, O maior espetáculo da terra, O Rei e eu, Amor sublime amor, Love is a Many Splendored Thing, Tree coins in the fountain, My fair lady, Quando setembro vier, a Ponte do Rio kwai, a Ponte de Waterloo, Cartas de amor, Bem Hur, A noviça rebelde, The sound of music, The Godfather, A volta ao mundo em oitenta dias, e tantos outros que dariam páginas para relacioná-los.

Quanto ao filme Melodia Imortal, por ter sido filmado num dos apartamentos defronte ao Central Park, com visão para o mesmo, o que me chamou atenção, quando estive em Nova Yorque, ainda em 1964 e a Convite do Departamento de Estado do Govêrno Norte Americano, tivemos a satisfação de conhecer tal Edifício. Da mesma forma, fomos ao Teatro da Broadway assistir o musical My Fair Lady.

O TRATAMENTO DO LIXO EM LONDRINA

Nos primeiros anos de Londrina, o lixo na cidade representava muito pouco dada a inexpressividade do número de habitantes. Quando o mesmo existia, havia sempre algum lote próximo, desocupado, que acabava servindo para deposição do mesmo.

No entanto, com o decorrer dos anos, principalmente após a instalação do município e existência de razoável núcleo urbano, tal assunto tornou-se objeto da administração municipal. Assim, ao longo dos primeiros anos a própria administração municipal passou a se preocupar.

No início dos anos de 1940, principalmente com a construção do notável prédio pertinente ao Paço Municipal, na esquina da Ruas Minas Gerais com Santa Catarina, este fato mereceu a devida atenção do então Prefeito da época. Mas existem registros que o Prefeito Willie Davids, um pouco anterior ao fato acima, teria se preocupado com tal questão. Para tanto, disponibilizando um pequeno caminho para coleta, transporte e deposição do mesmo. No entanto, quanto ao depósito, o mais viável seria um local não muito distante do centro da cidade, pois muitos anos depois descobriu-se pequenos lixões em vários locais. Todos, não muito distantes do centro da cidade.

Porém, ao longo dos anos ficaram mais conhecidos os lixões nas proximidades onde hoje é a atual BR-369 cruzando-se com a Rua Duque de Caxias, a do prolongamento desta última, mas na zona sul da cidade e nas proximidades da barragem que forma o lago Igapó, onde se construiu o Conjunto habitacional denominado Jerumenha e, principalmente, o lixão atrás do aeroporto.

Muitos acreditam que tal lixão, atrás do aeroporto, tenha se iniciado em seguida a construção do mesmo. Por volta de 1954. Porém, não encontrei registros para documentar tal afirmação.

Mas foi este lixão que deu mais preocupação para os administradores da cidade de Londrina pois no mesmo eram depositados, misturadamente, lixos das mais diferentes espécies e origens. (Doméstico, industrial, materiais sólidos, etc. inclusive o proibitivo lixo hospitalar). Por consequência, originando preocupantes chorumes que alcançavam os córregos mais próximos e pelos mesmos chegava-se ao próprio Rio Tibagi. Assim, todas as administrações municipais, um pouco anteriores à do José Richa, (bem como a dele própria), se preocuparam com tal fato.

Podia-se afirmar que por volta de 1954/55, (final da Administração de Milton Menezes e início da Administração de Antonio Fernandes Sobrinho), a municipalidade se preocupou com o lixão nas proximidades do cruzamento da BR-369 com a rua Duque de Caxias. Para tanto concedendo autorização para que ali se instalasse, mas nas proximidades e não no mesmo local, uma empresa denominada Sanurbe. Cujas atividades principais seriam separar o lixo orgânico e com o mesmo produzir adubo. E neste sentido, iniciou funcionamento produzindo adubo orgânico. Sabe-se que uma outra empresa também passou a produzir o adubo orgânico. A Aduborgan. Ou tal produto era da própria Sanurbe?

No entanto, com o decorrer dos meses a região toda, mas nas proximidades, infestou-se de mosquitos o que provocou fortes reclamações junto ao Poder Municipal. Com isso, cassando-se a licença para funcionamento de tal empresa. Também, com o decorrer dos anos, mas paulatinamente, foi-se eliminando o lixão existente onde hoje é o conjunto Jerumenha. No prolongamento da Rua Duque de Caxias e nas proximidades da atual barragem do Lago Igapó.

Com isto, resultou, como lixão preocupante, o existente atrás do aeroporto que, por sua vez, crescia, formidavelmente, ano a ano. Em vista da presença do chorume, (líquido proveniente da decomposição de matéria orgânica presente no lixão), surgiram os primeiros casos de contaminações o que passou a preocupar as Administrações

municipais. Produto este, altamente prejudicial a saúde das pessoas, também contaminador de vegetação bem como poluidor de córregos, riachos e rios propriamente ditos. Com isto, extinção da vida orgânica e animal. Por consequência, a do próprio ser humano. Daí o fato do Prefeito José Richa ensejar na sua campanha eleitoral envidar esforços para solucionar tal problema.

Anos depois, na Administração do Prefeito Luis Eduardo Cheida, o mesmo também se preocupou com isso, tendo sido uma das suas preocupações da campanha eleitoral. Assim que se viu eleito, voltou sua atenção para o problema do lixo ao mesmo tempo para uma ocupação melhor da mão de obra de parte dos mais humildes da cidade. Como conjugar isto da melhor forma? Neste sentido, convocou a comunidade londrinense, Clubes de serviços, estando aí o nosso Rotary Clube Londrina Norte e o Clube de Engenharia de Londrina, dentre outros, para discussão sobre a melhor forma e maneira de viabilizar tal intento.

Representando o Clube de Engenharia e o nosso Clube Rotário – Londrina Norte, me fiz presente. Pouco tempo depois, o Presidente do nosso Clube, o José Mario Marcantônio de Oliveira somou-se conosco, presencialmente, em todas as reuniões que haviam.

Embora para o Prefeito Cheida fosse uma mesma coisa diante da finalidade, a nosso ver não era. No entanto, para todos nós, era perceptível a boa intenção do Prefeito. Na visão do mesmo, a sua intenção era instalar um grande galpão, onde o lixo doméstico, coletado pelos caminhões da Prefeitura, seria recepcionado num Galpão e através de uma esteira rolante horizontal, sobre uma longa mesa, ia- se separando o lixo segundo suas naturezas e por pessoas alocadas para tanto. Preferivelmente, por pessoas de baixo poder aquisitivo. Fato que se ajustava ao seu pensamento. E, neste sentido, a cidade de Londrina possuía excessos de lixo doméstico.

Evidentemente, haviam discordâncias desse posicionamento do mesmo. No entanto, era visível para todos nós a boa intenção e vontade

do Prefeito Municipal. Prevaleceu a vontade do mesmo. Com isto, ficou instalada e funcionando esta experiência do Prefeito. Em outras palavras, uma usina separadora do lixo principalmente doméstico. Muito embora houvesse também lixos de outras naturezas no material que aí chegava. No entanto, o próprio tempo demonstrou a incipiência daquela experiência. Pois, na verdade, a cidade de Londrina já produzia uma enorme quantidade de lixo e das mais variadas naturezas.

Portanto, a exigência para instalação de um complexo sistema para coleta, transporte, deposição, seleção e tratamento do lixo que a cidade, como um todo, produzia.

Participando da Campanha Eleitoral do José Richa, (no grupo de Conselheiros e Instrutores), este assunto viu-se abordado. Mas que também fora o mesmo assunto quando participamos da Campanha do João Olivir Gabardo que acabou não vencendo o pleito eleitoral e sim o médico Dalton Paranaguá. Também do MDB.

Assim que o José Richa assumiu como Prefeito, (diante de todos nós que éramos seus Secretários Municipais), o mesmo ensinou que gostaria de encontrar uma Solução Técnica, mas também econômica para a municipalidade quanto ao problema do lixo atrás do aeroporto. Nesse sentido, designando o José Roberto Ewbank, (Secretário dos Serviços Urbanos), para encaminhar alguma solução para o problema. Igualmente, quanto a viabilização de uma sinalização de tráfego melhor e mais eficiente para a cidade. Neste último sentido, já nos meses seguintes a Administração Richa conseguiu encaminhar este problema.

Na sequência, o José Roberto Ewbank visitou algumas cidades importantes do Estado de São Paulo. Porém, todas organizadas e disciplinadas pela Secretaria do Meio Ambiente desse Estado. Diante disso, o José Roberto Ewbank, por iniciativa própria, dirigiu-se a cidade de São Paulo e foi a tal Secretaria. Onde foi recepcionado pelo Diretor Presidente da mesma. O Engenheiro Werner Eugenio Zulauff.

Ao falar que era de Londrina, o Werner, (nosso antigo companheiro, meu e do Richa, na Casa do Estudante Universitário em Curitiba), apresentou-se dessa forma. O que descontraíu o ambiente. Ao mesmo tempo, (mas após ouvir a explanação do Ewbank), dispôs-se a vir, pessoalmente, a Londrina pois era muito amigo do Richa. Mas para tanto, a fim de que o município de Londrina não tivesse nenhum gasto, era preciso convite oficial de parte da Prefeitura de Londrina. O que foi feito. Quando o Werner chegou, fomos recepcioná-lo.

Após instalado, levamos o Werner ao local do lixão. Atrás do Aeroporto. Ficou horrorizado. Nas palavras do mesmo, como era possível que uma cidade tão importante como Londrina, tivesse aquele lixão? Na sequência da inspeção, não lhe foi difícil detectar o chorume. Na ótica do mesmo, um crime. E neste sentido, elencou uma série de punições decorrentes disso no próprio Estado de São Paulo aos dirigentes municipais e demais responsáveis correlatos.

Na sequência, o Richa perguntou-lhe qual a solução para tanto?

A resposta foi no sentido de eliminá-lo imediatamente.

Mas sendo eliminado, qual a solução alternativa? Pois a coleta do lixo, diariamente, era bastante volumosa. A Werner, então, deu-nos uma aula sobre o assunto. Primeiramente, o que era lixo, suas naturezas, processos de coleta separadamente para cada tipo, bem como deposições separadas segundo as suas origens, tipos de lixo, reaproveitamentos possíveis e tantas coisas mais. Mas que o Estado de São Paulo já vinha procedendo dessa forma.

Nas nossas cabeças, impossíveis de acontecerem na própria gestão do Richa. Razão pela qual o mesmo tomou algumas providências mas não chegou a encaminhar uma solução efetiva para o problema. Mesmo assim, o Werner colocou-se para uma ajuda efetiva. Mas que envolveria substanciais recursos econômicos de parte da municipalidade para tanto. O Ewbank tomou algumas “ações” mas não conseguiu resolver o problema. Tampouco conseguiu encaminhar uma solução efetiva.

Tempos depois, deixei a equipe do Richa e retornei à minha atividade privada. A nossa empresa construtora também possuía algumas obras no interior do Estado de São Paulo. A maioria delas, reformas de agências bancárias tendo o Bradesco e o Itaú, como nossos clientes.

Executando a Reforma da Agência Bancária da cidade de Ribeirão Preto, precisamos de um bom mestre de obra. Pesquisando na cidade, selecionamos um cidadão que nos pareceu apto e competente para assumir as funções de Mestre de Obra. Havia, já de início, um volumoso serviço de demolições. O próprio mestre de obras compôs toda a equipe de trabalho bem como a instalação do canteiro de obras e iniciou os serviços. Como sempre foi nosso costume, diariamente telefonávamos para o mesmo no sentido de nos inteirarmos do que estava sendo executado.

Quinze dias depois, me fiz presente ao local. Realmente já houvera uma enorme demolição. Porém, a obra encontrava-se praticamente limpa e organizada. Ao mesmo tempo, me chamou atenção a presença de várias caçambas para coleta de entulhos. Organizadas segundo as naturezas dos mesmos. Numa delas, restos de alvenaria e concreto bem como argamassa, noutra vidros, numa outra restos de ferros e esquadrias, etc.etc. Da mesma forma, existiam baías separadas uma da outra por madeira onde continham latas, restos de fiações elétricas e eletrodutos, canalizações hidráulicas, etc. etc. Até mesmo para recepção de madeiras e resto de árvores. Fato que me chamou atenção. Em vista disso, o parabenizei.

No entanto, ele respondeu-me que naquela cidade tal fato era uma exigência da municipalidade. Por outro lado, também uma exigência da empresa coletora de resíduos pois caso não se apresentassem reunidos e organizados daquela forma, tal empresa não transportaria tais resíduos. Também, não nos entregaria os comprovantes de recebimento dos mesmos. Condição necessária para consecução do Habite-se da Obra.

Em vista disso, fomos ao local receptor de tais resíduos. Era na verdade uma usina de recepção e tratamento do Lixo segundo as suas naturezas. Fato novo para mim pois no Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina, etc. isto não existia. Ao menos naquela época.

Anos depois, talvez por volta de 2007, Administração do Prefeito Nedson Micheleti, o mesmo envolveu-se na enorme tarefa para solução do lixo e outros existentes na cidade. Para tanto, contratou uma empresa especializada nesta área para efetuar um estudo, apresentar uma solução bem como estimar os custos. Definida tal empresa, (ao que nos consta uma empresa Consultora e de fora do Paraná), os serviços foram iniciados.

A conclusão foi praticamente o que já existia, desde há anos, e funcionando no Estado de São Paulo. Por sua vez, a Prefeitura, como sempre foi seu costume, convocou os Clubes de Serviços da cidade, entidades de classes, associações de moradores, etc.etc. a fim de participarem de tal discussão. No bojo disso, eu José Pedro, acabei participando. Porém representando o Rotary Clube Londrina norte e o Clube de Engenharia.

Quando tal Consultora apresentou sua conclusão e opção, ao mesmo tempo surgiu a ideia, (de parte da mesma), de reservar para si a tarefa de classificar e definir o tipo de resíduos bem como quanto ao destino do mesmo. Condição imprescindível para o bom controle da destinação e recepção do lixo da construção civil. (Muito embora no bojo disso estivesse lixos de outras naturezas e procedências).

Fato que nós do Clube de Engenharia discordamos pois já havíamos efetuado reuniões para tanto assim que detectamos que tal Consultora pouco nos ouvia. Neste sentido, sempre acentuei como procediam as cidades do Estado de São Paulo. Muito mais prático e objetivo e sem necessitarmos pagar alguma consultoria para o bom encaminhamento do lixo da construção civil. Prevaleceu nosso ponto de vida.

Pouco tempo depois, mas em função da conclusão da Consultoria e aprovação de parte da Administração do Nedson Micheleti, surgiu um interessado para construção de uma usina receptora. Que se denominou Kurica. Propondo-se a coletar os resíduos da construção civil, (bem como outros), transporta-los, recepcioná-los e tratá-los. Também, fornecer os atestados de recebimentos segundo as naturezas dos mesmos. Com isto, permitindo-nos elaborar, para cada obra, um bom Plano de Gerenciamento de Resíduos.

Para tanto, propondo-se a construir, recepcionar, administrar e funcionar, tais unidades receptoras e de tratamento bem como a destinação final.

Com isso, em 2008, coube a nós da empresa Regional Planejamento e Construções Civis Limitada a pertinente construção de todas as unidades receptoras, de tratamento bem como destinação do lixo da construção civil e outros. (Central de resíduos sólidos da construção civil. Setor da compostagem da madeira. Britador para resíduos sólidos. Setor de recepção e reciclagem pertinente a grandes geradores. Setor pertinente ao lixo hospitalar).

Com isto, a eliminação possível do antigo Lixão localizado atrás do aeroporto e que foi motivo de preocupação para tantas gestões municipais.

AS FANFARRAS DOS COLÉGIOS EM LONDRINA

Londrina, desde os idos de 1940, sempre foi pródiga no que tange ao funcionamento das fanfarras existentes nas escolas da cidade. Com bastante segurança, podemos afirmar que a primeira fanfarra que ficou constituída na cidade foi a do Colégio Londrinense. Fato que aconteceu ainda na década de 1940. Pois em abril de 1946, por ocasião da inauguração do prédio do Colégio Estadual de Londrina, a mesma se fez presente para homenagear as autoridades estaduais e municipais que se fizeram presentes em tal ato. Mas que já era corriqueiro para a mesma pois, além da comemoração tradicional do sete de setembro, (com o desfile de alunos), sempre participava das reuniões festivas e comemorativas da cidade.

Acredita-se que, por ocasião da visita do Presidente Getúlio Vargas a Londrina, (1943), isto já tivesse ocorrido.

Assim, em 1946, conforme acima registrado, a fanfarra do Colégio Londrinense já não era mais pequena e sim destacada. Por sua vez, o Tiro de Guerra da cidade, (entidade militar em Londrina), já possuía sua fanfarra a fim de permitir desfiles militares ou presença em atos públicos. Mas era constituída por poucos instrumentos. Cornetas, tambores e caixas, apenas.

Porém, ainda um pouco antes de 1950, já era visível a fanfarra do Colégio Estadual de Londrina, (atualmente Colégio Marcelino Champagnat), pois os alunos deste colégio acabaram se envolvendo numa enorme campanha para aquisição de muitos instrumentos. Cornetas, trombones, caixas e tambores.

Com isso, já no início de 1952 era visível que a fanfarra do Colégio Estadual de Londrina já provocava disputas por ocasiões dos desfiles escolares. Principalmente, por ocasião do desfile de Sete de Setembro. Porém, o real incentivador desta fanfarra era o Professor de Educação Física, Vitorino Gonçalves Dias. E, neste sentido, costumeiramente

a treinava muito. Mas podia-se afirmar que o mesmo também fora, anteriormente, professor do Colégio Londrinense. Além da fanfarra o mesmo se dedicava muito à prática do Basquetebol. Como fora professor do Colégio Londrinense, podia-se afirmar que o time de basquete de lá era melhor que a do Colégio Estadual.

No entanto, tais alunos após formados, constituíram diversos clubes de basquete amador na cidade de Londrina, Fato que destacou este esporte não só na cidade como em toda a região.

Em 1953, a fanfarra do Colégio Estadual já era enorme podendo-se afirmar que seria maior que a do Colégio Londrinense. Neste ano a fanfarra do Colégio Estadual obteve o melhor destaque no desfile escolar o que provocou aumento imediato do número de instrumentos da mesma numa destacada campanha para arrecadação de fundos.

Porém, em 1954, o Professor Vitorino Gonçalves Dias faleceu vitimado em decorrência de uma mordida de cachorro louco. Fato que provocou uma comoção na cidade.

Em seu lugar assumiu o destacado aluno e componente da mesma, o Francisco Specian, anos depois formado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná em Curitiba. O Specian já de início deu a mesma continuidade tanto nos exercícios como na aquisição de equipamentos. Com isso, já em 1956 passou a ser considerada maior que a do Colégio Londrinense. Por consequência, a maior do Paraná.

Porém, era uma disputa entre as mesmas e que não tinha fim. Neste ano, ocorreu a comemoração do aniversário do Professor

Lauro Pessoa. Então Diretor do Colégio Estadual de Londrina. Conforme combinado pelo Professor Mario Takahashi, todos os alunos do curso ginásial se reuniram no pátio do Colégio, por volta das 6,30 horas, e daí, em desfile silencioso foram até a casa do Diretor. Quando lá chegaram, cantaram “Parabéns a Você. O que provocou a saída do mesmo na janela, ainda usando pijama, e chorou de emoção.

Veio o Sete de Setembro e a Fanfarra foi o destaque do desfile. A mesma vibrava, tocava e batia fortemente, num barulho ensurdecedor.

Ao mesmo tempo, comemorando o vencimento da Maratona Cultural, da qual participei, promovida pela Folha de Londrina. O barulho da mesma era enorme provocando vibrações sensíveis, (porém não prejudiciais a ponto de causar danos), marcando o seu próprio terreno na cidade.

Em 1959, houve em Curitiba, uma competição entre as fanfarras mais destacadas do Paraná. Estando aí inclusas as fanfarras do Colégio Estadual do Paraná e a do Colégio Londrinense. Dentre outras. Neste sentido, diversas fanfarras do interior, com tal perfil, também se apresentaram. Foi uma difícil escolha para a Comissão Julgadora.

Vindo o resultado do julgamento, a fanfarra do Colégio Estadual de Londrina viu-se vencedora. Então, uma festa inolvidável.

OS SERVIÇOS DE ÁGUA E ESGOTO EM LONDRINA

Quando Londrina tornou-se município, 1934, a parte urbana habitada da cidade era muito pequena. Por consequência, a produção do lixo doméstico era muito pouca. Por sua vez, inexistia água encanada pois tirada de poços escavados na terra, sendo que os resíduos fecais contidos em fossas, dificilmente se diluíam satisfatoriamente. Com isso, a ponto de prejudicar a obtenção d'água que era através de poços. No entanto a cidade rapidamente crescia. Com isso, já em 1940, a população urbana londrinense alcançou mais de dez mil habitantes. Por sua vez, a cidade na sua parte mais alta como já dissemos, apresentou a presença de rochas a pouca profundidade. Mais visivelmente, na Avenida Paraná e sua vizinhança. Principalmente no trecho entre as ruas Baía e Rio de Janeiro e um pouco mais além. Região onde, igualmente, dificilmente se conseguia escavar um poço de água potável. Em vista disso, as inevitáveis contaminações.

Assim que as habitações passaram a ocupar tal área, inevitavelmente surgiu a necessidade de se obter água encanada bem como uma rede de esgoto. Quanto a água encanada de pronto ficou resolvido. Porém, quanto ao esgoto, pelo fato da quase impossibilidade de resolve-lo, pois uma das regiões consideradas mais altas da cidade, (com rochas praticamente aflorando), não se encontrou uma saída a não ser coletá-lo através de uma rede adequada. Porém, onde jogar-lo? Por sua vez, uma das regiões mais baixas da cidade situava-se há mais de quinhentos metros abaixo da linha férrea. Ou seja, a praticamente um quilômetro abaixo da Avenida Paraná. Local este onde existia uma várzea grande bem como um riacho que corria em direção ao leste. O riacho Coati. Por esta mesma razão, nos dias de chuva, grande parte da água pluvial coletada abaixo da Avenida Paraná corria para o mesmo local. Neste sentido, em poucos anos surgiram enormes erosões logo abaixo do local onde atualmente localiza-se o SENAI. (2024).

Quanto a canalização do esgoto coletado na região mais alta da cidade, rapidamente se resolveu através de uma linha constituída por manilhas de barro. Com isto, possibilitando que o esgoto coletado na parte mais alta da cidade fosse conduzido para aquele local onde misturava-se com a água do próprio ribeirão Coati e através do mesmo seguia em direção ao leste. Porém, sem existir algum sistema de decantação do esgoto e separação do efluente em relação ao esgoto propriamente dito. Pois a própria engenharia no país já permitia tal solução. Principalmente, as preconizações recomendadas pelo notável sanitarista Saturnino de Brito. No entanto, anos mais tarde, foram as águas deste ribeirão que possibilitaram o recebimento do efluente da Estação de Tratamento de Esgotos de Londrina. Fato que ocorreu na década de 1960.

Mas naquela época, por volta dos anos de 1940, já se conhecia pela engenharia sanitária que a construção de um Tanque Imhoff, bem dimensionado, para coleta e deposição preliminar do esgoto naquela posição do Ribeirão Coati, (mas antes do mesmo), conjugado com um leito de filtragem do efluente em seguida, (muitas vezes também denominado leito de secagem), permitiria que a qualidade do efluente para o Ribeirão Coati fosse significativamente melhorada.

Porém, nessa época, 1940, nem Companhia de Terras, (responsável pela venda de lotes), nem Prefeitura, (talvez por não dispor de técnicos para tanto), conseguiram ao menos minimizar tal problema. Problema que igualmente passou a ocorrer em outras cidades que estavam também se iniciando na região. A verdade é que por volta de 1946/1947, passou a ocorrer uma epidemia de tifo. Fato que atingiu meu pai, (Aristóteles Belo da Rocha), quando morávamos em Rolândia.

A medida que os lotes urbanos foram ocupados e habitados, surgiu o problema da coleta e deposição das águas pluviais. Mas que rapidamente foi resolvido através da execução de galerias de águas pluviais, pois Londrina, geograficamente, possuía várias alternativas

para tanto. Uma delas, também lançando tais águas pluviais no mesmo córrego.

No entanto, por volta do início dos anos de 1950, a cidade viu-se diante de enorme problema pertinente a coleta e abastecimento de água tratada para a cidade. Igualmente, já se necessitava de uma expressiva rede de esgotos e o consequente tratamento do mesmo.

Agora, Londrina já contava com dois problemas. Um deles, a falta de água potável pois as antigas minas e riachos de captação não mais tinham condições de vazão para atendimento à população da própria cidade que já havia ultrapassada cinquenta mil habitantes. Sendo que a do município situava-se na casa dos setenta mil. Porém onde buscar água? Os primeiros estudos indicaram a captação do Ribeirão Cafezal. Não muito distante do centro da cidade. Mas avaliado com vazão compatível com as necessidades da cidade. Em vista disso, decidiu-se pela captação de águas do mesmo e, através de uma adutora, levar tais águas para uma Estação de Tratamento a fim de permitir a real distribuição para a população.

Igualmente, a administração municipal se preocupou com a rede de esgotos e o tratamento do mesmo pois imprescindível.

Em vista disso, foram elaborados todos os projetos para tanto. Disso resultou um vultuoso custo que a municipalidade, de per sí, não tinha condições de atender. Daí, resultou a ideia de se captar recursos da própria população londrinense. Através da emissão das Apólices da Dívida Pública. (Certamente a própria municipalidade mais o Governo Estadual também participariam). Mas o que eram tais Apólices da Dívida Pública? Era um Certificado de uma obrigação financeira emitido de parte da municipalidade londrinense perante os compradores das mesmas, resgatáveis num determinado tempo com juros de mercado. Para tanto, tais emissões de parte da municipalidade recebeu a devida autorização da Câmara de Vereadores o que permitiu a venda e negociação das mesmas perante a população londrinense. Em 1957, então com dezessete anos idade, fui admitido na Prefeitura Municipal de Londrina para cuidar somente este setor pois, além de

ser bom datilógrafo, já cursava o denominado Curso Científico. Muito aprendi. Mas já era costume jovens da minha idade, com o mesmo nível escolar, exercerem destacadas funções em estabelecimentos comerciais ou escritórios de profissionais com formações acadêmicas nas mais diferentes áreas.

Em 1951, foi eleito Prefeito da cidade o cidadão, advogado, Milton Menezes que já encontrou a regularização e emissão das Apólices da Dívida Pública. O mesmo era mineiro, tinha trinta e cinco anos de idade por ocasião da sua eleição, advogado, formado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo e veio para Londrina ainda na década de 1940. Onde se destacou na comunidade. A ponto de ser eleito Prefeito Municipal.

Embora tais Apólices da Dívida Pública tivessem sido aprovadas e, possivelmente, emitidas anteriormente, foi o mesmo que se empenhou junto a comunidade londrinense para a real venda e negociação das mesmas. Com isso, a viabilização de recursos para a execução do notável plano de abastecimento de água, captação, tratamento, reservação e distribuição da mesma. Da mesma forma, com relação ao esgoto.

Elaborados todos os projetos, (notáveis tecnicamente em todos os sentidos), designou o engenheiro Amilcar Neves Ribas, formado em Curitiba, como responsável, bem como executor, para a construção desses dois sistemas. Água e esgoto. Com respeito ao sistema pertinente a Estação de Tratamento de Esgotos, ressalte-se que a elaboração dos notáveis projetos deveu-se a empresa Paulistana Degremont Reim. Então um sistema tipo “carroussel” destacando-a não só no Brasil mas também mundo afora.

Com relação ao sistema de captação, tratamento, reservação e distribuição de água, o mesmo, iniciado ainda em 1951, somente viu-se concluído em 1959. Gestão do Prefeito Fernandes Sobrinho. Quanto ao sistema de coleta, distribuição e tratamento de esgotos, o mesmo viu-se concluído por volta de 1964/65. Ocasão que já existia

o Serviço Autárquico de Saneamento de Londrina, então dirigido pelo engenheiro Arvid Ericsson. Um dos melhores técnicos nesta área e que passaram por Londrina.

Anos depois, final dos anos de 1960, início dos anos de 1970, Gestão do Prefeito Dalton Paranaguá, novamente Londrina passou a necessitar de mais água para o devido atendimento a população londrinense. Pois seu crescimento, como núcleo urbano, já houvera ultrapassado todas as expectativas e não havia previsão que pudesse paralisar.

Mas, agora, onde buscar mais água? Pois nenhum ribeirão nas proximidades da cidade poderia se somar ao Cafezal. Em vista disso, surgiram na cidade duas correntes.

Uma delas, defensora da extração de água do Aquífero Botucatu. (Subterrâneo). Então o maior aquífero subterrâneo do mundo e que também atinge Londrina e região. Porém, a grande profundidade. Portanto, com alguma dificuldade e custos elevados.

Outra, defensora, da captação de água do Rio Tibagi então localizado não muito longe da cidade e facilmente alcançável utilizando-se da antiga estrada do limoeiro que se inicia logo após o aeroporto local. No entanto, já nessa ocasião predominavam grandes lavouras com utilização intensiva de herbicidas ou inseticidas. Portanto, com inegáveis e possíveis prejuízos a saúde da população londrinense.

Diante disso, optar por qual vertente? Sabiamente, o Prefeito Dalton Paranaguá convocou o notável sanitarista Enaldo Cravo Peixoto, (que se notabilizara pela captação e tratamento da água do Rio Guandu no Rio de Janeiro), para as devidas análises e sugestões. Vindo a Londrina, analisada a questão juntamente com a comunidade londrinense, bem como Clubes de Serviços a Comunidade, Clube de Engenharia, ao qual eu fazia e faço parte, Associação Médica, Odontológica, políticos, etc.etc. o mesmo optou pela captação de água do Rio Tibagi e neste sentido efetuou longo arazoamento técnico. Porém uma solução onerosa e que o próprio município de Londrina não tinha condições econômicas, (mas também técnicas), de ingressar.

Diante disso, o assunto não avançou. Pois também a opção pelo Aquífero Guarani igualmente era onerosa.

Veio, na sequência, o Governo do Prefeito José Richa, do qual eu também fazia parte na condição de Secretário Municipal. Dirigindo o Pavilon. Época que se discutia, (mas orientado pelo Governo Federal, na época militar), que todos os Estados da Federação deveriam possuir apenas um órgão disciplinador e executor das obras de abastecimento de Água bem como de coleta e tratamento de esgotos. No Paraná já existia a Sanepar. Porém, a maioria dos municípios possuíam seus próprios serviços locais. Quanto a Londrina, o Serviço Autárquico de Saneamento, dirigido pelo engenheiro Augusto Ericssen, era orgulho para a cidade. Pois este técnico, praticamente de per sí, (devido as suas destacadas participações e atuações em Congressos Nacionais de Saneamento), projetara a cidade de Londrina a nível nacional nesta área. Com isso, a própria cidade de Londrina passara a relutar contra a entrega do SAS à Sanepar.

Porém, mas na minha opinião, o Richa foi um dos melhores políticos que a cidade de Londrina já teve. Através desta habilidade política, o SAS viu-se entregue a Sanepar com a devida concordância de toda a classe política da cidade. Sem nenhum questionamento.

Com isso, anos depois, mas já na gestão do Governador Alvaro Dias, foram efetuados todos os projetos pertinentes a captação de água no Rio Tibagi, Tratamento, Reservação e Distribuição. Por consequência, licitados, construídos e operacionalizados.

Agora, 2024, com população mais de seiscentos mil habitantes, novamente Londrina precisa ampliação desse Sistema de Abastecimento de Água. Porém, pertinente as Estações de Tratamento, Reservações e Distribuições. Igualmente, no que tange ao Esgoto. No entanto, a Sanepar atualmente, (2024), é uma empresa de economia privada cuja sede e em Curitiba. Portanto, não sendo municipal, como a municipalidade irá pressiona-la para a urgente execução de tais serviços?

OS TRADICIONAIS ‘FOOTINGS’ QUE OCORRIAM NOS FINAIS DE SEMANA EM LONDRINA

A partir dos meados dos anos de 1940, mas após o calçamento da Avenida Paraná, iniciaram-se os tradicionais “footings” nos finais de semana. Geralmente, nas noites de sábados e domingos. Mas também ocorriam por ocasiões de feriados. Principalmente quando o tempo e o clima permitiam. Podia-se afirmar que nestas ocasiões existiam atores e expectadores. Os atores eram geralmente as pessoas, geralmente moças e moços, que, em grupos, percorriam a Avenida Paraná desde as proximidades da Rua Pernambuco até o Cine Ouro Verde e vice versa. Sempre me pareceu que a finalidade principal de tal movimentação dos moços era iniciar os primeiros “flertes e namoricos”. Os expectadores, na sua maioria eram pessoas adultas, até mesmo numerosas famílias, que se postavam em ambos os lados da Avenida Paraná, somente para apreciar e comentar tal movimento. Neste sentido, muitas famílias chegavam a trazer consigo cadeiras leves e fáceis de serem montadas e desmontadas para um melhor conforto. Muito embora, a maioria dos que ali se postavam, ficassem em pé. Ao mesmo tempo, tais famílias, ou pessoas, também formavam naturais e costumeiros grupos que automaticamente se encontravam e se reuniam no mesmo ponto ou região. A ponto de, com a continuidade deste procedimento, tornar-se costume.

No entanto, podia-se afirmar que na realidade era uma enorme multidão pois ambos os lados da Avenida Paraná, em todo aquele trajeto, encontravam-se ocupados. A partir daí, as conversas. Dos que se postavam nas calçadas, tinham as mais variadas finalidades e naturezas. Além de apreciar e comentar o movimento dos que efetivamente participavam do footing. Com isto, dada a marcante presença de muitos que efetivamente participavam do próprio footing, (simpatia, elegância na vestimenta ou forma de andar), resultavam

observações e comentários de parte dos que se postavam nas calçadas. Além disso, sobre os costumeiros afazeres domésticos. Porém, de parte dos homens, (geralmente maridos acompanhando a própria família), a conversa predominante era sobre negócios, algum fato excepcional ocorrido, e a política da cidade.

O meu pai havia falecido no final de 1951 e a partir de 1954 assistir tal “footing” tornou-se costume para nós. Pois nossa mãe Neolete, nos levava, (nós seus três filhos menores), para juntamente com a mesma, apreciar aquele movimento. Neste sentido, podia-se afirmar que invariavelmente nos dirigíamos para o mesmo local onde se postava o grupo de pessoas do nosso relacionamento. A meu ver, cada grupo de pessoas costumeiramente, e da mesma forma, aí se reuniam. Com isso, tornando-se uma pequena e costumeira comunidade. Alguns, (o nosso caso), levávamos copos de papel e água engarrafada pois isto sempre se fazia necessário. Geralmente o movimento, mas para nós, se iniciava por volta das oito horas da noite e as dez horas retornávamos. Mas a maioria das pessoas continuava no local e conversando.

Dos que efetivamente participavam do footing, tanto moças como moços, haviam os que se destacavam. Ou pela elegância, ou pela simpatia e até mesmo pela forma extravagante como se comportavam. Via de regra, era-nos perceptível os interesses e propósitos que haviam entre os mesmos. Mas ainda que não houvesse, inúmeros grupos se destacavam a ponto de identificarmos cada um nos dias costumeiros da semana. Principalmente, nos horários de trabalho.

Naquela época, ocorreram fortes geadas em todo o Norte do Paraná. Com isso, dizimando cafezais, a produção e a comercialização de tal produto. Mas também ocorriam períodos de alegria em razão das festas tradicionais na cidade. Natal, Ano Novo, Páscoa, período de férias escolares, etc.etc. eram marcantes.

Mesmo dentro daquele enorme número de participantes do footing, podia-se destacar determinadas pessoas. Principalmente, dadas as excentricidades dos mesmos. Dentre estes, podia-se apontar

um cidadão, educado, atencioso, possivelmente gaúcho, mas excêntrico pelas roupas que usava, (geralmente um mesmo terno, mas disforme, e gravata), e a sua forma de andar. Desengonçada e balanceando. Usualmente, com um grande chapéu na cabeça. Sempre participando do footing, indo e voltando desde o início até o fim do mesmo, e por esta razão notado por todos os que se postavam nas calçadas.

Em vista disso, de forma irônica, (embora não merecesse), alcunhado como “Prefeito da Vila Nova”. Mas que ele próprio nunca se importou e até ironizava. Com isto, tornando-se pessoa muito conhecida na cidade de Londrina. O que até motivou o jornal “Folha de Londrina” a referir-se ao mesmo.

AS REIVINDICAÇÕES CULTURAIS DA CIDADE DE LONDRINA

A cidade de Londrina, desde o início dos anos de 1940, sempre foi muito atuante nas suas reivindicações. Assim que se viu instalada como município, para tanto passando a existir administração própria, uma das primeiras reivindicações foi a necessidade de se instalar uma escola primária. Pouca gente fala sobre isto bem como seus primeiros professores. Porém, já na sequência, sendo Interventor no Estado do Paraná o Manoel Ribas, esta reivindicação chegou ao mesmo. Para tanto, originando-se daí, o Grupo Escolar Hugo Simas cuja construção, ao que sempre me pareceu, deveu-se aos irmãos, engenheiros, Beltrão. Também, a meu ver, decorrente de um projeto padrão elaborado pelo próprio Governo do Estado do Paraná de vez que a mesma construção se encontrava replicada em Iporã bem como em outras cidades do Paraná. Com isto, pouco tempo depois, acredito por volta de 1936, a mesma tenha sido iniciada e concluída um pouco mais tarde. Para tanto, assumindo a direção da mesma a Professora Mercedes Martins cuja família teria origem na região de Tibagi e Castro.

Por sua vez, seu irmão era médico, formado em Curitiba, e, da mesma forma, veio para Londrina tornando-se médico legista por muitos anos seguidos. Dr. Moacir Martins

Mas, segundo sempre se falou, a professora Mercedes Martins, iniciou suas atividades na pequena escola, em madeira, construída pela própria municipalidade de Londrina. Com a inauguração do Grupo Escolar Hugo Simas, tornou-se destacada professora e diretora do mesmo. Também, por muitos anos. A ponto de eu próprio, José Pedro, ter sido seu aluno no ano de 1951.

Há que se afirmar que por volta de 1936, surgiu o destacado Colégio Mãe de Deus. Em 1941, mais ou menos, surge o Colégio Londrinense. Porém, ainda incipiente e instalado numa casa de madeira

segundo muitos, localizada na rua Sergipe. Pouco tempos depois, é que se mudou para a Rua Quintino Bocaiuva, defronte a Praça Jonas de Farias Castro. Cidadão este que liderou movimento que originou tal estabelecimento. Com isso, resultando numa belíssima edificação, (para a época), de dois pavimentos, salas de aula, salas dos professores e administração, bem como uma bela fachada contemplada por uma elaborada escada de acesso que, de per sí, arquitetonicamente, destacava tal edificação. Teria, inclusive, laboratório para ensino de matérias como ciências, física e química. Além disso, uma sala para aparelhos de educação física bem como para deposição e guarda de materiais para uma “fanfarra” propriamente dita.

Até mesmo, nessa edificação, passou a funcionar o Curso para formação de Contadores, (então denominados guarda-livros). Igualmente, o Curso para atendimento ao artigo 91. (Ginásio em dois anos).

Por sua vez, desde o início, tal ginásio passou a contar com destacados e competentes professores que atendiam todas as matérias do currículo escolar preconizadas pelo Ministério de Educação tendo como modelo o Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro. O que igualmente ocorria para com os Ginásios Públicos em todo o país. Ressalte-se que por determinação do Governo Federal havia uma padronização do ensino no Brasil. Matérias e conteúdos escolares os mesmos.

No entanto, por ser Instituição de Ensino Particular, em seguida iniciaram-se as reivindicações dos londrinenses, junto ao Interventor Manoel Ribas, para construção de uma Escola para formação de professoras, (em seguida denominada Escola Normal), 1946, propriamente dita para atendimento não só a Londrina como a toda região. Até então, a maioria das professoras eram formadas em Curitiba ou em outras cidades. Para tanto, a necessidade de se possuir, primeiramente, o Curso Ginásial de vez que as alunas da Escola Normal necessitavam desse pré-requisito.

Razão pela qual, em algumas matérias do nosso curso ginasial no Colégio Estadual de Londrina contou-se com a presença de algumas dessas professoras normalistas. Ao menos, as mais destacadas. História e Geografia estavam nesse bojo muito embora contássemos com o notável advogado e Professor Olympio Westphalen também na área da História. Porém, no que tangia ao Curso Científico o Diretor da Escola, Professor Lauro Pessoa, sempre foi eficiente provedor de notáveis profissionais para tanto. Com isso, destacando tal Curso na cidade.

Na sequência, possivelmente ainda no ano de 1946, ficou concluída a notável construção do Colégio Estadual de Londrina, (atualmente denominado Colégio Marcelino Champagnat), onde estudei. Porém na década de 1950.

Mas, evidentemente, faltavam professores para lecionarem algumas matérias ginasiais e até mesmo do Curso Científico. Em vista disso, padres, médicos, farmacêuticos, engenheiros, Juizes, Promotores Públicos, e até mesmo Professores do Colégio Londrinense, eram convidados para suprir tal lacuna. Fato corriqueiro que ainda ocorria no meu tempo ginasial. Pois até mesmo o químico italiano, Giuseppe Miglione, pertencente aos quadros da empresa farmacêutica que existia na cidade, a Londrifarma, viu-se convocado para tanto. Com isso, além de aprendermos química, também aprendemos italiano pois o mesmo, por ser “recém chegado” na cidade, pouco entendia a nossa língua para poder se comunicar conosco em português. No entanto, excelente professor de química. Fato que muito me ajudou por ocasião do vestibular ao Curso de Engenharia pouco tempo depois.

Por sua vez, além de Londrina, toda a região no entorno da mesma, (ao menos as cidades mais destacadas), passaram a ter Ginásios Estaduais. Assim, cada cidade virava-se como podia. Ocasão que já funcionavam em Londrina ao menos duas emissoras de rádio. E os radialistas das mesmas eram severos, atuantes e até mesmo “grosseiros” para com as autoridades municipais e estaduais

na reivindicação de um melhor atendimento ao corpo docente desses Ginásios Estaduais. Observo que naquela época, a cidade de Londrina toda era viciada na audição de tais programas. Pois não existia televisão. Na sequência, mas ainda na década de 1950, iniciaram-se as reivindicações para criação de uma Faculdade de Filosofia em Londrina destinada a formação de professores dos Cursos Ginásial e Científico. Também, na sequência, a reivindicação para a criação da Faculdade de Direito. Fatos concretizados em 1957 e 1958. Ambas atendidas pelo Governador Moisés Lupion. Época que Londrina, inegavelmente, já era uma grande cidade. Sendo a população urbana em torno de sessenta e cinco mil habitantes ou um pouco mais.

Atendidas tais reivindicações, já de imediato surgiram, (inicialmente no seio da Associação Médica de Londrina e em seguida estendida para os clubes de Serviço da cidade, (Rotary e Lions), bem como Clube de Engenharia e Associação Odontológica, as reivindicações para se construir a Universidade do Norte do Paraná. Devido a este movimento, em 1962 o Reitor da Universidade Federal do Paraná, Professor Flavio Suplicy de Lacerda, instalou em Londrina, por uma semana, a Universidade Volante. Ocasão que ocorreram atendimentos em diversas áreas bem como destacadas palestras no Cine Ouro Verde. Dentre os Palestrantes, contou-se com o nosso Professor, Arquiteto Rubens Meister, (destacado Professor e Arquiteto), que orientou a cidade quanto ao que deveria ser realmente uma Universidade e seu pertinente Campus Universitário. Foi decorrente desta Palestra que anos depois foi criada a Universidade Estadual de Londrina e seu pertinente campus universitário. Fato que ainda a destaca aos dias de hoje. (2024).

Porém, entidades destacadas de ensino continuaram a ser criadas ao longo dos anos e até os dias de hoje. (2024). Escola primárias, ginásios, Colégios, Faculdades, Universidades, e até mesmo ensino a distância.

Londrina, os dias de hoje, é uma das cidades mais destacadas em todo o Paraná nessa área.

Mas podemos afirmar que desde os anos iniciais de 1950, (ou mesmo anteriormente), Londrina já possuía sua Escola de Música, (mais orientada ao ensino do piano), escola de ensino da pintura, escola de danças, (ballet), e a destacada, (se podemos afirmar dessa forma), Escola de Teatro que funcionava no palco da Radio Londrina. Então situada na Rua Goiás. Tal escola, na realidade, era o Grupo Permanente de Teatro de Londrina. Dirigida pelo cidadão, apaixonado por Teatro, Roberto Kohln, então destacado joalheiro e vendedor de óculos cuja loja situava-se na Avenida Paraná, defronte a Praça da Matriz.

Veza por outra ocorriam destacadas apresentações de Teatro na cidade. Via de regra, nas próprias dependências dos cinemas existentes. Porém, os atores pertenciam a destacadas Companhias de Teatro com origens em São Paulo ou Rio de Janeiro. Em vista disso, mas esporadicamente, também ocorriam apresentações teatrais realizadas por atores locais. Disso, resultou o desejo de se criar um Grupo Permanente de Teatro. Quando o Roberto Kohln se propôs a reunir e dirigir tal grupo, este fato se concretizou. Para tanto, denominando-se Grupo Permanente de Teatro de Londrina. Por sua vez, a própria Radio Londrina acabou disponibilizando seu auditório para tanto. Com isso, quase que de imediato surgiram os voluntários atores. Porém, o Roberto Kohln, como orientador e dirigente, era exigente e seletivo. Tanto na escolha das peças, como dos atores e atrizes. Disso resultou que pessoas das mais diferentes profissões, (mas desde que tivessem algum pendor e vocação para tanto), acabaram se apresentando. Dentre os mesmos, destacados profissionais liberais da cidade. Incluindo-se Juizes e Promotores dentre os mesmos. Fato que notabilizou o Grupo Permanente de Teatro na cidade.

Neste sentido, o Roberto Kohln geralmente escolhia as peças, os textos, bem como os atores que na sua ótica mais tinham pertinência com as mesmas. Ao mesmo tempo, os reunia, efetuava palestras sobre as peças escolhidas, relatava as histórias pertinentes, o objetivo e os

sentimentos que cada personagem deveria espelhar. Escolhidos os atores, cada um recebia a sua função bem como os textos a serem interpretados. A partir daí, diariamente, (mas a noite), começavam os ensaios. Quando o Roberto Kohl n concluía que a peça estava boa e em condições de ser levada ao público, marcavam-se as apresentações que por sua vez lotavam o palco e auditório da Radio Londrina.

Muitas dessas peças ficaram inolvidáveis à população londrinense. Porém, ao longo do tempo, o Roberto Kohl n teve de mudar-se para São Paulo. Com a ausência do mesmo, tal Grupo Permanente de Teatro declinou.

Mas podemos afirmar, ainda aos dias de hoje, que Londrina já possuiu a sua Escola de Teatro. A que nos referimos acima.

Daí a razão de eu próprio, (José Pedro da Rocha Neto), ter sugerido ao nosso Clube de serviços, (o Rotary Clube Londrina Norte), a criação da Escola de Belas Artes de Londrina no sentido de melhor aproveitamento da edificação da Biblioteca Pública de Londrina que se encontra paralisada, (na sua própria estrutura ainda em concreto armado), desde há muitos anos por falta de recursos governamentais. Sugestão encampada pelo nosso Clube Rotário de Serviço, mas que, evidentemente, necessita que o próprio Poder Público Municipal também encampe a mesma ideia.

Nessa Escola de Belas Artes poderiam funcionar, Escola de Teatro, Escola de Danças, Escola de Música bem como Escola de Pintura e também Escola de Escultura. Pois espaço para tanto, estacionamento, e até mesmo um pequeno anfiteatro já constam do projeto pertinente a Biblioteca Pública Municipal propriamente dita cuja construção encontra-se paralisada, apenas no esqueleto em concreto armado, desde há anos.

Atualmente, 2024, Londrina possui a Universidade Estadual de Londrina, Instituto Federal Tecnológico, Universidade Católica, etc. etc. Faculdades as mais diversas áreas bem como ensino a distância promovido por várias universidades do país. Igualmente o SENAI e SESC possuem distinguidos cursos superiores funcionando na cidade.

APRENDENDO A DANÇAR

Por volta de 1956, Londrina possuía, além do Colégio Estadual de Londrina que passou a funcionar por volta de 1947, (onde estudei), mais o Colégio Londrinense e o Colégio Mãe de Deus que já vinham funcionando desde o início dos anos de 1940. Na verdade, o Colégio Mãe de Deus começou a funcionar em 1936. Além destes, havia um novo Colégio, porém pequeno, denominado Colégio Nossa Senhora de Fátima. Em vista disso, anualmente, ocorriam as notáveis formaturas ginasiais.

Assim, quando se iniciou o ano de 1956, a nossa Turma Ginásial começou a preparar-se para a formatura tradicionalmente comemorada em dezembro de cada ano e antes do Natal. Mas para nós todos foi um ano belíssimo e excepcional. Primeiramente, há que se falar que tradicionalmente era por ocasião da quarta série ginásial que se iniciavam os primeiros namoricos propriamente ditos. Evidentemente, sempre existiram os “precoces” que independiam da idade ou do pertinente ano escolar.

Mas foi por ocasião da quarta série ginásial que constituímos uma Chapa para concorrermos ao “Grêmio Estudantil Lisímaco Ferreira da Costa” pertinente ao Ginásio Estadual de Londrina cuja finalidade era defender os alunos, programar festas, etc.etc. Mas como nenhum de nós possuía dezoito anos de idade, (a fim de responsabilização de conta bancária), encontramos na turma da noite o Elias Aborihan que se dispôs a encabeçar tal Chapa na condição de Presidente. Aprendemos a fazer proselitismo político, a efetuar campanhas, a discursar nas salas de aula a fim de cooptarmos mais companheiros. Ao mesmo tempo, cabendo a essa entidade, promover as festas juninas de São João e São Pedro tradicionalmente realizadas na quadra de basquete do Colégio.

No entanto, muitas companheiras nossas, como já era o costume, passaram a comemorar seus aniversários, via de regra como

sendo de quinze anos, o que, de per, sí era uma grande festa para cada aniversariante. Evidentemente, em cada festa havia um baile. Ainda que tais festas tradicionalmente fossem comemoradas nas próprias residências das mesmas. Evidentemente, as famílias que possuíam mais posses econômicas, realizavam em ambientes mais destacados. Mas, independentemente de serem realizadas em ambientes domésticos ou clubes sociais, eram os locais onde as mesmas nos ensinavam a dançar. Assim, participando de tais festas de aniversário, em pouco tempo aprendemos a dançar. As músicas evidentemente eram a valsa, (com vistas a formatura), o bolero, o samba, a rumba, etc. Evidentemente, as chamadas músicas para danças de salão e daquela época. Principalmente, pertinentes as grandes orquestras. Pois ainda não existia o “rock” nem tampouco outros ritmos que surgiram anos depois.

Mas, inegavelmente, existiam antigas e famosas músicas dos anos de 1940 que, por serem altamente sentimentais, nos marcaram. Também, porque, naquela época, sendo festas caseiras, predominava a utilização de discos de vinil naquelas radiolas caseiras. Muitos desses bailinhos realizados nas próprias garagens dos veículos automotores. Mas que resultavam em inesquecíveis danças. Ao menos para mim.

Por outro lado, haviam na cidade, semanalmente, inúmeras outras festas, iguais ou semelhantes, porém pertinentes a alunos de outros Ginásios não existindo seleção prévia de convidados. A própria cidade de Londrina, dado ao seu tamanho naquela época, ensejava o conhecimento de tais festas e, com isso, todos aceitos. Mas desde que tivessem bom comportamento, aparência pessoal e algum relacionamento com alguém da festa. Com isso, no decorrer dos meses, a maioria de nós aprendemos a dançar.

Assim, quando ocorreram as tradicionais festas juninas, na quadra de esportes do Colégio Estadual de Londrina, a maioria de nós já sabia enfrentar uma pista de dança e convidar alguma moça para dançar. As danças denominadas “quadrilhas” contavam com a

participação da maioria de nós e nem era preciso saber dançar para tanto. Ocasões que ocorriam os casamentos “caipiras” e que ficaram indelévels na memória de todos nós até a data de hoje. (2024).

Geralmente era o Gensei Fokama, conduzindo uma carroça do seu próprio sítio, puxada por um enfeitado cavalo, que trazia a noiva. O mesmo era mais velho que nós e pertencia já ao Curso Científico. Mas gostava daquela brincadeira. O noivo era trazido dura e fortemente por várias pessoas. Sempre resistindo ao casamento, esperneando e gritando me larguem eu não quero casar. Portanto, trazido a força à presença do Padre, (então outro companheiro nosso), onde já se encontrava a noiva.

Porém, a figura do companheiro Alaôr Sêncio Paes, (então o noivo), era altamente hilariante. (Daí a maioria de nós nunca termos esquecido a sua imagem como noivo). Ele gritava, que não queria se casar, resistia, muitas vezes fugia, o que obrigava uma correria atrás do mesmo, chorava alto, o que provocava risos da totalidade dos ali presentes diante daquela palhaçada. Meia hora depois de tanta “fuzarca” o padre finalizava o casamento. Mesmo assim, o Alaôr resistia subir na carroça juntamente com a noiva. Era uma festa.

Inesquecível para mim, foram as danças havidas em tal festa junina. Principalmente, dançando com uma das companheiras ginasiais, a música “Os pobres de París”. Uma música francesa, ligeira e que se dançava praticamente sem tirar os pés do chão.

Tais festas continuaram da mesma forma no segundo semestre daquele ano. O que culminou com a notável festa de formatura no salão de danças do Clube Grêmio Literário e Recreativo de Londrina. Então, no terceiro andar do próprio prédio da antiga Associação Comercial de Londrina. Ao lado do prédio da antiga Prefeitura Municipal de Londrina.

O ano seguinte, (mas já no Curso Científico), da mesma forma ocorriam as tradicionais tardes dançantes promovidas pela ULES, (União Londrinense de Estudantes Secundários), nas tardes

domingueiras e no mesmo salão de bailes do Grêmio. Agora sempre com a participação da tradicional orquestra do próprio Grêmio, denominada Gervásio e sua Orquestra. Ao mesmo tempo, contando com excepcional cantor, o Faissal, que nunca deixava de lado a canção “Estranho no Paraíso”.

Porém, nestas tardes dançantes, dificilmente contávamos com as nossas ex-companheiras da turma ginásial pois a maioria dos participantes, agora, já eram mais velhos que nós. Com isso, passávamos a dançar com moças que, de forma alguma, tinham interesse em dançar conosco. Já era um outro ambiente e um outro interesse. Agora, de parte das mesmas, realmente conhecer algum namorado, (a), com fins mais sérios. Não era, ainda, o nosso caso. Mas dançando com as mesmas, já então excelentes dançarinas, ao longo do tempo tornamo-nos igualmente bons na dança. A ponto de começarmos a frequentar os tradicionais jantares dançantes do Londrina Country Clube no que contávamos sempre com a ajuda do Nelson Sahyun, nosso companheiro da turma ginásial, (então o real sócio desse clube), para podermos adentrar e participar de tais jantares dançantes.

No entanto, a fim de me facilitar tal fato, tornei-me sócio atleta deste clube. Para tanto, aprendendo jogar tênis. Ao mesmo tempo que iniciei o Curso de Datilografia pois o Curso Científico era lecionado a noite nas mesmas dependências do Colégio Estadual.

Porém, nos meses seguintes, mas após concluído o Curso de datilografia, minha mãe Neolete conseguiu que o engenheiro Celso Alvares Gomes me contratasse como aprendiz em seu escritório. Como era o costume na época. Gentilmente, o mesmo atendeu a solicitação de minha mãe. Porém, o mesmo possuía muitas obras e dificilmente podia me ensinar qualquer coisa. Mesmo a desenhar.

Mesmo assim, aprendi noções de contabilidade. Mas com o senhor Braz da Silva Santos, então contador da empresa do Celso Gomes.

Naquele mesmo escritório, fazia-se presente o senhor Ludovico Surjus, topógrafo, nascido na Catalunha, (porém na França e não na Espanha), já idoso. Então contador de histórias. Participara da Primeira Guerra Mundial, juntamente com seu irmão, porém ambos já residindo no Brasil mas convocados pela França, e quando tal evento terminou retornaram ao nosso país. Início de 1919. Poucos anos depois, veio para a região de Sertanópolis e na sequência passou a trabalhar em topografia. O que lhe permitiu, mais tarde, a trabalhar para o engenheiro Joaquim Vicente de Castro, em serviços na região de Apucarana. Pouco tempo depois, como empregado do mesmo, em serviços na região de Londrina, de vez que o Joaquim Vicente de Castro tornou-se o primeiro Prefeito de Londrina. O mesmo era cunhado de um dos irmãos Beltrão que possuíam muito trabalho junto a Companhia de Terras Norte do Paraná.

O Sr. Ludovico Surjus, portanto, sabia contar interessantes histórias dos primórdios de Londrina.

Pouco tempo depois, minha vida novamente mudou. Tornando-me funcionário da Prefeitura Municipal de Londrina embora tivesse apenas dezessete anos de idade. No entanto, já cursava o segundo ano científico e era bom datilógrafo. Porém, uma outra história, um outro fato, (relatado em livro já escrito também), e que, tempos depois, resultou na minha ida para Curitiba a fim de concluir o Curso Científico no Colégio Estadual do Paraná e ao mesmo tempo trabalhar. Agora, com vistas a um Curso Universitário.

Anos depois, já universitário, já namorando a mesma garota há tempos, (Marilene Rocha), quando eram tocadas as músicas, All of Me, Dancing in the Dark, Tea for two, Stardust, You make me feel so Young, inclusive as músicas da orquestra de Ray Coniff, etc. etc. e não parávamos de dançar, era o sinal que chegara a nossa hora de noivarmos.

APRENDENDO A FAZER POLITICA

Por ocasião do início da quarta série ginásial, o nosso professor de matemática, Moacir Teixeira, chamou atenção da turma para o fato que dali há dois meses ocorreriam eleições para o Grêmio Estudantil Lisímaco Ferreira da Costa. Então uma entidade estudantil, pertinente ao ensino médio, que cuidava dos interesses estudantis. Interesses estes que podiam ser elencados como:- eventos cívicos, sociais, culturais, desportivos e educacionais. Na condição de quartanistas, já tendo vivenciado o curso ginásial praticamente, cabia à nós, segundo o Professor Moacir Teixeira, nos envolvermos em tais atividades acima.

Para tanto, o Professor Moacir Teixeira nos chamava atenção que a gestão anterior que concluía o curso ginásial no ano anterior, já não mais se fazia presente. Diante disso, quem de nós assumiria tal responsabilidade? O melhor seria organizarmos duas chapas, pois existiam quatro turmas, (incluindo-se aí duas turmas noturnas), cabendo a cada chapa compor o presidente, vice, orador, diretor social, diretor cultural, e conselheiros.

Diante disso, motivamo-nos e rapidamente ficaram compostas as duas chapas. Cabendo a mim, José Pedro, ser o Orador da nossa chapa. Porém, existiam arrecadações e, por consequência, movimentação bancária. Mas nenhum de nós tinha dezoito anos. Assim, como ser presidente? Na sequência, foi-nos sugerido que falássemos com o Elias Aborihan. Então aluno também da quarta série. Mas pertinente a turma noturna. Contatado, o Elias aceitou. Com isso, passou a ocorrer o proselitismo político de cada uma das chapas. Na condição de orador, cabia a mim expor em cada turma os componentes da mesma e os objetivos a que nos propúnhamos. A disputa, como era normal, foi acirrada. Vencemos.

Com isso, as realizações. Primeiramente, a festa junina. Na sequência, os programas sociais que não deixavam de ser as

costumeiras tardes dançantes que passaram acontecer nas casas das nossas companheiras de quarta série. Tínhamos como companheira a Zenite, excelente acordeonista, que se dispôs, primeiramente, para tanto. Com isso, passando a ocorrer tantos outros bailinhos. Na sequência, a programação da nossa própria formatura, os convites, os padrinhos e madrinhas quanto a valsa comemorativa a finalização do curso ginásial, etc.etc.

Quanto a palestra, coube ao Professor Farid Barbosa Fahur, marido da nossa professora de ciências, efetuá-la. Versou sobre comportamento educacional, social e oratória.

Por sua vez, diante da anual e tradicional olimpíada estudantil, de classe em classe, motivávamos os nossos companheiros, porém de outras turmas e níveis escolares, a participarem de todos os eventos esportivos. Com isso, (como já era a praxe), arregimentar um significativo número de companheiros para desbragadamente torcermos pelos nossos atletas.

Foi um ano maravilhoso para todos nós. Ao final do mesmo, porém antes da formatura, nos reunimos todos no pátio defronte ao Colégio Estadual de Londrina para efetuarmos as nossas despedidas. Ao final cantamos a famosa música norte americana. “Adeus amor eu vou partir ” Todos nós choramos muito pois, além da convivência ginásial, a maioria de nós, nos conhecíamos desde o Curso de Admissão Ginásio. (Fato que registei no livro denominado 50 anos depois, elaborado por ocasião do cinquentenário da nossa formatura ginásial. Ocasão que fizemos uma enorme festa e com a presença de alguns dos nossos professores remanescentes então já idosos).

No ano seguinte, iniciamos o Curso Colegial, denominado Curso Científico. Agora, poucos da mesma turma ginásial. A maior parte das moças, ingressaram na escola normal. (Formação de professoras). Outros foram para o Colégio Londrinense ou para o Curso de Contabilidade, havendo muitos que se mudaram-se da cidade. Com isso, poucos companheiros da turma ginásial nesta nova turma.

Cuja maioria dos companheiros tinham idade superior a nossa e já trabalhavam.

Inicialmente, como era o costume da época, por solicitação de minha mãe, efetuei o Curso de Datilografia pois condição básica para o primeiro emprego pois a maioria de nós, (“ex-ginásianos”), sabíamos desse costume na nossa faixa etária e sócio-econômica.

Na cidade, existiam diversas escolas de datilografia. Três meses depois, já bom datilógrafo, encontrava-me pronto para o primeiro emprego o que efetivamente aconteceu.

Fazendo parte desta nova turma, (Curso Científico, 1957), contávamos com o companheiro João Batista Bortolotti, então já desenhista de uma empresa construtora na cidade e ex-soldado do exército brasileiro sediado em Guaíra. Porém, já tendo morado em Maringá e Londrina e agora novamente de retorno a esta última cidade. Igualmente, nossa turma do Científico contava com alguns companheiros vindos das cidades próximas e que moravam em pensões ou “repúblicas” e que precisavam de algum restaurante estudantil. Fato que igualmente, ocorria no Colégio Londrinense. Alguns destes estudantes trabalhavam e estudavam embora vivessem em repúblicas. Nesta ocasião já existia, desde há anos, a União Londrinense de Estudantes. (ULE). Não existindo ainda, nenhum curso universitário na cidade. Esta entidade atendia as reivindicações estudantis da época que eram, basicamente, custo menor nas passagens do transporte urbano, pagamento de meia entrada nos cinemas e que, igualmente, se somava as posições e orientações da UNE. (União Nacional dos Estudantes). Além disso, promovia, anualmente, o concurso de “Mis Estudantil Londrinense”. Igualmente promovia sempre as tardes dançantes nos domingos, cujo salão de danças era o próprio salão de bailes do Clube denominado Grêmio Literário de Londrina. Salão este que situava-se no terceiro andar do prédio denominado Associação Comercial de Londrina.

Por sua vez, a excelente orquestra do Gervásio aí tocava nessas tardes dançantes onde, (diziam), exercitava-se para atender as múltiplas festas que o próprio clube promovia e também em outras cidades da região. Por sua vez, a orquestra do Gervásio possuía bons cantores. Dentre eles os irmãos Faissal mas que não cantavam em dupla e nem na mesma tarde dançante. O mais velho, tornou-se célebre pela inesquecível música que cantava denominada “Stranger in Paradise”. Quanto ao mais novo, o mesmo mudou-se para São Paulo onde destacou-se como cantor brasileiro de músicas nacionais.

Por sua vez, os estudantes Farid Libos, (formado em medicina anos depois), Francisco Deliberador Neto, (formado em Direito em Curitiba e ex-Prefeito de Ibiporã anos mais tarde), além de Lincoln Taques de Araujo, Otássio Pereira, Ivair Lucio Soares e tantos outros, deixaram fortes registros nessa entidade estudantil. Portanto, a ULE era um órgão muito destacado no seio estudantil londrinense.

Anos depois, encontrei-me com o Farid Libos já médico em Londrina. Muito conversamos sobre as nossas participações na política estudantil. Inclusive, nos tempos universitários. Ao contar-lhe que eu fora aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado Norte Americano, ele me respondeu que igualmente acontecera o mesmo para ele. Porém, através de uma outra entidade. Com isso, concluímos que éramos apenas nós dois de Londrina que visitaram os Estados Unidos dessa forma.

Diante disso, já no primeiro ano do Curso Científico, quando surgiram as eleições para a ULE, de imediato apresentaram-se duas chapas. Uma delas liderada pelo estudante Otassio Pereira. Aluno do Colégio Londrinense. Outra, liderada pelo nosso companheiro de turma, o João Batista Bortolotti tendo como vice outro nosso companheiro de turma, o Nelson Silva, e eu como orador. Praticamente, nascida tal chapa na nossa própria sala de aula. Mas que, evidentemente, também contou com alunos de outros colégios na composição da mesma.

No entanto, decorrente das matérias publicadas pelo Ermelino Ramos, nas suas publicações estudantis, foi a construção de um restaurante estudantil em Londrina que motivou as duas Chapas. Que na verdade, era também um dos programas do Governo brasileiro recém eleito. O Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. E este tema viu-se abraçado por ambas as chapas. A do Bortolotti, (nossa), e a do Otássio Pereira. Então radialista de renome na cidade, muito popular, dado ao seu programa radiofônico na Rádio Londrina que abordava as mais urgentes necessidades da comunidade londrinense.

Tal tema de campanha, como já dissemos, foi levantado pelo nosso companheiro Ermelino Ramos, jornalista, e que trabalhava no Jornal Paraná Norte. (Ou Gazeta do Norte). Jornal este que divulgava as atividades estudantis locais bem como as da UNE. (União Nacional dos Estudantes). Além disso, nas suas horas de folga, compunha matérias para o jornal estudantil denominado “O Imparcial”. Ou seja: neste jornal ele era, ao mesmo tempo, Diretor, Editor e Impressor. Anos depois, faleceu em Curitiba, já estudante universitário, vítima da “plumbiose”. O mesmo era nosso companheiro desde o curso de admissão ao Ginásio.

Fizemos campanhas em todas as salas dos Colégios em Londrina. (Estadual, Mãe de Deus e Colégio Londrinense). Foi uma disputa renhida. Mas vencida pelo Otássio Pereira.

No entanto, já em seguida nos convidou para que somássemos com ele pois sua meta era construir o Restaurante Estudantil. Mas primeiramente, teria de sensibilizar o Prefeito Antonio Fernandes Sobrinho para doação do Terreno. Fato que ocorreu. Na sequência, a própria Prefeitura desenvolveu o projeto do restaurante estudantil, e a construção viu-se iniciada. Também, com a ajuda do Prefeito Fernandes Sobrinho no que era significativamente retribuída pelos elogios que o Otássio Pereira passou a tecer na maioria dos seus programas radiofônicos. Tempos depois, tal restaurante viu-se inaugurado pelo próprio Prefeito. Situado na Rua Duque de Caxias, entre a avenida

Paraná e rua Pará. Afastado a uns dez metros do alinhamento predial. Atualmente, um centro de cultura necessitando de fortes recursos econômicos para poder desenvolver sua atividade realmente cultural. (2024).

Anos depois, já universitários, eu em Curitiba e o Bortolotti no Rio de Janeiro, tornamo-nos líderes estudantis, galgando importantes escalas chegando até mesmo vivenciarmos a UNE, (União Nacional dos Estudantes), no Rio de Janeiro. Ambos como Presidentes de Diretórios Acadêmicos. Eu em Curitiba e o Bortolotti no Rio de Janeiro.

Concluídos os nossos cursos universitários, sem que soubéssemos o propósito de cada um de nós, retornamos a Londrina. Eu, na condição de proprietário e dirigente de construtora e o Bortolotti com seu escritório técnico de Arquitetura e Urbanismo. Com isso, iniciamos as nossas vidas profissionais. Porém, ainda como universitários, tornamo-nos líderes estudantis Presidindo Diretórios Acadêmicos bem como participando de diretorias das Casas de Estudantes Universitários onde moramos.

Anos depois, também por acidente do destino, eu e o Bortolotti, passamos a participar das campanhas políticas de candidatos a Prefeitura Municipal de Londrina. Porém, na corrente do MDB.

Com isto, no decorrer dos anos vimo-nos convocados para assumirmos importantes postos. Tanto na Administração Municipal como na Estadual. Porém, em épocas distintas e não contínuas.

Viva o Professor Moacir Teixeira da minha época ginásial.

**ARISTOTELES ALEXANDRE VIEIRA, (QUE SABIA
CONTAR FATOS E GENEALOGIAS DE FORMA
ENGRAÇADA), E QUE SERIA O PRIMEIRO COLETOR
DE RENDAS ESTADUAIS EM LONDRINA**

Anos atrás abordei o “Tio Tote”, Aristóteles Alexandre Vieira, tio do meu pai Aristóteles Belo da Rocha, e o registrei num dos livros que escrevi. Denominado, “Enquanto o vento vergava barba de bode no Atalaia” pois, enquanto isto acontecia em São Jerônimo, Londrina explodia em progresso.

O mesmo, quando o meu tataravô faleceu, 1907, era auxiliar de cartorário na cidade de Palmas cuja responsabilidade na realidade cabia ao “Seu Mestre”, (José Antônio Alexandre Vieira), então oficialmente designado para tanto desde há muitos anos na cidade de Palmas. Sul do Paraná.

No entanto, Tio Tote, era um dos inveterados familiares do meu pai que sabia contar histórias, bem como genealogias, ao mesmo tempo de forma irônica e engraçada, mas que chamavam atenção de todos que lhe ouviam e riam. Principalmente, histórias que tivessem alguma interligação com seu bisavô. O Padre Generoso Alexandre Vieira da cidade de Palmeira. Nosso ancestral. Mas cuja documentação destes fatos coube a mim, muitos anos depois, com o auxílio do meu contemporâneo da Escola de Engenharia. O José Carlos Veiga Lopes. Anos depois, Presidente da Academia Paranaense de Letras. Também, “estórias” pertinentes a outras pessoas na cidade de Palmas. (Fatos registrados no livro que denominei “Torvamentos do Destino”).

Mas as histórias pertinentes aos “pomposos” fazendeiros que vinham regularmente a cidade efetuarem suas compras e mantimentos, eram de hilariantes. Possuíam bonitos cavalos e ao mesmo tempo faziam-se acompanhar de seus ajudantes. Bebiam demais bem como jogavam baralho. Naquela época já se utilizavam de carroças e

destacáveis tróeis quando acompanhados pela família. Porém, vir a cavalo, devidamente acompanhado por ajudantes, não deixava de ser uma demonstração de autoridade, independência pois iam e faziam o que queriam, e ao mesmo tempo companheirismo.

Com isso, por ocasião dos seus retornos, a tardezinha, encontravam-se altamente alcoolizados. Impossível de montarem nos seus cavalos. Para tanto, uma pequena galera os ajudava. Mas assim que montados, despregavam-se dos mesmos. Com isso, a plateia no entorno dos mesmos ria desbragadamente. E este fato, demorava horas.

Alguns dias, houvera chuva. Com isto, muitas poças de água. Os mesmos ficavam emporcalhados. Mas os “compadres” mutuamente se ajudavam e não conseguiam encaminhar para um bom resultado. Ao final, os “pomposos” fazendeiros, acabavam se dirigindo às suas fazendas totalmente bagunçados e de forma alguma com o controle total pertinente às suas cavalgadas. E isto era uma verdadeira festa principalmente para a garotada que sempre se fazia presente. Caso de Tio Tote e seus irmãos.

Porém, o que Tio Tote e seus irmãos realmente gostavam era de pescar no Rio Caldeira, então muito próximo da cidade, ou brincar na cachoeira localizada há uns trezentos metros abaixo da praça da igreja ou, até mesmo, porém quando já eram moços, caçar perdizes pois as mesmas existiam aos milhares nos campos de Palmas.

Em decorrência do conhecimento quanto ao pai de “Seu Mestre”, o Padre Generoso Alexandre Vieira, daí sabermos os nomes de todos os seus irmãos. Bem como, sabermos a razão pela qual o mesmo viera de Apiaí para Palmeira. Também, soubemos que já em Apiaí o mesmo vivia com a agregada Maria Rosa de Oliveira, mãe de Seu Mestre. Bem como, a razão porque viera para o Paraná pois anteriormente exerceu o viriaco em Apiaí, (onde passou a viver com sua agregada acima).

Esta, seria descendente de um dos irmãos do José Caetano de Oliveira. (Este, o Barão de Tibagi, morador da cidade de Palmeira no

Paraná. Barão era um título de nobreza concedido pelo Imperador a pessoas comuns mas com condições econômicas de prestar serviços sem remuneração ao país). Mas todos os Oliveira tinham origem em Sorocaba, e na realidade descendiam de pais açorianos que chegaram a Florianópolis muitos anos antes e se interessaram, pela comercialização do gado. Para tanto, escolhendo o melhor local. Sorocaba.

Também, acabamos tomando conhecimento que o José Caetano de Oliveira casara-se com a Querubina Rosa Marcondes de Sá, por volta de 1814, na igreja do Tamanduá, na região de São Luís do Purunã. A Querubina nasceu em Palmeira. Decorrente disso, podemos deduzir que a localidade denominada Palmeira, naquela ocasião, ainda não possuía a sua própria igreja. Porém, Debret, ao passar por Palmeira, 1819, registrou em sua pintura uma pequena igrejajinha. Portanto, a história confirma que coube ao Padre Generoso Alexandre Vieira construir a enorme igreja da cidade de Palmeira como se encontra até os dias atuais. (2024). Muito embora conste do próprio histórico desta igreja. De certa forma, assemelhada com a igreja de Iguape.

Por sua vez, Padre Generoso viera para o Brasil em 1801. Nascido na cidade de Funchal, Ilha da Madeira, e formado Padre no Seminário desta cidade. Anteriormente a Apiaí, fora padre das cidades de Bragança Paulista e Santos. Esta última, a primeira do seu viriacaoato no Brasil. Descoberto tal Seminário na Ilha da Madeira, consegui obter os nomes dos seus pais, avós, e até mesmo antepassados distantes. Dentre eles, o Lourenço Vieira, que apareceu num dos batismos antigos, dizendo-se Mercador. (O que comercializava na região da Ilha da Madeira e Açores, bem como com Portugal), o que poderá resultar, (de parte de algum descendente meu interessado), numa importante história.

“Seu Mestre” era, na realidade, o avô de “Tio Tote”. Portanto, meu tataravô. Um dos filhos do Padre Generoso Alexandre Vieira, com sua agregada Maria Rosa de Oliveira. Mais uma vez, segundo a tradição oral, aparentada com o José Caetano de Oliveira, (cidadão destacado

na cidade de Palmeira e na região), pai do Jesuíno Marcondes de Oliveira. Este, um dos vultos mais proeminentes da Província do Paraná naquela época.

Fato pecaminoso para minha mãe, pertinente ao Padre Generoso, quando soube disso.

Porém, tais fatos, (padres terem filhos com suas agregadas), não era novidade naquela época e ao longo da Estrada das Tropas. Padres das cidades de Tibagi, Castro, bem como outras, ficaram conhecidos dessa mesma forma. O próprio Regente Feijó, situava-se na mesma condição. Também filho de Padre. Mas somente descoberto após o falecimento da sua irmã e por ocasião da abertura do inventário da mesma. Cujo pai, também predicou na igreja de Curitiba.

Mas ao que se sabe, todos dedicaram-se, em tempo integral, às suas funções sacerdotais. No entanto, Tio Tote sempre ironizava esse fato e levava o assunto de forma que todos que lhe ouviam também acabavam rindo.

Sem falarmos do Padre Camargo, também ex-padre da cidade de Palmeira, anteriormente ao Padre Generoso Alexandre Vieira, que teria deixado o celibato e efetivamente se casado. Deixando, como um dos seus descendentes, o cidadão Antônio de Sá Camargo, (Visconde de Guarapuava), casado inicialmente com a filha do José Caetano de Oliveira, (Barão de Tibagi), mas abandonando-a tempos depois.

A filha do Antonio de Sá Camargo, (mas da segunda união conjugal do mesmo), a Francisca, casou-se com o Pedro Alves da Rocha Loures. Porém os filhos deste levaram o sobrenome do sogro. Com isto, resultando o sobrenome Alves de Camargo os quais tornaram-se importantes cidadãos políticos no Paraná. Mas isto não era novidade alterar sobrenomes segundo Tio Tote.

Por sua vez, o Pedro Alves da Rocha Loures, seria filho do João **Alves** do Nascimento **Rocha**, este casado em Curitiba com a Maria Madalena dos Santos, na igreja Nossa Senhora da Luz, em 27/03/1858. Esta, filha de Maria Rita dos Santos e Boaventura Luis Gomes.

O João Alves do Nascimento Rocha teria morado em Guarapuava, por pouco tempo, mas anteriormente ao casamento. Mas, em seguida ao casamento, veio em definitivo para tal cidade. Aí chegando, teria alterado seu sobrenome para João Alves da Rocha Loures.

Mas seus pais, segundo a própria declaração do mesmo em tal casamento, eram o Joaquim **Alves** Ribeiro e Escolástica Ferreira da **Rocha**. Assim, o João Alves do Nascimento Rocha, teria esta origem. Daí a confusão com o sobrenome do meu avô Amantino Nascimento Rocha, nascido em Guarapuava naqueles anos, mas cuja história oral seria filho do Francisco da Rocha Loures. Fato que decidi investigar. Mas que acabei optando pela tradição oral. (Conforme registrado no Livro, “Bruaca de estórias”.

A própria minha avó Genoveva, casada com o José Pedro, meu avô, bem como seus filhos, (por consequência meus tios), sempre registraram este fato igualmente.

Houve um fato, sempre comentado pela Tia Aracy, irmã do meu pai, ocorrido por ocasião de um dos bailes havidos em Palmas, no qual a mesma era pianista da orquestra. Nessa ocasião, um jovem da família Rocha Loures a conheceu e passaram a namorar. Porém, Mãe Diola rapidamente entrevistou sob a alegação que eram parentes. Fato que ela nunca esqueceu.

Já idosa e viúva, sem filhos, Tia Araci, muitos anos depois, após ter enviuvado do esposo Maçud Macruz, retornou ao Paraná. Agora, passando a morar com suas irmãs resultantes do segundo casamento da mãe Genoveva. Em vista disso, após tomar conhecimento dos meus livros, ao mesmo tempo concordar com as afirmações contidas nos mesmos, a estimulei registrar em livro suas memórias. Fato que ocorreu e resultou no livro denominado “Um piano na Campina”.

Nesse sentido, outro ancestral de Tio Tote, o militar português, Gabriel Narciso Bello, foi mais comedido.

A esposa de Seu Mestre, a Inês Ferreira Bello, avó de Tio Tote, era quem sabia alinhar tal descendência. Pois a mesma, descendente

do militar Diogo Narciso Bello, (descendente do Gabriel), casado com a Maria Angélica de Souza, descendente do Braz de Souza casado com a Maria Jacinta em Florianópolis. (Naquela ocasião denominada Desterro. A meu ver, nome designado pelos açorianos pois muitos deles se julgavam desterrados da Ilha dos Açores assim que chegaram a nova terra).

Por sua vez, o Braz de Souza, açoriano, chegou em Florianópolis onde casou-se com a Maria Jacinta, após tal união conjugal se decidiram pela comercialização do gado. Para tanto, instalando-se nos Carrapatos, local situado muito próximo de Ponta Grossa, (entre os rios Tibagi e Guaraúna), e próximo da própria “estrada das tropas” que vinha de Palmeira a Ponta Grossa e daí em diante. Local onde atualmente existe um centenário cemitério. Acabou se destacando também economicamente. Por sua vez, o Diogo Narciso Bello, militar, inspecionando tal estrada, aí conheceu a filha do mesmo e casando-se com ela.

O Pedro Ribeiro de Souza, (descendente do Braz de Souza), destacado cidadão e fazendeiro de Palmas, (pois proprietário da Fazenda Trindade), era casado com a irmã de Inês. A Maria do Pilar Ferreira Bello. Fazenda esta, onde Mãe Diola, juntamente com seu esposo, o Antonio Alexandre Vieira, passaram sua lua de mel.

Os Souza deixaram notável e destacada descendência no Paraná. Alguns deles, levando o sobrenome Viriato acoplado a um outro. Viriato, era o nome de um marcante herói lusitano pertinente aos primórdios de Portugal. Mas é uma outra história.

Tio Tote sabia alinhar vários Ferreira Bello, destacados funcionários públicos e padres que foram aproveitados pelo Zacarias de Goes e Vasconcelos, (1853), por ocasião da Instalação da Província do Paraná. Dentre os mesmos, os padres João Batista Ferreira Bello e Lourenço Justiniano Ferreira Bello, (Inspetores de ensino), bem como o Joaquim Ferreira Bello, (professor de uma das escolas que existiam), e, ainda, alguns funcionários públicos. Dentre os mesmos, Clementino Ferreira Bello.

Da mesma forma, sabia dissertar a chegada de Seu Mestre a Palmas. Ocasão que teria abandonado seus estudos no Seminário em Itu e se dirigiu para Palmas onde estava residindo seu irmão o João Antonio Alexandre Vieira, um pouco mais velho que o mesmo. Segundo a história oral, também sua mãe a Maria Rosa de Oliveira, aí se encontrava. Porém, não encontrei, documentalmente, tal fato.

Mas o interessante é que após eu ter registrado em livro a vida de Seu Mestre, que se denominou “Torvamentos do Destino”, o mesmo chegou às mãos do Professor de História da Faculdade de Filosofia, (ao mesmo tempo pertencente a Academia de Letras daquela cidade), o Joaquim Ribas. O mesmo é descendente do João Antonio Alexandre Vieira, irmão do “Seu Mestre”.

O Joaquim Ribas conhecia as mesmas histórias. Mas como eu contara nesse livro a história do piano de “Seu Mestre” e que fora vendido a um cidadão destacado de União da Vitoria, após seu falecimento, o mesmo interessou-se por descobrir onde poderia estar. Pesquisando, não lhe foi difícil encontrá-lo num antigo depósito do Grupo Escolar Professor Serapião bem como nominar o comprador. Coronel Amazonas Marcondes. O mesmo que transportou tal piano de Curitiba a União da Vitoria pelo rio Iguaçu. Destacado cidadão de União da Vitoria, mas já falecido há muitos anos quando o Joaquim tomou conhecimento deste fato.

Com auxílio do Departamento de Cultura da Prefeitura da cidade, lhe foi possível a restauração do mesmo bem como a reinauguração numa grande solenidade promovida por tal órgão e no Cinema da Cidade. Ocasão que me fiz presente.

Atualmente, (2024), encontra-se preservado, numa unidade do Departamento de Cultura, junto a linha ferroviária daquela cidade. E a disposição de interessados.

Nos últimos anos de sua vida, “Seu Mestre” ficou muito adoentado Em vista disso, passando a ter “Tio Tote”, então muito jovem, como um dos seus auxiliares e praticamente o responsável pelas

atividades cartoriais em consequência dessa doença. Vindo a falecer, meses depois. Mesmo assim, devido a falta de um substituto oficial devidamente constituído e nomeado pelo Estado do Paraná, “Tio Tote” viu-se responsável pelo Cartório do Seu Mestre.

Porém, igualmente como “Seu Mestre” era músico pertencente a Banda Municipal da cidade. Mas “Seu Mestre”, desde há muitos anos, era o chefe de tal banda municipal.

Com o falecimento de “Seu Mestre”, “Tio Tote” pouco tempo depois, juntamente com sua Esposa Corina Rolim da Silva Vieira e filhos, mudou-se para a cidade de Pirai do Sul onde o pai da esposa Corina passara a morar. O João Caetano da Silva, que lutara na Guerra do Paraguai bem como na Revolução Federalista na cidade da Lapa, Paraná. Ao lado dos federalistas. (Sobre o João Caetano da Silva, bem como sobre o pai de “Mãe Diola”, os registrei no Livro denominado “A guerra dos pés descalços”).

Na cidade de Pirai do Sul Tio Tote ingressou no serviço público na área da Receita Estadual. Mais precisamente, na coletoria de rendas estaduais. Devido a sua experiência cartorial, rapidamente se integrou no serviço público estadual pois outro familiar, o Otacílio Vieira, que já era destacada funcionário público nessa área, mas em Curitiba, o incentivara para tanto.

A mãe de Tia Corina, (casada com o João Caetano da Silva), seria pela tradição oral, descendente do lendário Rolim de Moura que morou em São Paulo anteriormente a 1750. Que a mando do Governo português dirigiu-se ao extremo oeste do Brasil para alí fundar um núcleo urbano. Tia Corina tinha um irmão, também chamado Sócrates, e que acabou participando da vida política dessa cidade. Pirai do Sul.

Tempos depois, Tio Tote foi considerado apto para exercer a função de coletor em Palmas. No entanto, foi destacado para assumir a coletoria da localidade então denominada Covó. Uma localidade situada as margens do rio com este mesmo nome, mas afluente do Rio Iguaçu, e muito próxima da localidade, (hoje cidade), de Mangueirinha. Que naquela época, 1935, talvez menor que o Covó.

Destaco que um pouco anteriormente a isto, Tio Tote possuiu um bar e padaria na região central de Palmas. Acredito que por pouco tempo.

Para os que se interessam pela história, o Covó era um local antigo e de pagamento de impostos pertinente ao gado assim que o mesmo viu-se trazido das Missões para Guarapuava.

Nessa localidade denominada Covó, naquela época haviam muitos currais para gado, mulas e cavalos, que vinham do sul do país em direção a Guarapuava e daí a Ponta Grossa, Castro e Sorocaba. Decorrente disso, um povoado com razoável número de habitantes.

Daí a razão de existir nesse local um Posto Fiscal que não deixava de ser uma coletoria para fiscalização e arrecadação de rendas estaduais. E, neste sentido, acabou se originando uma povoação que não era pequena. Além disso, muito atuante existindo até mesmo uma pequena igreja católica.

Em vista disso, no sentido de arrecadação de fundos para realmente melhorar a localidade bem como a igreja, periodicamente passaram a ocorrer “quermesses”, sempre animadas por músicos locais. Dentre eles, “Tio Tote” e seu filho Sócrates. Este, (o mesmo nome do irmão de Tia Corina), então já casado com a Araci Salinet Vieira e com filhos pequenos. O Jacir, o Sócrates e a Cilinha.

Verifica-se que o nome Sócrates foi exageradamente muitas vezes aplicado na própria família. Supõe-se que tal fato tenha sido decorrente de uma promessa que Tia Corina teria feito pela libertação de seu pai preso na Revolução Federalista na cidade da Lapa. Ocasão que estavam sendo degolados os prisioneiros de ambos os lados. João Caetano da Silva, efetivamente foi solto. Nessa ocasião, Tia Corina teria apenas quinze anos de idade.

Numa dessas quermesses no Covó, ocorreu uma briga entre dois condutores de animais, (bois, cavalos e burros), que se encontravam praticamente bêbados. Ambos acabam se atirando. Porém, nenhum deles ficou ferido. No entanto, os tiros atingiram os músicos que

se encontravam tocando para animação da festa. Com isto ferindo mortalmente o Sócrates, (filho do Tio Tote), bem como atingindo a barriga deste último. Em consequência disto, horas depois acaba falecendo o Sócrates, sendo que Tio Tote, mesmo agonizando, acaba se recuperando ao longo dos dias seguintes.

Diante deste fato, Tio Tote, juntamente com toda sua família, retorna a Palmas e solicita a sua exoneração como coletor. Comunicado o fato a Curitiba, Otacílio Vieira toma conhecimento, ao mesmo tempo que convence Tio Tote a não se exonerar do Serviço Público. Neste sentido, dias depois, ficou-lhe sugerido que viesse assumir a Coletoria de Rendas Estaduais da cidade de Londrina. Então uma cidade que começava a existir no Norte do Paraná, mas muito falado sobre tal colonização que crescia dia a dia. Inclusive, o trem tinha acabado de ultrapassar o Rio Tibagi e chegado a Londrina. 1935.

Em vista disso, Tio Tote saí de Palmas e vai a União da Vitoria onde o trem já passava desde 1906. Com isso, possibilitando a vinda a Londrina sem precisar ir a Curitiba. De União da Vitoria alcança Ponta Grossa, Jacarezinho e dessa última vem a Londrina.

Era uma época de muitas chuvas e a cidade de Londrina estava praticamente se iniciando. Desce na Estação Ferroviária. Mas até a chegada ao primeiro hotel era chuva com barro pegajoso e escorregadio. Muitas matas nas proximidades não se podendo verificar o horizonte. Portanto, muito diferente do que era Palmas. Então campo aberto e com muitas residências e comercio. Este primeiro contato demonstrou-lhe que de forma alguma se acostumaria a tal cidade e região.

Porém, a coletoria de Londrina já existia muito embora não tivesse funcionamento pleno devido a falta do coletor. Mas já haviam dois ou três funcionários aptos a iniciarem seus serviços. Seria o primeiro coletor de rendas estaduais de Londrina.

Em vista disso, dirige-se a Estação ferroviária e procura o telegrafo. Através do mesmo faz suas alegações a Curitiba. Seus superiores em Curitiba tomam conhecimento do fato. No decorrer das horas, ainda através do telégrafo, lhe é sugerido assumir a coletoria da

cidade de São Jerônimo da Serra. Mesmo sendo antiga, tida então, com uma das melhores cidades da região. Sendo a interligação da mesma com Jataizinho era fácil existindo até mesmo uma antiga estrada, na realidade aproveitamento melhor de um milenar caminho indígena, permitindo algum trânsito rodoviário. A estrada do Cerne.

Por sua vez, com altitude muito semelhante a de Palmas. Portanto, praticamente de clima igual. Clima frio. Quando morou em Piraí do Sul, anos atrás, soube como seria São Jerônimo da Serra pois já naquela época existia estrada, (ainda que carroçável, para tanto). Em vista disso, aceitou e foi buscar a família no Covó para tanto.

Passando a residir em São Jerônimo da Serra, cinco anos depois, tal estrada, (antiga estrada do Cerne), viu-se transformada realmente em estrada pelo Interventor Manoel Ribas. Agora, com ligação direta a Piraí do Sul, (onde morou com sua esposa Corina anos antes de vez que o pai da mesma também aí morou), Ponta Grossa e a Curitiba.

Ao se decidir por morar e trabalhar em São Jerônimo, em seu lugar, (na coletoria de Londrina), assumiu o Senhor Severo Canziani que igualmente tinha origem no sul do Paraná. Mais precisamente, na região de Curitiba. Com isto, o Senhor Severo tornando-se, efetivamente, o primeiro coletor de rendas estaduais na cidade de Londrina.

No entanto, ainda um pouco antes de 1940, Londrina já era uma cidade grande na região e a coletoria estadual de Londrina era polo regional. Com isto, obrigando todos os coletores da região a prestarem contas, mensalmente, na mesma. O que igualmente procedia Tio Tote. Neste sentido, saía de São Jerônimo da Serra e vinha à Londrina. No entanto, segundo ele, cada mês o visual da cidade de Londrina era notoriamente diferente do anterior pois a cidade de Londrina crescia a olhos vistos e ininterruptamente.

Anos depois, o mesmo deixou São Jerônimo a Serra e se instalou na cidade de Ibiporã a seu próprio pedido. Com isto, tornando-se praticamente o primeiro coletor de rendas estaduais nesta cidade.

Porém, as histórias sobre São Jerônimo, relatadas por todos os seus familiares que igualmente lá moraram, é que me permitiram registrá-las no livro que denominei “Enquanto o vento vergava barba de bode no Atalaia”. Pois, enquanto isto acontecia no Atalaia, o Norte do Paraná explodia em progresso e em todas as direções.

Em 1942, a cidade de Araongas já tomava feição como cidade. Diante disso, Tio Tote, morando em Ibiporã, sugere ao filho Alaôr, casado com a Noêmia Ferreira Bello, então coletor na cidade de Clevelândia, que viesse para o Norte do Paraná. Fato que realmente ocorreu pouco tempo depois. A Noêmia, era descendente de um dos Ferreira Bello que originariamente se instalou na região onde hoje situa-se Clevelândia. Segundo a tradição oral, este cidadão acabou doando parte das suas terras e na mesma originou-se a cidade de São José da Boa Vista. Atual Clevelândia.

Em 1945, lembro-me que morando em Londrina, constantemente visitávamos Tio Tote em Ibiporã. Londrina já era uma cidade destacada em todo o Norte do Paraná. A ponto da própria “Mãe Diola”, (Deolinda dos Santos Vieira), descendente dos primeiros colonizadores de Palmas, avó do meu pai, sair de Palmas e vir visitá-lo em Londrina pois curiosa para se inteirar do tamanho progresso na região.

Já a partir de julho de 1951, quando retornamos a Londrina, Tio Tote, (ainda morando em Ibiporã), se encontrava adoentado. Mesmo assim, lúcido e inveterado contador de “estórias”.

Devido a este fato, novas e constantes visitas ao mesmo. Agora, meu pai utilizando-se do Jeep que possuía. Porém, à noite. Tio Tote acabou falecendo em outubro de 1951. Meu pai, em dezembro deste mesmo ano. Vitimado por acidente rodoviário.

Com o falecimento prematuro do meu avô, o José Pedro da Rocha, descendente dos primeiros colonizadores de Guarapuava, minha avó Genoveva casou-se, em segundas núpcias, com o advogado em Palmas. Carlos Seixas Saldanha, gaúcho, natural de Caçapava do Sul, igualmente viúvo e com filhos. Desta segunda núpcias, resultaram

novos filhos. Modesto, Geraldo, Francisco, Aurea, Pedro Ivo, Terezinha e Lujan.

Porém, devido ao falecimento do nosso pai, minha mãe, já trabalhando, somente dispunha das suas férias para visitar seus próprios parentes. Em vista disso, passou optar pelas visitas aos mesmos pois muito saudosa deles. Em Joinville. Geralmente, por ocasião do Natal e Ano Novo e poucos dias após. Saíamos de Londrina, por ônibus, e a noite já nos encontrávamos na casa da Tia Olga. Irmã do meu pai. No dia seguinte, a tarde, viajávamos para Joinville e vice-versa dias depois. No entanto, em Londrina, somente a Tia Aracy nos visitava e também de vez em quando pois seu marido, embora médico, não se fixava por muito tempo num mesmo lugar. Somente após os meus 60 anos de idade é que voltei minha atenção para os ancestrais do meu pai. Agora, pesquisando e documentando-os.

Portanto, uma enorme família e com muitas “estórias”. Mas a figura do Sr. Carlos Seixas Saldanha sempre me chamou atenção pois conhecido como rábula pelo meu pai.

Pesquisando no Museu do Tribunal de Justiça, em Curitiba, localizado na Praça defronte ao Palácio do Governo, bem como do próprio prédio do Tribunal de Justiça, encontrei petição jurídica e histórica do mesmo, efetuada a mão, em papel almaço, e com excelente arazoado. No entanto, ao que se sabe o mesmo foi um famoso rábula que exercia as funções de advogado naquela época. Pois não possuía formação Acadêmica para tanto. Prova disso, é o próprio documento histórico constante do Museu do Tribunal de Justiça do Paraná. Mas, ao que se sabe, advogado famoso na região de Palmas naquela época.

O primeiro Juiz de Direito na cidade de Palmas, teria sido o Cid Campelo. Fato sempre falado no nosso seio familiar. Padrinho, de alguns familiares nossos.

Segundo Tio Tote, o José Pedro da Rocha, meu avô, comprou as terras do herval em Catanduvas, bem como cavalos de corrida, com o produto da venda dos imóveis de seu pai Amantino. O mesmo,

(Amantino), casou-se em segundas núpcias com a Felisberta Barbosa de Lima, em Santo Angelo. Porém, muitos anos antes, dado ao falecimento prematuro da esposa Maria Rita Machado. Em vista disso saiu de Guarapuava e foi a Santo Angelo levar o filho José Pedro para ser criado pelo irmão da Maria Rita. Lá chegando, o mesmo também falecera. Em vista disso, casou-se com a viúva Reginalda Barbosa de Lima e a levou para Guarapuava. Muitos anos depois, também a Reginalda faleceu.

Por sua vez, a Felisberta tinha vários irmãos. Segundo a “genealogia tropeira do Rio Grande do Sul”, a mesma era filha do destacado cidadão Barbosa de Lima.

Portanto, o Amantino, além de bens próprios, os somou à parte da herança da Felisberta que lhe coube. E estes bens passaram ao filho José Pedro.

Quando o José Pedro faleceu, sua esposa Genoveva estava em Palmas pois vésperas do nascimento da Olga. Decorrente do falecimento do José Pedro, coube ao Tio Tote ir buscar todos os pertences e ao mesmo tempo vender a propriedade e cavalos. Tendo entregue à irmã Genoveva o produto das vendas a qual passou a morar na antiga casa do Seu Mestre. Onde já moravam mãe Diola e mãe velha. Esta a Maria Elisia dos Santos, casada com o Joaquim dos Santos então já falecido. Pais de Mãe Diola.

Porém, no decorrer dos anos, Genoveva e Mãe Diola viram-se obrigadas a alugar a parte frontal da casa, onde ficava o Cartório do Seu Mestre, ao senhor Elias Dipp.

Seis anos depois do falecimento do José Pedro, agora 1925, a Genoveva casou-se em segundas núpcias com o Senhor Carlos Seixas Saldanha que igualmente possuía filhos da primeira união conjugal. A maior parte, maiores de idade. Em vista disso decidiram comprar a casa do Sr. João Manoel Itiberê da Cunha Sobrinho, ex-Promotor Público de Palmas e irmão do Monsenhor Celso em Curitiba. Casa esta, em madeira, com um enorme sótão, (que conheci quando fui à Palmas por

volta de 1945/46 juntamente com meu pai), construída num enorme terreno, ao lado do Hospital de Palmas e próxima da Cachoeira.

Segundo Tio Tote, a sua irmã Genoveva teve participação nessa compra com a sobra dos recursos, embora já praticamente esgotados, mas oriundos da venda das propriedades do José Pedro que coubera a ela e filhos como herança. Nesta época, os filhos contavam com as idades. Araci, com catorze, Rita com doze, Aristóteles com nove e Olga com seis anos de idade.

Nessa ocasião, o Jacinto Cunha, filho do João Manoel Itiberê da Cunha, casou-se com a Honorina Saldanha e foram morar em Curitiba. Ao que se sabe, na Rua Dr. Faivre. Como praticamente todos os filhos do sr. Carlos Seixas, já eram casados, (com exceção da Celuta), no início daquela moradia em conjunto, nenhum problema houve. O Protógenes Alexandre Vieira e o Benedito Saddock de Sá (sogro da tia Olga) casaram-se com as outras filhas do João Manoel Itiberê da Cunha.

Gostaria de registrar aqui, também, que por ocasião do início dos meus resgates de histórias familiares, contei com a ajuda do médico Humberto Lopes, residente em São Paulo. O mesmo formado em Curitiba e casado com a neta do Tio Pedro Vieira. Este Professor e anos depois proprietário do Colégio Progresso em Ponta Grossa numa época anterior ao Colégio Regente Feijó. Um dos irmãos do Tio Tote.

O Humberto Lopes, além de médico, tendo como “hobby” pesquisas genealógicas.

Com a ajuda do mesmo, conseguimos obtenção de muitos documentos pertinentes aos nossos ancestrais. Igualmente, dos pertinentes ao Amantino Nascimento Rocha, onde apareceram assinaturas do mesmo. Através dessas assinaturas, analisando-as, verifica-se que o Amantino possuía boa escolaridade, (numa época que predominavam analfabetos), e ao mesmo tempo, inferir como seria a sua personalidade. Os registros encontrados, mais a herança utilizada pelo seu filho José Pedro, repassada a viúva deste, conforme relatos

do Tio Tote, nos permitem efetuar uma boa apreciação no que tange à família.

**EM 1954 LONDRINA COMEMOROU SEUS VINTE ANOS E
A CIDADE DE SÃO PAULO O SEU QUARTO CENTENÁRIO.
DAÍ A MINHA CURIOSIDADE QUANTO AOS NOSSOS
ANCESTRAIS AO LONGO DOS ANOS SEGUINTE**

Quando retornamos a Londrina, julho de 1951, fui matriculado no Grupo Escolar Hugo Simas. Tendo como professora a Sra. Zulei Pires Vidal que viera de Curitiba. A mesma chegara naquela época, e da mesma forma que nós, mostrara-se maravilhada com a cidade que já possuía mais de setenta mil habitantes e muitos prédios de vários andares. Porém, a cidade tinha somente dezessete anos. Idade inferior à da própria Professora Zuleica.

Em vista disso, logo a mesma detectou na nossa própria sala de aula a presença de vários alunos cujos pais chegaram a cidade anteriormente a 1940. Para a mesma, fato notável. Diante deste fato, solicitou dos mesmos que se levantassem e se apresentassem. Ao mesmo tempo, lhes perguntando o que os pais dos mesmos faziam. Portanto, uma lição cívica ao vivo.

Em 1954, já cursando o ginásio no Colégio Estadual de Londrina, a radio Londrina, muito ouvida na cidade, promovia programas enaltecendo os primeiros moradores, (dentro de uma lista tida como de pioneiros da cidade, possivelmente elencada pela própria municipalidade quando Londrina comemorou dez anos), que seriam homenageados no dia dez de dezembro daquele ano. Nesta nossa classe de aula, também existiam alguns alunos cujos pais chegaram nos primórdios da cidade.

Porém, as revistas costumeiramente lidas, (dentre elas a revista O Cruzeiro), publicaram uma lista de moradores do Estado de São Paulo que igualmente seriam homenageados por ocasião da comemoração do Quarto Centenário de São Paulo. Pois, descendentes dos primeiros

habitantes do mesmo. 1554. Os mesmos, diziam-se descendentes dos primeiros e famosos bandeirantes. E isto me chamou atenção.

Em vista disso, na aula de Geografia, sendo nossa professora Dona Elza Cesar Teixeira, (esposa do Professor Moacir Teixeira), filha de um dos proprietários da notável Livraria e Papelaria Cesar em Londrina, perguntei-lhe como tais moradores de São Paulo poderiam afirmar serem descendentes de tais bandeirantes? Na resposta, afirmou-nos que era fácil. Bastava ir ao cartório e pegar uma cópia da certidão de nascimento.

Porém, havia na nossa família o fato que nosso tataravô, o “Seu Mestre”, José Antonio Alexandre Vieira, fora o primeiro cartorário da cidade de Palmas. Sul do Paraná. Fato que ocorreu somente após a proclamação da República. Expliquei-lhe isto. Mas Palmas originou-se após 1836. Se não havia cartório, então como?

Ressalto, porém, que desde 1850, conforme exigido pelo Governo de Dom Pedro II, passou a existir a exigência do registro obrigatório quanto a declaração de propriedade de terras no Brasil. Inicialmente, tais registros efetuados nas próprias Igrejas. Mas com o decorrer dos anos, passou a existir, efetivamente algum órgão público para tanto e em cada região ou cidade destacada do país. Fato que ocorreu em Palmas igualmente. Porém, o cartório de registro civil, somente ocorreu após a Proclamação da República. Que órgão foi este pertinente ao registro de terras?

Porém, sabidamente “Seu Mestre” iniciou suas atividades junto a igreja de Guarapuava, em seguida na de Palmas.

Porém, anos mais tarde, quem o indicou para o Registro de Terras foi o seu aparentado, o Jesuíno Marcondes de Oliveira, então representando o Paraná junto ao Governo Imperial. Neste sentido, derrubado o Governo Imperial pelos Republicanos, o Jesuíno acompanhou a “troupe” de D. Pedro II à Europa estabelecendo-se em Genebra onde passou a morar.

Por sua vez, o Jesuíno, enquanto participante do Governo Imperial representando o Paraná, tinha fortes ligações com o

Ministério da Agricultura. Logo, posso imaginar que tal órgão onde se efetuava o devido registro de terras, possuía alguma vinculação com o Ministério da Agricultura. Porém, qual o nome desta entidade?

No entanto, “Seu Mestre” passou a ser o responsável pelo cartório de registro civil em Palmas assim que se iniciou a República. Tal cartório, teria também esta finalidade de registro de terras?

Mas o foco da minha pergunta à Professora Elza, era a obtenção de registros de nascimentos de pessoas.

Percebi, que a Professora Elza Teixeira, ficou por alguns segundos em silêncio. Mas em seguida, respondeu que na falta do cartório existiam os registros batismais das igrejas. Bastava ir a tais igrejas e verificar os assentos batismais.

Novamente contestei, porém educadamente, pois na minha visão nos tempos dos bandeirantes inexisteriam igrejas pelo interior de todo o Brasil.

Pois a minha pergunta, no meu íntimo, tinha endereço certo. Ou seja:- Saber como tais pessoas no Estado de São Paulo tiveram a ousadia de se apresentarem como descendentes de famosos e destacados bandeirantes. Os mais famosos historicamente. Diante desta minha pergunta, a Professora Elza, ficou reticente, mas achou a pergunta oportuna. Em vista disso, nos fez uma palestra. Afirmando, que neste caso, valia a tradição oral. Mas se tais relatores aproveitassem de relatos orais, não poderiam chegar onde desejavam? Ela concordou. Ao mesmo tempo, sugeriu-nos que além da tradição oral, deveríamos, (fosse o nosso caso), pesquisar. Para tanto, no caso dos mais famosos, junto aos Arquivos Públicos Estaduais ou até mesmo nas igrejas ou Dioceses caso fosse possível. Mas que seria uma tarefa extenuante.

Naquela época, 1954, pela tradição oral já sabíamos, desde 1945 quando minha bisavó Deolinda do Santos Vieira nos visitou em Londrina, que éramos aparentados com os Rocha Loures que moravam na cidade. A mesma tivera como sogro o “Seu Mestre”.

Mas era uma forte tradição oral e não devidamente documentada. Fato igualmente afirmado pela minha avó Genoveva. (Casada em primeiras núpcias com o José Pedro da Rocha e após o falecimento do mesmo, em segundas núpcias, com o advogado Carlos Seixas Saldanha em Palmas).

Por sua vez, as irmãs do meu falecido pai, a Olga Belo da Rocha Sadock de Sá, (casada com o Benedito Sadock de Sá), e a Aracy Belo da Rocha, casada com o médico Maçud Macruz), igualmente como Mãe Diola e minha avó Genoveva Belo da Rocha, sabiam alinhar a genealogia familiar. Tanto no que tangia aos Bello como aos Rocha. Porém os Bello, para as mesmas, (naquela época), eram mais destacados pois ocuparam destacadas e importantes funções públicas por ocasião da Instalação da Província do Paraná, 1853. Por Zacarias de Goes e Vasconcelos.

Gabriel Narciso Bello, militar, chegou a Curitiba e se apresentou ao Chefe da Corporação Militar. Estevão Ferreira. O Gabriel viera de Portugal para tanto. Mas nascera na localidade denominada São Martinho, próxima de Castelo Branco. Por sua vez, os Bello tinham origem antiquíssima na localidade romana denominada Claudia Baello. (Nome latino de pronuncia belo). Divisa de Portugal com a Espanha e junto ao mar.

O Gabriel acabou casando-se com a filha do Chefe Militar em Curitiba. O Estevão Ferreira. Através da avó da esposa do Estevão, a Catarina Joana Paes, chegava-se aos Paes e Paes Leme. Fato que a Inês Ferreira Bello, esposa de Seu Mestre, sabia alinhar e que, fortemente, marcou seus descendentes. Os descendentes do Gabriel levaram o sobrenome Ferreira Bello.

Por sua vez, a Tia Aracy Belo da Rocha, era professora do Grupo Escolar de Palmas em 1936. Ocasião que Palmas comemorou seu centenário. O Prefeito, era o Dr. Bernardo Ribeiro Viana. Em vista disso, a Diretora desse Grupo Escolar, (da família Mitri), organizou uma Comissão para serem ouvidos os descendentes dos pioneiros que

chegaram a Palmas. Tia Aracy e outras professoras ouviram pessoas e documentaram. Mas ninguém possuía documentação comprobatória das suas origens.

Seu pai, o José Pedro da Rocha falecera em 1919. Ocasão que tia Aracy completaria oito anos de idade. Segundo tia Aracy, seu pai era alegre e contador de histórias. O mesmo relatava que assim que sua mãe, Maria Rita Machado da Rocha, o concebeu, ela faleceu pouco tempo depois. Razão do seu pai, (o Amantino Nascimento da Rocha), tê-lo levado para o Rio Grande do Sul, Santo Ângelo, onde foi criado pelo Tio Clementino. Porém, não se conseguiu documentar este cidadão.

Mas, me convenci que algo de anormal ocorreu ao Francisco Rocha Loures. Pois o mesmo viu-se transferido para a Colônia Militar do Jataí, conforme consta do Arquivo Público do Paraná. Por outro lado, o mesmo recebera a patente de Brigadeiro de parte da Guarda Nacional. Patente esta, a mais alta de tal Instituição. Indicativa de méritos. Esta transferência para o aldeamento de São Pedro de Alcântara na realidade a que razão se deveu?

No entanto, ao que se sabe, este cidadão Clementino se dedicava ao plantio, colheita e comercialização da herva-mate, (fato que se transmitiu ao José Pedro como sabemos), então abundante naquela região. Com isso, comercializando-a com os argentinos que possuíam entreposto no Rio Uruguai, (imagino, o Porto de San Javier), e daí transportando-a para Buenos Aires ou Montevideú.

Como o rio Uruguai era navegável praticamente até a sua Foz, (muito próxima de Buenos Aires e Montevideú), acredito que as “estórias” relatadas pelo José Pedro, (meu avô), tem bom sentido. Ainda mais que eram viagens estas, navegáveis, seguras de ida e volta e que não eram demoradas. Podendo-se ir numa semana e retornar poucos dias mais tarde.

Segundo Tio Tote, alguns jovens “medalhões” de Palmas, gabavam-se de terem conhecido Buenos Aires.

Na verdade, ainda anteriormente a 1894, uma Comissão Militar, chefiada pelo Major Tolosa, esteve em Palmas com o intuito de verificar fronteiras. Pois em seguida ao término da Guerra do Paraguai os argentinos passaram a contestar as presenças de palmenses estabelecidos no seu território.

Um desses militares, iniciou namoro com uma das irmãs de Mãe Diola e na varanda da casa do pai da mesma, que se localizava na rua lateral e junto da igreja, (à direita da mesma, em direção a Diocese atual e um pouco abaixo da igreja, mas do lado esquerdo dessa rua para quem desce), relatava fantásticas histórias sobre Buenos Aires, sua urbanização, bem como ferrovias, escolas, etc.etc. Fato que chamou atenção dos jovens palmenses pois os próprios argentinos teriam vindo pela navegação fluvial do rio Uruguai de fácil acesso pelo Caminho das Tropas à Palmas. Daí, a facilidade quanto ao inverso.

No entanto, Major Tolosa faleceu em Palmas, vítima de maleita. Porém, o José Pedro, meu avô, falava e recontava historias sevilhanas. E a sua profissão quando chegou a Palmas, era ourives.

Mas que teria deixado tempos depois.

Após isso, adquiriu uma área de terras na região de Palmas, no local onde existiam bons hervais, (atualmente Catanduvás, SC, próxima de Joaçaba), e iniciou esta atividade. Sendo que a linha ferroviária já passava por Joaçaba desde há tempos. Local onde veio a falecer decorrente de disputa de corridas de cavalos e apostas a dinheiro.

Segundo Tio Tote, o José Pedro adquiriu tal propriedade em decorrência das vendas de propriedades do seu pai Amantino, após o falecimento deste último. Este, por sua vez, fora casado com a Maria Rita que acabou falecendo meses depois do nascimento do José Pedro. Com isso, o Amantino levou o menor a Santo Angelo para ser criado pelo irmão da falecida esposa. Lá chegando, o mesmo também falecera. Em vista disso, o Amantino acabou se casando com a Felisberta Barbosa de Lima, viúva do cunhado e a trouxe para Guarapuava.

Anos depois, a Felisberta também acabou falecendo. No entanto, a mesma, segundo a “genealogia tropeira do Rio Grande do Sul”, era descendente dos destacados Barbosa de Lima. Com a venda de tais propriedades do pai Amantino, o José Pedro viu-se capacitado para ingressar na atividade ervateira. O que lhe possibilitou adquirir tal propriedade e ao mesmo tempo alguns cavalos de corrida. No que foi vitimado por tais disputas a dinheiro.

Quando Tia Arací, já viúva, retornou ao Paraná, levei-a ao local. (Catanduvás). Ela, então, recordou-se de vários fatos familiares que vivenciou naquela época pois tinha sete anos de idade. Porém, quando seu pai faleceu, toda a família se encontrava em Palmas pois em véspera do nascimento da Olga. A última irmã do meu pai.

Coube ao Tio Tote, buscar todos os pertences familiares e trazê-los para Palmas. Bem como, vender tal propriedade e cavalos ao mesmo tempo entregar o resultado econômico a sua irmã Genoveva. E o mesmo sabia dissertar sobre tudo isso. Pois ele, juntamente com sua esposa Corina, foram padrinhos de casamento do casal José Pedro/Genoveva em Palmas. A Olga, última filha do casal Genoveva/José Pedro, por ocasião do falecimento do mesmo, nasceu na antiga casa que pertencera ao “Seu Mestre”.

Local onde continuou a morar após o falecimento do José Pedro. Juntamente com Genoveva, vieram sua mãe “Diola” e mais sua avó, Maria Elisia, conhecida como “Mãe Velha”.

Porém, Genoveva somente casou-se em segundas núpcias com o advogado Carlos Seixas Saldanha, um pouco mais de seis anos após o falecimento do José Pedro. Ocasião, que havia sido alugado ao Sr. Elias Dipp, a parte frontal da casa onde se localizara o Cartório do “Seu Mestre”.

Quando o José Pedro casou-se com a Genoveva Belo Vieira, o mesmo já se aproximava dos trinta anos de idade. Portanto, não era um jovem. Ao se apresentar a família da mesma, informou-lhes o que fazia, onde viveu, a que se dedicava comercialmente, bem como os

nomes de seus pais. Amantino e Maria Rita e seus avós. Ao mesmo tempo, informou que seu pai Amantino era filho do Francisco Rocha Loures.

Ao que se sabe, o José Pedro, visitou seu pai em Guarapuava, o Amantino, por algumas vezes na sua juventude. Mas quando o mesmo soube do falecimento do seu pai, tal fato pertinente, ocorrera anos antes.

E este hiato de tempo, ensejou à sua esposa e filhos que o José Pedro não estivesse no Brasil. Ainda mais que o mesmo tocava bem o violão e cantava canções sevilhanas. O mesmo falava fluentemente o português bem como o espanhol. Ao mesmo tempo, possuindo boa escolaridade e escrevendo igualmente bem nos dois idiomas.

Em vista disso, além de se dedicar ao plantio e comercialização da erva-mate na atual cidade catarinense denominada Catanduvas, próxima de Joaçaba, foi professor de primeiras letras nesta cidade. Comprovado, pela certidão do seu óbito fornecida pelo cartório daquela cidade.

A partir deste livro do Professor João Alves da Rocha Loures, correlacionando com pesquisas que iniciei anos depois, deduzi que alguns Rocha se localizaram em Antonina e outros, pelo caminho do Arraial, cujo início se dava nas proximidades da atual localidade denominada Porto de Cima, chegaram a região de São José dos Pinhais, mais precisamente no Miringuava, onde se estabeleceram se multiplicaram familiar e economicamente.

Anos depois, resolvi registrar em livros as histórias da minha bisavó materna. A Maria Bebianá Lopes Borges. Seus ancestrais eram açorianos, fixaram-se no norte da baía da Babitonga e próximo a São Francisco do Sul. Os mesmos vivenciaram a colonização francesa. Para tanto, registrei sua história no livro que denominei “Quando o vento empurrava canoas a velas na Baía da Babitonga”.

Por sua vez, a mesma fora casada com o Joaquim Borges. Falecido em 1915. A Maria Bebianá Lopes, por volta do início dos anos de 1953.

O Joaquim, tido no seio familiar como um dos inúmeros descendentes do José de Oliveira Borges. Sargento Mor de São Francisco do Sul. Diziam, em tom irônico, que tais Borges existentes na região eram descendentes do citado cidadão e que espalhara filhos em São Francisco do Sul. Agora, sem o Oliveira.

São Francisco do Sul já em 1647 era uma comunidade com muitos habitantes. Sendo que Guaratuba foi fundada em 1771. Portanto, segundo os espanhóis, ambas cidades em terras dos mesmos e queriam reverter o decidido em 1750, agora em 1777 pelo Tratado de Santo Ildefonso.

Porém, como sabemos, Paranaguá foi fundada em 1647, Curitiba 1693 e Antonina 1714. Todas, anteriormente ao Tratado de Madri, 1750.

Diante deste novo questionamento de parte dos espanhóis, é que Dom Botelho de Mourão, Governador da Província de São Paulo, determinou as construções de Fortes em Paranaguá e na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis. Ao mesmo tempo abrir melhor o antigo e milenar caminho indígena, paralelo ao mar, que se denominou Linha de Defesa, contra um possível avanço dos espanhóis descontentes com o Tratado de Madri. Atualmente, BR-101. (Mais conhecida como a Estrada das Três Barras quando minha mãe era pequena pois a propriedade do seu pai, bem como da sua avó Bebiana, possuíam frente para a mesma).

Porém, o que me chamava atenção, quando criança, era que os familiares da minha mãe, “jocosamente”, afirmavam que o Joaquim era apenas mais um dos tantos descendentes que um Borges de São Francisco do Sul espalhou pela região. Pois eram vários. Mas não eram irmãos nem parentes, mas afirmavam que tinham origem muito antiga em São Francisco do Sul. Há quase duzentos anos atrás naquela época que ouvi pela primeira vez e achei engraçado.

Por que razão Dom Botelho de Mourão determinou ao José de Oliveira Borges a abertura melhor do caminho paralelo ao mar e que se denominou Linha de Defesa? Porque, como já informamos

acima, desde há muitos anos os portugueses não mais respeitavam o Meridiano de Tordesilhas. O qual, originariamente, passava por Cananeia. Portanto, Paranaguá, Curitiba, Guaratuba, e até mesmo outras tantas localidades, inclusive a Ilha de São Francisco do Sul, oficialmente, segundo o Tratado de Tordesilhas, foram edificadas em território espanhol.

Por sua vez, desde o início da colonização espanhola, os mesmos voltaram suas atenções para a fabulosa Mina de Prata descoberta em Potosi, na atual Bolívia, em 1545. Dada a esta fabulosa riqueza, os espanhóis se esqueceram de proteger seu território a oeste do meridiano de Tordesilhas. Devido a isto, os portugueses avançaram. Mas agora, 1750, os espanhóis queriam de volta seu antigo território. Daí a razão deste Tratado de 1750 e, na sequência, poucos anos depois, o Tratado de Santo Ildefonso. 1777.

O José de Oliveira Borges, Sargento Mor de São Francisco, no entanto, não conseguiu impedir que a armada de Dom Pedro de Ceballos, Governador da Província de Buenos Aires, invadisse o sul do Brasil e atingisse São Francisco do Sul.

Como Dom Pedro Ceballos afugentou os moradores de São Francisco do Sul, o Sargento Mor, José de Oliveira Borges, deixou esta cidade, atravessou a baía de São Francisco do Sul, e a partir daí, utilizando-se do milenar caminho dos Ambrósios, asilou-se no Miringuava. São José dos Pinhais onde residiam seus pais e demais familiares.

Sendo verdade ou não, pesquisando o José de Oliveira Borges, descobri que o mesmo tinha origem na Maria Bueno da Rocha. Mas o sobrenome Rocha seria da esposa do Antonio Bueno da Veiga que ficara viúva. O Antonio Bueno da Veiga, por sua vez, era minerador e foi o primeiro morador dos campos do Miringuava, (São José dos Pinhais). Juntamente com sua família, viera de Paranaguá pelo caminho do arraial.

Mas quem informou isto? Primeiramente, meu contemporâneo da Escola de Engenharia, Presidente da Academia Paranaense de Letras, o José Carlos Veiga Lopes. Ao relacionar sua ascendência, (Veiga), o mesmo interligou-a aos Rocha.

Agora, na pesquisa sobre o Sargento Mor de São Francisco, o José de Oliveira Borges, (hipotético ancestral do Joaquim Borges, meu bisavô pelo lado materno), o Acadêmico da Academia de Letras de Blumenau, literato e notável genealogista, Antonio Roberto do Nascimento.

Este, ao pesquisar o Sargento Mor de São Francisco do Sul, (o José de Oliveira Borges), nos seus Cadernos de Blumenau abordando tal cidadão. Portanto, decorrente de pesquisas efetuadas pelo mesmo e sem qualquer interesse genealógico pois ambos nos desconhecemos. Ao que me consta, falecido há poucos anos. Interligando-o ao núcleo familiar estabelecido no Miringuava.

Se isto for verdade, vale aqui a minha contribuição ao livro do Professor João Alves da Rocha Loures.

Por outro lado, com tal descoberta da ancestral Maria Bueno da Rocha, muito mais próximo ficará uma pesquisa melhor para se atingir o Bandeirante Bartolomeu Bueno da Rocha. Havendo comprovação, que os meus descendentes, bem como os do João Alves da Rocha Loures, possam comparecer, devidamente documentados, às comemorações do quinto centenário de São Paulo. 2054. Sem ouvirmos a indígena, nossa ancestral, cujos antepassados já se encontravam no Brasil desde a época de Pedro Alvarez Cabral.

Corroborando isso, uma ocasião, já universitário em Curitiba, encontrei o Renato Loures Bueno, medico, nosso aparentado, que me afirmou estar retornando da localidade Porto de Cima, pois na mesma ocorrera um grande encontro familiar pertinente ao mesmo.

Quando o militar português chegou a Curitiba, por volta de 1745, (anteriormente aos Tratado de Madri e de Santo Ildefonso), o Antônio João da Costa, casou-se com a Maria de Jesus da Rocha descendente dos primeiros Rocha que chegaram ao Paraná. Ao mesmo tempo, alterando seu nome para Antônio João da Rocha Loures. (Junção do nome da cidade de onde proveio com o sobrenome da sua esposa). Porém, daí resultando famosa e destacada descendência no Paraná.

Fato que de certa forma casava-se com o pensamento de Tia Aracy Belo da Rocha. Embora a mesma sempre fosse fanática pelos Ferreira Bello, pois a sua bisavó, a Inês Ferreira Bello, esposa de Seu Mestre, (José Antonio Alexandre Vieira), era descendente do Gabriel Narciso Bello, militar português que chegou a Curitiba casando-se com a filha do Chefe Militar da Região, o Estevão Ferreira, e com isso originando-se os Ferreira Bello. Através da sua esposa, (na realidade da sua avó, a Catarina Joana Paes), chegava-se, aos Paes e Paes Leme. Mas que coube a mim, tal pesquisa.

Portanto, mais esta vertente para participar das comemorações do quinto centenário de São Paulo. (Mas em tom de brincadeira).

No entanto, formado em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná em 1964, dediquei-me intensamente a construção civil sem qualquer tempo para outra atividade. Até os meus sessenta anos de idade. Muito embora continue até aos dias de hoje. 2024. Tendo como sócio na atual empresa Regional Planejamento e Construções Civis Limitada, o meu filho José Marcos da Rocha, que concluiu o seu Curso de Engenharia Civil no ano de 1989. A partir daí, até os dias atuais, (2024), continuamos batalhando na mesma vertente.

Porém, quando fiz sessenta anos de idade, bateu-me Forte desejo de registrar em livro as minhas memórias bem como fatos relevantes pertinentes a construção civil e, ainda, as minhas participações na Administração Pública, nas convocações de parte da municipalidade para decisões importantes da mesma, e outros fatos mais. Também,

registrar melhor a nossa própria história familiar decorrente de tantas “estórias” que ouvi na minha infância e juventude.

A partir daí, paralelamente a atividade empresarial, passei a escrever.

E este fato, quanto a registrar minhas memórias em livro, (mas pertinente aos meus familiares), mais uma vez, deveu-se ao livro denominado “Trezentos anos de Rocha Loures no Paraná”, decorrente da oitiva de uma jornalista junto ao notável advogado, Professor e Jurista paranaense, o João Alves da Rocha Loures, tido como nosso aparentado no seio familiar. Então lúcido, conhecedor profundo do Direito. Portanto, devendo-se respeitar as informações do mesmo à jornalista que lhe ouviu e, com isso, resultando no livro acima.

Após ler tal livro, dei-me conta que poderia, ainda que atrevidamente, registrar fatos semelhantes, mas decorrentes da própria nossa história familiar, a partir do meu bisavô, o Amantino Nascimento Rocha. Pai do meu avô o José Pedro da Rocha, também nascido em Guarapuava. Bem como sobre as histórias familiares pertinentes a este último.

Para tanto, efetuei pesquisas não só na igreja de Guarapuava, bem como no setor de História da Universidade dessa cidade, onde encontrei o libelo de terras documentando a fabulosa história oral que a minha bisavó, Maria Rita Machado, filha do Joaquim Machado com a Ana Maria de Moura. (Na realidade Rolim de Moura).

A mesma era descendente do Domingos Floriano Machado.

Tal libelo que lá se encontra, é uma exposição articulada, em papel almaço, expondo os motivos e as razões do pleito pertinente a tais terras, efetuado pelo hipotético proprietário ou descendente.

A Maria Rita Machado da Rocha, casada com o Amantino Nascimento Rocha, deixou aos seus descendentes as terras que recebera do seu antepassado. Mas através de petição judicial efetuada pela mesma. Daí, a existência do Libelo de Terras. Por destino Divino, arquivado no Departamento de História da Universidade de Guarapuava. Onde se encontra e a disposição de interessados.

Mas quando ocorreu a sentença judicial, a Maria Rita, esposa do Amantino, há muitos anos já havia falecida. Cabendo então, à minha avó Genoveva, (viúva do José Pedro da Rocha, filho do Amantino com a Maria Rita), o Direito a tais terras.

No entanto, devido ao falecimento do José Pedro, 1919, quando ocorreu tal decisão judicial, minha avó Genoveva já se encontrava casada, em segundas núpcias, com o advogado Carlos Seixas Saldanha. Em vista disso, declinou da posse das mesmas devido a grande distância, (região de Cascavel, Catanduvás, etc. etc), em relação a Palmas. Além de enorme área, a ser desbravada e ocupada, onerosa para a devida ocupação.

A Maria Rita Machado, como já afirmado, era descendente do Floriano Domingos Machado. Tido, atualmente, como o primeiro cidadão branco, a percorrer e ocupar tais terras na região de Laranjeiras do Sul e Cascavel. Pois ali, segundo consta em tal libelo, existiu um rancho coberto construído pelo próprio Domingos Floriano Machado ou alguém da sua proximidade familiar.

Além deste libelo, encontrei fatos documentados pertinentes ao Amantino Nascimento Rocha os quais comprovam que o mesmo muito conversava com o Pedro Alves da Rocha Loures. Igualmente, quanto a forma como ocorreu o seu falecimento bem como fatos daí decorrentes.

Igualmente ouvi o ex-Prefeito de Guarapuava, o Nivaldo Krieger, que conheceu muitos descendentes dos primeiros Rocha Loures chegados a Guarapuava e que documentalmente não possuíam prova. Também, pesquisando no Arquivo Público do Paraná. Inclusive, no de Porto Alegre, para tanto.

A razão de tal pesquisa em Porto Alegre foi que o Amantino teria nascido por ocasião da construção da estrada que interligou Guarapuava a Santo Angelo. Na verdade, melhor aberta pelo Francisco e seu irmão Cipriano no que foram ajudados pelos indígenas de Guarapuava.

O Cipriano Rocha Loures casou-se com a Brasileira de Oliveira Lima, filha do Gabriel de Oliveira Lima, natural de Itaporanga, e aparentado com a Maria Rosa de Oliveira, agregada do Padre Generoso. Também aparentado, com o Barão de Tibagi. O mesmo dedicou-se também à criação e comercialização do gado. Na região, onde atualmente situa-se a cidade de Clevelândia.

Ao mesmo tempo, igualmente registrei em livros, quanto a família da minha mãe Neolete Schatzmann da Rocha, pois descendente de pioneiro suíço/alemão, vindo para a colonização de Joinville por volta de 1853. Obras que realizamos, experiências que vivenciei na Administração Pública, tanto municipal como estadual, livros técnicos que escreví, etc.etc. Ressaltando que, ainda que sejam decorrentes de fatos fundamentados documentalmente, não estão isentos de imperfeições que possam ser melhor corrigidas no futuro de parte de quem se dispuser e tiver tempo para tanto.

Porém quanto a vertente dos Rocha que se instalaram em Antonina, igualmente os mesmos cresceram social e economicamente e também se destacaram. Principalmente, após o casamento de um deles com a filha do destacado cidadão uruguaio que exportava mate para o seu país. Época econômica do mate no Paraná. Sobrenome, Munhoz. Daí, resultando os Munhoz da Rocha.

Teriam, ambas as vertentes Rocha, origem no bandeirante Bartolomeu Bueno da Rocha? Quanto aos Paes e Paes Leme, mais fácil.

Se tiverem, que os nossos descendentes possam comparecer as comemorações do Quinto Centenário de São Paulo.

OS PALACETES LONDRINENSES NA DÉCADA DE 1940 E INÍCIO DOS ANOS DE 1950

Quando “Mãe Diola”, (minha bisavó pelo meu lado paterno, vinda da cidade de Palmas), nos visitou por volta de 1945, ocasião a morávamos na casa da Rua Ceará, (atual Prefeito Hugo Cabral), entre as ruas Benjamin Constant e Fernando de Noronha e muito próxima da serraria do Fabrini, chamou-lhe atenção as inúmeras toras de peroba, de significativos diâmetros, depositadas em tal serraria e até mesmo nas ruas vizinhas da mesma. Sendo que a linha férrea passava na parte mais baixa de tal serraria. Em outras palavras, passava tal linha férrea pela mesma propriedade da Serraria. Ao mesmo tempo, o Palacete do Fabrini, abaixo da nossa casa, na esquina da Rua Prefeito Hugo Cabral com Fernando de Noronha.

Naquele ano de 1945, abaixo da linha férrea haviam poucas propriedades. Podia-se afirmar que o quadrilátero da cidade estava limitado pela Avenida Higienópolis, a oeste, (mas não de forma continua nas proximidades desta última), rua Uruguai a leste, a linha férrea ao norte e ao sul a cidade de Londrina ocupava até a rua Pará, (onde localizava-se o Colégio Mãe de Deus), muito embora o quadrilátero urbano fosse até onde o cemitério estava localizado. Portanto, fora destes limites a ocupação dos lotes não era continua. Minha mãe Neolete sempre contava que quando chegamos a Londrina, final dos anos de 1940, fomos morar numa casa de madeira, pequena, localizada na esquina da rua Professor João Candido com rua Goiás. Porém, não existiam vizinhos. Fato que motivou a família a se mudar para a Rua Ceará, conforme relatado acima.

Quanto a avenida Paraná a mesma visivelmente era uma rua que aproveitara um antigo caminho indígena que partindo de Jataízinho alcançava Ibioporã, Londrina, Cambé, Rolândia, seguindo em direção a Arapongas, Apucarana, etc.etc. Existindo derivação, a partir de Cambé,

possibilitando atingir a antiga Redução de Santo Inácio praticamente as margens do Rio Paranapanema. Instalada pelos jesuítas espanhóis que chegaram a Assunção no Paraguai.

Havia ainda a rua, (mais conhecida por estrada das Três Bôcas), atualmente denominada Duque de Caxias, que passando praticamente pelo centro de Londrina atingia a localidade do Heimtal. Local onde já existia um núcleo originário de colonização alemã. Muitas vezes denominada estrada do Heimtal.

De certa forma, ao menos nos primeiros anos de Londrina, o cruzamento dessas duas ruas, (Heimtal e Av. Paraná), não deixava de ser o centro da cidade. Mas o cruzamento das ruas Maranhão com atual Mato Grosso, tinha prevalência.

Porém, em poucos anos mais, mas por volta de 1938/39, o centro da cidade deslocou-se para a Avenida Paraná propriamente dita, entre as ruas Bahia, (atual João Candido), e Mato Grosso. Uma faixa de terras que não era pequena. Com a construção do Cine Teatro Municipal, Casas Pernambucanas, Bar Líder e a propriedade de Willie Davids, Rua Rio de Janeiro, praticamente esquina com Av. Paraná ali situava-se o “point da cidade”. Muitas vezes denominado Boca Maldita de Londrina. Um pouco anterior a isto, podia-se entender que o primeiro centro da cidade na realidade fora na esquina da rua Maranhão com a Mato Grosso.

Além desses locais, havia a Praça da Igreja Matriz e na parte mais alta dessa praça a igreja propriamente dita.

Inicialmente, a Prefeitura Municipal ficou instalada na esquina da rua Maranhão com Minas Gerais. Porém, a partir de 1940, ficou construído o Paço Municipal, então um belíssimo e grande edifício onde ficou instalada a Prefeitura Municipal propriamente dita. Rua Minas Gerais esquina com a rua Santa Catarina. Ocasão que Londrina já possuía mais de dez mil habitantes. Portanto, um pouco maior que a população de Paranaguá, cidade destacada e considerada a mais antiga do Paraná. Mas Londrina, como município, tinha apenas seis anos de idade.

A maior parte das construções eram em madeira, geralmente utilizando-se a peroba, e obedeciam a uma arquitetura prática. Sem muitas sofisticções arquitetônicas. No entanto, edificações públicas, como o Paço Municipal, Posto de Saúde, Colégio Mãe de Deus, Grupo Escolar Hugo Simas, Cine Teatro Municipal, Bar Líder, Casas Pernambucanas, Casa Fuganti, dentre outras, já chamavam atenção de quem chegava na cidade. Ainda em 1941, já funcionavam o Colégio Mãe de Deus, o Ginásio Londrinense o que não deixava de ser uma novidade para uma cidade tão nova como Londrina. Em 1944, já funcionava a Santa Casa de Londrina. Então um enorme e destacado Hospital na cidade. Podia-se afirmar que a cidade já contava com alguns médicos, dentistas, e o número deles aumentava ano a ano.

Quando meu pai Aristóteles Belo da Rocha contratou uma charrete para levar sua avó, “Mãe Diola”, para conhecer melhor a cidade, a mesma ficou maravilhada. Palmas era então uma cidade muito antiga no Paraná. Fundada em 1836 mas que passou a ser município somente em 1879. Londrina, no entanto, já era maior que Palmas em 1945.

Inegavelmente, existiam já em Londrina destacadas residências familiares bem como edificações comerciais e também públicas. Dentre as residências, algumas localizadas na própria Avenida Higienópolis, e abaixo da mesma em direção oeste, muito embora existissem ainda muitos vazios entre uma propriedade e outra. Porém, pelo próprio traçado viário da Higienópolis, este fato ensejava que tal localização se destinava a um zoneamento mais qualificado e não dos tipos populares que começaram a surgir, já naqueles anos de 1940, em decorrência dos loteamentos fora do perímetro urbano inicialmente concebido pelo engenheiro da própria Companhia de Terras Norte do Paraná, Alexandre Rasgulaeff. Estes surgimentos de loteamentos populares, e até mesmo irregulares, começam a proliferar de tal maneira que a própria Prefeitura de Londrina passou a ter muitas dificuldades em aprová-los. Fato que originou a Lei 133, promulgada em 1951, disciplinando tal questão. Portanto, a partir dessa Lei é que

a Municipalidade de Londrina conseguiu encaminhar e disciplinar a questão do zoneamento urbano propriamente dito da cidade.

Mas naquele passeio pela cidade, chamou atenção de “Mãe Diola” algumas edificações residenciais tidas como “Palacetes”. Dentre os mesmos, o Palacete do Fabrini, localizado na esquina da atual Rua Prefeito Hugo Cabral, (Rua Ceará naquela ocasião), com a Rua Fernando de Noronha. Portanto, uma quadra abaixo do local onde morávamos. Mas na visão de “Mãe Diola”, de forma alguma tal edificação seria um Palacete como ela própria entendia.

Anos depois, já em 1951, quando retornamos a Londrina tive oportunidade de conhecer muitas residências destacadas da cidade. As que existiam na Av.São Paulo e imediações, e que muito se assemelhavam a residências do tipo arquitetônico inglês e defronte ao Bosque. Por sua vez, dentre uma dezena de outras na cidade, a residência o sr. Celso Garcia na Higienópolis também se destacava bem como a da família Roehrig que possuía no seu jardim alguns duendes em porcelana. Agora, 1951, Londrina, além de ter centenas de residências destacadas, possuía também alguns prédios de vários andares. E isto tudo tinha ocorrido em poucos anos e não se podia afirmar que tais construções parariam por aí.

Mas fato que me chamou atenção naquela época foi a residência do Sr. Salim Sahão, construída na rua Maragogipe. Tida como um verdadeiro Palacete. No ano de 1952, tive oportunidade de adentrar à mesma muito embora tenha ficado apenas no pavimento térreo. Era um palacete de dois pavimentos, possivelmente com área total de mais de quinhentos metros quadrados. Era, e é até hoje, uma arquitetura diferente, com pisos, forros e esquadrias de madeira destacadas. Muito embora houvesse pisos em granitina. Construída num grande terreno e um belíssimo jardim na frente. Digna de ser tombada pelo Patrimônio Histórico de Londrina, com o devido e merecido ressarcimento econômico aos familiares e descendentes do mesmo, a fim de merecer um devido restauro. Pois é na realidade, além de

destacada arquitetonicamente, histórica. Portanto, fazendo parte da própria história da cidade de Londrina.

Por volta de 1970, eu e minha esposa Marilene fomos a Europa. Dentre os locais que visitamos constou a Riviera Francesa. Mais precisamente as localidades de Nice e Mônaco dentre outras. Passeando pela cidade de Nice defrontei-me com uma significativa residência. Tive forte sensação de já ter visto tal casa e adentrado na mesma. Fato que ficou muito estranho para mim. Mas era uma convicção de minha parte. Como seria possível tal convicção? Sensação de vidas passadas? Fato que vez por outra inesperada e fortemente me vem à mente. Como julgar isto?

No entanto, de retorno a Londrina, dias após, dou-me conta que tal experiência vivenciada na França, (Nice), nada mais era que a convicção que o Palacete do Sr. Salim Sahão, que conheci por volta de 1952 em Londrina, era uma exata réplica daquela edificação que presenciei na Riviera Francesa. Daí, a convicção que o arquiteto que lhe sugerira tal edificação, embora paulistano, nada mais fez senão replicar o projeto francês em Londrina. Mas que ainda aos dias de hoje continua destacando tal edificação. A ponto de merecer Restauro e integrar-se na própria História da cidade de Londrina.

OS CLUBES DE SERVIÇOS EM LONDRINA NOS ANOS DE 1950 E SEGUINTE

Por volta de 1955, (mas na minha memória), os Clubes de Serviços, (Rotary Club e Lions), eram muito atuantes e destacados na cidade. A meu ver, e na minha imaginação da época, (então com catorze para quinze anos de idade), destinados a servir ao próximo e a própria comunidade, através da boa vontade, capacidade de informação, capacidade profissional, promovendo bons esclarecimentos nas mais diferentes áreas e, ao mesmo tempo, indicando possíveis soluções e ajuda.

Forma como eu próprio entendia para que serviam tais clubes de serviços. Além disso, também na minha ótica daquela época, que eram clubes elitizados pois, visivelmente, eram compostos por associados médicos, advogados, dentistas, professores, juizes, promotores públicos, e dirigentes comerciais ou empresariais das mais diferentes áreas. Ainda mais que, para frequentar tais clubes, (que normalmente se reuniam nos mais destacados locais ou restaurantes da cidade), havia uma taxa de contribuição destinada a um nível administrativo maior da própria entidade. Pois entidades espalhadas por todo o Brasil bem como nos mais diferentes países do mundo. Mas, na minha opinião, tais clubes destacavam todos os associados perante a comunidade londrinense. Pois ambas entidades compostas exclusivamente por líderes profissionais de sucesso na cidade.

Por serem constituídos por líderes respeitáveis e capacitados, as rádios emissoras londrinenses costumeiramente os entrevistavam sobre as mais diferentes aspirações do povo londrinense. Somente este fato, e der per sí, motivava boa audiência nas rádios emissoras locais e da região.

Os assuntos abordados em tais programas de rádio, via de regra eram o uso adequado de vacinas, a importância do raio x no exame

periódico, o que eram doenças endêmicas, também epidêmicas, o cosmos, a importância do conhecimento e relacionamento social, Londrina precisava de Faculdades, ao menos a mais urgente, que era de Filosofia pois precisavam-se de Professores em todo o Norte do Paraná para os cursos ginasiais que vinham surgindo. Também, mais escolas normais para formação de professores no ensino primário, mais estradas, luz elétrica adequada em todos os novos municípios, etc.etc.

Da mesma forma, reivindicavam-se mais postos de saúde para as cidades, mais luz elétrica e até mesmo a implantação de telefones. Igualmente, falava-se no plantio e comercialização do café e a necessidade de se plantar milho, arroz e feijão entre as fileiras do próprio cafezal, bem como outros produtos, sendo que a reivindicação de construções de armazéns do IBC, (Instituto Brasileiro do Café), a fim de estocagem e regulação da comercialização do café era um assunto premente.

As necessidades urbanas de Londrina, como zoneamento, calçamento da cidade, rede de água e esgoto, etc.etc., permanentemente estavam no contexto daquelas entrevistas muito embora pudessem ser atribuídas tais reivindicações mais a classe política da cidade que aos membros desses dois clubes de serviço. Igualmente, se pronunciavam até mesmo gerentes de bancos, comerciantes e outros afiliados destes dois clubes de serviços.

De certa forma, tais pronunciamentos mais tinham a ver com a classe política da cidade. Principalmente, de parte dos vereadores. No entanto, apenas dois ou três aproveitavam tal espaço radiofônico para tanto. Em vista disso, a meu ver, eram atropelados pelos destacados membros desses dois clubes de serviço.

Assim, as manifestações destes dois clubes de serviços, mais as da Associação Médica, Clube de Engenharia, Associação Odontológica, Promotoria Pública, representante do Ministério do Trabalho em Londrina, etc.etc., calavam profundamente na comunidade

londrinense. E tais programas de rádio tinham altíssima audiência na cidade.

Anos depois, já formado em engenharia, retornei a Londrina. Início de 1965.

Ao mesmo tempo, participando do Clube de Engenharia ativamente, acredito ter me destacado. Paralelamente, a nossa empresa que fundamos no início de 1966, a Técnica Canadá Engenharia e Construções Civis Limitada, agora no início de 1970, já possuía bom acervo técnico de obras realizadas na região. Obras Escolares, redes de água, esgoto e até mesmo galerias de águas pluviais de cidades, Estações de Tratamento de Água e Esgoto, Caixas d'água elevadas, etc.etc. Quanto a obras escolares desde o Governo do Paulo Pimentel vínhamos acumulando razoável acervo de construções executadas.

Desde que retornei à Londrina, já casado com Marilene Rocha, enturmamo-nos com a família do Elias Plácido Cesar, também engenheiro, (casado com a Zenite Ribas Cesar), cujos filhos tinham praticamente as mesmas idades dos nossos. Em vista disso, o senhor Elias Cesar, pai do engenheiro Elias, convidou-me para ingressar no mesmo clube do mesmo. O Rotary Clube Londrina Norte.

Coincidentemente, poucos meses antes, o Promotor Público, Aristeu dos Santos Ribas, (alto **dirigente** da maçonaria em Londrina), conversou comigo a respeito de tal entidade pois sabendo que a maior parte dos tios do meu pai pertenceram à mesma entidade tendo sido o meu tataravô, o “Seu Mestre”, um dos fundadores da mesma na cidade de Palmas/Pr.

Neste sentido conversei com o Sr. Elias Cesar. O mesmo sabendo de tantas obras que estávamos realizando fora de Londrina sugeriu-me o Rotary pois tal entidade me permitiria efetuar recuperações em outros clubes. Diante disso, aceitei.

O que me possibilitou ingressar no Rotary Clube Londrina Norte ainda em 1970. Tal Clube era um dos mais destacados não só em Londrina como na própria região. Como viajava bastante, pois

sempre fui executor de obras, aprendi que recuperações em outros clubes, mesmo em outras cidades, me permitiam conhecer pessoas que muito me ajudaram não só na própria realização da obra em si, mas também junto a entidades públicas e, principalmente, junto ao comércio local. Com a continuidade destas viagens em outras cidades, e até mesmo em outros Estados, aprendi a fazer palestras sobre os mais variados assuntos e naturezas. De certa forma, tais palestras foram o início do enorme aprendizado que me permitiu, anos depois, iniciar a elaboração dos meus primeiros livros.

Por outro lado, Londrina vivenciou muitas vezes a discussão da entrega do Serviço Autárquico de Saneamento, (SAS), à Sanepar. A cidade, desde a sua fundação, vivenciou a falta de água pois planejada pelos ingleses para uma cidade de no máximo quinze mil habitantes e isto ficou superado já no início da década de 1940 quando já moravam na cidade mais de dez mil e quinhentos habitantes. Sendo em que em 1945 essa população já era um pouco mais que o dobro. (22.500).

Fato que igualmente, atingiu o próprio fornecimento de luz. Inicialmente, através de gerador e na sequência através de pequenas quedas de água que existiam e se demonstraram insuficientes já de início para tanto.

Portanto, ao longo dos anos as lideranças da cidade se deram conta que era necessário e imprescindível um melhor Plano de Loteamento, Arruamento e Zoneamento para ocupação do solo o que resultou na Lei 133, promulgada em 1951, elaborada pelo notável engenheiro paulista, Prestes Maia.

Apenas dezessete anos após Londrina ter se tornado município, (1934), a mesma crescera de forma incalculável e não prevista, e continuava, o que era motivo da preocupação maior dos dirigentes da cidade.

Com a Lei de ocupação e zoneamento do solo, era preciso acudir a falta de água e luz. Como? Ao mesmo tempo, uma rede de esgotos e tratamento do mesmo pois na parte mais alta da cidade, (que era o

centro todo da cidade), sequer podiam ser construídas poços ou fossas sépticas pois a rocha praticamente aflorava. Com isto, como construir poços ou fossas? Mesmo assim, impositivamente a municipalidade londrinense teve de executar uma rede de esgotos no centro da cidade. Por volta de 1948.

Mas onde localizar a pertinente Estação de Tratamento de Esgotos? Em vista disso, provisoriamente destinou-se o esgoto para a parte mais baixa da cidade, (para onde ia também uma das vertentes de água pluvial). Ou seja, para a Vila Portuguesa situada no final da Rua São Vicente.

Porém, já nos anos seguintes, a Prefeitura conseguiu recursos para ampliar a rede de esgotos bem como construir a destacada Estação de Tratamento de Esgotos, tipo “carroussel”, na Vila Marísia.

Quanto ao fornecimento de água, inicialmente captada de várias minas d’água que existiam na cidade, e dirigidas às Caixas D’água construídas pela Companhia de Terras ou Prefeitura Municipal de Londrina, a municipalidade vinha administrando este fato. No entanto, ainda meados dos anos de 1950, a municipalidade preocupou-se com este fato. Pois começou a faltar água na cidade. A primeira caixa d’água bem como reservatório enterrado, localizou-se ao lado da igreja matriz. Ponto mais alto da cidade. Na sequência outras. Também em pontos altos da cidade. Uma delas, ainda remanescente.

Em vista disso, em meados de 1950, a Prefeitura Municipal de Londrina mandou elaborar um projeto de captação de água no Ribeirão Cafezal, adução, Estação de tratamento de água, recalque para o Reservatório Elevado na parte mais alta da Avenida Higienópolis e daí distribuindo-se a água pela cidade segundo um projeto para tanto. Em 1958, ainda no Curso Científico, eu José Pedro da Rocha Neto, fui admitido na Prefeitura Municipal de Londrina para cuidar dos resgates, (mas através de sorteio), de tais Apólices da Dívida Pública. Estava ainda cursando tal Curso acima, mas com vistas a ingressar na Universidade Federal do Paraná em Curitiba nos próximos anos. O

que, efetivamente, ocorreu. Havia um sorteio para resgate das mesmas e as sorteadas podiam ser pagas com juros atualizados. Tais Apólices teriam sido emitidas ainda na gestão do Prefeito Hugo Cabral, Porém, afirmava-se que fora o Prefeito Anibal Veloso de Almeida quem as lançara pois este Prefeito dirigiu Londrina num período entre o final da gestão de Hugo Cabral e início da gestão do Milton Menezes. Acredita-se que tal período não delongou mais que quatro meses. Porém, afim de permitir tal lançamento nesse período, na minha visão, é certeza que fora o Hugo Cabral o idealizador de tal empreitada.

Na sequência, início do Governo de Milton Menezes, inegavelmente o mesmo se empenhou na venda de tais títulos pois a partir daí é que realmente deslanchou o projeto de Captação de água do Ribeirão Cafezal, adução até a Estação de tratamento de Água, localizada na Avenida Jk atual, recalque para os reservatórios enterrado e elevado na parte mais alta da Avenida Higienópolis e daí para toda a cidade. O engenheiro designado para execução de tal serviço, na sua maior parte, foi o Amilcar Neves Ribas.

O sistema de captação, tratamento, reservação e distribuição de água para a cidade de Londrina, viu-se pronto e inaugurado somente em 1959. Porém, o sistema de esgotos da cidade, incluindo-se a estação de tratamento, que fora iniciado por volta de 1952/53, somente viu-se inaugurado por volta de 1964, com a efetiva inauguração da ETE do tipo carroussel. Mesmo assim, desde anos antes, o efluente da rede de esgoto já era lançado nas imediações da ETE.

Porém, por volta de 1970, (estando eu já formado em engenharia desde 1964), a cidade de Londrina tivera crescido tanto, que o sistema de abastecimento de água para a cidade revelou-se insuficiente. Porém, onde captar água? De poços artesianos? Descobriu-se nessa mesma época a existência do enorme aquífero Botucatu que igualmente atingia o norte do Paraná inclusive a região de Londrina. Em vista disso como aproveitá-lo? Ao mesmo tempo, surgiu o possível aproveitamento das águas do Rio Tibagi que não muito distava do centro da cidade.

Porém, a cidade dividiu-se quanto ao aproveitamento de uma ou de outra. Reuniões da comunidade passaram a ser feias neste sentido por solicitações da própria Prefeitura Municipal.

Representando o Clube de Engenharia, não me custou também representar o Rotary Clube Londrina Norte em tais discussões. Pois, de certa forma, esta confiança de parte desta entidade me destacou. Era um assunto importante para a Prefeitura Municipal de Londrina, daí as consultas à comunidade londrinense. Foram longas e cansativas reuniões que ao final de cada uma não se obtinha consenso ou decisão final. Daí, a razão maior das entidades convidadas pela Prefeitura Municipal de Londrina terem muitas dificuldades em se fazerem presentes.

Porém, a gestão do Dalton Paranaguá, em vista disso, convidou o notável engenheiro sanitarista do Rio de Janeiro, o Enaldo Cravo Peixoto, que veio a Londrina, primeiramente inteirando-se sobre o assunto, em seguida visitando pessoalmente locais, e na sequência reunindo-se com os Dirigentes do SAS, (Serviço Autárquico de Saneamento de Londrina), principalmente com o destacado engenheiro sanitarista, Arvid Ericsson, com os vereadores, com a própria Administração Dalton Paranaguá, bem como com nós os representantes de entidades de classe e dos Clubes de Serviços. Ao final, ficou decidido a opção pela captação e tratamento das Águas do Rio Tibagi. Foi uma notável discussão técnica quanto a opção pela captação.

No entanto, a Prefeitura Municipal, com recursos próprios, jamais teria condições de executar tal solução preconizada naquela reunião.

Na gestão seguinte, a do Prefeito José Richa, coube ao mesmo a decisão de entregar o Serviço Autárquico de Saneamento de Londrina para a Sanepar. Uma decisão terrível, a meu ver, pois notoriamente o SAS era uma pérola das Administrações Municipais que vivenciaram tais problemas através de tal órgão. No entanto, tal decisão não deixava

de ser uma preconização do Governo Federal no sentido de existir em cada Estado da Federação uma única entidade que cuidasse da água e do saneamento propriamente dito. E, nesse sentido, novamente nós os representantes de entidades de Classes e Clubes de Serviços somamo-nos no mesmo propósito.

Fato que igualmente ocorreu em gestões seguintes quando a cidade teve que se posicionar quanto aos novos Planos Diretores, (pois de forma alguma foi um único e sim vários ao longo dos anos), bem como quanto a coleta, transporte, deposição e tratamento dos lixos urbanos, domésticos, hospitalares, industriais e, principalmente os oriundos da construção civil. Por consequência, as Estações de Coleta, separação e Tratamento destes últimos.

Tarefas estas que sempre participei representando o Clube de Engenharia e o próprio Rotary da cidade de Londrina como um todo. Não me lembro de algum companheiro rotariano, mesmo de outro clube rotário da cidade, tenha se somado presencialmente conosco em tais reuniões que não deixavam de ser cansativas, extenuantes, e na maior parte não chegavam a lugar nenhum. A não ser o companheiro José Mário Marcantônio de Oliveira, que presidiu o nosso Clube Rotário. Gestão do Prefeito Cheida e quando o mesmo se decidiu pela implantação de uma Estação para coleta e separação do lixo doméstico.

Mas que ao longo dos anos seguintes, inevitavelmente desaguou numa discussão maior abrangendo lixo doméstico, hospitalar, industrial e, principalmente, da construção civil. Ao mesmo tempo, dando uma destinação melhor ao antigo lixão localizado atrás do aeroporto.

Executando obras, ao longo dos anos, em várias cidades do interior paulista, próximas a Londrina, vivenciei como tais cidades resolviam o lixo pertinente a construção civil de forma prática e objetiva. Fato que igualmente, ficou implantado na cidade de Londrina após longas discussões sobre o mesmo.

CELSINHO GOMES, O AGLUTINADOR DE AMIGOS

Em 1957, após ter concluído o Curso Ginásial, (mas já ter ingressado no Curso Científico em Londrina), e ter feito o Curso de Datilografia, passei a ser funcionário do engenheiro Celso Alvares Gomes. Pai do Celsinho, que na época era ainda criança. A intenção era aprender a desenhar projetos na área da engenharia. No entanto, o escritório do Celso Gomes tinha muita obra o que não lhe sobrava tempo para tanto. No entanto, ali aprendi noções de contabilidade com o contador do mesmo. Sr. Braz da Silva. Tempos depois prestei concurso para a Prefeitura Municipal de Londrina, embora não tivesse ainda dezoito anos de idade, e fui aprovado. Ocasão que o Celsinho era ainda criança. No entanto, anos depois efetuei o Curso de Engenharia em Curitiba e retornei a Londrina. Agora, já engenheiro e casado. Com isso, integrei-me ao Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina sendo o Celso Gomes um dos líderes. Com isso, contando com meus posicionamentos técnicos e políticos que igualmente se somavam aos dele. Início de 1965.

Cinco anos mais tarde, por volta de 1970, juntamente com minha esposa Marilene e filhos pequenos, começamos a frequentar a praia de Caiobá. Na realidade a iniciativa se devia ao meu concunhado, o médico Reginaldo Bocuti que possuía Hospital na cidade de Laranjeiras do Sul. Juntamente com o mesmo, reuníamos as nossas famílias, (filhos então pequenos), e seguíamos para Caiobá logo após o Natal. Com isso, passando Ano Novo e ao menos quinze dias mais como passou a ser o nosso costume. Época que o Celso Gomes, procedia da mesma forma possuindo já, inclusive, um pequeno edifício na orla marítima.

Porém, de nossa parte, invariavelmente, alugávamos de terceiros dois apartamentos no Edifício Caiobá então recém finalizado. Um edifício notável, diferenciado, e que contava com apartamentos cuja ventilação era cruzada, (da cozinha para os quartos e vice versa),

conforme lhe permitia a própria concepção arquitetônica do mesmo. Com isso, até mesmo dispensando a utilização de ventiladores nos dias mais quentes de verão. Fato que acabou se tornando rotina para nós ao longo dos anos. Inclusive de parte dos nossos próprios locadores que costumeiramente nos atendiam.

Podia-se afirmar que o número de veranistas era bem pequeno. Porém, costumeiros. Dado a isso, formamos uma turma de companheiros. Da mesma fazia parte o Celso Gomes, sua esposa e filhos. Dentre os mesmos, o Celsinho, então muito pequeno. Os assuntos eram os mais variados e interessantes. Porém, ao longo dos anos até hoje, mais de cinquenta e quatro, paulatinamente os companheiros daquela época foram falecendo e com isto, o surgimento de novos grupos. Porém, a presença da família do Celso Gomes, no nosso grupo sempre foi marcante. As conversas eram as mais variadas, devido a composição de pessoas diferentes quanto as suas profissões e origens das mesmas. Portanto, assuntos que nunca tinham fim.

Com o falecimento de praticamente todos daquele grupo inicial, surgiram novos líderes. Dentre os mesmos, o Celsinho Gomes. Filho do eng. Celso Alvares Gomes falecido há poucos anos atrás.

Devido a notável amizade do Celsinho para com outros, decorrente da sua própria personalidade, paulatinamente foram surgindo novos grupos. Porém, basicamente gente de Londrina, Norte do Paraná, Ponta Grossa e Curitiba.

As conversas sempre foram inteligentes e sobre os mais variados assuntos. Predominantemente sobre Ponta Grossa e Londrina. Evidentemente, Curitiba sempre esteve no bojo dessas conversas. Principalmente, quando o assunto tendia para o lado político.

Para as pessoas que passaram por Londrina, nos idos de 1950 e 1960, sempre restou na memória dos mesmos que a comunidade londrinense daquela época era muito participativa. Principalmente, quanto a campanhas públicas para ajuda, ou combate, disso ou daquilo.

O combate a gripe asiática, que assolou todo o norte do Paraná, por volta de 1957, ficou inesquecível.

Sempre a partir de programas radiofônicos para tanto. Assim que os primeiros casos fluíram para a população mais pobre, locutores de programas líderes na cidade conseguiram motivar a população londrinense no auxílio aos mais necessitados. Da mesma forma em outras campanhas. Na visão de todos ali presentes, (postados diante da barraca Guarda Sol do Celsinho), se conseguiu elencar uma série de campanhas que resultaram benefícios para a cidade e a população londrinense.

Foi-nos possível citar uma dezena de benemerentes evidenciando tal fato.

O próprio Celsinho, lembrou-se de fato marcante que julgo digno de registra-la no presente conto.

Havia um tradicional programa radiofônico cujo locutor via de regra liderava esta ou aquela campanha. Tratava-se de programa radiofônico empenhado em obter recursos para construção desta ou daquela entidade filantrópica. Numa dessas campanhas, um cidadão londrinense que doou um “macaquinho”, (animal mesmo), para ser leiloado e que o produto da arrecadação fosse destinado a uma determinada entidade de natureza assistencial e filantrópica.

Assim que o locutor de tal programa radiofônico anunciou o leilão de tal macaquinho bem como a finalidade da arrecadação dos recursos, a irmã menor do Celsinho, que ouvia também tal programa, se interessou e pediu ao pai para comprar tal animal. Iniciado o leilão o Celso Gomes, pai do Celsinho, por telefone passou a participar. Mas evidenciando que caso vencedor tal animal seria entregue a sua filha pequena. Porém, tais lances foram crescendo e o próprio Celso, pai, alertou à filha menor que iria dar lances até um determinado valor. Acima daquele valor ele não mais daria lances.

No entanto, rapidamente os lances alcançaram tal valor e até mesmo ultrapassaram. Conforme combinado familiarmente, deixou-

se de dar lances e a partir daí o locutor insistia em novos lances mas ninguém mais se pronunciou. Então o locutor afirmou que daria dez segundos mais e não havendo novos lances o macaquinho seria entregue à pessoa que dera o último lance e já conhecido publicamente. Porém, segundos antes de ser finalizado tal leilão, um cidadão contactou o locutor, telefonicamente, mas em viva voz, e ofereceu dez vezes mais que o último lance já ofertado. Porém, com uma condição, que tal macaquinho fosse entregue a menor Gina. Irmã do Celsinho.

Na entrega do macaquinho, verificou-se que o cidadão que dera tal lance, era o Sr. José Garcia Molina, (que não quisera se identificar em tal programa radiofônico), um dos proprietários da Viação Garcia.

Contanto tal história, o Celsinho respaldou que muitos líderes da cidade de Londrina, na década de 1950 e 1960, agiam da mesma forma. Sempre no sentido de ajudar a própria cidade de Londrina e às obras de benemerências. Mas procedimentos que se iniciaram ainda no início da década de 1940.

Porém, há que se registrar que a comunidade londrinense sempre contou com notórios benemerentes ou pessoas que se dedicaram a nobres causas. Dentre os mesmos, a irmandade do Colégio Mãe de Deus, líderes políticos da cidade, bem como o senhor José Bonifácio e Silva, dentre outros, pertinente a construção da Santa Casa de Londrina.

O Pedro Romero, (Lar Anália Franco), o Professor Odésio Franciscon e sua esposa Rosalina, pertinente ao Instituto Londrinense de Educação de Surdos, a entidade denominada Senhora de Rotarianos, na construção e funcionamento do Instituto Londrinense de Educação de Crianças Excepcionais, Arnaldo dos Santos, pertinente a Casa do Bom Samaritano, dentre outros.

Sem olvidar o médico e empreendedor, Raul Lessa que sempre se disponibilizava para ajudar pessoas ou entidades. Evidentemente, dirigentes de grandes empresas igualmente participaram bem como a própria comunidade como um todo. Daí, o meu temor em não

conseguir de memória, enunciar muito mais pessoas que igualmente participaram dessa enorme tarefa. Fato que ainda ocorre aos dias de hoje. 2024. Muitos dos quais, exigindo discrição e silêncio.

A ESCOLA DE BELAS ARTES PARA LONDRINA

Anos atrás, a Prefeitura municipal de Londrina, envolveu-se na ideia de dotar a cidade de um Teatro Municipal. Na verdade a cidade possuía, além do Cine Teatro Ouro Verde, o mais moderno, destacado e maior, bem como outras três edificações da mesma natureza. O Teatro do Colégio Mãe de Deus, o Teatro do Colégio Marista e mais um outro, porém de propriedade particular, onde funcionou o antigo Cine Vila Rica. (Mas que se encontrava paralisado).

Anos atrás o Teatro Municipal era um sonho para a cidade e motivo de campanha política de vários candidatos que se tornaram Prefeitos Municipais. No entanto, inicialmente acreditou-se nas transferências de Recursos, (ou emendas de parlamentares), para viabilização da construção. E isto acabou ocorrendo. O Deputado Federal André Vargas, anos atrás envolveu-se nessa ideia e conseguiu parte dos recursos através de recursos oriundos do Governo Federal. Era sua intenção, na sequência, obter outras verbas parlamentares para tanto. Da mesma forma a própria Prefeitura Municipal de Londrina também participaria além de disponibilizar uma enorme área para tanto.

Em função disso, primeiramente foi elaborado um notável projeto arquitetônico, (por arquitetos de São Paulo), contendo não somente o Teatro propriamente dito, mas também uma área para espetáculos ao ar livre. Além disso, um enorme espaço sob o mesmo, (subterrâneo), para abrigar dezenas de veículos. Apesar da área externa, para tanto ser enorme.

Efetuada a viabilização do terreno, elaborou-se o destacado projeto arquitetônico contemplando um enorme leque de atendimentos. Interna, subterrânea e externamente.

Com isso, a Prefeitura Municipal de Londrina programou-se para receber recursos federais, que seriam complementados com

parte dos seus, e, em decorrência, efetuou-se a licitação. Dentre os interessados a nossa empresa, Regional Planejamento e Construções Civis Limitada, saiu-se vencedora e, por consequência, contratada e autorizado o início das obras.

Iniciados os serviços, a própria Prefeitura de Londrina solicitou agilização dos mesmos pois vindo a verba, uma prestação de contas rápidas, agilizaria a continuidade de solicitação de verbas federais. Muito embora estivesse sendo contratada apenas a estrutura em concreto armado. Mas que era volumosa e de valor altamente significativo. Em vista disso, adquirimos praticamente toda a ferragem, formas, escoramentos, e andaimes metálicos. Também, ao mesmo tempo, agilizamos mão de obra, terraplenagem, escavações enormes para estacionamentos subterrâneos, etc.etc.etc.

As medições de serviços, e os respectivos pagamentos eram mensais. E realmente a Prefeitura nos pagou os primeiros meses. Porém com recursos próprios da mesma.

Era um fato novo, mas o próprio deputado federal assegurava que a liberação de recursos de parte do Governo Federal era questão de pouco tempo mais. Todos acreditamos.

Por sua vez, como a prefeitura municipal estava colocando recursos próprios, (embora divergente do que fora combinado inicialmente), a nossa preocupação como construtores, tinha algum respaldo. E isto, não nos intranquilizava.

No entanto, cinco meses mais tarde, a própria Prefeitura nos procurou para colocar-nos a par da real situação. Pois o próprio deputado federal já se mostrava descrente quanto a liberação da sua emenda. O que garantiria a boa continuidade da obra.

Decorrido pouco mais tempo, agora também passando a existir falta de pagamento com recursos da própria Prefeitura Municipal, efetuou-se uma reunião para tanto. Ou seja:- Nem a Prefeitura nem recursos advindos da emenda parlamentar tinham alguma sinalização quanto as suas viabilidades. Fato que nos preocupou. Em vista disso,

sinalizamos que iríamos parar a obra. Porém, não existia alguma negação de parte do Governo Federal quanto a liberação de Recursos. Ao contrário, mas sim a afirmação que tal verba viria. Ainda que demorasse um pouco de tempo mais.

Em vista disso, como já possuíamos muito material comprado e já colocado no próprio canteiro de obras, corremos o risco e demos continuidade na obra. No entanto, meses depois, acabamos paralisando totalmente os serviços. Ocorreu medição total do que já havia sido construído, emitimos a fatura pertinente, dispensamos o pessoal todo, e ficamos aguardando o pertinente pagamento até aquela etapa que se encontrava realizada.

Passaram-se os meses e a própria prefeitura nos procurou afirmando que não possuía recursos próprios para tanto. Na continuidade os meses foram passando e hum ano após realizamos uma cobrança judicial contra a Prefeitura pois nossa contratante. Tal questionamento nosso acabou tornando-se precatório. Fato que ocorreu oito anos atrás em relação ao final de 2023. Precatório, cuja data de pagamento não se encontra definida até os dias de hoje.

Decorrente deste abandono, e sem a própria Prefeitura Municipal dar guarda e manutenção ao que fora construído, evidentemente passou a ocorrer a deterioração e vandalismo do que fora construído. Fato que a cidade de Londrina passou a cobrar da municipalidade ainda nos meses finais de 2023.

No entanto, ao final de junho deste ano, (2023), o nosso clube rotário elegeu um novo Presidente. Por ocasião da sua posse o mesmo comunicou a todos nós associados que seria motivo da sua gestão retomar a luta para que a própria Prefeitura Municipal pudesse dr continuidade na obra.

Fazendo-me presente, comuniquei a todos os nossos companheiros, principalmente ao Presidente do nosso Clube Rotário, que para finalização daquela obra seriam necessários mais de cem milhões de reais. O que não era pouco. Pois obra volumosa e acabamento requintado. (Diferenciado).

Ao mesmo tempo, afirmei aos companheiros presentes que não acreditava na continuidade da obra para fins de um Teatro. Mas sim de uma Escola de Belas Artes. No passado Londrina tivera uma Escola de Teatro, Escola de Música, Escola de Balet, podendo-se facilmente agregar-se àquela construção um Escola de Escultura e Pintura. Pois professores para tanto a própria cidade possuía.

Diante dessa minha manifestação, todos ali presentes concordaram e ao mesmo tempo se motivaram. Com isto, a própria gestão rotaria que se iniciava também se motivou.

Para tanto, já de imediato a Diretoria que se iniciava, juntamente com a que deixava, se prontificaram a motivar todos os outros clubes rotários da cidade.

Em vista disso, de imediato, eu José Pedro da Rocha Neto, mais José Botelho complementando pelo atual presidente, o médico Elias Ribeiro, agendamos uma entrevista junto ao jornal local, (Folha de Londrina), para exposição deste posicionamento do nosso Rotary Club Londrina Norte, no que seríamos acompanhados pelos demais clubes de serviços da cidade.

Mas não acreditamos envolver a atual gestão municipal devido as próximas eleições daqui há poucos meses. Mas sim, os possíveis candidatos que surgirem para o próximo pleito eleitoral. (Outubro/2024).

POR QUE RAZÃO O ESTÁDIO DO CAFÉ ESTÁ LOCALIZADO NAQUELE LOCAL?

Poucas pessoas em Londrina conhece a razão. Mesmo assim, as que sabem, nunca se propuseram a divulgá-la publicamente. Mas existe uma razão e que foi solucionada com arte e maestria pelo Prefeito José Richa naquela ocasião. Na verdade, pelo Secretário de Obras Wilson Moreira, que tomou a iniciativa, no que foi acompanhado pelo Secretário do Planejamento Urbano. O arquiteto João Batista Bortolotti. Os quais possuíam todos os dados. Durante dias analisaram esta questão.

Assim que tiveram conhecimento integral dos fatos, tornou-se necessária aquela reunião com o Prefeito Municipal que igualmente vinha acompanhando tais análises. Porém, assunto restrito aos três participantes daquelas análises e decisões. O Prefeito José Richa, o Secretário de Obras Wilson Moreira e o Secretário do Planejamento Urbano. O arquiteto João Batista Bortolotti.

A partir daí, o Prefeito José Richa deu conhecimento a todos nós Secretários que igualmente nos somamos à solução preconizada.

Na verdade, o início daquelas reuniões, (preliminares e restritas), se deviam a um fato inesperado e grave que passara a ocorrer ainda na gestão anterior. Cujo Prefeito fora o Dalton Paranguá. Agora, também participando do Secretariado de José Richa. Na condição de Secretário da Saúde.

Na execução dos serviços de movimentação de terra para execução do novo leito ferroviário, (corte e atêrro), ocorrera um grave erro de projeto e os próprios fiscais da obra, (estando aí incluídos funcionários da Prefeitura Municipal), conferiam os serviços realizados, mediram, e autorizaram os devidos pagamentos.

Porém, em tempo algum, tais engenheiros fiscais se deram conta do grave erro que estava ocorrendo. Mas na minha ótica, de

forma alguma foram negligentes. Pois para tanto, necessitaria que os mesmos, igualmente, fizessem os mesmos serviços topográficos. Tarefa esta que não lhes era pertinente.

Assim, mediante os próprios dados da construtora, conferiam os mesmos, (volumes de terra escavados e aterrados e compactados), e autorizavam os devidos pagamentos).

Porém, após executado o pátio ferroviário é que se percebeu a anomalia pertinente a rampa que se demonstrou excessiva para o transito de trens. Daí, a necessidade, impositiva, de se aumentar o traçado da linha ferroviária. Para viabilização disso, evidentemente aumentando-se tal traçado.

Mas fato perceptível na gestão Richa. Ainda que muitos afirmem que a própria gestão do Dalton já tomara conhecimento do fato. Porém, não encaminhou a solução.

Mas qual foi este fato tão grave ? Se é assim que podemos chamar.

Por ocasião de sua campanha eleitoral a Prefeito de Londrina, o Dalton Paranaguá, postado num enorme palanque junto ao leito ferroviário, assumiu o compromisso, (caso fosse eleito), que removeria o leito ferroviário daquela posição. Com isso, liberando todo o trecho desde a parte leste da cidade até a parte oeste, e neste local seria construída uma grande Avenida. Atualmente, a Avenida Dom Geraldo Fernandes, mais conhecida como Avenida Leste-Oeste.

Com isto, permitindo excelente interligação da parte mais alta da cidade, (Centro), para com as partes baixas. Ao mesmo tempo, eliminando, os grandes engarrafamentos de trânsito que ocorriam por ocasiões das movimentações dos trens no pátio ferroviário e que não era pequeno. Pois dezenas de vagões para transporte de cargas sempre ali se faziam presentes e estacionados. Aguardando a viabilização dos seus destinos tanto em direção a Curitiba como a São Paulo.

Os próprios locutores das emissoras de Rádio de Londrina faziam diariamente a vertente maior das suas audiências. Sempre exigindo do Poder Municipal alguma solução para tanto.

Mas, compromisso eleitoreiro do Dalton Paranaguá que inclusive foi ironizado por mim, José Pedro da Rocha Neto, então um dos vários coordenadores da Campanha Política de João Olivir Gabardo à Prefeitura Municipal de Londrina.

Pois tal tarefa, embora fosse a mesma preocupação dos Prefeitos anteriores, nunca tomaram alguma iniciativa. Ou procurarem viabilizar recursos para tanto. Diante disso, a maioria dos eleitores londrinenses votou no Dalton Paranaguá. Mas, a meu ver, não levando em consideração tal proposta eleitoreira somente.

No entanto, assim que o Dalton Paranaguá se viu empossado, convocou o arquiteto Leo de Judá Barbosa, natural de Minas Gerais, mas na época sediado em Maringá, afim do mesmo participar da sua equipe. Fazendo parte do seu Programa de Trabalho, a remoção da ferrovia, então situada naquele local onde ocorreu seu compromisso eleitoreiro.

Por sua vez, o Leo de Judá Barbosa, possuía relacionamentos com pessoas ligadas ao Governo Federal, (porém, estes, como executores de obras), e discutiu-se a questão. Mas utilizando-se de verbas federais. Dessa discussão, chegou-se a conclusão de uma viabilização factível quanto a remoção do leito ferroviário.

No entanto, deveria haver, preliminarmente, um projeto da nova linha ferroviária que desde o princípio teria de iniciar-se na divisa com o Município de Ibiporã e finalizar na divisa com o Município de Cambé. Evidentemente, pois não se poderia construir nada nestes dois outros municípios.

Fundamentando-se nestes dois pontos elaborou-se um projeto do novo traçado da linha ferroviária. Afim de não interferir com loteamentos já existentes, evitando-se desapropriações, o novo traçado para tal linha férrea demonstrou-se viável passando por onde é hoje o Estádio do Café.

Nesse sentido foram elaborados todos os projetos ao mesmo tempo que nesse local do atual Estádio do Café, seria, além da Estação Ferroviária propriamente dita, um grande pátio ferroviário.

Projetos finalizados, aprovados e viabilizados recursos econômicos, iniciou-se a construção do novo leito ferroviário interligando Iporã a Londrina e Cambé. Os serviços para tanto, coube a Construtora Pinheiro. Porém, a fiscalização dos mesmos, bem como medições de volumes de terra, escavados ou aterrados, coube à Prefeitura Municipal de Londrina através dos seus técnicos. Mas conferindo tais serviços mediante as apresentações de medições e os seus pertinentes cálculos efetuados pela própria Construtora Pinheiro. No local onde hoje é o estádio do Café, seria o pátio ferroviário.

Portanto, alí passando a ferrovia. Porém, já efetuado tais serviços pertinente ao aterro e movimentação de terra, detectou-se que o trem não poderia chegar a este local. Pois muito íngreme para tanto.

Veio o Governo municipal de José Richa.

Meses depois, assume Wilson Moreira como Secretário de Obras da Prefeitura Municipal de Londrina. O mesmo toma conhecimento que o projeto inicialmente elaborado precisava ser modificado. Mas o pátio ferroviário não poderia ser mais naquele local pois houve um erro de projeto e execução. A razão era que, sendo naquele local, isto exigiria uma rampa além do permissível tecnicamente para trânsito de um trem.

Sabidamente, trens exigem rampas muito pequenas a fim de facilitar o bom trânsito dos mesmos. Com isto, obrigatoriamente, tal pátio ferroviário deveria ser transladado para outro local pois alí não poderia mais ser.

Para tanto a linha ferroviária deveria ser deslocada para mais além. Para o atual local onde hoje situa-se um dos vários terminais urbanos de Londrina. O que foi feito. Porém, como dizer isto à população? Debitar o erro ao ex-Prefeito Dalton Paranguá, que apoiara oficialmente a campanha do Richa? E que, agora, também fazia parte da equipe de José Richa na condição de Secretário da Saúde?

Mas era uma enorme área que fora desapropriada para tanto. A grande preocupação de José Richa era como dizer isto a população londrinense? Teria de haver uma boa razão.

Neste sentido, secretamente, foram realizadas tais reuniões sigilosas entre o Wilson Moreira, José Richa e o arquiteto João Batista Bortolotti.

Era uma época que os dirigentes do Londrina Esporte Clube, time da cidade, já reivindicavam do Prefeito José Richa um novo Estádio de Futebol pois o Estádio Vitorino Gonçalves Dias já se mostrava superado e sem as condições de recepcionar times de envergadura. Tanto a nível estadual como nacional. Fato que não era novo para a cidade, desde a Administração de Hosken de Noves.

E esse problema aflorou na gestão do Secretário de Obras, da Administração José Richa, não se podendo afirmar a população que houve um erro na execução da própria linha ferroviária. Por outro lado, agora, com mais custos e mais desapropriações.

Erro tão grande que na área prevista para o pátio caberia não só um Estádio de Futebol mas também até mesmo um autódromo. Havia ainda, como comunicar isto as autoridades federais. Principalmente, aos dirigentes da Rede Ferroviária no Paraná. A meu ver, na ocasião, o Paulo Munhoz da Rocha, meu contemporâneo da Escola de Engenharia no Paraná. Porém, formado antes. Mas isto aconteceu e o Paulo somou-se ao lado do Richa.

No entanto, naquela reunião entre os três, (Richa, Moreira e Bortolotti), discutiu-se a ideia de se colocar naquele local o novo Estádio de Futebol. Porém, cujos custos teriam de ser enormemente baixos como era a praxe do Wilson Moreira. Ou seja, concebeu-se a remoção de terras onde hoje é o estádio e ao mesmo tempo colocando-a na mesma região como se fosse arquivancadas. Pois a remoção para um outro local, chamaria atenção da população londrinense.

Por sua vez, o Bortolotti deu a sua contribuição arquitetônica para exatamente se encaixar na ideia do Wilson Moreira. Concebida a viabilização do intento teria de ser encontrado um arquiteto

que assumisse um projeto exatamente dentro daquele conceito. Sabidamente, cada arquiteto quer a sua independência arquitetônica. E não subordinar-se, exatamente, ao já imposto por outros.

Para tanto, convocou-se o arquiteto Isabelino Aguilera, que vestiu a camisa do Wilson Moreira e Bortolotti. Disso, resultou o atual Estádio do Café. Dentro de um custo bastante baixo a fim de que a própria Prefeitura pudesse assumir tal construção. Dentro da ótica do Wilson Moreira quanto a custos.

No entanto, pouca gente sabe deste fato. Mas que me foi relatado pelo próprio João Batista Bortolotti, anos atrás. Meu ex-companheiro do Curso Científico no antigo Colégio Estadual de Londrina. Meu ex-companheiro de lutas estudantis. Meu ex-companheiro quanto a equipe de Secretariado do Prefeito José Richa.

Daí, o registro deste importante fato diante da comemoração dos noventa anos da cidade de Londrina.

A BOCA MALDITA DE LONDRINA

Já de início, para que não existam outras interpretações, defino Boca Maldita como um lugar central de uma cidade, (costumeiramente um bar onde é servido cafezinho), onde constantemente se verifica presença de homens de negócios, corretores, fofoqueiros, (geralmente abordando política ou vida alheia), empresários, proprietários e empreendedores das mais variadas naturezas, etc.etc., e até mesmo para encontro de pessoas que nada tem a fazer na vida. Também local democrático, social, cultural e sem distinções econômicas de uns para com os outros. Onde todos se intercomunicam, independentemente da côr, da corrente política, da diversidade cultural, condição social, etc.etc.etc.

Para tanto, devido ao uso e costume, existe um fator agregador, geralmente um determinado bar, no centro da cidade, onde é servido cafezinho dentre outras coisas. Local onde se reúne essa variedade de pessoas acima. Porém, a frequência é resultado de bons assuntos que aí possam ocorrer. Assuntos políticos, comerciais, previsões do que possa ocorrer, oportunidades de negócios, etc.etc. Dada a variedade de assuntos e interesses das pessoas que aí se postam.

Assim, dado ao fato dos assuntos abordados serem os mais diversos e sem compromissos com a verdade, daí o nome Boca Maldita. Mesmo assim, trata-se de local muito útil para troca de ideias e informações bem como colocar-se a par de determinados assuntos. Ao mesmo tempo, troca de experiências.

Nos anos que cursei Engenharia, em Curitiba, a Boca Maldita era no Bar Alvorada. Situado na Rua XV, praticamente ao lado da Galeria Lustosa, a cinquenta metros do prédio dos Correios bem como do antigo prédio da Universidade Federal do Paraná onde localizavam-se as antigas Escolas de Engenharia, Faculdades de Medicina, Direito e Odontologia. (Atualmente, a meu ver apenas, as Faculdades de Direito e Odontologia).

Via de regra, todas as cidades brasileiras têm sua boca maldita. Pois fruto do próprio costume latino na sua maioria.

Quanto a Boca Maldita de Londrina, pode-se afirmar que a mesma teve início ainda nos anos finais de 1930. Por volta de 1938/1939, com a instalação do Bar Líder, de propriedade do Sr. Eber Palhano, passando a ter ao lado o Cine Teatro Municipal, ali se enraizou a primeira Boca Maldita de Londrina. Na minha opinião, a mais famosa.

Dada a vertiginosa expansão urbana de Londrina, (mas decorrente da enorme plantação e produção de café que já se fazia presente), este fato atraiu, além de interessados na aquisição de lotes urbanos bem como de áreas rurais e comercialização do café, centenas de corretores vindo das mais diferentes partes do país e aqui se instalaram a fim de exercerem suas próprias atividades. Eram os corretores de negócios. Porém, quem estava chegando a Londrina necessitava de melhores informações para aquisição do que lhe interessava. Para tanto, ao descer do trem, tal local situava-se não mais que duzentos metros da estação. Rua acima. A Rua Rio de Janeiro aproximando-se mais da Av. Paraná.

De fácil visualização, dada a presença constante de dezenas de pessoas. Local onde poderia encontrar corretores para os mais diferentes tipos de negócios. Por sua vez, os próprios corretores ali posicionados sabiam até por intuição o possível cliente e como atendê-lo.

Estes, (corretores), por sua vez, mas entre os mesmos, também trocavam informações e o ponto para tanto era aquele local. Defronte ao Bar Líder.

Por sua vez, o Bar Líder era um bar organizado, grande, com dois pavimentos, existindo na parte de baixa local do cafezinho propriamente dito, bebidas e refeições. No pavimento superior, podia-se afirmar um pequeno restaurante e várias salas. Locais de jogatina entre os interessados. Também salas que poderiam ser utilizadas para

negócios, para a política propriamente dita da cidade, bem como para jogos de baralho. Quanto a estes, corriam valores altos de apostas.

Nos anos seguintes, paulatinamente, começaram a fazer parte da Boca Maldita de Londrina, os corretores pertinentes a comercialização e venda do café em grande escala e com destino ao exterior.

O interessante é que, segundo dizem, surgiram aí as tais notas promissórias negociáveis, (mas dependendo do avalista), que podiam ser transacionadas entre vendedor e comprador. Os denominados “papagaios”.

Evidentemente, os escroques causavam grandes transtornos. Por volta do início dos anos de 1960, a Boca Maldita de Londrina, trasladou-se para o Café do Sr. João, situado na Rua Maranhão entre o Cine Ouro Verde e o Edifício América. Esse, onde estava e está, o enorme relógio na parte mais alta da sua cobertura. Na minha visão, mais elitizado e onde assuntos políticos predominavam. Local que predominou ao menos até 1969.

Na sequência, com a abertura de novo cafezinho, ao lado de uma das entradas do Cine Augustus, paulatinamente a Boca Maldita de Londrina acabou se deslocando. Local onde permanece é os dias de hoje. (2024). Muito embora, desde há anos, o Cafezinho do Sr. João já não exista mais.

No entanto, a partir deste fato acima, muito ficou conhecido como Chefe da Boca Maldita de Londrina o “Pai Jacó”. O Alvimar dos Santos. Um cidadão de cor, atualmente, (2024), com mais de noventa anos de idade, mas ágil, fala fluente e memória extraordinária. Juntamente com sua mãe, chegou a Londrina ainda no final dos anos de 1930 quando a mesma veio de Curitiba para ser cozinheira num dos restaurantes da cidade. Portanto, aqui cresceu e estudou. Ao menos, o curso primário. Mas a sua memória é fantástica, ordenada e detalhada. Com isso, sabendo resgatar nomes de pessoas destacadas, desde aquela época, até os dias atuais. (2024). O que faziam, o que pensavam, como agiam.

Por sua vez, desde há muitos anos, tem sido bom interlocutor das mais diferentes correntes políticas que a cidade tem, ou passaram pela cidade. Neste sentido, organizava jornais dessas correntes políticas, para tanto ouvindo-as, o que lhe permitia credibilidade para os que desejavam saber o que ocorria aqui ou ali. Fato que continua ocorrendo até os dias de hoje. Por esta razão, Pai Jacó, ficará registrado na própria história da cidade de Londrina. Pai da Boca Maldita de Londrina.

VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS A CONVITE DO DEPARTAMENTO DE ESTADO NORTE AMERICANO 1964

Os anos de 1960, ocasião eu ingressei na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Paraná, (Janeiro de 1960), foram muito agitados politicamente.

E isto refletiu na própria vida estudantil dos acadêmicos universitários em todo o país. Principalmente, com reflexos maiores, para os que participavam da política estudantil.

No meu caso, a partir de 1963 de vez que a Revolução de março de 1964 ocorreu logo em seguida a minha posse no Diretório Acadêmico de Engenharia. (Novembro/1963).

Porém, o ponto de partida para aceleração de tal agitação fora a vitória do Presidente Jânio Quadros. Eleito em 1960 em substituição a Juscelino Kubitschek de Oliveira. Este, tido como o Presidente que realmente levou a administração federal para o interior do Brasil. Com isto, promovendo a ocupação do interior da nação brasileira.

Jânio Quadros tomou posse em janeiro de 1961 e renunciou no dia 25 de agosto deste mesmo ano. Porém, o que daí passou a ocorrer foram fatos que intranquilizaram todo o país.

Com a inesperada renúncia de Jânio Quadros, assumiria o vice-presidente Jango Goulart. Porém, quando ocorreu tal renúncia o mesmo estava na Malásia e também foi pego de surpresa. Mas tal surpresa também passou a ocorrer de parte dos próprios contestadores que motivaram tal renúncia. Pois fato que não ocorrera até então no país. Ao menos dessa forma. Ainda mais que a contestação de parte dos mesmos referia-se ao Presidente e seu vice e não somente ao primeiro.

Dado a isto, Jango Goulart, (que estava na Malásia), providenciou o seu retorno. No que também foi contestado pelos opositores que passaram ameaçar até mesmo através da Força. Na prática, os opositores, com a renúncia de Jânio Quadros, se organizaram para

destituição completa. Daí, a inclusão de Jango Goulart no mesmo pacote.

No entanto a Constituição Brasileira tinha o entendimento que, mesmo neste caso, assumiria o Vice-Presidente. Mas não era o que os adversários políticos queriam e rapidamente se organizaram para manterem seu entendimento. Mesmo através da Força.

Em vista disso, o Governador do Rio Grande do Sul, (Leonel Brizola e cunhado de Jango Goulart, vice-presidente), de pronto iniciou um movimento de contestação aos causadores daquela renúncia. Fundamentando-se na Constituição Brasileira. Mas politicamente.

Para tanto, organizou um movimento, apoiado inicialmente pelas Rádios e Televisão do Rio Grande do Sul e, em seguida, pelos políticos da coligação partidária havida que elegeu Jânio Quadros/ Jango Goulart. Movimento este que acabou se estendendo por todo o Brasil, com suporte de outros líderes políticos, Professores de Direito Constitucional e até mesmo da imprensa em geral. Rádios e televisões. Com isso, passando a se denominar Rede da Legalidade a nível nacional.

Fato que motivou a população brasileira a estar, diariamente, e em tempo integral, sintonizada em tudo o que estava acontecendo. Principalmente, de parte dos estudantes universitários. O meu caso.

Enquanto isso, João Goulart deixa a Malásia e vem para o Brasil. Porém, aconselhado pela sua corrente política, desce no Uruguai, evitando entrada imediata no Brasil. A Rede da Legalidade funcionava o dia inteiro. Com o decorrer dos dias fica patente que a Constituição Brasileira será respeitada ainda com a contrariedade dos adversários políticos de João Goulart.

Na verdade, era uma situação política brasileira que se iniciou no segundo Governo de Getúlio Vargas e que motivou o suicídio do mesmo. 1954.

Portanto visível para toda a população brasileira estas duas correntes políticas cabendo ao eleitor decidir por esta ou por aquela.

No entanto, a população decidira-se pela eleição de Jânio Quadros cujo vice-presidente era getulista de carteirinha. Fato que contrariou os opositoristas. Sempre debitando aos vencedores que os mesmos eram “comunistas”, irresponsáveis e incompetentes.

Por outro lado, Jânio Quadros cometeu grave erro político, (mas a meu ver apenas), ao condecorar o líder cubano, “Che – Guevara”. Quando isto ocorreu, graves contestações a Jânio Quadros passaram a surgir e já de imediato. Em função disso, o Presidente Jânio Quadros renunciou. (Na verdade existiam outros fatos que se somaram a isto).

Por sua vez, quando a renúncia ocorreu, Joao Goulart estava na Malásia. (Na visão de muitos, politicamente assim fizera. Muito embora se possa dizer que compromissos internacionais não se marcam de um dia para outro).

A Rede da Legalidade, com o decorrer dos dias, permitiu que João Goulart deixasse o Uruguai e viesse assumir as funções de Presidente da República. O país, na realidade, desde o suicídio de Getúlio Vargas, virou um caos. Inflação significativa, desmandos político-administrativos, reivindicações trabalhistas para corrigir salários e condições de trabalho, etc.etc. Além disso, a própria indústria nacional, bem como obras de infra-estrutura, (já então completamente defasadas), e até mesmo o ensino público nos seus mais diferentes níveis estavam sendo contestados, pois era evidente que alguma coisa teria de ser feita imediatamente.

Por outro lado, inegavelmente, a construção de Brasília, (embora um fato imprescindível para a própria Nação Brasileira), comprometera de forma significativa o próprio orçamento federal.

Existiam, ainda, concessionárias de luz elétrica e telefone com graves problemas para atendimento aos seus usuários e, por esta razão, passaram a ser objeto de encampações. Havia ainda, o lucro dos bancos estrangeiros que eram enviados aos seus países de origem e com benefícios fiscais. Como o próprio ensino público encontrava-se da mesma forma, os adversários do novo Governo Federal, desejavam

benefícios para que se construíssem Escolas particulares. E, quanto a isso, os governistas eram contrários, pois defensores do ensino público e gratuito.

Assim, quando João Goulart assumiu, (em substituição a Jânio Quadros), o mesmo declarou publicamente que o Brasil na realidade precisava de Grandes Reformas. E, neste sentido, as elencou. Reforma do Ensino Público, Reforma Trabalhistas, Reforma Bancária, Reforma Agrária, Reforma Política, etc.etc.

Quando se falou em Reforma Agrária, defensores da mesma não queriam terras no interior do Brasil, mas sim próximas de centros urbanos, ao longo de algumas rodovias, etc.etc. Ou seja, utilizarem-se de terras produtivas e que tivessem fácil acesso. E esta discussão acabou estendendo-se para todo o Brasil. Nós mesmos, estudantes universitários, éramos favoráveis a Reforma do Ensino e a eliminação da Cátedra Vitalícia. (Pois tínhamos na própria Escola de Engenharia Professores muito defasados que tinham iniciado magistério há mais de trinta anos e visivelmente estavam desatualizados).

O Brasil virou um barril de pólvora diante de todo este questionamento. A consequência foi a Revolução de Março de 1964. (Ano que eu já estava para me formar no Curso de Engenharia).

Desde 1962 e 1963, o Brasil se encontrava diante deste sério questionamento defendido e contra-atacado por duas vertentes políticas no país. Mesmo no seio da classe universitária passaram a ocorrer sérias discussões e conflitos entre os que defendiam as Reformas de Base e os que eram contrários. Estes, sempre afirmando que os defensores eram comunistas. O que não era verdade. Era o meu caso. Pois simpático as Reformas de Base, e defensor das mesmas, mas não comunista.

No entanto, neste ambiente participei da política da Casa do Estudante Universitário em Curitiba bem como no próprio Diretório Acadêmico de Engenharia. No entanto, devido a esta participação, acabei sendo Diretor do Departamento de Obras bem como Diretor

do Departamento Cultural da Casa do Estudante Universitário. Primeiramente.

Quanto ao Diretório Acadêmico de Engenharia, acabei sendo representante da minha turma junto ao mesmo. Na sequência, fui eleito Presidente dos Representantes de Turmas. Pois já no Quarto ano do Curso de Engenharia e em vias de ir para o quinto. Nunca existindo dependência de alguma matéria desde o primeiro ano mesmo estudando e trabalhando ao mesmo tempo. Fato de conhecimento dos meus Professores. Com isso, podendo participar das reuniões do Conselho Administrativo da própria Direção da Escola. Mas na ausência do Presidente do Diretório Acadêmico.

Fatos que aconteceram. E que permitiram aos próprios Professores meus, (participantes de tal Conselho), tomarem conhecimento das minhas posições, do respeito que eu tinha para com os mesmos, das propostas e reivindicações que fazia. Sempre factíveis. Razão de uma boa integração com os mesmos. Tais professores, sempre admirados pelo fato que eu trabalhava, fazia política estudantil e era bom aluno. (No sentido de bom conhecimento das matérias lecionadas). Nunca tendo qualquer dependência de alguma matéria em todo o meu Curso de Engenharia.

Na sequência, vi-me lançado, (juntamente com a minha Chapa), a candidato a Presidente do Diretório Acadêmico de Engenharia. Vencemos as eleições em 15/11/1963 e tomamos posse. Mas já com formatura prevista para o final de 1964. Fato que ocorreu.

Poucos dias depois, o Presidente Kennedy foi assassinado na cidade de Dallas nos Estado Unidos. Foi uma comoção mundial. No Diretório Acadêmico de Engenharia efetuou-se uma enorme reunião de repúdio a tal fato com uma presença enorme de Acadêmicos. Ocorreram muitos discursos, muitos posicionamentos, muitos gritos contra os covardes assassinos, fato que chamou atenção do Cônsul norte-americano responsável pelo Consulado em Curitiba e que se mostrou surpreso com tal posicionamento estudantil de nossa parte. Pois, o Consulado era defronte ao Diretório Acadêmico.

Como informou tempos depois, nem nos Estados Unidos os universitários adotaram tal posicionamento. No entanto, o Programa do Presidente Kennedy, denominado Aliança para o Progresso, sensibilizou toda a América Latina. Estando aí incluso, o Brasil.

Exercendo o cargo de Diretor Cultural da Casa do Estudante consegui muitos livros junto a tal Consulado, bem como ao Consulado da Espanha e Aliança Francesa de Curitiba.

Porém, como fora eleito Presidente do Diretório Acadêmico de Engenharia logo em seguida defrontamo-nos com deficiências de determinados alimentos para os nossos restaurantes estudantis. Pois tínhamos dois. Um deles, defronte ao Consulado norte-americano, próximo do prédio dos Correios, (na rua XV de Novembro), e outro no próprio campus do Centro Politécnico. No Jardim das Américas em Curitiba.

No entanto, ainda em 1963 ocorreram significativos incêndios florestais no interior do Paraná. Principalmente, no norte do Paraná. Mais fortemente na região de Ortigueira e Santo Antonio da Platina do que em outros locais igualmente devastados.

Com isto, surgiram milhares de desabrigados e famintos. Ocasão que funcionava excelentemente bem o Programa do Presidente Kennedy, para toda a América Latina, denominado Aliança para o Progresso. Através de informações, soubemos que ainda existiam bons estoques de carne seca, leite em pó, arroz, bem como outros comestíveis. Mas que todos nos interessavam para o devido atendimento aos nossos restaurantes acima. Em vista disso, dirigi-me, novamente ao Consul norte-americano pois já o conhecia.

Ao mesmo tempo, já elencando os comestíveis possíveis pois já possuía as devidas informações para tanto. O mesmo, recebeu-me gentilmente e atendeu.

Era já um período de grandes contestações políticas no país. Principalmente, no seio da classe estudantil universitária. O cônsul já me conhecia. Mas quis saber a minha vertente política. Afirmei-lhe ser simpatizante das Reformas de Base, pois acreditava necessárias

e imprescindíveis ao país, mas não era comunista. Perguntou-me, então, com os meus colegas me classificavam? Respondi-lhe que os nossos adversários me chamavam como comunista. No entanto, os comunistas me chamavam como “o bom burguês”.

Em vista desta resposta minha, ele afirmou que iria me incluir numa viagem aos Estados Unidos patrocinada pelo Departamento de Estado Norte Americano. Juntamente com outros estudantes universitários que já estavam praticamente escolhidos. Respondi-lhe que não poderia ir pois precisava trabalhar, para prover meu sustento e aos meus estudos, muito embora já estivesse praticamente no quinto ano de Engenharia. E de forma alguma iria me utilizar dos recursos do Diretório Acadêmico de Engenharia para tanto.

Ele, então, me tranquilizou afirmando que tal convite envolveria uma estadia de quase um mês nos Estados Unidos. No mês de julho de 1964. Com viagem de ida e volta paga, por avião, estadia, inclusive hospedagens e refeições, bem como visitas guiadas a importantes locais e cidades, desde o leste ao oeste dos Estados Unidos e ainda do norte ao sul. E que, para tanto, o próprio Departamento de Estado norte-americano disponibilizaria, ainda, mil dólares a cada participante, desde que fosse estudante e tivesse alguma liderança estudantil, para despesas pessoais. Caberia a mim viabilizar tal participação.

Primeiramente, comuniquei ao Professor Jorge Ralph Leitner, então Diretor da nossa Faculdade de Engenharia. Mas eu estava ainda indeciso. Ele me incentivou aceitar. Na sequência, comuniquei o meu chefe no Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná, o engenheiro Álvaro Cavalcanti de Albuquerque. Pois fora professor de topografia de tal órgão e naquele momento estava exercendo funções de desenhista. O mesmo também me incentivou e ao mesmo tempo afirmando que não haveria nenhum desconto salarial durante a minha ausência. Ressalto que primeiramente, durante bom tempo, fui Professor de Topografia do DER com carga horária de serviço de apenas três horas e em dias úteis. O que me permitia, na sequência de

horário, efetuar estágios em empresas de engenharia. Em vista disso, retornei ao Consul norte-americano e aceitei tal convite.

Foi uma grande viagem. Juntamente com outros líderes estudantis, participei daquele Programa.

Por ter sido fato marcante na minha vida, também uma enorme experiência, impossível de resgata-lo num “conto” como este. Para tanto, registrei tal viagem no livro que denominei “Do meu sólio como líder estudantil universitário”.

No entanto, assim que retornei ao Brasil, (Curitiba), fui preso pela Comissão de Inquérito instalada pelo Exército Brasileiro para apuração das atividades subversivas na área estudantil universitária. Todos os que foram pronunciados e presos, por consequência sentenciados, foram absolvidos. (Com exceção dos que não foram encontrados pois evadiram-se).

Enquanto detido, juntamente com outros líderes estudantis, comentávamos os hipotéticos delatores quem seriam. Pois, inegavelmente, o Exército não nos iria deter aleatoriamente e sem possuir qualquer acusação. Por ocasião do julgamento, tomamos conhecimento dos mesmos. Surpresa para a maioria de nós. Os detidos. De vez que os delatores, por serem também amigos nossos, sabiam como realmente éramos. Mas tiveram coragem para tanto. Com isto, realmente estariam defendendo a Pátria? Quanto aos meus, embora tido por mim como amigos, os mesmos estavam distanciados do meu ano curricular e escolar. Muito embora tenhamos ingressado praticamente juntos na Escola de Engenharia.

Livro este que se encontra no meu site pessoal acessível, (dentre outros livros que escrevi), e sem custos a qualquer interessado. (Site de José Pedro da Rocha Neto).

EXECUTANDO A OBRA DA AGENCIA DO BANCO ITAÚ EM NAVEGANTES SC

Anos atrás, nós, Regional Planejamento e Construções Civis Limitada, devidamente credenciada para execução de agências do Banco Itau S/A, vimo-nos convocados para executarmos a nova agência bancária desse Banco. Agora, na cidade de Navegantes. Santa Catarina.

No local existia uma edificação muito antiga, construída sem as condições técnicas dentro dos preceitos e normas de construção atuais, bem como quanto a fundações e estruturas de concreto armado. Também quanto a disposição física existente para atender as novas necessidades do próprio banco. Fato que muito nos preocupou assim que nos vimos convocados para darmos início a obra segundo o novo projeto elaborado pelo próprio Banco Itau. Pois iríamos remover muitos pilares e vigas para tanto. Assim, como efetuar os reforços necessários para tanto sem os devidos suportes e apoios? Com toda a estrutura suspensa e no ar? Havendo, ainda, um sub-solo, embora pequeno, mas cuja proximidade com a margem do Rio Itajai, mas não contigua, nos causava preocupação dada a visível presença de umidade. Pois, com tudo isso, poderia ocorrer um sério desabamento.

Diante disso, eu, José Pedro da Rocha Neto, diretor técnico e engenheiro da empresa, propus-me a dirigir e gerenciar tal construção pois o mais experiente neste assunto. Em vista disso, acompanhado pelo nosso mestre de obra, mais ferreiros e carpinteiros dirigimo-nos à Navegantes-SC onde montaríamos uma equipe local para complementar a nossa. Foi um dos serviços mais perigosos que executamos. O segundo, ocorreu anos depois. Por ocasião do Restauo do Cine Ouro Verde em Londrina, danificado por um violento incêndio. (Objeto do livro que denominei “Sopro de luz sobre as cinzas do passado”).

Assim, em Navegantes, com muitos problemas técnicos, de fundações bem como estruturais, dada que boa parte da antiga construção seria, como foi, aproveitada e preservada conforme projeto elaborado pelo próprio banco, demos início aos serviços. Ao final, tivemos sucesso. Foi uma enorme experiência técnica e econômica e que poucos engenheiros obtêm nos seus próprios currículos.

No entanto, o fato que mais me marcou, a ponto de não mais esquece-lo até os dias atuais, 12/01/2024, não foi esta obra propriamente dita. Mas sim um outro fato muito interessante cujo “relator” nenhuma relação tinha com esta obra.

Assim que chegamos a Navegantes, instalamos o nosso pessoal numa pensão próxima da obra. Ao mesmo tempo, pesquisando e conversando com o pessoal da construção civil local, conseguimos montar uma boa equipe. Fato que muito contribuiu para o sucesso da mesma.

Instalado o nosso pessoal, a minha preocupação voltou-se para a escolha do hotel também mais próximo. No entanto, o senhor que seria o gerente da agência, aconselhou-me hospedagem numa Pousada não muito distante cuja proprietária era uma Senhora Alemã. (Dias depois soube que a mesma era de origem alemã e que alemão na realidade era o seu marido). Ao mesmo tempo, tecendo elogios à mesma pela organização do seu estabelecimento, limpeza, acolhimento e refeições. Fato que constatei minutos após ter sido recepcionado pela mesma e que motivou ali me hospedar.

Poucas horas depois, já devidamente instalado, dirigi-me para uma varanda externa onde estava sentado um senhor idoso, de pouca conversa, mas pela sua resposta e forma de falar, ficou-me perceptível que seria alemão e possivelmente o marido da proprietária da hospedaria. Pois a conversa não mais fluiu. Pois muito sisudo e calado. No entanto, como os serviços do Banco Itaú tiveram longa duração, no decorrer dos dias sempre nos encontrávamos ao entardecer naquela varanda. Inicialmente, sempre calados. No entanto, com o decorrer

dos dias, tornaram-se inevitáveis as primeiras conversas. Geralmente, sobre a própria cidade de Navegantes e Itajaí pois ambas são contíguas e vizinhas. O que as separam é o rio Itajaí. Daí a minha intenção, inicialmente, de hospedar-me no Hotel em Itajaí.

Na sequência, dado ao forte sotaque alemão do mesmo, perguntei-lhe se era daquela região. Ou de Itajaí, Joinville ou Blumenau. Locais onde existem muitos alemães. Antecipando-me à sua resposta, afirmei-lhe que meu bisavô era alemão, mas vindo da Suíça. Chamava-se Gaspar Schatzmann e tinha origem alemã. Porém, família muito antiga na região próxima a Zurich segundo a nossa tradição oral.

Complementando, o mesmo me perguntou:- sobrenome com dois “enes”, ou um “ene” só? Respondi-lhe que ao menos minha mãe assinava seu sobrenome com dois. Mas sabia que meu bisavô, suíço, vindo para a colonização alemã, era luterano bem como seus pais e avós. Eu mesmo nem isso possuía, pois o meu sobrenome era Rocha. Pergunta esta que estranhei. Mas não contestei. Mas cuja pergunta ficou na minha memória e somente tempos depois fiquei sabendo que essa característica diferencia os alemães de origem judaica, dos não judaicos.

A partir daí, a conversa passou a fluir com o mesmo ao longo de toda minha estadia naquela Pousada. Porém, perceptível para mim, que alguma razão havia pois o mesmo evitava falar sobre Alemanha. E quando falava defendia a Alemanha e seus líderes do tempo da Guerra.

Tempos depois, em resposta a minha indagação quanto a razão que o motivou a vir para o Brasil, tive uma grande surpresa. Razão de registrá-la neste conto.

Afirmou-me que nascera na Alemanha, numa região muito próxima de Berlim, e que por volta dos dezoito anos, (devido a Guerra), apresentou-se como voluntário junto a “Deutsche Luftwafe”, (Força Aérea Alemã). Criada por Adolf Hitler, para dar combate aos outros exércitos que passaram a lutar na Europa contra a Alemanha. Porém, na seleção exigida pela Luftwafe, juntamente com a maioria,

foi treinado para ser mecânico de aviões. No entanto, ficou-me perceptível que o seu ídolo na verdade era Herman Goering. Então, segundo o relator, um líder simpático, amigo de todos da Luftwafe, encorajador e motivador. Sempre percorrendo as instalações. Falando, motivando e conversando com todos. Sem discriminação de cargos, patentes ou funções.

No entanto, na sequência da Guerra, a Luftwafe chegou a ter mais de três mil aviões. Inicialmente a finalidade da mesma era dar combate aéreo a aviões de outras nacionalidades, (proteger o espaço aéreo alemão), bem como apoio aos soldados alemães em terra e até mesmo combate a outros exércitos e “limpeza” de áreas próximas aos mesmos. Mas, inevitavelmente, muitos aviões alemães sofriam avarias e até mesmo caíam, ou desciam, em locais terrestres inadequados. Para tanto, haviam instruções, caso apenas avariados, que procurassem locais mais próximos da Alemanha para tanto. Caso impossível, que escolhessem locais mais planos para as possíveis aterrissagens a fim de possibilitar o resgate não só dos aviadores mas também para retirada de peças importantes dos aviões e que poderiam ser reutilizadas e até mesmo reparos.

Existindo o reparo, a área plana facilitaria a recolocação do aparelho em voo. Ainda que estivessem atolados. E isto muito ocorreu. Principalmente, em regiões de outros países próximas da Alemanha. Na França, Alemanha e Polónia. Até mesmo na Rússia que não era próxima.

No entanto, para tristeza de todos os alemães, (a meu ver também dele), a Segunda Guerra terminou em 1945. Com a derrota da Alemanha.

Nessa ocasião a Alemanha, segundo este senhor, era líder mundial em muitas áreas. Na construção e lançamento de foguetes de longo alcance, em armamentos, em aviões de vários tipos, na energia atômica, bem como em outras áreas. Em vista disso, mas após a guerra, os países vencedores, (principalmente os Estados Unidos), passaram a

disputar líderes e funcionários alemães que tivessem alguma ligação com tais áreas. A Luftwafe foi uma delas.

Participando da mesma, (como mecânico de aviões e experiente na coleta de peças possíveis, também recuperando-os para novas decolagens no próprio local), muito aprendeu.

Assim, quando findou a Segunda Guerra Mundial, membros da Luftwafe, (dos mais variados setores), foram procurados. Dentre os mesmos, este cidadão marido da proprietária da Pousada em que me hospedei. Mas que foi cooptado, (juntamente com outros), por um cidadão que teria ligação com a aviação comercial brasileira. Esta empresa seria a Varig que possuía linhas comerciais não só no Brasil como também em outros países. Além disso, A Varig fora criada por uma empresa alemã com origem no Rio Grande do Sul. Em vista disso, aceitou e acabou vindo para São Paulo onde passou a morar. No entanto, as instalações mecânicas igualmente serviam à Força Aérea Brasileira.

Mesmo com muita dificuldade de comunicação em português com os demais, acabou se integrando.

Nos dias seguintes a esta conversa, ficou sabendo que a nossa empresa construtora era de Londrina. Bem como, eu também. Em vista disso, contou-me um fato interessante que ele participou e que ocorrera em 1949. Próximo de Londrina. Daí a razão de registrá-lo neste conto.

Naquela ocasião, (1949), um avião Douglas DC-4, (quatro motores), que teria destino a Assunção no Paraguai adentrou ao espaço aéreo brasileiro, com a devida autorização da Força Aérea. Vindo com escala no Peru. Transportando cento e vinte cidadãos de origem asiática que estariam se asilando, (ao mesmo tempo iniciando vida nova), no Paraguai. Auxiliados pela ONU que para tanto disponibilizou o avião norte americano, acima.

Portanto, avião este que partiu de uma região muito longe, mesmo com escalas. Agora, em direção a Assunção no Paraguai.

Segundo a instruções aéreas brasileiras, tomou as direções para tanto. Com vistas a Assunção. Porém, observando-se proximidades com outros aeroportos no trajeto. Neste sentido, obedecendo tais instruções, teria passado pelas proximidades de Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu com vistas a chegada em Assunção.

Porém, nas proximidades de Paranaíba, (após Maringá), ocorreu uma dificuldade no aparelho. Fato que preocupou a tripulação do DC-4. Mas não havia aeroporto nas proximidades. Em vista disso, o piloto do DC-4 encontrou luzes de uma pequena cidade, então denominada Paranaíba. Era praticamente o entardecer do dia.

Aproximando-se, os pilotos constataram um espaço que poderia servir como um pequeno aeroporto local. Passaram a voar em círculos sobre tal espaço emitindo sinais que precisavam pousar. Rapidamente a população se deu conta que tal aparelho estava com dificuldades. Em vista disso, como já era ao entardecer, dirigiram-se automóveis e caminhões com luzes acesas para o local enquanto o DC-4 continuava dar voltas da mesma forma. No entanto, ficou visível pelo próprio DC-4 a existência de um espaço para pouso. Ao que parecia, seria um campo de futebol, sem cercas, e no final da cidade. Após a descida se soube que aviões de pequeno porte, (taxis aéreos), também ali pousavam. O pouso foi feito cuidadosamente pelos pilotos e teve êxito.

No entanto, devido a impropriedade da pista para aeronaves daquele porte, o DC-4 ao final da pista ficou atolado. Mas sem qualquer dano maior ao próprio aparelho, à tripulação e aos passageiros.

Desceram tripulantes e passageiros. Porém, ninguém naquele momento, morador de Paranaíba sabia falar em inglês. Muito menos na língua dos asiáticos. No entanto, mesmo assim todos se entenderam. Segundo o cidadão alemão, o piloto contactou São Paulo, através do rádio do próprio avião, e de lá lhe solicitaram a presença de alguma pessoa destacada na cidade que pudesse ajudar. Para tanto, o próprio piloto deveria ajudar e se fazer presente pois a conversa seria em inglês e português. Através do rádio, em português, essa pessoa destacada de Paranaíba recebeu todas as informações e instruções necessárias e

imprescindíveis para retirada do avião bem como para acomodação de todo aquele pessoal, alimentação e transporte. Também para limpeza do interior do avião e ajuda para a possível retirada do mesmo daquele local. Da mesma forma, conseguiu-se em São Paulo um cidadão que falasse a mesma língua dos que estavam sendo transportados. O que tranquilizou a todos.

Com isso, em seguida, providenciou-se acomodações o que não foi fácil. Acredita-se que no dia seguinte, por terra, os cidadãos asiáticos foram levados para Mandaguari. Cidade esta então denominada Lord Lovat. Ao lado da futura Maringá que até então era muito pequena. Ou até mesmo não existia.

Ao mesmo tempo, tal fato foi comunicado a Força Aérea Brasileira. Esta, por sua vez, lembrou-se do alemão, contador de “estórias”, mecânico da Varig, que muito falava sobre a Luftwafe, (o qual estava me reportando esta história na Pousada de Navegantes quando tive oportunidade de ouvi-lo sobre este fato), e o intimou a se fazer presente dadas as histórias que ele contava sobre os aviões da Luftwafe. Porém, amistosamente. O mesmo acabou se juntando ao grupo.

No dia seguinte, Força Aérea Brasileira e mecânicos, utilizando-se avião de pequeno porte, compareceram ao local, (Paranavai), onde pousaram, alimentaram com gasolina tal aparelho, procederam aos reparos emergenciais no DC-4 bem como, com auxílio da Prefeitura, conseguiram, (mas não no mesmo dia), desatolar tal avião e ao mesmo tempo melhorar as condições de suporte da pista a fim de que o DC-4 pudesse correr e levantar vôo. Com isso, chegaram, minutos depois, ao aeroporto de Mandaguari, (Lord Lovat), onde efetuou-se o pouso e os devidos consertos e reparos adequados na própria aeronave.

Concluídos tais reparos, (segundo o relator alemão da Pousada de Navegantes, onde eu ficava), o DC-4 levantou voo, com todos seus tripulantes e passageiros originais), e chegou a Assunção. Da mesma forma, retornou aos Estados Unidos.

Com isso, os tripulantes do avião da Força Aérea Brasileira, (incluindo-se o cidadão ex-mecânico da Luftwafe, relator destes fatos), retornaram a São Paulo.

Por ter sido um relato marcante na minha memória, a razão do presente conto.

A CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO EM CURITIBA

De início, quero afirmar que abordar a Casa do Estudante Universitário de Curitiba, já o fiz, extensivamente, no livro que denominei “Tentando Agarrar Estrelas”. No entanto, por ser fato marcante em minha vida, merece ainda o presente conto.

Morar na Casa do Estudante Universitário em Curitiba, para mim, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida. Primeiramente, porque ali moravam, anualmente renováveis, quatrocentos estudantes universitários e de todas as áreas universitárias. Renováveis, de vez que em seguida a conclusão dos respectivos cursos, deveriam deixar a Casa do Estudante. Os mesmos também, originários de diversas cidades e Estados da Federação Brasileira. Evidentemente, Acadêmicos de Direito, Medicina, Engenharia, Odontologia e Filosofia, eram a maioria.

Fui admitido, por seleção pertinente a necessidade econômica, em janeiro de 1960. Porém, somente consegui efetivamente a vaga pouco tempo depois. Pois o formando que ali morou e que gerou a minha vaga, desocupou tardiamente seu lugar.

Assim, que me instalei, contei com a ajuda de um companheiro de turma da Escola de Engenharia, o José Roberto de Paiva, (que ali morava mas provisoriamente), para todas as providências cabíveis bem como o devido conhecimento de todas as instalações da mesma. Recepção, Secretaria, Biblioteca, Salão Nobre, Salão de Baile, Refeitório, Cozinha, Lavanderia e, evidentemente, as instalações pertinentes ao meu quarto que um estudante de medicina compartilharia comigo. (Pois cada quarto comportava instalações para abrigar dois estudantes ao mesmo tempo). E que eu optara para não morar com estudante da mesma área que a minha. A razão? Amigo meu assim me sugeriu a fim de ampliar meu horizonte. Fato que aconteceu durante todos os anos que ali morei.

Moravam na mesma cerca de quatrocentos estudantes universitários. No entanto, diariamente, servia refeições para outros estudantes interessados, mas que ali não moravam. E estes eram em significativo número. Podendo-se afirmar que diariamente por ali passavam cerca de oitocentos, (ou até mais), estudantes universitários.

Além disso, a Casa do Estudante contava com um belíssimo salão de bailes cujos músicos eram, preferencialmente, moradores da mesma. Daí, a preferência dos mesmos nas seleções anuais de novos moradores. Ao menos, anualmente, três grandes bailes eram promovidos pela Casa do Estudante a todos os universitários de Curitiba. Mas músicos estes que deveriam comprovar, além da necessidade de moradia, também cursavam algum curso superior. Bem como demonstrar que eram realmente bons músicos.

Como anualmente, os que se formavam deixavam a casa, evidentemente, durante todo o meu curso de engenharia, (cinco anos), conheci muita gente. Fato este que muito me ajudou no início e durante toda a minha vida como profissional. Um dos exemplos disso, é que ali morava o José Richa, então já formado, (mas que não tinha deixado a Casa. Ex-líder político estudantil, e que iniciara o curso ginásial em Jacarezinho, em 1947, (mais ou menos), com o meu primo Anísio Vieira então já formado em Medicina e exercendo a mesma na cidade de Palmas. Porém, meu primo, anteriormente a sua formatura, morava em Curitiba juntamente com seus pais. Ocasão que, num dos almoços que me fiz presente, compareceu o José Richa para tanto. A partir daí, tornamo-nos amigos. Mas que, anos depois, permitiu-me participar da gestão do mesmo como Prefeito em Londrina, como um dos Secretários, bem como quando o mesmo se tornou Governador. Convocando-me, novamente, para tanto.

Da mesma forma, aquela moradia na Casa do Estudante muito me facilitou na minha vida profissional pois em todas as áreas profissionais reencontrei amigos nas mais diversas cidades do interior do Paraná. Médicos, dentistas, professores, Juizes, Promotores, etc.

etc. Dentre os quais engenheiros que muito me ajudaram no exercício das minhas atividades empresariais e construtoras. Notável, para mim ao menos, que alguns daqueles estudantes de Direito, ao exercerem suas funções no interior do Paraná, (mesmo na capital Curitiba ou em outros Estados), tornaram-se Juízes, Promotores, Desembargadores, Procuradores de Justiça, etc.

Pois aí morando, durante cinco anos, evidentemente conheci mais de dois mil companheiros da Casa do Estudante dada a própria rotatividade anual dos moradores. Uma grande Escola. Uma grande formadora de líderes. (Para os que já possuíam ao menos um embrião pertinente a isto no seu próprio ser). Um grande aprendizado.

Evidentemente, a Casa do Estudante, possuía alguns estudantes relapsos, displicentes, desorganizados, sem qualquer outro interesse, que dormiam o dia inteiro ou jogavam baralho, e que, seguidamente, repetiam de ano. Porém, a grande maioria era dedicada ao estudo, exercia funções destacadas na organização da entidade, trabalhava ao mesmo tempo que estudava, (o meu caso), etc.etc.

A política na Casa do Estudante se exacerbava, anualmente, geralmente no mês de agosto, por ocasião das eleições para administração da mesma no período seguinte. Nessas ocasiões cada corrente possuía excelentes candidatos e as oratórias dos mesmos eram invejáveis. Sabiam contestar, argumentar, expor o pensamento de maneira clara e ao mesmo tempo motivar o indeciso para os seus propósitos e os da sua corrente política. Paralelamente, cada corrente sempre possuía a relação dos votantes bem como suas posições bem como quanto aos indecisos. E o resultado eleitoral geralmente não contrariava tais previsões e as pesquisas. Era uma grande disputa eleitoral mas nunca deixando sequelas ou inimizades.

A que geralmente se propunham tais correntes?

Conseguir mais verbas junto aos Poderes Públicos e aos Deputados, (pois sempre havia um projeto para ser implantado), mais alimentação junto ao Departamento Estadual de Compras e

Alimentação, reparos e manutenções permanentes em diversas áreas e setores da própria Casa do Estudante, repinturas, aquisição de algum equipamento para a cozinha ou lavanderia, aumentar a biblioteca, melhorar a barbearia, (pois a Casa do Estudante possuía dois barbeiros permanentemente), etc.etc. Além disso, trocar ou substituir cortinas, melhorar o Salão de Bailes, concertos ou aquisições de novos instrumentos musicais para a orquestra da Casa, etc.etc.

Uma gestão anterior havia conseguido implantar em Guaratuba uma casa de praia, contendo vários quartos e beliches, bem como um enorme pátio de estacionamento. Casa esta que permitia veraneio de moradores interessados. Mas desde que agendado previa e devidamente, dos possíveis interessados.

Lembro-me que, neste sentido, previamente participei da equipe do Dirceu Bertolacini, naquela época. O mesmo já quartanista de engenharia, que arregimentou alguns moradores, (da qual participei), com a missão de repintarmos alguns setores daquela casa, concertos hidráulicos e elétricos. Fomos utilizando-nos do caminhão da Casa e levamos vários materiais necessários e colchões. O motorista era o próprio Dirceu Bertolacini. Ao mesmo tempo, roçarmos toda a vegetação que crescera no terreno da mesma. Eu, como primeiranista de engenharia e o Mocelin, estudante de Medicina, fomos na carroceria deitados naqueles colchões. Na cabine, o Dirceu e dois outros colegas. Era uma época de praia e um pouco anterior ao carnaval.

Trabalhávamos das sete às dez da manhã e íamos em seguida para a praia onde ficávamos até as duas horas da tarde. Enquanto isso, havia uma funcionária que fazia o café da manhã, almoço e janta. Fizemos muitas amizades com as veranistas que lá estavam. A ponto das mesmas conseguirem as nossas entradas junto ao Iate Clube de Guaratuba para os preliminares Gritos de Carnaval que estavam acontecendo.

Porém, íamos ao Iate Clube de caminhão. O Dirceu Bertolacini guiando e todos nós, os outros, em pé na carroceria. O Dirceu

preliminarmente, estacionava o caminhão na ponta da praia próxima ao Morro do Cristo. Pouco tempo depois, apareciam algumas daquelas meninas que nos guiavam e obtiveram permissão para os nossos ingressos. Saíamos daquele local. O Dirceu buzinando o caminhão constantemente, imitando uma música e, na sequência, uma caravana de automóveis das meninas que nos acompanhavam em seguida e também buzinando. Uma verdadeira festa este cortejo. Muitos outros, ainda que não fossem ao Iate Clube, também, participavam da mesma forma. Fato inesquecível para todos nós.

Evidentemente, os reparos necessários para a casa de veraneio da CEU demoraram mais que o necessário. No entanto, a urgência da devolução daquele caminhão para a sede em Curitiba estancou a nossa imensa vontade de continuarmos em Guaratuba.

Assim, a grande maioria dos moradores, ao menos nos dois primeiros anos de moradia, (pois condição de continuidade da moradia na mesma), exercia funções auxiliares ou administrativas, somente podendo ser considerado morador efetivo o que passasse no segundo exame de seleção. Fato que normalmente ocorreria no segundo ano de moradia na mesma. Muito embora, moradores expressivos nessa área fossem aprovados já no primeiro ano de moradia. Também, por seleção.

Como gostava da participação na política estudantil, (desde Londrina quando participamos das eleições do Grêmio Estudantil do nosso Ginásio Estadual de Londrina bem como, mas pouco tempo depois, da União Londrinense de Estudantes), acabei participando das chapas do Luís Cesar da Silva, paranaense de Paranaguá, (aluno também da nossa Escola de Engenharia), do José Carlos Mazzilli e do Helio Moreira. Este último eleito em agosto de 1963.

Na Gestão do Luís Cesar da Silva, fui diretor do departamento de obras e manutenção da CEU. Na Gestão do Mazzilli, fui diretor do departamento Cultural. Nessa função promovemos um Curso de Oratória ministrado pelo Professor de Direito René Ariel Dotti, cuja frequência foi total. Na Gestão do Helio Moreira, aluno do Curso de

Medicina, natural de Goiânia, continuei, a meu pedido, no próprio Departamento Cultural. Neste sentido, conseguimos livros doados pelo Consulado Norte Americano, Aliance Française e Consulado da Espanha em Curitiba, para a biblioteca da Casa do Estudante. Bem como realizando uma peça de Teatro no que contamos com destacados artistas curitibanos.

No entanto, em 15 de novembro de 1963, acabei sendo eleito para Presidir o Diretório Acadêmico de Engenharia através da Chapa denominada 15 de Novembro. Esta Chapa viu-se eleita. Em função disso abduquei das minhas funções junto a Direção da Casa do Estudante.

Ainda no mês de novembro de 1963, poucos dias depois de eleito, foi assassinado o Presidente Kennedy nos Estados Unidos. O mesmo era um ídolo para toda a vanguarda estudantil no Brasil. Fora assassinado na cidade de Dallas e isto comoveu o mundo. Ao mesmo tempo provocando reações.

No Diretório Acadêmico de Engenharia, ocorreu uma violenta contestação a tal assassinato. Fato que chamou atenção do Consul Norte Americano de vez que o Consulado situava-se praticamente defronte ao prédio do nosso Diretório Acadêmico. Pois mesmo nos Estados Unidos, na visão do mesmo, os estudantes assim não se posicionaram.

Em vista dessas minhas atuações e participações estudantis, também junto ao Consulado norte americano, mas no sentido de obtenção de livros e alimentos que sobram decorrente do auxílio aos flagelados do Norte do Paraná, ocorrido em novembro de 1963, (somado ao episódio pertinente ao assassinato do Presidente Kennedy, ocorrido no Diretório Acadêmico de Engenharia), fui convidado pelo Departamento de Estado Norte Americano, juntamente com outros líderes estudantis, para visitarmos os Estados Unidos.

Visita esta toda guiada e paga por tal órgão. Viagens, estadias e refeições. Perfazendo quase que todo o mês de julho de 1964. Ano da minha formatura no Curso de Engenharia. Também, ano da ocorrência da Revolução de Março de 1964.

No entanto, quando retornei ao Brasil, fui preso pela Comissão pertinente ao Inquérito Policial Militar, promovido pela Quinta Região Militar sediada em Curitiba. Alguns dos nossos adversários políticos, também da Escola de Engenharia, inconformados com a perda da eleição ao Diretório Acadêmico, acabaram indicando o meu nome como possível comunista. Fato que não era verdade pois, embora simpatizante das Reformas de Base preconizadas pelo Presidente Jango Goulart, nunca fui comunista ou participei de qualquer ato contra a ordem estabelecida e vigente no Brasil ou contra a Constituição Brasileira. Fui, juntamente com outros, absolvido.

Mas como tal absolvição ocorreu praticamente nos dias finais do ano de 1964, (ano da minha formatura), este fato obstou a minha admissão num órgão público relevante e responsável pela magnífica obra de construção da Usina Hidrelétrica Capivari Cachoeira. Vi-me perdido pois já havia agendado data de casamento tamanha segurança e convencimento que possuía para tanto.

Minha vida modificou-se radicalmente. Retornei a Londrina, casei-me com a Marilene Rocha em Curitiba, minha esposa ainda aos dias atuais 2024. Tivemos filhos, na sequência, mas após deixar minhas funções junto ao Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Londrina. Constitui, inicialmente um escritório técnico de engenharia e na sequência a construtora Técnica Canadá Engenharia e Construções Civis Ltda. Agora, juntamente com meu companheiro de turma que se desligou das suas funções junto Departamento Nacional de Obras e Saneamento no Rio de Janeiro. O engenheiro Massaru Onishi. Anos depois, mas sem deixar a Técnica Canada, juntamente com meu filho, Jose Marcos da Rocha, recém formado em Engenharia, constituímos a Regional Planejamento e Construções Civis Ltda.

Crescemos técnica, cultural e economicamente. Fato que, ao menos para mim, possivelmente não teria ocorrido caso tivesse dado certo a minha admissão inicialmente desejada em tal órgão.

Com isso, posso afirmar:- “A vida realmente é um destino”.

BIOGRAFIA DE RUI CUNHA. MEU PATRONO NA ABROL/PR (Academia Brasileira Rotária de Letras/Pr)

De plano quero esclarecer que na qualidade de rotariano e também pertencente ao Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina, ao mesmo tempo também como Primeiro Delegado do Sinduscon Paraná, em Londrina, que acabou se transformando no Sinduscon Norte, representando tais entidades, (juntamente com outros representantes), tive oportunidade de participar de dezenas de reuniões técnicas junto a Prefeitura Municipal de Londrina todas as vezes que se tornou necessário decidir ou encaminhar alguma solução para a própria cidade. Com isso, muito aprendi. Por consequência, os presentes registros neste livro.

Pois além de ter pertinência com a região norte do Paraná, o registro acima nos permite uma visão como era Curitiba naquela época. Daí, a razão do presente texto neste livro.

Por consequência ao meu Patrono na ABROL embora eu não mais pertença a mesma. Mas tenho muitas saudades do período que participei. A razão é que após mais de cinquenta anos pertencendo ao Rotary Clube Londrina Norte, agora com praticamente oitenta e quatro anos de idade, acabei me desligando do mesmo. Por consequência, devido aos Estatutos da ABROL, também me desligando de tal entidade. Portanto, representando o Rotary e o Clube de Engenharia, muito aprendi. Daí, os meus agradecimentos a tais entidades.

Por outro lado, o Rui Cunha foi o primeiro Promotor Público em Londrina assim que o município viu-se criado. Com isso, tendo vivenciado a cidade de Londrina desde a criação como município até poucos anos atrás. Frequentando o nosso clube promoveu centenas de palestras históricas sobre a cidade de Londrina. Muitas dessas histórias, registradas neste presente livro. Porém, sob o meu enfoque.

Nascido em Jaguariaíva em 18/07/1912. Pais, Dr. Eurides Cunha e Maria José da Cunha. A Fazenda em que nasceu chamava-se Fazenda

Samambaia e pertenceu, inicialmente, ao seu avô. Por consequência, também ao seu pai. Faleceu em Londrina na data de vinte e cinco de abril de 2002. Na ocasião, tinha oitenta e nove anos de idade.

Seu pai, Dr. Eurides Cunha, nasceu em Campo Largo em 26 de junho de 1872. O mesmo era filho do Coronel Domingos Cunha e Maria Portela Cunha. (Avós do Rui Cunha). Coronel, no entanto, era um título dado pela Guarda Nacional criada em 1831. As patentes eram dadas para pessoas, segundo as suas posses econômicas, que podiam mobilizar muitas outras, bem como municia-las, a fim de permitir a segurança na própria região pretendida.

Em 1892, Eurides Cunha formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo. Retornou ao Paraná fixando-se em Jaguariaíva, Proximidades com a Fazenda Samambaia de propriedade do pai do mesmo.

Radizando-se em Jaguariaíva, tornou-se Prefeito da mesma em 1912. Ano que nasceu Rui Cunha. Reelegendo-se em 1916. Nesse mesmo ano, 1912, foi criada a Universidade do Paraná em Curitiba.

Ficou ao lado de Afonso Camargo no seu primeiro Governo. Tornou-se vice-governador na Chapa de Caetano Munhoz da Rocha. Assumiu o Governo do Paraná no período de 01/06 a 21/09/1923 pela ausência do titular. Foi Deputado Federal. Quando o Governador Afonso Camargo retornou, (segunda gestão), foi Prefeito Municipal de Curitiba de 1928 a 1930, quando eclodiu a Revolução Getulista. Decorrente da mesma, o Governador Afonso Camargo foi destituído.

Em vista disso, o pai do Rui Cunha, (Eurides Cunha), recolheu-se à sua Fazenda em Jaguariaíva. Tal Fazenda pertencera ao avô do Rui Cunha. (O Coronel Domingos Cunha casado com a Maria Portela Cunha). Uma Fazenda com enorme área e destinada ao comercio do gado. Nessa época, Rui Cunha já cursava Direito na Universidade Federal do Paraná. Por essa razão, continuou morando e estudando em Curitiba.

Eurides Cunha teve doze filhos. Pode-se afirmar, no entanto, que os seus filhos em idade escolar mais significativas estudaram em Curitiba.

Em 1932, Manoel Ribas, tornou-se Interventor no Paraná. O mesmo era muito amigo de Eurides Cunha. Assim, em 1933, por ocasião da formatura do Rui Cunha em Direito na Universidade Federal do Paraná, o mesmo viu-se convidado pelo Interventor para assumir a promotoria de São José da Boa Vista.

Diante disso, pode-se afirmar que, ainda criança, Rui Cunha e seus familiares foram para Curitiba pois seu pai, Eurides Cunha, também advogado, mas formado em São Paulo, acabou exercendo importantes cargos públicos no Estado do Paraná.

Anteriormente a tais fatos, porém muitos anos antes, os Cunha possuíam moradia na Fazenda Samambaia em Jaguariaíva. O acesso, por trem, de Curitiba a Jaguariaíva, bem como vice-versa, era muito fácil. Fez curso primário em Curitiba e também o Ginásio. Então denominado Ginásio Paranaense, localizado na Rua Ébano Pereira e muito próximo do centro. A rua Ébano Pereira, começava na Rua XV de Novembro. Nessa época, também já existiam em Curitiba outras entidades de ensino secundário.

Curitiba nessa ocasião da sua juventude e mocidade, já possuía intensa vida cultural e social. Escolas, Cinemas, Teatro, Universidade e Clubes Sociais funcionando. Rui Cunha, enquanto vivo, sabia dissertar não somente sobre Curitiba mas também sobre a própria História do Paraná.

Conheceu o Monsenhor Celso Itiberê da Cunha e que tinha origem em Paranaguá. O mesmo faleceu por volta de 1930.

Formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná em 1933. Ingressou na mesma por volta de 1929. Já funcionava no local defronte à Praça Santos Andrade. Porém, o prédio era menor. Nessa ocasião, os fundadores dessa Universidade estavam quase todos vivos. Conheceu a maioria deles.

Conheceu bem o Interventor Manoel Ribas, amigo do seu pai, e quem lhe nomeou como Promotor Público na localidade de São José da Boa Vista. Local este, não muito distante da Fazenda Samambaia.

Manoel Ribas foi Interventor no Paraná de 1932 a 1945. Ora como Interventor ora como Governador. Manoel Ribas nasceu em Ponta Grossa. Porém, estudou em Castro num internato particular. Foi aluno do Rocha Pombo. Em 1897, Manoel Ribas deslocou-se para Santa Maria então um notável entroncamento ferroviário no Rio Grande do Sul. Foi trabalhar na Administração da ferrovia neste local. Em 1927, Manoel Ribas tornou-se Prefeito de Santa Maria. Cidade esta que não distava muito de São Borja. Local onde nasceu Getúlio Vargas e também tinha Fazenda. O Interventor Manoel Ribas possuía boa formação escolar e profissional.

Getúlio era Governador do Rio Grande do Sul nessa época e, em 1930, devido a Revolução Liberalista, assumiu a Presidência da República. Devido a esse relacionamento com Getúlio Vargas, Manoel Ribas acabou sendo convidado para ser o Interventor no Paraná.

Em 1870, a Província do Paraná criou o Distrito Judiciário de São José da Boa Vista. Em 1897 foi elevada a condição de cidade. Por consequência, Comarca. Por ocasião da sua nomeação como promotor público, São José da Boa Vista era Comarca e abrangia outras localidades. Dentre elas, Wenceslau Braz.

Jaguariaíva já era localidade importante no século 19. Fazia parte integrante do Caminho das Tropas. Ali, foi um importante local para descanso do gado. O Caminho das Tropas, (gado), vinha do sul do país e seguia em direção a Sorocaba. Assim, a Fazenda Samambaia fazia parte deste contexto.

Quando Rui Cunha nasceu, a Estrada de Ferro já passava por Jaguariaíva podendo-se ir a São Paulo, Curitiba, ou até mesmo o Rio Grande do Sul e ainda Joinville. Igualmente, podia-se ir a São Mateus do Sul e União da Vitoria.

A História de Jaguariaíva começava com Luciano Carneiro Lobo que aí adquiriu uma Fazenda importante. O mesmo era filho do português Francisco Carneiro Lobo casado com a Quitéria Maria da Rocha. Esta, filha de pais com origem no Paraná.

Famílias importantes e antigas da cidade de Jaguariaíva:- Xavier da Silva, Ferreira de Almeida, Mello, Fonseca, Ribas, (ligada ao Interventor Manoel Ribas sendo que este nasceu em Ponta Grossa), Cunha, Sampaio, Pena, Biscaia e Marques, dentre outras. Portanto, o Interventor Manoel Ribas também tinha ancestrais em Jaguariaíva. Decorrente disso, é que efetuou o convite a Rui Cunha para ingressar no Ministério Público.

Rui Cunha foi admitido como promotor público, em 15/01/1934. (Formado em Direito em 1933). Ainda neste mesmo ano, foi transferido par São Mateus do Sul. Havia já a Estrada de Ferro para se ir a São Mateus do Sul e de São Mateus já funcionava a navegação fluvial de cargas e passageiros que partia daí e alcançava União da Vitoria. Muito embora, a ferrovia fosse a preferida.

Em 1935, foi transferido para Paranaguá. Cidade importante no Paraná. Ainda neste ano foi para Ribeirão Claro muito perto de Jacarezinho. Também importante. Já havia o ramal ferroviário Jaguariaíva a Jacarezinho funcionando desde 1925. Jaguariaíva era o nome indígena Onça Brava.

Com a inauguração da Universidade Federal do Paraná, 1912, muita gente importante da região de Jaguariaíva foi estudar em Curitiba.

Fato marcante na vida de Rui Cunha pertinente aos seus primeiros anos como promotor: A briga com a igreja católica em Ribeirão Claro. (Briga pela Santa). Imagem de uma santa que foi disputada por grupos diferentes.

De 1940 a 1972, foi o único promotor público em Londrina. De Wenceslau Braz veio para Londrina. Então, uma Comarca que tinha como limites o Rio Tibagi até o Rio Paranapanema e deste até o Rio

Paraná. Um pouco abaixo do local onde hoje é a cidade de Guaira. “Portanto, uma Comarca imensa”.

Nessa ocasião, quando chegou a Londrina, os colegas promotores de Rui Cunha eram todos da região do Norte pioneiro, da região de Curitiba e da região de Ponta Grossa. Também da região de Jacarezinho e Wenceslau Braz. Pois o Interventor Manoel Ribas optava por paranaenses para assunção de funções públicas no Norte do Paraná.

Ressaltava Rui Cunha que o cargo de promotor público permitia que o mesmo exercesse também advocacia particular. Porém, nas áreas comerciais e administrativas. Geralmente o promotor público, exercia papel destacado nos Julgamentos Criminais. Quanto ao salário, sempre foi baixo. Talvez, por essa razão, era possível ao promotor público exercer advocacia privada. Mas que não conflitasse com tais funções.

Segundo ele próprio, a maior parte do tempo que exerceu o Ministério Público não teve problemas. No entanto, após a morte do Presidente Getúlio Vargas, (agosto de 1954), começaram a surgir questionamentos sociais, econômicos e políticos que acabaram desaguando na Revolução de 1964. Nessa ocasião, já se encontrava praticamente aposentado desde poucos anos antes. No entanto, efetivamente, sua aposentadoria ocorreu no início de 1964.

Desde o início dos anos de 1960, sempre num volume crescente, as pessoas mais humildes da região de Londrina começaram a necessitar da ajuda do Ministério Público. Porém, Rui Cunha já não mais se encontrava na linha de frente. Fatos que aconteceram com o Promotor Athos de Santa Tereza Abilhoa de forma mais atuante de parte do mesmo. Isso, chamou atenção do Rui Cunha de vez que o Ministério Público passou a ser constante e intensamente solicitado pelos mais humildes. Diferentemente, do que vinha sendo ao longo dos anos anteriores. Muito mais ainda, em relação aos anos em que Rui Cunha iniciou a mesma atividade.

Quando chegou a Londrina, em 1940, o Prefeito da cidade era Willie Davids ligado a Companhia de Terras Norte do Paraná. Londrina era pequena, ruas em terra, pouca área desmatada e havia muita poeira quando o tempo era seco e muita lama quando chovia. Calçamentos praticamente inexistentes.

Pouco tempo após ter chegado em Londrina, viu-se convidado para a formação e constituição do Rotary Club de Londrina. Esse Clube viu-se instalado no dia sete de novembro de 1940 por James Roth enviado especial do Rotary Internacional, sendo padrinho o Rotary Club de Cambará. Foi eleito Presidente, por aclamação, o Ulisses Medeiros. Então, Inspetor de Terras da Região Norte do Paraná. O Rui Cunha era diretor sem pasta desse Clube Rotário. O Conselho Diretor tomou posse nas dependências do Hotel Luxemburgo então o local social mais destacado de Londrina. Porém, as reuniões ordinárias passaram a ser no Hotel Paulista.

No entanto, poucos dias depois, passou a ocorrer boatos, dentro do seio da igreja católica de Londrina, que tal Clube Rotário feria os preceitos da mesma. Os boatos se avolumaram e, com isso, o Presidente e o Vice, mais alguns membros do Rotary, acabaram renunciando. Diante disso, acabou assumindo a Presidência do Rotary Clube de Londrina o Rui Cunha. Promotor de Justiça na cidade.

O Rotary Clube de Londrina acabou se destacando não só na cidade como também na região e no Estado. A ponto de, no ano de 1945, Rui Cunha se tornar Governador do Distrito Rotário que então abrangia uma vasta região do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Rui Cunha muito se destacou nessa função como Governador do Distrito Rotário. Ao mesmo tempo que visitou o Distrito viajou também para vários países.

Rui Cunha sempre reportou aos companheiros que se lembrava muito bem do Juiz José Maria Munhoz de Mello que acabou sendo também Prefeito de Londrina por um curto período. Foi nomeado pelo Interventor Manoel Ribas. O mesmo além de bom Juiz, possuía

uma vasta cultura e liderança. Anos depois, Desembargador. Mas com origem familiar modesta. Daí, o enorme mérito do mesmo.

As dependências do Fórum eram numa casa muito pequena. Muitos anos depois é que passou a funcionar onde hoje situa-se a biblioteca pública municipal. Ao lado da Igreja Matriz.

O Rui Cunha foi Deputado suplente de 1943 a 1954. Embora um período de tempo significativo, assumiu o mandato por um período de apenas três anos. Pois suplente. Foi eleito com votos de Wenceslau Braz, Ribeirão Claro mais outras cidades da circunvizinhança. (Norte Pioneiro). A Segunda vez, no entanto, obteve mais votos em Londrina. Mas, mesmo nessa ocasião, foram os votos do norte pioneiro que complementaram a sua eleição.

Possuiu o Edifício Dr. Eurides Cunha localizado na Rua Sergipe esquina com Prefeito Jugo Cabral. Arquitetura destacada. Nesse prédio possuiu seu escritório. Também aí funcionou o escritório jurídico modelo orientado pela Faculdade de Direito de Londrina. Da qual foi também professor.

Quando chegou a Londrina, 1940, a mesma fazia parte da Comarca de Jacarezinho.

Em 1951 foi Curador da Justiça em Curitiba. Em 1953, assumiu como primeiro suplente o cargo de deputado estadual. Em 1955, reassumiu o cargo de promotor público. Em 1961, tornou-se Procurador Geral do Estado do Paraná. Em 1962, foi promotor público em Curitiba. Em 23 de junho de 1964, viu-se aposentado no cargo. Um pouco anterior a isso, por volta do final de 1962, retornou a Londrina. Ocasão que conheceu melhor o promotor público Athos de Santa Tereza Abilhoa que dispunha um excepcional atendimento aos mais necessitados. Mais uma vez, era uma época de muita turbulência política e as questões sociais afluíam em todo o Brasil. Fato que muito marcou Rui Cunha em relação ao também promotor Athos Abilhoa. Significativamente, mais jovem. Porém, determinado e seguro do que fazia. Fato que o diferenciava em relação a maioria dos promotores

públicos então existentes no Paraná. O Ministério Público sempre teve Normas e este Promotor as seguia. Assim, de forma alguma tal determinação do mesmo divergia da orientação preceituada para o exercício da função.

Rui Cunha também foi Professor de Direito da Universidade Estadual de Londrina. No entanto, no escritório modelo de advocacia que funcionava numa das salas do seu prédio, gostava de orientar os acadêmicos de Direito que ali frequentavam, como se fazia uma petição jurídica. Primeiramente, que na mesma deveria constar, de forma abreviada, a história dos fatos de forma clara e entendível a quem quer que fosse. Que a mesma tivesse bom português e ao mesmo tempo algo cultural que complementasse e a emoldurasse. Em seguida, o embasamento jurídico. Finalizando, a petição desejada.

Quanto a isso, seus ex-alunos que frequentavam tal escritório modelo, relembram que o mesmo se servia de um sofá ali existente e, praticamente deitado no mesmo, lia tais petições, discutia, as corrigia, comentava, reformulava, etc. etc. etc. Quem frequentou tal local, aprendeu muito com o Rui Cunha quanto a formulação de uma petição. Muitas vezes, peças que mereciam destaque até para conhecimento público.

REMINISCÊNCIAS DE QUEM VIVENCIOU CURITIBA NA DÉCADA DE 1930

Trago este conto ao presente a fim de que os leitores possam cotejar como era Curitiba por ocasião da fundação de Londrina.

Participando da Academia Brasileira Rotária de Letras, Seção do Paraná, soubemos que dentro de pouco tempo o Rotary Club de Curitiba completaria seus noventa anos de atuação e a comemoração incluiria todos os clubes rotários de Curitiba. A solenidade seria no conhecido Castelinho de Curitiba, no bairro do Batel. Tal fato chamou-me a atenção.

Anos atrás, a minha sogra Renata Tellini Rocha, mesmo sobrenome que o meu mas devido ter se casado com Osmar Vaz Rocha, pais da minha esposa Marilene, viu-se, já viúva, seriamente adoentada em Curitiba. Em vista disso, minha esposa Marilene tomou a iniciativa de trazê-la para Londrina de vez que sua doença já era irreversível.

Minha sogra ainda possuía extrema lucidez na maior parte do tempo. Eu costumava conversar com ela todas as noites e as conversas eram infundáveis. Referiam-se, quase sempre, às suas histórias familiares ou de Curitiba. Disso acabou resultando o livro “Quando os pardais da Praça Tiradentes ouviam a Tarantella”.

Isso teve início ainda por volta de 1907 quando seu avô, Ângelo Codega e filhas decidiram deixar a Itália e virem para o Brasil, em Curitiba, onde já morava seu irmão, Domingos Codega e família.

Anos antes, entre os anos de 1890/1894, este seu irmão veio para a Colônia Cecilia, (situada nas proximidades da cidade de Palmeira), para vivenciar o Anarquismo. Participando desta mesma experiência também veio o cidadão Emilio Romani que acabou se casando com uma das filhas do Domingos Codega. Anos mais tarde, Emilio Romani acabou se tornando um dos industriais mais importantes da cidade de Curitiba.

Mas o que era o anarquismo? Era um sistema econômico que todos trabalhavam para um mesmo fim, (resultado econômico), com as mesmas iniciativas e responsabilidades de cada um, mas sem ter algum chefe para dirigi-los ou prestar contas do resultado obtido. Não deixava de ser um sistema de produção do tipo cooperativismo. Muito semelhante ao sistema econômico preconizado pelo filósofo francês Charles Fourier que neste sentido o médico francês Benoit Charles Mure, implantou na Colônia do Say na parte continental da Baía da Babitonga, defronte a cidade de São Francisco do Sul e que, igualmente, não prosperou.

Em vista disso, os anarquistas da Colônia Cecilia dirigiram-se para Curitiba por volta do início dos anos de 1900. Em Curitiba, encontraram melhores condições de vida e de trabalho. Em consequência, melhor renda.

Em 1907, motivados pelas boas notícias familiares, Angelo Codega, então já viúvo, juntamente com as filhas Emira, Camila e Vitorina, chegam a Curitiba e passam a morar na Rua Saldanha Marinho, mais ou menos no sobrado constante do atual número 76, trecho este compreendido entre as ruas José Bonifácio e do Rosário. Quem realmente motivara a vinda dos mesmos, no entanto, fora a prima casada com o Emilio Romani, moradora na rua Barão do Cerro Azul, praticamente atrás da Catedral Metropolitana de Curitiba. Portanto, com moradias próximas uma da outra. Prédio do Emilio Romani que existe ainda aos dias atuais. 2024.

Em Milão, as primas Emira, Camila e Vitorina trabalhavam em casas de Alta Moda europeia. Emira, encarregada da produção numa dessas casas e Camilla uma espécie de manequim. A Vitorina, mãe da minha sogra Renata, ajudante de produção. Portanto, todas com conhecimento de causa suficiente para virem ao Brasil e instalarem um “Ateliê” de moda. E Curitiba, embora tivesse naquela época muitos ateliês, comportaria outros mais.

O sucesso foi alcançado em pouco tempo, o que lhes permitiu, poucos anos depois, adquirirem terreno na própria rua do Rosario, entre a Saldanha Marinho e a Praça Tiradentes, onde construíram um predinho de três andares, além do térreo. Local onde multiplicaram suas atividades.

Poucos anos após a chegada dos Codega, Curitiba via concretizar-se o sonho da sua própria Universidade. 1912. Muitos de seus idealizadores eram conhecidos e destacados membros da comunidade. Por volta de 1916/1917 ocorreu a questão do Contestado que resultou no fracionamento do território paranaense em duas partes. Uma delas cabendo ao Paraná e a outra ao Estado de Santa Catarina.

Fato que muito desagradou os paranaenses.

Vivenciando Curitiba como moradores, os Codega rapidamente se integraram à sociedade local através, primeiramente, da Sociedade Dante Aleghieri, localizada na Praça Zacarias, (onde minha sogra Renata também estudou italiano e cursou a escola primária), além de frequentarem a Sociedade Garibaldi. Renata, minha sogra, cursou o ginásio no Colégio das Freiras situado no Cajuru.

Decorrente disso tudo, minha sogra Renata Telini Rocha, sabia resgatar muito da história de Curitiba daquela época, seus moradores, políticos e dirigentes bem como dos próprios imigrantes italianos. Essas histórias possuíam bom sentido discursivo bem como lógica. Mas que complementei com pesquisas que fiz junto a Gazeta do Povo bem como no Arquivo Público Paranaense. Disso, resultou o livro “Quando os pardais da Praça Tiradentes ouviam a “La Tarantella”.

Por ocasião da comemoração dos noventa anos do Rotary Clube de Curitiba, lendo a Ata de constituição desse Clube, bem como a lista dos associados, bateu-me uma forte sensação que poderia me atrever observar alguns fatos pertinentes não só aos associados como também outros que aí estivessem e também, recordar como era Curitiba naquela ocasião e, por decorrência, o próprio Estado do Paraná.

Inclusive, sobre o local da comemoração de tão significativa festa. O Castelinho do Batel.

Ainda no final de 1958, quando deixei Londrina e fui para Curitiba, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, morei na casa do Professor Conrado Diedan, situada na Rua Comendador Fontana. Ao mesmo tempo, trabalhando na Refrigeração Baduy a poucos metros de distância. Por sua vez, eu estudava a noite no Curso Científico do Colégio Estadual do Paraná e encontrava o melhor caminho interligando estes dois pontos, (casa do Professor Conrado e Colégio Estadual do Paraná), através da Rua da Glória.

Transitando diariamente por ali, conheci a Gracinha bem como sua amiga Marion Hauer. Marion veio a falecer pouco tempo depois, então com treze para catorze anos de idade, vítima de acidente automobilístico. Gracinha, no entanto, era neta do Senhor Luís Guimarães que costumeiramente se fazia presente enquanto conversávamos e que muitas vezes participava. De forma simplória, embora riquíssimo, afirmava que fora produtor de café no passado, viajara à Europa e se encantara com os castelos franceses. No seu retorno a Curitiba, resolveu construir uma edificação semelhante. Nasce então o Castelinho do Batel que realmente passou a chamar atenção de todos os curitibanos.

O senhor Luís acabou vendendo o Castelinho e com o produto da venda adquiriu terreno na Rua da Glória, onde construiu nova e belíssima residência, implantada num terreno de enorme fachada, com dois pavimentos, o que ainda a destaca nos dias de hoje. Para mim, então, uma feliz coincidência que a festa comemorativa aos noventa anos do Rotary Clube Curitiba estivesse ocorrendo em tal Castelinho situado no Batel.

Pelas histórias relatadas com riqueza de detalhes pela minha sogra, Renata Telini Rocha, e que registrei no livro Quando os pardais da Praça Tiradentes ouviam a “La Tarantella”, consigo afirmar que a energia elétrica poucos anos antes de 1933, passou a funcionar gerada pela hidrelétrica construída no local denominado Castelhanos, na Serra do Mar, cujo rio desagua na baía de Guaratuba. Com o funcionamento

desta eletricidade, veio o funcionamento dos bondes elétricos cuja estação central era na Praça Tiradentes, praticamente defronte a antiga Farmácia Stelfeld.

Mas na verdade, a luz elétrica de Curitiba iniciou-se muitos anos antes, início dos anos de mil e novecentos, quando o Sr. Hauer construiu a destacada termoelétrica nas proximidades da atual rodoviária de Curitiba.

A partir daí, multiplicaram-se as termoelétricas em cidades do Paraná. Para tanto haviam vendedores que percorriam praticamente todas as cidades do interior do Paraná. Vendiam-se termoelétricas menores, (na realidade uma caldeira aquecida a lenha e acoplada a mesma um pequeno gerador), o que permitia a geração da eletricidade. Na sequência, a instalação da rede elétrica propriamente dita e o conseqüente fornecimento de eletricidade as residências desejadas. E este fato, estendeu-se por muitos anos. A própria cidade de Londrina, utilizou-se deste tipo de geração de energia elétrica assim que as primeiras casas foram construídas.

Evidentemente, havia o caso de Ponta Grossa que por possuir queda de água próxima, gerava eletricidade através de hidrelétrica que já era um fato comum em outras cidades semelhantes. Porém, a fim de se evitar a perda de eletricidade, a produção de energia elétrica através de termoelétrica era a mais usual.

Fato destacável, é que a empresa interessada em tal comercialização de eletricidade, através da termoelétrica, fornecia, praticamente sem custos, os aparelhos e tela para instalação de um cinema propriamente dito nessa cidade. Muito embora os filmes fossem mudos. Fato que igualmente também ocorreu na cidade de Palmas, terra dos meus antepassados. Pois a irmã do meu pai, a Tia Araci Belo da Rocha, como pianista, era quem animava tais sessões cinematográficas na sua época de mocidade. Igualmente, mas juntamente com sua Tia Olinda, irmã da minha avó Genoveva, e outros músicos, os bailes que ocorriam.

Ainda no início dos anos de 1928 começaram a chegar a Curitiba os veículos Ford 1927 a gasolina. (Anteriormente os veículos automotivos eram movidos a álcool). Um pouco anterior a esta data, (1928), o sr. Carmelo Rangel obteve concessão para fornecimento de gasolina. Uma das bombas situou-se na Praça Tiradentes praticamente defronte o Paço Municipal e a Igreja Matriz.

Em 1930 ocorreu a Revolução Getulista, evento importante da história política, social e econômica do Brasil. Tal revolução derrubou o Governo de Washington Luís cujo lema maior era:- Governar é construir estradas. Neste sentido encontravam-se em andamento as estradas que interligavam Curitiba a São Paulo, (Estrada da Ribeira), bem como a Estrada Curitiba ao Rio Grande do Sul, passando por Joinville, mas que no trecho de serra, (região do Paraná), encontrava sérios problemas. Ambas viram-se paralisadas por tal Revolução. Porém, retomadas e concluídas poucos anos depois.

No ano de 1932 foi fundado o Aero Clube de Curitiba pois aviões de pequeno porte já se faziam presentes na cidade. Sabe-se que o próprio Interventor Manoel Ribas utilizou, além de automóveis, aviões para suas costumeiras viagens ao interior do Paraná. Existem fotos do mesmo, adentrando a um pequeno hidro-avião em Paranaguá com destino ao Rio de Janeiro.

Mas sabe-se que nas viagens ao interior o mesmo optava pelo uso do trem, (onde fosse possível), e aviões em locais onde já existissem campos de pouso. Ainda que em terra. Caso de Londrina. Evidentemente, a utilização de automóveis, onde houvessem estradas, sempre complementava suas inspeções.

Na Rua Quinze de Novembro, em Curitiba, já ocorriam os costumeiros “footings” nos finais das tardes bem como sábados e domingos. Essa mesma rua fora asfaltada por volta do ano de 1925 mas apenas no trecho denominado Cinelândia. Dois prédios magníficos a enfeitavam este trecho desde 1927. Um deles, o Palácio Avenida, era de propriedade do sr. Feres Mehry e nesse local passou a existir o Cine

Avenida. Outro, o Edifício Palácio, onde também existia um cinema, o Cine Palácio. Do outro lado da rua, ficava o Cine Odeon. Anos depois, outro cinema, o Cine Ópera. Mas existiam também outros pequenos cinemas.

Assim, quando Londrina passou a existir, Curitiba já contava com vários cinemas e em locais diferentes. A atual Rua Barão do Rio Branco era muito importante, pois ia desde a Estação Ferroviária até praticamente a rua Quinze de Novembro. Na atual rua Riachuelo já existia o Paço Municipal, (Prefeitura), construído por volta de 1915.

Podia-se afirmar que a rua Riachuelo, acoplada as avenidas João Gualberto, Munhoz da Rocha, e a que passa defronte ao quartel do Bacacheri, eram, antigamente, parte da chegada dos antigos e milenares caminhos do Apiaí e do Itupava que alcançavam o centro de Curitiba.

A rua Barão do Rio Branco, se iniciava praticamente defronte a Estação Ferroviária defronte uma magnífica Praça. A Praça Eufrásio Correia. Tal estação ferroviária fora concluída em 1883 e inaugurada em 1885. Rua esta, onde também já existia o magnífico prédio da Assembleia Legislativa, (atualmente Câmara de Vereadores), inaugurada por volta de 1895, e a Estação dos bondes, para reparos e consertos, logo defronte.

Ao lado da Praça Eufrásio Correia, ainda na rua Barão do Rio Branco, os Hotéis Intercontinental e Roma, um deles da família Tassi.

Numa posição intermediária da rua Barão do Rio Branco ficava o Palácio do Governo.

Na esquina da Rua Barão do Rio Branco, com rua XV de Novembro, antiga localização do Clube Curitibano, existiu no mesmo local o Grande Hotel Moderno, de propriedade do Sr. Gino Zanchetta, então, Cônsul Italiano em Curitiba. Quando as irmãs Codega chegaram a Curitiba (1907) o Senhor Gino promovia notáveis festas para a comunidade italiana. Recepcionava principalmente artistas italianos que vinham a Curitiba em longas temporadas e se

apresentavam no antigo Teatro Guaira, localizado na rua Dr. Muricy, entre as ruas Ébano Pereira e Quinze de Novembro. Nestas ocasiões, após tais apresentações, a comunidade italiana comparecia no salão de festas do Grande Hotel Moderno, então situado na esquina da rua Barão do Rio Branco com Quinze de Novembro que era o local onde artistas e comunidade italiana se confraternizavam. Esses fatos foram vivenciados pela família Codega à qual pertencia minha sogra.

Sabe-se, no entanto, que a Companhia Telefônica, situada na Travessa Marumbi, praticamente ao lado da Praça Tiradentes, já era deficiente naquela época, 1932, e por essa razão, muito criticada.

Como vimos acima, em 1930 ocorreu a Revolução Getulista.:- Ocasão que já haviam sido iniciadas as construções de duas importantes rodovias interestaduais e que ficaram paralisadas devido a Revolução de 1930. Uma delas interligando Curitiba a São Paulo e a outra ao Rio Grande do Sul.

Por outro lado, importantes rodovias paranaenses precisavam ser urgentemente implantadas, melhoradas e restauradas. Objeto de reivindicações de todos os paranaenses. Dentre elas, a Rodovia do Cerne que partindo de Curitiba, passava por Piraí do Sul, São Jerônimo da Serra, alcançava Jataí e, para Londrina, necessitava de notável ponte sobre o rio Tibagi. Na verdade, duas pontes. Por uma delas passaria a estrada de ferro construída pelos ingleses a fim de alcançarem Londrina, Cambé, Rolândia, etc.etc. Observa-se, no entanto, que tal ferrovia estava programada, idealisticamente, até mesmo para alcançar Guairá e Assunção, no Paraguai. Mas compromisso que não se cumpriu.

Falava-se também na necessidade de interligar melhor Curitiba a Cerro Azul, bem como a Itararé, Jaguariaíva, Ponta Grossa, Palmeira e Lapa etc. Bem como de Curitiba a São José dos Pinhás. União da Vitória e daí a Palmas eram inquestionáveis. A estrada rodoviária Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava e Foz do Iguaçu também era necessária. E tantas outras mais, dentre elas, a própria estrada da

Graciosa então o único caminho para se alcançar o Porto de Paranaguá e, com isso, a exportação dos produtos paranaenses.

Mas já havia, desde 1882, a navegação fluvial, pelo rio Iguaçu, que partindo de São Mateus do Sul alcançava União da Vitória. Empreendimento que se deu a iniciativa do Amazonas Marcondes. Pois a ferrovia já estava programada para inauguração em Curitiba, 1885, e daí a continuidade até Ponta Grossa, passando primeiramente por Palmeira. Mas em São Mateus do Sul. Local do embarque pertinente a navegação pelo rio Iguaçu. Não se podia ir de Curitiba a São Mateus do Sul pelo próprio Rio Iguaçu, de vez que, um pouco antes da cidade, existiam os saltos que impediam tal navegação. Mas o objetivo do Amazonas Marcondes, além do transporte de passageiros era a carga de madeira e erva-mate então abundantes na região de União de Vitória e além da mesma.

Portanto, até ao menos desde 1894 podia-se partir de Curitiba por ferrovia até a cidade de Palmeira, pois o trecho Curitiba/Ponta Grossa passara a funcionar. Com isso, conjugando linha ferroviária de Curitiba a Palmeira e daí a São Mateus do Sul por diligências e, em seguida, navegação fluvial. Fato que motivou Amazonas Marcondes a implantar sua linha de navegação fluvial. Porém, em 1906, a ferrovia alcançou União da Vitória.

Historicamente, na mesma época, ou pouco antes, a ferrovia que partindo de São Francisco do Sul, passando por Joinville, Rio Negro e Mafra, também alcançou União da Vitória. Época que meu avô Marcos Schatzmann já era funcionário do Ministério de Viação e Obras Públicas, em Joinville, na qualidade de fiscal da linha telegráfica.

O ciclo da erva mate acabara anos atrás. Era já o ciclo da madeira e da exportação do café de vez que o norte pioneiro já vinha produzindo café em quantidade considerável.

Agora, 1930, com o início da colonização do norte do Paraná, com o início de novas plantações de café, não se podia mais protelar tal assunto.

Além disso, praticamente todos os municípios paranaenses reivindicavam escolas primárias, ginásios, postos de saúde, coletorias, água, luz, etc. Era já um novo Paraná e nada mais tinha a ver com o Paraná anterior à revolução de 1930 e aos seus governantes pertinentes. Praticamente todas as cidades do Paraná passaram a também reivindicar a luz elétrica. Porém, como atendê-las? Neste sentido, é que surgiram em todo o Brasil pequenas usinas adequadas para cidades pequenas. A maioria das mesmas para funcionamentos diários. Porém, no período das dezoito às vinte e duas horas. Juntamente com tais usinas vinha a instalação da rede elétrica e as instalações domiciliares. Como brinde aos adquirentes, os vendedores doavam pequenos cinemas, (mas apenas os filmes e maquinas de projeção), que podiam ser facilmente instalados ainda que os filmes fossem mudos.

No entanto, ainda que mudos, tais filmes demonstravam as grandes inovações e o progresso que estava ocorrendo em outros países e no mundo inteiro.

Podia-se afirmar que a Radio PRB-2, em Curitiba, já vinha funcionando anteriormente ao Governo de Manoel Ribas. Era ouvida até mesmo em cidades distantes de Curitiba. Um dos seus diretores era o Jacinto Cunha, casado com a Nina Saldanha, meia-irmã do meu pai pelo casamento de minha avó Genoveva, em segundas núpcias, com o advogado Carlos Seixas Saldanha, em Palmas, este que também já possuía outros filhos.

Por sua vez, Jacinto Cunha era filho do professor e Promotor Público de Palmas, João Manoel Itiberê da Cunha Sobrinho, irmão de Monsenhor Celso Itiberê da Cunha. Daí, a razão de tantas conversas pertinentes ao mesmo no seio da nossa família.

Curitiba contava com vários jornais na época da fundação de Londrina. Com Universidade e Curso Ginásial. (Ginásio Paranaense).

Mas, inegavelmente, faltavam professores. Tanto do curso primário como, principalmente, do curso ginásial.

Diante disso, na própria cidade de Curitiba Manoel Ribas se viu motivado para a construção do Colégio Estadual do Paraná, então uma gigantesca empreitada e que somente viu-se inaugurado em 1945.

Eram enormes as dificuldades para funcionar escolas primárias e cursos ginasiais no interior do Paraná pela falta de escolas para formação de professores. Principalmente.

Quando Manoel Ribas deixou o governo, em 1947, passando para o Moisés Lupion, este igualmente se viu diante desta enorme empreitada que se iniciara no Governo anterior pois o Paraná já não era mais o Estado de antigamente.

Verificando-se a Ata de constituição do primeiro Clube Rotário em Curitiba, encontramos nomes de importantes e destacadas pessoas, políticos, professores, empresários, profissionais, etc. Dentre os vinte e três componentes, destaco os nomes do Clotário de Macedo Portugal, Francisco Johnscher -- nesta ocasião já era o proprietário do Grande Hotel Moderno e não mais o Gino Zancheta, Ivo Leão, João Candido Ferreira, José Pereira de Macedo, Luiz Ciruelos, Luiz Guimarães, Manoel Ribas, Rivadavia de Macedo, Vitor Ferreira do Amaral, dentre outros. Todos destacados cidadãos da comunidade curitibana. Com isso, imagino o elevado nível das conversas e palestras que aí ocorriam. Destaco ainda o fato de que, para pertencer ao clube rotário de Curitiba naquela ocasião, havia uma seleção de pessoas notáveis para tanto. Fato que igualmente se estendeu a todas cidades onde o Rotary passou a existir.

AS AULAS CÍVICAS E DE PORTUGUÊS NO GRUPO ESCOLAR PROFESSOR SERAPIÃO EM UNIÃO DA VITORIA

Devido as constantes mudanças nossas para outras cidades, (em decorrência do crescimento funcional do nosso pai junto a Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná), de julho de 1950 a julho de 1951, moramos novamente em União da Vitoria. Anteriormente, por seis meses, no ano de 1949.

Assim quando retornamos a União da Vitoria, eu já cursara o primeiro semestre, pertinente ao terceiro ano do curso primário, no Grupo Escolar 19 de dezembro em Curitiba. Na realidade, antes cursara no Grupo Escolar Professor Cleto em Curitiba. Nome de um destacado professor paranaense.

No entanto, quando iniciou-se o terceiro ano escolar, vários alunos foram transferidos do Professor Cleto para o Grupo Escolar Dezenove de Dezembro. Dentre eles, eu. A justificativa desta transferência, segundo a Diretora do Grupo Escolar Professor Cleto, era de natureza pedagógica pois reunidos, agora, no Grupo Escolar Dezenove de Dezembro alunos de nível mais avançado quanto a escolaridade dos mesmos. Fato que não me foi difícil comprová-lo. No entanto, quando realmente estava me adaptando aos novos amigos, meu pai novamente foi transferido. Agora, novamente para União da Vitoria. Julho de 1950.

Dada a esta nova transferência funcional do meu pai, agora de Curitiba para União da Vitoria, (novamente), este fato motivou o meu ingresso no segundo semestre do terceiro ano primário no Grupo Escolar Professor Serapião. Na minha cabeça, mas no primeiro momento, inferior ao ensino ministrado no Grupo Escolar Dezenove de Dezembro de Curitiba. Ledo engano da minha parte com o decorrer dos dias.

Ao iniciarem-se as aulas, ficou-me perceptível as presenças das antigas cadeiras escolares duplas. Nas quais sentavam-se dois alunos. Fato que praticamente não mais existia nos grupos escolares que cursei. Mas que robusteceu a minha sensação de que tal Grupo Escolar realmente era muito antigo. Ainda mais, que nestas cadeiras duplas, existiam rabiscos, (efetuados a canivetes), nomes de alunos e o ano que aí se sentaram. 1936. Fato que nunca saiu da minha cabeça até os dias atuais. O meu companheiro de cadeira chamava-se Oscar Venâncio Castilho, que anos depois, 1960, ingressou no Curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná e eu no Curso de Engenharia. Tornamo-nos inseparáveis amigos em União da Vitória. Atualmente, (2023), já falecido há muitos anos.

Porém quando as aulas se iniciaram, ficou-me perceptível que de forma alguma o ensino alí seria inferior ao de Curitiba. Ao contrário, era muito mais rígido e abrangente. A nossa Professora, pertinente ao segundo semestre de 1950, (cujo nome não me lembro mais), na minha ótica era já idosa pois ela, via de regra, contava histórias da separação das duas cidades, (União da Vitória e Porto União), fato que tinha ocorrido há trinta e quatro anos atrás. E contava com riqueza de detalhes.

Quisesse eu lhe atribuir sua idade neste momento, (2024), eu afirmaria que a mesma teria nascido por volta de 1896. Ou seja, que em 1950, (quando era nossa professora), a mesma teria por volta dos seus cinquenta e quatro anos de idade. Era forte, enérgica, disciplinada, exigente e muito didática em todas as matérias que lecionava e nos cobrava. Até mesmo nas filas que fazíamos antes de entrarmos na sala de aula. Ocasão que, em filas organizadas, todos usando guarda pó branco, no pátio, entre a cantina e os fundos da escola, cantávamos os hinos cívicos nacionais. Dentre eles, o hino do Paraná.

Sempre me pareceu que ela iniciara suas atividades como professora no antigo prédio escolar, (também denominado Grupo Escolar Professor Serapião a meu ver), mas situado na área onde hoje

situa-se a idade de Porto União-SC. Área esta que também pertenceu ao Paraná antes do Acôrdio de Divisas entre Paraná e Santa Catarina.

Em 1913, o Governo do Paraná construiu tal Grupo Escolar onde hoje situa-se Porto União. Portanto, anteriormente ao Acordo de Divisas entre Paraná e Santa Catarina.

Como o Acordo foi assinado em 1917, o Governo do Paraná viu-se obrigado a construir um novo prédio. Agora, no atual local. Praça Coronel Amazonas, União da Vitoria. Mas que levou o mesmo nome. Grupo Escolar Professor Serapião. Cidadão este muito culto, nascido por volta de 1847 e falecido em 1911. Muito ligado ao Coronel Amazonas que também morava na parte que se destinou a Santa Catarina. Ao que tudo indica, fato que motivou este último a construir uma nova residência. Mas no lado agora pertencente ao Paraná e transferir moradia para a mesma. Pois, inegavelmente era um grande líder político e empresarial paranaense. E não catarinense.

As matérias, a meu ver, lecionadas no Grupo Escolar Professor Serapião, quando o frequentei, eram português, matemática, história, geografia e ciências. No entanto, o que me chamava atenção é que esta professora dividia a matéria história em duas. História do Brasil e do Paraná. Igualmente, a matéria geografia. Mas ela sabia contar, (com bastante ardor), a história da divisão da cidade originariamente chamada União da Vitoria. Ficando-nos visível que a mesma era ferrenha contestadora daquela divisão de áreas e cidades que ocorreu no passado. Fato que, ao menos para mim, nunca esqueci.

Porém, era um fato que também a família do meu pai, residente em Palmas desde o início da sua colonização, frequentemente abordava e com a mesma ênfase e revolta. Pois desde os primórdios da colonização de Palmas, 1836, o Paraná ia, ao sul, até o Rio Uruguai fazendo divisa com o Rio Grande do Sul. A oeste, com a Argentina. Ou seja, desde que fora criada a Província do Paraná. 1853. Anteriormente a esta data, o Paraná era a Quinta Comarca de São Paulo.

Portanto, historicamente, o Paraná sempre ocupou tal área e não havia razão para ser dividida com o Estado de Santa Catarina que passou a postulá-la em seguida o arbitramento da área Contestada pela Argentina pelo Presidente norte americano Cleveland. Era uma região enorme, porém cujos limites entre Brasil e Espanha já estavam definidos desde há séculos. Atualmente, basta-nos olharmos o mapa de Santa Catarina atual e compara-lo com o anterior.

No entanto, logo após a Guerra do Paraguai, espertamente, a Argentina passou a reivindicar uma área bem superior ao que já se encontrava consolidado entre as partes. (Brasil e Argentina). Fato este que ocorreu somente após a Guerra do Paraguai. Tinha como limites o rio Iguaçu até seu afluente, rio Chopim e por este até as suas nascentes. Próximo desse local, a nascente do rio Chapecó. Pelo mesmo até o rio Uruguai e por este último até a divisa com a Argentina. Essa área toda denominou-se Contestado pela Argentina. (Contestado na língua espanhola, reclamada como sendo sua).

Este questionamento entre os dois países foi levado para arbitramento do Presidente Cleveland. (Norte Americano). E o mesmo decidiu-se pelas antigas divisas entre Brasil e Argentina. Que passava, (e passa), pela atual cidade de Barracão e Dionísio Cerqueira.

Quando ocorreu a decisão final sobre as divisas entre Brasil e Argentina, que ficaram imutáveis e localizadas nas mesmas posições que se encontravam e se encontram, espertamente, o Estado de Santa Catarina passou a reivindicar a mesma área sob a alegação que seu território era muito pequeno. No entanto, podia-se afirmar que os Estados de Alagoas e Sergipe possuíam áreas menores que a de Santa Catarina.

Neste sentido, o Estado de Santa Catarina ingressou com uma Ação junto ao Supremo Tribunal Federal a fim de expandir seu território sob alegação que a área que ocupava era muito pequena. E esta Ação demorou anos para ser concluída.

Dizia-se, também, que o Paraná perdeu área para Santa Catarina devido a Guerra do Contestado. No entanto a Guerra do Contestado foi um conflito armado ocorrido de 1912 a 1916/17 na região ao longo da estrada de ferro que interligou União da Vitória a Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul. Pois sabidamente, o Governo Brasileiro entregou ao empreendedor norte americano, Percival Farquhar, (empreendedor da construção da linha férrea), uma faixa ao longo do eixo da ferrovia, (quinze quilômetros para cada lado a partir do eixo), mas que passava também por áreas onde já existiam milhares de posseiros. (Pessoas que aí moravam desde há anos sem o devido documento de propriedade). Daí o questionamento dos mesmos e, por consequência, a Guerra do Contestado.

Fato que preocupou a própria Nação Brasileira que, para tanto, disponibilizou parte do seu exército para dar combate aos revoltosos. Um destacado e lamentável evento que vitimou milhares de pessoas. A maior parte, pobres posseiros que habitavam na região.

Porém, a causa verdadeira, quanto ao avanço do Estado de Santa Catarina sobre o Estado do Paraná, (no sentido de aumentar sua área territorial), era que o mesmo ingressara, anos antes com Ação junto ao Supremo Tribunal Federal. Fato que ocorreu poucos anos após ao arbitramento do Presidente norte-americano, Cleveland. 1895. Assim, em 1904 o Estado de Santa Catarina ingressou com uma Ação para expansão do seu território sob a alegação que o mesmo era muito pequeno. Esta Ação devido a sentenças e contestações que ocorreram, delongou-se muito tempo a ponto dos paranaenses não mais acreditarem no sucesso da mesma.

No entanto, embora demorada, esta Ação catarinense prosperou. Por volta de 1917 o Estado de Santa Catarina conseguiu seu intento o que resultou um Acordo entre os dois Estados, (Paraná e Santa Catarina), para estabelecimento das divisas. Com isto, o absurdo, segundo a mesma, dividindo-se até cidades e suas benfeitorias. Casos de União da Vitória e Rio Negro.

Devido a este Acordo de Divisas, União da Vitória cedeu espaço para Porto União o que, da mesma forma, ocorreu com Rio Negro que cedeu área para Mafra. Segundo a mesma, inaceitável.

Esta história, na realidade, como já dissemos, teria começado logo após o término da Guerra do Paraguai.

Quando esta Guerra se iniciou, os primeiros campos de Batalha teriam ocorrido próximo da cidade de Corrientes na Argentina. Porém, no Rio Paraguai e seus afluentes. Também, local próximo da confluência dos rios Paraguai e Paraná.

No rio Paraná, instalou-se um local para recebimento de armas, munições e víveres ao exército brasileiro. Muito próximo da localidade denominada Posadas.

Transitando pelo local, os argentinos, (que lutavam ao lado do Brasil nessa Guerra), depararam-se com as presenças de muitos brasileiros que aí viviam e tinham propriedades destinadas a reunião de gado, (gado solto que existiam aos milhares nas Missões Jesuíticas próximas, muito embora desativadas há muitos anos), mas gado esse que, via de regra, era destinado aos campos de Palmas. No entanto, quando tais campos de Palmas foram descobertos, (por volta de 1836), nenhum gado existia nos mesmos.

Mas sim nas várias Missões Jesuíticas que se encontravam abandonadas. Tanto do lado brasileiro, (Rio Grande do Sul), como do lado argentino. Sendo que na região de Posadas tais Missões jesuíticas eram até maiores que as existentes no Rio Grande do Sul. Razão da enorme presença de gado solto na área de Posadas. Ressalte-se que na progressão da marcha dos desbravadores “palmenses” em direção sul, partindo-se de Palmas, não foi difícil encontrar tais Missões no lado brasileiro e nelas também muito gado solto.

No entanto, mas igualmente, os palmenses descobriram os campos Erê, em direção oeste, e logo encontraram uma bela trilha nos mesmos. Percorrendo tal trilha alcançaram a localidade denominada Barracão. (Atualmente divisa do Paraná com Argentina).

Maria da Rocha, juntamente com esposo e filhos logo aí instalou uma enorme invernada para recepção do gado vindo das Missões Argentinas a oeste bem como da localidade denominada Posadas. A Invernada da Conceição. Fato que lhe permitiu boa comercialização. A mesma seria filha do Antônio da Rocha Loures com uma indígena. Fato que igualmente ocorreu com a maioria dos soldados que compuseram tal Expedição Militar e que continuou ocorrendo ainda ao longo dos anos que se seguiram. Pois, inegavelmente, a feição de centenas de guarapuavanos descendentes de soldados de tal expedição militar, continuou se repetindo.

No entanto, “palmenses” mais afoitos, percorrendo a mesma trilha alcançaram não só as Missões Argentinas a oeste, como também a localidade de Posadas às margens do Rio Paraná. Divisa da Argentina como Paraguai. Aí se estabeleceram com a finalidade de pegar o gado solto, reuni-lo e depois leva-lo para os campos de Palmas. Também, comercializando-o.

Posadas, então era um local extremamente longe de Buenos Aires. Mas, Argentina. Fato estranhável para os soldados do exército argentino que lutava contra o Paraguai ao lado do Brasil.

No entanto, em seguida a finalização da Guerra do Paraguai, este fato motivou os argentinos a “Contestarem as presenças dos brasileiros, (palmenses), naquela região”. Pois região argentina.

Agora, alegando que as reais divisas entre Argentina e o Brasil, era seguindo o Rio Iguaçu acima, até o Rio Chopim. Pelo mesmo rio Chopim, acima, até as suas nascentes. Muito próximas das nascentes do Rio Chapecó. Pelo mesmo, rio abaixo até o rio Uruguai. Do rio Uruguai, descendo-o, até a divisa com a Argentina. Ou seja, a Argentina passou a postular como sua uma imensa área. Região esta denominada Contestado pela Argentina mas que foi solucionada por arbitramento do Presidente norte Americano, Cleveland em 1894. Portanto o nome Contestado teve origem aí e não na ferrovia que interligou União da Vitoria ao Rio Grande do Sul. (Santa Maria).

Porém, como a Argentina pleiteou uma enorme área que praticamente alcançava Palmas e União da Vitória, bem como em direção sul, toda esta região ficou conhecida como área do Contestado. Mas na verdade, após 1894, nada tinha mais a ver com a Argentina. Mas sim, agora, com o Estado de Santa Catarina que passou a postulá-la, mesmo sabendo que pertencia tradicionalmente ao Paraná desde 1853. Quando a Quinta Comarca de São Paulo tornou-se Província do Paraná. E neste sentido, Santa Catarina, pouco tempo após tal arbitramento de parte do Presidente Cleveland, ingressou com uma Ação junto ao Supremo Tribunal Federal postulando tal área.

Para tanto, apenas alegando que seu território era muito pequeno e precisava ampliá-lo.

Por outro lado, quando a estrada de ferro, vinda de Ponta Grossa em direção a Santa Maria no Rio Grande do Sul, 1906, passou a ser construída, existiram muitos questionamentos de parte de antigos moradores locais quanto a área que o Governo Brasileiro disponibilizara para o empreendedor norte americano Parcival Farquhar para execução da tal linha ferroviária. Saliente-se que em 1906 ficaram prontos os trechos Ponta Grossa/União da Vitória/Joinville. Na mesma ocasião, já existia o projeto de construção de tal linha ferroviária em direção ao Rio Grande do Sul partindo-se de União da Vitória. E para tanto, o mega-empresário norte americano, Parcival Farquhar, se interessou e procurou o Governo brasileiro. Como contribuição governamental, o Governo brasileiro disponibilizou ao empreendedor uma faixa de terras como sendo de quinze quilômetros para cada lado a partir do eixo da linha ferroviária. Faixa esta onde existia muita madeira para ser cortada e negociada, Local onde ficaram instaladas muitas serrarias.

No entanto, nessa faixa também moravam muitos posseiros que se viram prejudicados. À medida que o pessoal defensor do Parcival ia tentando retirar tais posseiros, na sequência os mesmos revoltaram-se. Com isto obrigando o Governo brasileiro, através do seu exército, a intervir.

Muitos atribuem o nome Guerra do Contestado a este conflito. Pois, ao mesmo tempo, Santa Catarina vinha contestando suas antigas divisas com o Estado do Paraná. Portanto, o nome Contestado pode ter duas origens. A primeira, devido a região contestada pela Argentina em relação ao Brasil. A segunda, devido a própria Contestação do Estado de Santa Catarina para com o Paraná.

Por sua vez, inegavelmente, o próprio traçado da ferrovia em direção ao Rio Grande do Sul, muito aproximadamente teve seu traçado nos antigos limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina.

Traçado ferroviário este, que teve origem no engenheiro João Teixeira Soares em 1887. Interligando Itararé, Ponta Grossa, União da Vitória, Marcelino Ramos, Santa Maria e, a partir daí, para Porto Alegre e até mesmo para o Uruguai.

Ressalte-se que em 1906, inauguraram-se os trechos Ponta Grossa/União da Vitória, União da Vitória/Joinville, Joinville/São Francisco do Sul. Fato sempre contado e recontado pelo meu avô materno, o Marcos Schatzmann, de vez que o mesmo era guarda-fios da linha telegráfica sediada em Joinville nessa ocasião.

Porém, tal Ação de parte de Santa Catarina para com o Paraná, acabou sendo finalizada por volta de 1917. Com isto, resultando no Acordo para estabelecimento das divisas entre os dois Estados. Quando a população do Paraná tomou conhecimento desse fato, a mesma praticamente se revoltou. Dado ao absurdo quanto aos estabelecimentos de divisas, pois até cidades seriam divididas. Caso de União da Vitória e Rio Negro.

Praticamente toda a população do Paraná, principalmente das cidades citadas acima, se revoltou contra tal absurdo.

Em Rio Negro, o povo reunido defronte a Prefeitura, não se conformando com a anexação daquela área a Santa Catarina, resolve protestar preferindo a separação de toda aquela área para formação de um Estado Novo para a Federação Brasileira. O Estado das Missões. Ainda com sacrifício de sangue. Quando as comunidades de Porto

União da Vitoria e Timbó tomaram conhecimento deste fato, da mesma forma decidiram por igual posicionamento. Ao mesmo tempo, hipotecaram solidariedade a Rio Negro.

O Decreto do Presidente Wenceslau Braz dividia a área entre Paraná e Santa Catarina em alguns lugares. No entanto, a própria decisão do Supremo Tribunal Federal não estava sendo observada. Com todo este panorama os moradores dessas faixas a serem divididas concluíram que a melhor solução seria o estabelecimento de um novo Estado Brasileiro em toda a área. Estado este que se chamaria Estado das Missões. Principalmente, que tal Acordo tivera sido efetuado em gabinetes sem qualquer previa consulta aos moradores atingidos.

Com tudo isto, mas em 1910, vinha funcionando a Junta Governativa do Estado das Missões em Porto União da Vitória. Mas cuja função era apenas informar a todos os moradores o que estava ocorrendo nas altas esferas administrativas e judiciais brasileira. O líder deste movimento era o cidadão José Julio Cleto da Silva, tabelião em Porto União e que tivera sido Prefeito em Clevelândia. O mesmo se dispusera a tal liderança valendo-se inclusive do Jornal “Missões” para divulgação do que vinha acontecendo.

Em abril de 1917, estourou o barril de pólvora. Cleto da Silva estava de licença da Assembleia Legislativa do Paraná. Com isto, estando em Guarapuava e não em Porto União da Vitoria. Apressadamente retornou a Porto União da Vitoria. Ficou assentado, estabelecerem um movimento de reação a fim de tumultuar o Acordo que estava sendo feito na Câmara Federal. A maioria da população se manifestava contra a cessão de cidades, vilas, áreas, etc.etc. Ainda que não fosse um movimento armado. Por sua vez, constatou-se que em outras regiões, distantes de Porto União da Vitoria, estava ocorrendo o mesmo movimento. Com isto tudo, fortaleceu-se a ideia de se criar um novo Estado na região. O Estado das Missões. Até bandeira fora criada para tal Estado das Missões. Sendo que o escritório oficial localizava-se em Porto União da Vitoria. No entanto, ao mesmo tempo, surgiram

movimentos oficiais, (de parte dos Governos Estaduais), para dar combate aos revoltosos. Por sua vez, os revoltosos não conseguiam sensibilizar nenhuma Força Armada.

Em vista disso, o movimento deixou as cidades e partiu para o interior afim de cooptar mais cidadãos. O que acaba ocorrendo. Neste sentido, passam a ocorrer desentendimentos de vez que a força policial passa a se fazer presente. No entanto, em todas as cidades da região, incluindo-se Palmas e Clevelandia, bem como outras menores, a população soma-se a este movimento.

Como tal movimento não conseguira sensibilizar alguma Força Armada, o mesmo acabou desintegrando-se. Porém, uma enorme revolta resultou na alma dos que se mostraram contra tal divisão. Caso da nossa professora a que me refiro e da própria família do meu pai. Então residentes em Palmas. Pois fato que muito me marcou ainda criança.

Iniciando o primeiro semestre de 1951, (quarto ano primário), tivemos como Professora Dona Laura Capriglione. Uma professora muito competente e também enérgica. Podia-se afirmar que as matérias eram praticamente as mesmas do terceiro ano. Porém, mais fortes. Sempre se referenciava a Curitiba. Devido a isto, sempre imaginei que ela aí teria origem. Pois era costume a Secretaria da Educação providenciar professores para as cidades do interior. Principalmente, se o marido fosse ao mesmo tempo também funcionário público. Decorrente de uma possível transferência o próprio Governo do Estado do Paraná reunia o útil ao agradável, como dizíamos.

As aulas de matemáticas, com aqueles incontáveis carroções como chamávamos, eram notáveis. Bem como os problemas de matemática. Porém, o que me chamava atenção realmente, era o modo dela nos ensinar português. Fazia questão de nos exigir o uso da voz passiva dos verbos. Eu amei. Eu tenho amado. Eu viajei. Eu tenho viajado, e assim por diante. Da mesma forma, quanto ao condicional usado no interrogativo. Poderia me emprestar...? Poderia falar mais

alto? Et.etc. Afirmava-nos que falar ou escrever dessa forma era mais elegante. Mais culto. No entanto, no meu consciente eu sempre achei que não era a mesma coisa. Embora tenha aprendido a falar e escrever desta forma.

Mas que, muitos anos depois, ao participar de aulas de italiano, era dessa forma que se lecionava. Certamente a Professora Laura Capriglione teria frequentado em Curitiba a Escola Dante Alighieri quando criança.

Em julho de 1951, novamente meu pai foi removido. Agora de União da Vitória para Londrina. Ocupando agora a Chefia do Decimo Terceiro Distrito Fiscal que abrangia uma região muito vasta.

Em dezembro deste ano de 1951, o mesmo foi a Curitiba participar de uma reunião para composição e análise dos membros que iriam compor a Comissão de Controle dos Custos das Obras do Centro Cívico que estariam para começar. Como realmente começaram, meses depois. No retorno, devido a acidente rodoviário, acabou falecendo. Nossa vida ficou alterada grandemente por muitos anos. Com isto, enormes sacrifícios para nossa mãe Neolete que viu-se obrigada a trabalhar para prover o nosso sustento. Começara uma nova e árdua tarefa para todos nós.

OLIMPÍADAS DO CURSO GINASIAL EM LONDRINA

Quando ingressei no Curso Ginásial em Londrina, (Colégio Estadual de Londrina, atualmente Colégio Vicente Rijo), já eram tradicionais as olimpíadas ginásiais em Londrina.

Nessa ocasião já existiam os Colégios Londrinense, (funcionando desde o início dos anos de 1940), e o Colégio Mãe Deus que funcionava desde 1936. Porém, direcionado as moças da cidade. (O mais antigo). Porém, em 1946 foi inaugurado o Colégio Estadual de Londrina. Mas passando a funcionar no ano seguinte.

Dentre estes, o Colégio Londrinense era tido como o mais capacitado para a formação ginásial de interessados pois contava com um quadro de professores excepcional. No entanto, era um Colégio em que os alunos pagavam mensalidade para frequentá-lo. Da mesma forma, quanto ao Colégio Mãe de Deus.

No entanto, desde 1947, com o funcionamento do Colégio Estadual de Londrina o mesmo passou a atrair a maior parte dos ginásianos locais. Apesar dessa atração, tal Colégio necessitava de professores para tanto. Muito embora no ensino primário não houvesse nenhum problema quanto ao pertinente quadro de professores.

Para tanto, desde o início do seu funcionamento, a direção do mesmo conseguia arremeter o médico, o advogado, o padre, o promotor público, o engenheiro da Prefeitura Municipal e até mesmo algum professor do próprio Colégio Londrinense para completar o quadro de professores para atendimento das matérias a serem lecionadas. Muitas vezes, recebendo professores transferidos de Curitiba para Londrina que evidentemente recebiam alguma bonificação a mais.

Quanto a grade curricular bem como as matérias em si, estas obedeciam as regras e aos livros preconizados pelo Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro. A meu ver, era uma regra estabelecida pelo

próprio Ministério da Educação em todo o território nacional. Com isto, uma uniformização do ensino ginasial em todo o país. Bem como quanto as próprias matérias lecionadas. Tanto isto é verdade, que muitos dos nossos livros ginasiais os autores eram professores deste Colégio D. Pedro II. No Paraná, todos os ginásios possuíam as mesmas matérias e obedeciam aos mesmo livros. Logo, o que variavam eram os professores. Em Londrina, na minha época escolar, faltavam professores com formações em Faculdades de Filosofia para tanto.

Assim que o Colégio Estadual de Londrina foi inaugurado, 1946, o mesmo atraiu já de imediato a maioria dos interessados londrinenses. Porém, o curso ginasial, a meu ver foi iniciado no início de 1947. Ao mesmo tempo, porém um pouco mais tarde, foi criada a União Londrinense dos Estudantes. (ULE). Entidade esta que congregava os estudantes ginasiais londrinenses e possuía diretoria própria. Em vista disso, as primeiras disputas, na prática, eram entre estudantes destas Escolas. Fato que, na sequência, gerou composições de chapas mescladas não se podendo afirmar mais que tal chapa pertencia a esta ou aquela Escola. Com isto, pode-se dizer que a União Londrinense de Estudantes, tornou-se forte ao longo dos anos. Ainda que capciosamente pudesse haver tal ligação quanto a origem da mesma. O que provocava disputas entre os Colégios propriamente ditos.

No entanto, naquela época, eram célebres os jogos de futebol amador na cidade. Para tanto, existiam muitos times na mesma. Na sua totalidade, compostos por estudantes ginasiais ou Colegiais. Com isso, podendo-se afirmar que naturalmente surgiu alguma seleção composta exclusivamente por alunos deste ou daquele Colégio. Por sua vez, decorrentes das aulas de Educação Física, inevitavelmente também surgiram as seleções de basquete e de vôlei. Com isto, as primeiras disputas estudantis na cidade.

Por sua vez, naqueles anos de 1950, surgiram os primeiros nadadores da cidade que igualmente disputavam torneios de natações com outras cidades. O Londrina Country Clube voltou sua atenção

para o fato e, com isto, permitindo o treinamento organizado dos interessados para as primeiras disputas de natação entre cidades. Com isto, igualmente alguns alunos das escolas londrinenses, (principalmente ginásiais), também se interessaram.

No decorrer do tempo, podia-se afirmar que tanto Colégio Londrinense como Colégio Estadual também possuíam suas equipes que na verdade tratava-se de um desmembramento da grande equipe de nadadores que Londrina conseguiu formar nas próprias instalações do Londrina Country Clube. Até mesmo campeões paranaenses, brasileiros e sul-americanos de natação aí surgiram. Foi uma época gloriosa para a natação londrinense.

Com isto, inegavelmente, surgiram as primeiras olimpíadas estudantis na cidade. Agora com futebol, vôlei, basquete, baseball, corridas, corrida com barreiras, salto de vara, salto em altura, arremesso de peso, arremesso de dardo, etc. etc. e natação. Eram eventos marcantes não só para a classe estudantil como também para a própria cidade de Londrina.

Porém, inegavelmente, quando isto acontecia praticamente todos os alunos de cada escola se faziam presentes e torciam por seus esportistas. Muitas vezes, tornava-se briga entre as torcidas. Fato que preocupava as direções das escolas dado o enorme número de estudantes torcedores que se faziam presentes. Porém, a meu ver, nunca se registrando algo mais sério.

Além das olimpíadas, costumeiramente ocorriam bons jogos de futebol, vôlei ou basquete, (estes dois geralmente noturnos), o que nos atraía. A própria cidade de Londrina possuía boas equipes de vôlei e basquete sendo as disputas muito acirradas.

Podia-se afirmar que além das olimpíadas, havia a forte disputa entre as fanfarras do Colégio Londrinense e Estadual. Fato que acontecia por ocasião do desfile de Sete de Setembro de cada ano. Neste sentido, os alunos do Colégio Estadual de Londrina, (ao qual eu pertencia), faziam seguidas campanhas de arrecadação econômica

para continuamente aumentar o número de instrumentos da mesma. A ponto de se tornar uma das maiores fanfarras do Paraná. Com isso, anualmente ocorria disputa entre os Colégios Londrinenses e Estadual no sentido de quem se apresentara melhor, por ocasião do Desfile de 7 de Setembro. Era outra grande festa. E a própria cidade se posicionava a favor dessa ou daquela fanfarra.

Devido a isto, mas na sequência, passaram a ocorrer no Paraná, anualmente, concurso de fanfarras. Fato que naquela época, (mas por volta de 1958/1959), primeiramente ocorreu em Curitiba. Tendo sido a fanfarra do Colégio Estadual de Londrina a vencedora.

Porém, ainda no ano de 1956, (no auge daqueles anos de olimpíadas ginásticas em Londrina), o jornalista João Milanez, proprietário do jornal “Folha de Londrina”, por iniciativa própria, mas contando também com a participação da empresa aérea Real Aerovias, decidiu “motivar” as direções dos ginásios em Londrina no sentido de estender a tradicional olimpíada ginásial entre as escolas de Londrina agora coma inclusão de um concurso cultural. Que se denominou, Concurso da Independência, fazendo parte integrante da Semana da Pátria.

Para tanto, convidou os diretores do Ginásio Londrinense, Colégio Estadual de Londrina, Colégio Mãe de Deus bem com o Colégio Nossa Senhora de Fátima, para uma reunião. No entanto o Colégio Nossa Senhora de Fatima declinou dessa participação. Nessa reunião, ficou proposto pelo mesmo, bem como de parte da empresa aérea Real Aerovias, (no sentido provocativo), que tal concurso visaria que cada colégio constituísse sua equipe para uma disputa entre as mesmas no sentido de se obter a melhor qualificação cultural. Para tanto, havendo provas de história, geografia e português. Complementada por uma redação pertinente a Independência do Brasil. Porém, os assuntos seriam definidos na própria ocasião e por uma Comissão constituída para tanto e por sorteio. Com isto, não havendo nenhuma chance de cada Escola preparar-se para tanto. Cada Escola comporia uma equipe

de cinco alunos, todos da quarta série ginásial. Ficando a critério de cada Escola escolher tais alunos.

A equipe vencedora, acompanhada por dois professores designados pela própria Escola, receberia passagens aéreas, bem como ferroviárias, de ida e volta. Partindo de Londrina, iriam a Curitiba, onde visitariam as instalações governamentais, principalmente a Secretaria da Educação. Além disso, visitariam prédios e autoridades governamentais em Curitiba. De Curitiba, por trem iriam a Paranaguá onde se hospedariam e visitariam locais históricos importantes.

Na ida, em Curitiba, ficariam hospedados no importante Hotel denominado Lord Hotel. Situado na Praça Tiradentes. Na volta, no Braz Hotel localizado na Cinelândia curitibana.

A princípio, os diretores de tais escolas ficaram reticentes. No entanto, quando o João Milanez afirmou que além da equipe a Escola vencedora poderia destinar dois professores para o devido acompanhamento e com as mesmas benesses, (viagens, estadias, passeios e refeições), ocorreu interesse. Diante disto, as Escolas aceitaram. Porém, a Semana da Pátria, se iniciaria dali há poucos dias. Portanto, sem qualquer chance das equipes se prepararem para tanto. Na sequência, o nosso Professor de História, Olympio Westphalen, rapidamente se agilizou, reuniu-se com outros professores e acabaram constituindo a nossa equipe que assim se viu formada. Além de mim, (José Pedro da Rocha Neto), os companheiros Alvo Bressan, Kazuo Motosima, Adélia Kawano e Mario Kashin.

Dois dias depois nos reuniu e nos explicou a razão. Ao mesmo tempo, devido ao escasso de tempo para uma melhor preparação, nos exigiu boa caligrafia, boa ordem, apresentação da nossa manifestação e com os devidos cuidados. Ao mesmo tempo, nos informou as matérias que seriam motivo de tal Concurso, bem como os cuidados na redação. Estabeleceu um número mínimo e máximo de linhas escritas. Quanto a redação a mesma deveria ter início, meio e fim.

No dia e hora aprazados, faziam-se presentes, além dos Diretores das Escolas, o advogado Reinville de Oliveira, (que seria o coordenador

de tal Concurso), bem como a Diretora do Grupo Escolar Hugo Simas, (local do certame), professora Mercedes Martins Madureira, que fora minha professora no quarto ano primário.

Apresentamo-nos no salão nobre do Grupo Escolar Hugo Simas onde várias pequenas mesas foram instaladas com as respectivas cadeiras e que nos serviriam para apoio das nossas manifestações escritas. Faziam-se presentes, além dos Diretores de cada Escola, bem como o próprio João Milanez e o representante da Real Aerovias como já dissemos. Também, alguns curiosos professores das escolas pertinentes aquele Concurso.

O Professor Reinville de Oliveira, oficialmente nos recepcionou e explicou o que seria exigido de cada equipe. Porém, todos nós deveríamos nos manifestar, por escrito, sobre as questões e determinações. Também, quanto as precedências de cada assunto. Seriam questionamentos pertinentes a História e a Geografia, bem como uma Redação cujo titulo seria a Proclamação da Independência. O resultado classificatório seria a média obtida por cada equipe.

Foi determinado um prazo para conclusão de cada tarefa. Todos atendemos. Elaboramos o que nos foi solicitado e entregamos a Comissão Organizadora. Porém, o resultado ficou para ser informado dias depois. Mesmo assim, a Professora Mercedes Martins Madureira teceu comentário que eu concluía o quarto ano primário naquele mesmo grupo escolar cuja média, (quanto a nota de aprovação), até aquela data não fora ultrapassada. Fato que muito me orgulhou. Atualmente, desde há muitos anos, constante dos quadros que ornamentam a minha sala de trabalho.

O resultado ficou informado pela própria Folha de Londrina dias depois. O que motivou de parte do senhor Antonio Piacentini, (zelador da Escola), um estrondoso foguetório. A ponto de todos os alunos do Colégio Estadual de Londrina deixarem suas salas de aula para nos homenagear no pátio do Colégio. Foi uma enorme comemoração.

Dias depois, por ocasião do desfile de Sete de Setembro, quando já nos encontrávamos perfilados, o Professor Mario Takahashi, surgiu com cinco faixas verde-amarelo colocando-as nos nossos peitos. Ao mesmo tempo, nos conduzindo para a frente da própria fanfara para que abrissemos o desfile do nosso Colégio. Foi uma grande festa.

Melhor ainda a nossa viagem a Curitiba e Paranaguá. Locais em que fomos recepcionados por altas autoridades políticas do nosso Estado. O Governador era Moisés Lupion. (Pois o mesmo retornara ao Governo do Paraná sucedendo ao Bento Munhoz da Rocha Neto). O Secretário da Educação era Vidal Vanhoni. Rafael Rezende, originário de Londrina, também nos recepcionou no seu gabinete como Secretário da Agricultura.

Visitamos prédios públicos e as pertinentes autoridades. Bem como o Centro Cívico. Igualmente, o Colégio Estadual do Paraná e o prédio da Universidade defronte aos Correios. Também, locais históricos e interessantes da própria cidade de Curitiba.

Fomos a Paranaguá onde igualmente fomos recepcionados. Incluindo-se passeios por locais históricos, ao antigo Colégio dos Jesuítas, Porto de Paranaguá propriamente dito, Escolas e a Ilha da Cotinga. Esta última, como sendo o primeiro local pisado pelos povoadores. (Havendo na mesma, remanescentes indígenas).

Retornamos a Curitiba e novamente ocorreram outras visitas. Após isto, por avião, retornamos a Londrina. No entanto, na volta, hospedamo-nos, todos, no Braz Hotel em Curitiba. Localizado no final da rua XV de Novembro, praticamente junto a Praça Ozorio, também denominada Cinelândia de Curitiba. Local onde encontramos com o Carlos Coimbra. Filho do nosso professor de Francês em Londrina.

Fato inesquecível para todos nós ainda aos dias de hoje.

HISTÓRIA DO INÍCIO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UEL EM LONDRINA

Devido ao seu acelerado desenvolvimento populacional, cultural e social, a partir do ano de 1956, a sociedade londrinense iniciou movimentações no sentido de se criar em Londrina, primeiramente, as Faculdades de Filosofia e de Direito. Duas, portanto. Sendo a de Filosofia a primeira e na sequência a Faculdade de Direito. No entanto, ambas com cursos noturnos e sediadas no prédio do Grupo Escolar Hugo Simas situado na região central da cidade. Então um prédio amplo e confortável e de excelente localização. A Faculdade de Filosofia ficou instalada em 1957 e em 1958 a de Direito.

Porém, a partir daí, devido ao vertiginoso crescimento da cidade, a Associação Médica de Londrina envolveu-se na criação de uma Universidade propriamente dita. Evidentemente, visando prioritariamente os Cursos de Medicina e Odontologia. Mas sendo Universidade, contemplaria todos os Cursos pertinentes à mesma.

No final de março e início de abril de 1962, (já cursando eu a terceira série do Curso de Engenharia em Curitiba), ocorreu em Londrina a Instalação da Universidade Volante, promovida pelo Reitor da Universidade Federal do Paraná, Professor Flavio Suplicy de Lacerda. Para tanto, utilizando-se das instalações do Cine Ouro Verde em Londrina para a devida abertura e encerramento do evento. Pois palestras e aulas, propriamente ditas, foram realizadas no salão nobre do Grupo Escolar Hugo Simas, de excepcional localização no centro da cidade.

Esta Universidade Volante, assim denominada, promoveu cursos que tiveram duração de uma semana. Via de regra, para enfermeiras, professores que ministravam aulas nos Ginásios da cidade, etc.etc. Ao mesmo tempo, diversas palestras sobre os mais diferentes assuntos. Inclusive, como deveria ser uma Universidade, pois Londrina desde

há tempos, (através da Associação Médica, Associação Odontológica, Clubes de Serviços como o Rotary e Lyons, Imprensa falada e escrita, bem como por todo o setor político da cidade), vinha cogitando sobre a criação da Universidade do Norte do Paraná. Mas que sempre encontrava dificuldades.

Londrina, no entanto, já possuía mais de cem mil habitantes nessa ocasião, cuja influência alcançava uma região em seu entorno perfazendo um total de habitantes muito significativo. O que, de per si, justificava já a criação de alguma universidade. Mas fato que ocorreu somente em 1970 no Governo do Paulo Pimentel. (Portanto, oito anos mais tarde do evento denominado Universidade Volante).

No entanto, o ex-Governador Moisés Lupion, no seu segundo Governo Estadual, acabou criando diversas Faculdades pelo Interior do Paraná. Dentre elas as Faculdades de Direito e Filosofia em Londrina, Faculdades de Filosofia em União da Vitória, Jacarezinho, Paranaguá e Ponta Grossa.

As Faculdades de Filosofia eram as mais necessárias pois todo o Paraná já exigia a instalação do Curso Ginásial nas suas cidades. No entanto, para tal atendimento, precisavam-se Professores formados por tais Faculdades de vez que o progresso do Norte do Paraná, bem como de todo o Estado, revelou-se crescente numa escala muito acelerada. Fato que passou a preocupar não só as autoridades das cidades como do próprio Governo Estadual.

Naquelas Palestras que ocorreram, (1962), efetuou-se um histórico das Universidades no Brasil. As primeiras Universidades que passaram a existir foram a Universidade do Brasil, em 1920, (Rio de Janeiro), e as Universidades de São Paulo e do Rio Grande do Sul. (1934).

No entanto, por volta de 1960 passou a ocorrer no Brasil uma grande expansão do Ensino Superior. Com isto, um novo enfoque para o devido atendimento. Dentro deste enfoque, a ideia do Campus Universitário que não deixava de ser uma imitação dos “campus” das

Universidades Norte Americanas. No entanto, na França, surgiu a concepção que tais campus deveriam estar afastados dos centros das cidades.

Nos anos de 1960, em seguida ao Governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, muito se passou a falar sobre a Universidade Federal de Brasília, criada em 1962. Veio a Revolução de março de 1964. Ocasão que o Reitor da Universidade Federal do Paraná, Professor Flavio Suplicy de Lacerda, viu-se convocado para ser o Ministro da Educação. Período 1964/1966.

Enquanto Reitor da Universidade Federal do Paraná, já em 1959 envolveu-se na criação e Instalação do Centro Politécnico em Curitiba. Uma ideia mais arrojada para a própria Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná de vez que tal Curso via-se estrangulado defronte aos Correios de Curitiba desde há anos. Neste sentido, o Reitor Flavio Suplicy de Lacerda, contava com a colaboração do notável arquiteto curitibano, Rubens Meister. Nosso Professor de Arquitetura.

Em 1968, já tendo Flavio Suplicy de Lacerda deixado o Ministério da Educação, foi implantada a Reforma Universitária. Então uma luta da classe estudantil desde o início dos anos de 1960.

Assim, quando Rubens Meister veio a Londrina para participar daquela Universidade Volante, (1962), o mesmo já sabia do desejo dos londrinenses no sentido de possuírem a sua própria Universidade. Numa opinião ligeira, Rubens Meister se posicionou favorável a criação da Universidade de Londrina, abrigando os cursos de Filosofia, Direito, Farmácia e Engenharia. A meu ver, evitou falar no desejado curso de Medicina de vez que implicava na existência de um Hospital, etc.etc. Mas ideia esta que somente foi alcançada em 1970 no Governo de Paulo Pimentel. No entanto, era uma promessa de Campanha do mesmo para com a cidade de Londrina por volta de 1965. Assim, quando tomou posse, 1966, a cidade passou a cobrar-lhe tal promessa.

Porém, decorrente da palestra do arquiteto Rubens Meister, (1962), a implantação da Universidade Estadual de Londrina, deveria abrigar diversos cursos. Agora, dentro do conceito de Cidade Universitária. Devendo existir para tanto, acesso rápido e adequado, urbanização, sistema viário e, principalmente, zoneamento para atendimento segundo as áreas de ensino, áreas administrativas, áreas de lazer, etc.etc. Afinal, tudo o que uma Universidade realmente precisa para o bom funcionamento da mesma. Além disso, prédios de significativas arquiteturas.

No entanto, para atendimento a esta concepção necessitava-se de um enorme terreno pois de significativa área para realmente poder abrigar uma Universidade propriamente dita num campus universitário. O próprio eng. Rubens Meister na sua palestra sobre o campus universitário falara que para tanto precisar-se-ia de uma área em torno de quinhentos hectares. Onde encontrar uma enorme área para a pertinente desapropriação? O tempo foi passando e nem mesmo as autoridades locais conseguiram viabilizar tal intento.

Casualmente, praticamente já no fim do Governo de Paulo Pimentel, surgiu o terreno da Fazenda que pertencera ao Mabio Palhano no local denominado Fazenda Perobal dada a enorme quantidade de árvores dessa natureza alí preservadas.

Procurado tal cidadão, (ou descendentes), o mesmo mostrou-se reticente quanto a venda daquela área ao Governo do Estado de vez que primeiramente ocorreria a desapropriação. Mas o Estado sempre foi considerado mal pagador. Daí a reticência do vendedor.

Conta a lenda, que o próprio Paulo Pimentel, no sentido de não perder a oportunidade, deu um cheque seu como sinal de negócio. O que permitiu a compra propriamente dita de tal imóvel. Em seguida, foi criada a Universidade Estadual de Londrina, cabendo ao Reitor Ascêncio Garcia Lopes a instalação propriamente dita da mesma. Primeiro Reitor da UEL.

Porém, inegavelmente, os recursos advindos do Governo do Estado do Paraná, para tanto, eram insuficientes a fim de atenderem às mínimas necessidades. Fato que vivenciei pois a nossa empresa Técnica Canadá Engenharia e Construções Civis Limitada, (atualmente inativa, 2023), foi uma das empresas londrinenses convocadas pelo Reitor para tanto. Nasceram ali, o sistema viário, o acesso propriamente dito a Universidade, pois inegavelmente era muito distante do centro da cidade e, além disso, as primeiras construções. Que na verdade eram barracões administrativos, sem qualquer conforto necessário. Cobertos com os denominados “canaletões da Eternit”. O corpo administrativo, a meu ver, não possuía mais que quinze pessoas. Embora já viessem funcionando os Cursos de Filosofia e de Direito, mas no Grupo Escolar Hugo Simas, localizado no centro da cidade. Mesmo assim, foram iniciadas obras importantes. O Arquiteto Sérgio Bopp participou da concepção dos primeiros prédios.

Dentre as mesmas, ainda nas gestões do Ascêncio Garcia Lopes e Oscar Alves, mas paulatinamente e ao longo dos primeiros anos, foram surgindo os notáveis prédios de Ensino, (devidamente individualizados por áreas de ensino), a piscina olímpica, o Ginásio de Esportes, as pistas de atletismo, o asfaltamento propriamente dito das ruas e avenidas, bem como os calçadões que interligam entre si os vários prédios destinados ao Ensino. Além disso, as enormes áreas de estacionamentos.

A nossa empresa Técnica Canadá, naquela época construiu o Centro de Ciências Humanas, a piscina olímpica e as pistas de atletismo. Outras empresas, igualmente participaram. Porém, nas construções de outros blocos que igualmente se iniciaram.

Foi uma “epopeia” que testemunhei. Evidentemente, ao longo dos anos, cada Reitor que se seguiu teve a sua participação e contribuição. Resultando na notável instituição de ensino que atualmente é. (2024). Porém, tendo participado daqueles anos iniciais, construindo, vivenciei as enormes dificuldades que aquelas primeiras

gestões tiveram. Mas, inegavelmente, a primeira gestão, a cargo do Reitor Ascêncio Garcia Lopes, para mim foi marcante de vez que iniciou suas atividades até mesmo sem contar com um teto adequado para tanto. Fato que se estendeu ao Reitor Oscar Alves. Porém, na minha visão, já tendo encontrado um mínimo organizacional para tanto.

A partir daí, a UEL desenvolveu-se muito merecendo destaque a nível estadual no Ensino Superior. Fato que perdura aos dias atuais. 2024.

AS NOSSAS VIAGENS DE TRENS

Fato que sempre me marcou, foram as nossas viagens de trens durante a minha infância. Fato que se iniciou ainda no segundo semestre de 1940 tendo eu apenas poucos meses de idade, dada a “baixa” de meu pai junto ao Quinto Batalhão de Engenharia. Batalhão este, responsável pela finalização da construção da estrada de rodagem que interligou Curitiba a Joinville. Meu pai era um dos topógrafos desse Batalhão. Mas como no exército não existia tal cargo, o mesmo recebia como se fosse sargento.

Efetuada a baixa, meu pai Aristóteles Belo da Rocha, casado com Neolete Schatzmann da Rocha, tendo eu apenas seis meses de idade, dirigiu-se para Joinville onde o casal e filho menor, pegou o trem com destino a Mafra. A intenção do mesmo seria trabalhar na Prefeitura Municipal daquela cidade de vez que seu tio, Protógenes Alexandre Vieira, (irmão da minha avó paterna), tinha forte influência política naquela localidade. No entanto, lá chegando, encontrou seu aparentado, o advogado e promotor público, Aristeu dos Santos Ribas, e este aconselhou meu pai a vir para o Norte do Paraná. Região de crescimento econômico extraordinário. Para tanto, indicando outro aparentado do meu pai, o Vespertino Pimpão, então Prefeito Municipal de Sertanópolis.

Efetuados os contatos, meu pai, juntamente com a família, através do trem chegou a Ibiporã onde o “Chiquinho Salinet” o aguardava para leva-lo a Sertanópolis. Na sequência, alcançou Sertanópolis. Porém, através de ônibus. (Denominado jardineira naquela época). Em seguida, passou a trabalhar na própria Prefeitura Municipal dessa cidade.

No entanto, seu Tio Aristóteles Alexandre Vieira, conhecido como “Tio Tote”, (irmão da sua mãe), era o Coletor de Rendas Estaduais em São Jerônimo da Serra. Então considerada uma das melhores

cidades da região naquela época. 1940. Por aconselhamento deste, meu pai acabou prestando concurso para funcionário público estadual. Mais precisamente, para o setor de fiscalização de rendas estaduais. Acabou passando em tal concurso.

Com isto deixando a Prefeitura de Sertanópolis e, na sequência, sendo nomeado para Londrina. Onde passou a morar juntamente com a nova família. Inicialmente, na esquina da rua Goiás com Professor João Candido. Então, um local quase que fora do perímetro urbano da época. (Atualmente é praticamente centro de Londrina).

Na sequência, mudou-se para a Rua Ceará. (Atualmente Rua Prefeito Hugo Cabral, pouco abaixo da rua Benjamin Constant). Local onde moramos até setembro de 1946. Pois, a partir daí viu-se nomeado para a Chefia da Delegacia de Rendas Estaduais em Rolândia.

Porém, ainda em 1945, tendo eu já cinco anos de idade, a primeira vez que vi um trem, (ao menos que eu me lembre), foi quando meu avô Marcos Schatzmann saiu de Joinville e veio nos visitar em Londrina.

Lembro-me que a chegada era ainda na antiga estação ferroviária construída em 1935. Local onde costumeiramente se fazia presente uma multidão existindo notícias que batedores de carteira ali costumavam também a se fazer presentes.

Por volta de 1945, costumeiramente saíamos de Londrina em direção a Iporã visitar Tio Tote. Então coletor em Iporã. Como meu pai geralmente estava trabalhando no prédio da Coletoria, muito próximo da Estação, (sendo os horários dos trens muito incertos naquela época devido atrasos), fazíamos presentes minha mãe Neolete, eu e o meu irmão Péricles então com três anos de idade. Mas com o conhecimento do mesmo, pois atento à chegada do trem e previamente tinha nos deixado no local ao mesmo tempo que se informava quanto ao horário correto da chegada do mesmo.

Quando o trem adentrou a Estação Ferroviária, mas junto a plataforma de embarque e desembarque, levamos um susto. Pois

de enorme tamanho, volume e comprimento. Mas lembro-me que a locomotiva era do tipo antiga, movida a vapor, (decorrente da ebulição da água), as rodas eram em ferro, (rolando sobre os trilhos), e numa sequência vários vagões para transporte de passageiros. Via de regra, de oito a dez vagões. Uns conectados aos outros. A meu ver, todos lotados de passageiros.

Após o desembarque dos passageiros, apressadamente todos desejavam alguma forma de transporte. Taxis, a meu ver, não haviam. Mas sim, dezenas de charretes a cavalo, com rodas de pneus, que transportavam os passageiros recém chegados. Caso do meu avô Marcos Schatzmann quando chegou a Londrina para nos visitar.

Embora tivesse apenas cinco anos de idade, devido a chacotas que haviam em relação as charretes, eu já sabia sobre tais ironias.

Em conversas na nossa casa, o nosso avô Marcos, que viera nos visitar, contava as peripécias de tal viagem, a duração, a forma de dormir na própria poltrona do trem, a venda de doces e até mesmo algo melhor para se comer, venda de jornais e revistas e até mesmo a utilização de um sanitário nos fundos de cada vagão. Além disso, a noite, havia luz elétrica em cada vagão o que possibilitava até mesmo ler um jornal ou efetuar uma refeição ligeira. No entanto, ao longo do trecho da viagem existiam muitas estações ferroviárias o que possibilitava adquirir, rapidamente, algo melhor para se beber ou comer. No entanto, apesar de estafante tal viagem, sempre haviam bons papos entre os passageiros ao longo da viagem.

Logo entendemos que não era um fato novo para o nosso avô Marcos, pois o mesmo fora no passado funcionário do Ministério de Viação e Obras Públicas, na qualidade de guarda-fios da linha telegráfica, paralela a linha ferroviária, que interligou Joinville a Mafra. Trecho inaugurado em 1906. Por esta razão, tinha intimidade em viajar por trem.

Porém, nessa ocasião quando nos visitou em Londrina, (1945), o mesmo já era aposentado há anos.

Para nós, costumeiramente, (feriados e domingos), o meu pai Aristóteles visitava seu Tio em Ibiporã. (Tio Tote). Para tanto o trem partia pela manhã, (sendo que a viagem durava um pouco mais de meia-hora), e retornávamos a tarde. Também, por trem.

Ressalto, ainda, que naquela ocasião Tio Tote morava em Ibiporã numa pracinha defronte a Estação Ferroviária. Fato que muito facilitava nossas visitas ao mesmo e sua esposa. Tia Corina. Como fomos muitas vezes, tornou-se comum tais viagens por trem. Fato que facilitou a viagem da nossa mãe Neolete, (devidamente acompanhada por mim e pelo meu irmão Péricles), tempos depois, para visitar seu pai e irmãos em Joinville. Incluindo-se aí, ida e retorno. Mas que, mesmo assim, exigiu de nosso pai, um croquis bem detalhado quanto aos locais que haveriam transbordos. Não tivemos problema. Tanto na ida quanto ao retorno.

Anos depois, quando retornamos a Londrina, vindos de União da Vitoria, Tio Tote já se encontrava adoentado. Agora, ao invés de trem, íamos todas as noites visita-lo. Porém, utilizando-nos do Jeep que nosso pai possuía. Agora, com onze anos de idade, pude sedimentar melhor as histórias que Tio Tote contava pois não deixavam de ser repetições das anteriores. Como o mesmo trabalhara no cartório do Seu Mestre e fora chefe da banda municipal de Palmas, eram histórias interessantes e ao mesmo tempo, (mas a meu ver), relatadas de forma engraçada. Tio Tote faleceu em outubro de 1951 e nosso pai, vítima de acidente, em dezembro deste mesmo ano. Talvez, escudado por suas próprias histórias familiares, é que as relatava dessa forma. Principalmente, quando as mesmas se referiam a determinados, (mas pomposos), cidadãos de Palmas ou da região.

O sogro do Tio Tote, João Caetano da Silva, fora Promotor na cidade de Palmas, (após a Guerra do Paraguai), lutara na mesma como convocado pela Força Militar de Curitiba a qual pertencia, (registrado no Livro que denominei “A Guerra dos Pés Descalços”).

Agora, 1951, o irmão de Tio Tote, o Protógenes Vieira, ex-Prefeito de Mafra, era o Presidente da Assembleia Legislativa de Santa

Catarina. Pouco tempo depois, seu irmão Protógenes, devido a doença do Governador Irineu Bornhausen, assumiu o Governo.

Fato este, relatado no livro “E a Lua virou sol”. Mas título este pertinente a minha bisavó. A Deolinda dos Santos Vieira por ocasião do seu falecimento. Fantástica contadora de histórias familiares e que me permitiram registra-las em vários livros.

Anteriormente, por volta de setembro de 1946, nosso pai fora nomeado Delegado da Receita Estadual em Rolândia. Cidade onde nasceu nossa irmã Roseli. Novembro de 1946. No entanto, morando em Arapongas, encontrava-se seu primo Alaôr Vieira, casado com Tia Noêmia Ferreira Belo, (filho do Tio Tote), então coletor de rendas estaduais.

Devido a proximidade entre essas duas cidades, (Rolândia/Arapongas), nos era possível ir e voltar por trem no mesmo dia. Deixávamos Rolândia ainda pela manhã e retornávamos a tardezinha. Viagem que não durava mais que meia hora a meu ver. No entanto, o trem era ainda a velha “Maria Fumaça”. Podendo-se afirmar que os vagões também não eram novos. Havendo primeira e segunda classe para passageiros.

Já nessa ocasião, lembro-me que o nosso pai sempre se adiantava para ingressar no vagão. Com isto, escolhia duas poltronas, pois as mesmas eram reclináveis quanto aos seus encostos, e, com isso, tornando um ambiente comum à própria família. Numa destas poltronas sentavam-se meus pais tendo ao colo a nossa irmã Roseli, e na outra, fazendo frente com os mesmos, eu e o meu irmão Péricles. E esta forma familiar de viajarmos por trem tornou-se corriqueira para nós todos.

Em julho de 1948, nosso pai Aristóteles viu-se convocado pela alta Administração da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná, (cujo Secretário da Fazenda era o Ângelo Lopes), para trabalhar em Curitiba. Um dos incentivadores, fora o sr. Brasil da Rocha, ex-Inspetor de Rendas Estaduais em Londrina e que naquele momento

exercia altas funções na própria Secretaria da Fazenda em Curitiba. Com isso, mudamo-nos de Rolândia para Curitiba. Como já estávamos aclimatados com esta cidade de Rolândia, ocorreu resistência familiar para este deslocamento.

No entanto, acabamos, saudosamente, nos mudando de Rolândia para Curitiba. Fomos por trem. Agora, a locomotiva já era a Diesel. Uma imponente e forte locomotiva. Por sua vez, os vagões de passageiros, primeira classe, possuíam já uma feição mais moderna, melhores instalações de luz, poltronas bem como sanitários. No entanto, a duração da viagem era praticamente a mesma.

A novidade para nós, era que agora existia um excelente vagão restaurante onde se podia fazer as refeições, tomar café, e mesmo obter algum lanche e bebida.

Mudanças para outras cidades também ocorreram na nossa vida. Nosso pai sempre progredindo na sua carreira profissional.

Moramos em Curitiba, União da Vitória, (onde meu pai foi Chefe do Quarto Distrito Fiscal da Receita Estadual e novamente retornamos a Londrina. 1951. Agora, Chefe da Inspeção da Receita Estadual em Londrina.

No entanto, em União da Vitória já tínhamos nos acostumado a cidade, estávamos integrados a comunidade local, morávamos bem, sendo que nossos estudos escolares eram bastantes satisfatórios. Como eu já cursava o primeiro semestre do quarto ano primário nessa ocasião, sabia que em agosto iniciaria também o Curso de Admissão ao Ginásio existente na cidade.

Porém, aquela transferência para Londrina nos pegou de surpresa. No entanto, como tratava-se de um patamar funcional mais elevado para nosso pai, rapidamente fizemos as malas para aproveitarmos o mês de julho de 1951. Dias depois, já nos encontrávamos em Londrina.

Como também moramos em Curitiba, sempre nos hospedávamos num dos hotéis defronte a Estação ferroviária. No

Hotel Roma ou no Intercontinental. Eram destacados e, via de regra, sempre com a presença de conhecidos políticos do interior do Paraná. Por também situarem-se defronte a Praça Eufrásio Correia, bem como da Assembleia Legislativa do Paraná, também do antigo Palácio do Governo e da Estação de bondes, tinham essa preferência de parte do meu pai.

Viajando constantemente através da ferrovia, (pois as estradas de rodagem eram deploráveis naquela época e intransitáveis em períodos de chuvas), acompanhamos o desenvolvimento ferroviário no Estado do Paraná. Como era, como funcionava, bem como quanto aos progressos havidos. Por muitos anos, o melhor tipo de transporte de passageiros no Paraná. Também, de carga.

O IMPORTANTE PARA MIM NUNCA FOI PERTENCER A UMA SALA DE AULA DESTACADA. MAS SIM, ESTAR JUNTAMENTE COM OS AMIGOS ONDE ESTIVEREM

Em Rolândia iniciei o Curso Primário. Período da manhã. Porém, como meu pai sempre insistia, a tarde eu frequentava aulas particulares que via de regra não éramos mais que três alunos que a professora atendia. Com isto, frequentando o curso primário, logo me destaquei na sala de aula. A professora das aulas particulares era a Dona Maria Teixeira, que por sinal também era a nossa professora do primeiro ano primário. Em vista disso, tive muita facilidade em cursar o primeiro ano primário. Onde destaquei-me. Em vista disso, fui aprovado para o segundo ano escolar sendo que os meus antigos companheiros, na maioria, não passaram a constar desta mesma classe que eu.

Porém, na realidade eu gostava da companhia dos mesmos. Eram os mais alegres, os que sabiam jogar futebol na quadra de esporte, utilizando-se de uma meia contendo panos no seu interior. Com isto, tornando-a uma bola. Os que sabiam melhor contar histórias. Os que melhor sabiam se proteger e defender os amigos. Era um por todos e todos por um. No final do ano vimo-nos aprovados ao segundo ano primário.

Porém, quando as aulas recomeçaram, no ano seguinte, ocorreu uma nova constituição das turmas. Com isto, eu passei a pertencer a uma nova turma, (embora houvessem poucos remanescentes do primeiro ano na mesma), sendo que meus antigos amigos agora pertenciam a uma outra turma. A Professora era a Sra. Yolanda Tonholi. Chorei, pois na verdade queria estar com os mesmos antigos companheiros. Com isto, recusando-me a pertencer a esta nova turma para a qual fui designado. Fato que obrigou a professora chamar a minha mãe que meia hora depois se fez presente. (Pois residíamos a menos de quatrocentos metros da escola).

Na explicação, a professora observou à minha mãe que para aquela minha turma estavam os alunos com melhores aptidões para o aprendizado. E na outra, os menos. Muito embora também tivessem sido aprovados para frequentar o segundo ano primário. Portanto, a direção da escola, tivera composto tais turmas para fins pedagógicos melhor. Que não era o meu caso. No entanto, eu não queria frequentar a sala para a qual fui designado e sim a classe com os meus antigos amigos. Mas que não me foi possível. Fato que ainda me lembro aos dias atuais. (2023).

Durante toda a minha vida isto me serviu de exemplo. Pois não era a classe de aula que me motivou a frequentá-la, (ainda que seja muito importante, destacada e motivo de orgulho para muitos), mas sim estar juntamente com os amigos que fiz e com os quais me sentia realmente integrado.

O DIA QUE ENTERRARAM HITLER EM LONDRINA

Em 1945, morávamos na Rua Ceará, (atualmente Prefeito Hugo Cabral). Não mais que duzentos metros abaixo da Avenida Paraná. Ainda pela manhã, através da Radio Londrina, (pois possuíamos um rádio), a cidade toda tomou conhecimento da morte de Adolf Hitler. Rapidamente, todos os nossos vizinhos passaram alegremente a se intercomunicar. Bem como toda a cidade de Londrina. Uma enorme alegria de parte de todos ficou-nos visível.

Pouco tempo depois, ouvimos um enorme alarido vindo da Avenida Paraná. Era um enorme barulho que atraía a atenção de todos os moradores da cercania. De pronto, todos os nossos vizinhos se postaram defronte as suas casas. Já de imediato ficou comentado que se tratava do enterro do Hitler. Em vista disso, nossa mãe Neolete, rapidamente trocou de roupas, se arrumou, e nos levou consigo, apressadamente, para presenciar tal evento. Na ocasião eu tinha cinco anos de idade e meu irmão Péricles, três.

Lembro-me que fomos correndo para a Avenida Paraná. Era um percurso rápido pois na minha visão não distava mais que duzentos metros da nossa casa. Porém, devido a enorme multidão que se fazia presente ao longo da Avenida, não foi tarefa fácil para nossa mãe nos colocar numa posição de fácil visão. Mesmo assim, ela conseguiu.

O pipocar dos rojões, foguetes e bombinhas, era ensurdecedor. No que era complementado por canções carnavalescas, alto falantes, bem como sons de tambores tipicamente usados nos desfiles das escolas em Londrina. Podia-se afirmar que aquela multidão ocupava ambos os lados da avenida Paraná por vários quarteirões seguidos. E a mesma multidão, na sua maior parte, também acompanhava aquele cortejo que era barulhento e por onde passava somava-se com o barulho da multidão seguinte que, igualmente, cantava e aplaudia. Aquele enterro do Hitler era alegre e barulhento demais em relação

aos que eu já conhecia muito embora conhecesse poucos. Mas na minha cabeça, um enterro deveria ser um fato muito triste e não alegre. Rapidamente, dei-me conta que aquela alegria era decorrente da morte de alguém que tanto mal causou ao mundo todo. Tendo o mesmo morrido, o mundo todo estava livre do mesmo e dos males que o infeliz cidadão causara. Daí, aquela imensa alegria. Com a morte do mesmo, findava a Guerra que tantos males causara ao mundo todo.

Aquele cortejo fúnebre vinha desde o centro da cidade, mais precisamente houvera partido defronte da Prefeitura Municipal da cidade e se dirigia, (mas pela rua Quintino Bocaiuva), para a região do conhecido Colégio Londrinense. Onde seria queimado tal boneco imitando Hitler. O que foi feito.

Assim, após ter passado por nós, percebemos que aquela multidão postada de forma alguma queria deixar o local. Era uma alegria imensa de parte de todos de vez que tal guerra causara uma escassez enorme de vários produtos alimentícios. Faltou luz, faltou gasolina, faltou trigo, faltaram inúmeros outros produtos. Com isto, as constantes filas para se compra-los. E a nossa mãe, tivera participado dessa angustia. Fato visível para todos nós em nossa casa. Até a própria luz elétrica faltou em Londrina. Com isto, o racionamento. Além disso, os confiscos dos aparelhos de rádios pertencentes aos estrangeiros. Principalmente, alemães, japoneses e outros imigrantes. Vários destes acabaram sendo presos em Londrina. Muito embora nada tivessem a ver com tal Guerra pois se tratavam dos primeiros colonizadores que chegaram à cidade e à região. A própria nossa mãe Neolete, descendente de alemão vindo da Suíça por volta de 1853, muito se preocupava com seus familiares em Joinville. E, neste sentido, muito trocava correspondências com os mesmos. Seu próprio pai, o Marcos Schatzmann, estivera em Londrina no ano anterior em visita à nossa casa e tal preocupação lhe foi externada.

No entanto, após aquela imensa festa comemorativa a morte de Hitler, a Guerra ainda continuava. Agora, com mais visibilidade no

Japão. A guerra tinha findado na Europa, mas continuava no Japão. E neste sentido, uma poderosa organização japonesa, (a Shindô Rimei), no sentido de arrecadar fundos para o Japão, extorquia os japoneses que moravam na região de Londrina e adjacências, bem como seus descendentes. E, neste sentido, já se falava abertamente neste assunto o que provocava medo da parte de todos. Inclusive dos brasileiros que eram vizinhos ou negociavam com tais imigrantes japoneses que aqui chegaram e se estabeleceram desde há muitos anos. No entanto, três meses e pouco após, o mundo todo tomou conhecimento da bomba atômica jogada pelos norte-americanos sobre a cidade de Hiroshima e, na sequência, poucos dias depois, em Nagasaki. Um grande temor percorreu o mundo todo. Embora eu tivesse apenas cinco anos de idade naquela ocasião, tais fatos muito me marcaram por toda a minha vida. A ponto de poder efetuar o presente registro.

PLANO DIRETOR DO SISTEMA DE TRANSPORTE URBANO EM LONDRINA

Esclareço, já de início, que existia em Londrina, desde os anos de 1950, um sistema de transporte coletivo de passageiros administrado pela empresa Fattori, Simone e Lyra. Segundo a mesma, a tarifa imposta pela municipalidade era insuficiente para cobrir os seus gastos muito embora tais ônibus de transporte de passageiros permanentemente estivessem cheios. Principalmente nos horários de picos.

Tal empresa atendia o transporte de interessados com destinos à Vila Nova, Vila Casoni, Vila Yara, Shangri-lá e Aeroporto. O Terminal localizava-se no centro da cidade. Em vista disso, tal empresa acabou falindo. Quando isto, aconteceu, 1958, o Prefeito Antonio Fernandes Sobrinho incentivou a empresa Irmãos Lopes, destacada concessionária de veículos em Londrina, para assumir tal serviço. O que ocorreu. Com isto, alterando-se, também, o ponto central do terminal de tais ônibus. Agora, para a rua Piauí, no centro do Bosque de Londrina.

Participando da Administração municipal do Prefeito José Richa, 1973/76, encontrávamo-nos eu, José Pedro da Rocha Neto e o meu ex-companheiro do Curso Científico em Londrina. O arquiteto João Baptista Bortolotti. Eu formado em Curitiba e o Bortolotti no Rio de Janeiro.

Retornamos a Londrina onde iniciamos nossas atividades profissionais. Ambos gostávamos da política estudantil e na sequência não nos excusamos de participar da política administrativa da cidade. Agora, na Administração do Prefeito José Richa. Eu, na condição de Secretario de Pavimentação de Londrina. O Bortolotti na condição de Diretor do Departamento de Planejamento Urbano da Secretaria de Planejamento. Um excelente aprendizado que vivenciamos.

Agora, (2024), decorrido tantos anos depois daquela data, convidei o Bortolotti para juntos resgataremos a História do

Planejamento Viário da cidade de Londrina. Estando aí inserido, o transporte urbano de passageiros através de ônibus coletivos.

Ressalto que na realidade foi o Bortolotti quem dirigiu e organizou as tratativas e os estudos para tanto. Fato marcante para mim e que merece registro em livro.

Preliminarmente, o Bortolotti, estudou e fundamentou-se no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Londrina elaborado em 1968. De posse deste Plano, levantou as necessidades recomendadas pelo mesmo e iniciou as tratativas para elaboração do Plano Diretor do Sistema de Transporte Urbano de Londrina. (Global). Para tanto, foi contratada a empresa SERETE, detentora de forte currículo na área. Sediada em São Paulo. De início, o mesmo cientificou-se que tal Plano estaria correlacionado com três principais vertentes.

A primeira:- Plano de Sistema de Trânsito. A segunda:- Plano de circulação viária. A terceira:- Plano do sistema macro viária.

Para tanto, tais planos envolveriam:- Sinalização, Semáforos, estacionamentos, direção de tráfego e a estruturação viária com as definições de vias locais, coletoras e arteriais com seus devidos dimensionamentos.

Na sequência, foi efetuada uma pesquisa, através do Departamento de Pesquisa da Secretaria de Planejamento . Cujas finalidades eram identificar os desejos da população quanto a sua mobilidade. Assim, foi efetuada uma contagem do tráfego, origem e destino bem como a quantidade do mesmo.

Foi efetuada uma linha tipo cordão, (cordon line), em volta da cidade para verificação quanto o destino da população, bem como sua origem. Contou-se também a quantidade de tráfego nas esquinas principais.

Tais levantamentos foram efetuadas através da empresa IBM que possuía na ocasião uma filial em Londrina. (Para tabular tais dados). Estes trabalhos, na época, foram através de cartões perfurados para que os dados coletados fossem processados em computador. Fato inédito

na cidade naquela época. Disso tudo, resultou o estabelecimento de um Plano de Circulação em toda a cidade e não somente no núcleo central. Assim como, o sistema macro viário e engenharia de tráfego.

O sistema macro viário é a estruturação e hierarquização das vias. A Engenharia de tráfego foi o plano de tráfego propriamente dito. A circulação e o sentido do tráfego.

O que foi efetuado em cada uma dessas vertentes acima ?

No sistema macro viário foi criada uma estrutura modular, que torna uma orientação para a expansão urbana com maior flexibilidade. Podendo a cidade crescer em vários sentidos geográficos, segundo o crescimento da cidade. (Nos novos loteamentos, prevendo-se tais vias arteriais e coletoras).

Para o plano de circulação viária foi proposta a implantação de dois anéis centrais. Um no sentido horário e outro no sentido anti-horário.

Quanto as vias de chegada e saída do centro, seriam em mão única formando binários nas direções norte/sul e leste/oeste. Esta foi uma grande mudança em todo o sistema de circulação em Londrina.

Londrina, tornou-se um centro de conceitos de planejamento urbano.

Fora os fundos de vales, (a partir da lei 133 que viu se ampliada), definiu-se nesta época as vias perimetrais desses fundos de vale, para proteção das áreas que foram criadas como áreas de lazer e parques contínuos. (Ou lineares). Com isto separando-se a propriedade particular da área pública pertinente aos fundos dos vales. Fato que na Lei 133 permitia que tais fundos de vales fossem particulares, não edificantes, mas podendo ter outras atividades tais como chacareiras, etc.etc.

Foi nessa época que surgiu o conceito de não se autorizar edificações altas com menos distância de 120,00 m do córrego propriamente dito. (Proteção dos impactos ambientais na vizinhança).

Em outras palavras, deixaram de existir chácaras embora tivessem frente para a última rua, mas que chegavam até o córrego

propriamente dito. Assim, a criação da via perimetral, contornando os fundos dos vales, demonstrou-se de enorme controle para o saneamento, segurança, e acesso propriamente dito aos fundos de vales. Ou seja:- Acesso em todo o entorno. Na sequência, a Engenharia de tráfego.

Neste sentido, seriam distribuídos nos binários e anéis viários áreas de estacionamentos, remodelação da sinalização vertical, horizontal e previsão de colocação de semáforos

Na sinalização vertical, foi definida uma sinalização positiva orientando qual o sentido que o motorista deveria tomar. Não haveriam placas de sentido proibido. Assim ao chegar numa esquina facilmente o motorista teria o sentido permitido que deveria tomar. Não se colocou placa proibindo o sentido do tráfego. Não existiu o sinal de contramão para não causar confusão. Isto, para facilitar a decisão do motorista. Toda essa sinalização foi mudada posteriormente, adequando se na nova legislação, definida pelo Código de Trânsito.

Sistema de Circulação Praticamente até hoje não foi alterado, somente com algumas adequações devido a criação do calçadão central e outras demandas, estendendo se para toda cidade. Sistema macro viário

Este plano permanece até hoje ampliado pelo PEEAV – Plano Estratégico de Expansão e Adequação Viária, elaborado em 2002 com a coordenação do Bortolotti, outros consultores e técnicos do IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina.

A finalidade deste breve retrospecto é permitir, de forma simplória, mas entendível tecnicamente, para novas e futuras intervenções pois a cidade atualmente, (dez/2023), é muito diferente do existente em 1973.

O MILENAR CAMINHO INDIGENA QUE RESULTOU NA ESTRADA DO CERNE

Quando Londrina foi fundada, 1930, Jataizinho era a cidade mais próxima pois embora já centenária tornou-se cidade em 1929. Em 1932, tornou-se município. Com isto, Londrina, recém criada, ficou subordinada ao município de Jataizinho.

Porém, desde de 1850, mais ou menos, Jataizinho fora Colônia militar, estrategicamente aí localizada pelo Barão de Antonina. Anteriormente a tornar-se cidade, a mesma fora subordinada a São Jerônimo da Serra.

Em vista disso, a fim de registrar o presente conto pertinente a Londrina, além dos moradores pertinentes a Gleba Três Bôcas como já fiz, há que se registrar este fato bem como algo relevante que possa ter ocorrido com Jataizinho no passado mais distante possível. E isto me foi possível, como veremos mais abaixo. Igualmente, destacar o Frei Timóteo, italiano que aí chegou por volta de 1854 vindo da Itália. O mesmo, além das suas obrigações eclesiásticas, frequentemente se dirigia aos dirigentes da Província do Paraná, Curitiba, no sentido de efetuar reivindicações. Dentre as mesmas, renovações constantes para a melhoria do Caminho do Cerne. Correspondências estas que se encontram a disposição de interessados no Arquivo Público do Paraná em Curitiba, conforme constatei quando aí pesquisei.

Além disso, tempos atrás, tendo ido à cidade de Santa Cruz de La Sierra, visitando a biblioteca da Universidade daquela cidade, encontrei um livro publicado pelo cidadão espanhol, Ñufflo de Chaves, que após ter chegado a Assunção, diante das notícias da existência de Mina de Prata na Bolívia, (Potosí), juntamente com outros, subiram o Rio Paraguai, chegaram a Cáceres, pegaram o rio Jauru, chegaram o Guaporé e a partir daí chegaram a uma fabulosa localidade incaica, denominada Sumaipata, e na sequência fundaram e se instalaram onde

hoje é a cidade de Santa Cruz de La Sierra. Por esta razão, considerado o fundador da mesma.

(Observo, no entanto, a existência de uma Dissertação de Mestrado afirmando que o Ñufflo de Chaves nasceu em Santa Cruz de La Sierra. Ora, se nasceu em tal cidade como a teria fundado? Portanto, fundamentar-se apenas em Dissertações de Mestrado poderemos cometer graves êrros)

Mas o fato interessante, relatado pelo mesmo é a fabulosa viagem realizada pelas irmãs Sanabria, por terra e rios, a partir de Cananéia em direção a Assunção a fim de tomarem posse do Adelantado do Paraguai, muito embora fosse o irmão das mesmas, o Diego Sanabria, o titular de tal cargo.

Agora, registrando os presentes contos, lembrei-me de tal fato que inicialmente, mas tempos atrás, relatei ao meu companheiro da Academia Brasileira Rotaria de Letras. O Paulo Muro. (Atualmente, (2024), encontro-me desligado da mesma.

No mês de maio de 2023, fui a Curitiba juntamente com minha família. No entanto, também aproveitei para visitar o companheiro Paulo Muro, de vez que me chamou atenção, (tempos atrás), um dos objetivos da empresa que o mesmo participa. Para tanto, agendamos um café numa cafeteria localizada na Rua Mateus Leme e a boa conversa se estendeu por horas. A ponto do mesmo nem se dar conta de seu compromisso em se fazer presente na localidade de Campo Magro dali a poucos minutos mais. Em vista disso, propus-me leva-lo até o local no meu próprio veículo. Porém, não tinha nenhuma noção quanto ao caminho a ser tomado. Tampouco quanto ao local denominado Campo Magro.

Devidamente orientado pelo Paulo Muro chegamos em vinte minutos ao local onde o deixei. Sendo-me perceptível que um bom número de pessoas já o aguardavam. De minha parte, por ter me comprometido estar em casa ainda por volta das dezoito horas, não aceitei o convite do Paulo para igualmente participar. No entanto, ao deixar o local, imediatamente dei-me conta que a localidade de

Campo Magro era excepcionalmente já conhecida por mim uma vez que situa-se praticamente no início da Estrada do Cerne. Pouco além de Santa Felicidade. Muito embora nos tempos imemoriais o seu início ocorresse na atual Avenida Interventor Manoel Ribas.

No entanto, o que é a estrada do Cerne? É a estrada cuja finalização se deveu ao Interventor Manoel Ribas aproveitando-se um antigo caminho indígena, pré-colombiano, e inaugurada pelo mesmo no início de 1940. Com isto, interligando Curitiba a Londrina bem como a Sertanópolis e até mesmo um pouco além praticamente as margens do Rio Paranapanema que divisa com o Estado de São Paulo. Nesse intento, contou com a participação, orientação e supervisão do engenheiro Angelo Lopes. Pai do meu companheiro da Academia Paranaense de Engenharia. O Luís Eduardo Veiga Lopes.

Era por esta estrada que íamos a Curitiba visitar os nossos parentes. Da mesma forma, que me possibilitou estudar em Curitiba e me formar em Engenharia, pois a estrada do Café, (asfaltada), obedeceu a um outro trajeto, passando por Ponta Grossa, e somente em 1967/68 é que se viu inaugurada. Portanto, anos depois da minha formatura.

Viajar pela estrada do Cerne era demorada e cansativa pois tomava o dia inteiro. Mas que me permitia filosofar durante o trajeto e sobre os mais diferentes assuntos.

Sempre me foi sensível, (desde os bancos escolares ginasiais), através da imprensa, a figura de Frei Timóteo e que se tornou nome de uma cidade próxima da atual cidade de Jataizinho. Frei Timóteo de Castelnuovo, italiano, que decidiu vir a predicar no Brasil. Para tanto, estabeleceu-se, inicialmente, no Aldeamento São Pedro de Alcantara junto as margens do rio Tibagi. No entanto, poucos anos depois, na outra margem do rio Tibagi, instalou-se a Colônia Militar do Jatai. Fato que aparentemente contradizia com os preceitos para um bom aldeamento indígena ali já existente. Já que os soldados ali instalados frequentemente abusavam das indígenas.

No entanto, ao que se sabe, o Barão de Antonina, (João da Silva Machado), gaúcho, também possuía grandes fazendas de gado, inclusive na região de Sarandi, Rio Grande do Sul, onde minha bisavó, Deolinda dos Santos, nasceu. Tendo sido seu pai, capataz do mesmo. Razão pela qual a mesma, com muito orgulho, sempre referenciava a baronesa que conhecera na sua infância. (Porém, para minha mãe Neolete, apenas mais uma “estória” da mesma).

Quando o João da Silva Machado, Barão de Antonina, (embora morasse em Sarandi no Rio Grande do Sul), se envolveu nessa empreitada, (abrir melhor o milenar caminho indígena denominado do Cerne, interligando Curitiba a Jataí), o mesmo representava também a Província do Paraná junto as Cortes no Rio de Janeiro. Ou São Paulo, já que o Paraná passou a ser Província, (desmembrando-se de São Paulo), em 1853.

Nessa época havia intenso comercio de gado que era criado no Rio Grande do Sul e Paraná. Para tanto, existiam inúmeros caminhos para coleta e transporte do mesmo.

O caminho aberto em 1700 que partindo do Rio Grande do Sul, (ou até mesmo da Colônia do Sacramento), inicialmente transportou mulas, (criadas na Argentina mas para atenderem as minas de prata em Potosi descobertas por volta de 1530. Muitos anos depois, para atenderem a região das Minas Gerais dada a grande descoberta do ouro.

Portanto, era a Argentina o criadouro inicial de tais mulas bem como gado os quais multiplicaram-se aos milhares. Na região de Córdoba, centro da Argentina, pelos próprios jesuítas que aí se estabeleceram e chegaram a fundar uma Universidade no local. Pois muito se destacaram. Fato que igualmente passou a ocorrer, (mas não na mesma intensidade), nas demais Missões Jesuíticas que passam a existir nas Américas.

Muitos anos depois, este mesmo caminho viu-se melhorado possibilitando o início do ciclo do gado que era negociado em Sorocaba

Estado de São Paulo. Em 1730, melhor aberto por Francisco de Souza Faria. Com isso, efetivamente ocorrendo o transporte de gado para a sua comercialização em São Paulo. No entanto, o ciclo do ouro em Minas Gerais iniciara-se anos antes. Mas era por esse mesmo caminho que as mulas, entradas pela Colônia do Sacramento, chegavam aos seus destinos.

Em razão disso, os espertos portugueses a documentaram, geograficamente, em seus mapas. Por ocasião do Tratado de Madri, 1850, apresentaram tais mapas aos espanhóis. Com isso, demonstração efetiva das novas divisas de Portugal com a Espanha. Porém, os espanhóis, estranharam. Razão do Tratado de Santo Ildefonso. 1780.

Porém, quando isto ocorreu, há tempos antes o Governo português determinou ao cidadão Dom Antonio Rolim de Moura, morador da Província de São Paulo, para ocupar a parte mais a oeste do Brasil. Para tanto, este cidadão deixou São Paulo e dirigiu-se a tal local. O mesmo fundou a cidade de Vila Bela do Santíssimo Espirito Santo, junto ao rio Guaporé. Cidade esta que se tornou a primeira capital do Estado do Mato Grosso. Descobriu-se ouro nessa região e, por consequência, instalada uma fundição do mesmo. Com isto, os espanhóis não conseguiram reverter no Tratado de Santo Ildefonso as divisas obtidas por Portugal em 1750. Pois até aumentadas foram. Dada a construção do Forte Militar Príncipe da Beira junto ao Rio Guaporé e nas proximidades com o rio Mamoré.

Este cidadão Dom Antonio Rolim de Moura, ao que sabemos, foi bastante prodigo na geração de filhos na Província de São Paulo. Cujos descendentes, muitos anos depois, passaram a morar no atual Paraná que apenas se tornou Estado a partir de 1853. Agora, voltados para a comercialização do gado. Porém, como se descobriu ouro na localidade denominada Vila Bela do Espirito Santo, o Rolim de Moura deve ter ficado com alguma “grama” do mesmo. Como sabemos, (em tom irônico), quem tem o bolso cheio de grana, tem fama e faz a cama.

A Maria Rita Machado, mãe do José Pedro da Rocha, era filha do Joaquim Machado casado com a Ana de Moura. (Na realidade Rolim de Moura pois aparentada com os pais da Tia Corina Rolim esposa do Tio Tote. Tio Tote e esposa Corina, foram os padrinhos de casamento do José Pedro da Rocha com a Genoveva. Esta, irmã de Tio Tote.

Daí o sobrenome Rolim e Rolim de Moura aplicado aos seus descendentes. Mas, esclareço, isto não significa que tais descendentes fossem econômica e culturalmente destacados cidadãos. Mas sim, cidadãos comuns e que, igualmente, também se estabeleceram na região das Missões no Rio Grande do Sul. Além, de Palmas. Em busca do gado para a devida comercialização em São Paulo.

Pouco tempo depois de implantada a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, construiu-se o Forte Príncipe da Beira, divisa com a Bolívia atual, junto ao mesmo rio Guaporé, mas nas proximidades do Rio Mamoré. Com isto, a Espanha deixou de postular novas divisas.

Em 1810, D. João VI, já estando no Brasil, motivado por seus Conselheiros, decidiu construir uma estrada interligando Ponta Grossa a Guarapuava. Pois nem caminho indígena existia que possibilitasse interligação direta. Pois já se falava nos fabulosos campos dos indígenas "Garapoabas" que alcançavam as antigas Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul.

Fato que foi tentado pelo cidadão Afonso Botelho de Sampaio e Souza, a mando de Luis Antonio Botelho de Mourão, então alto dirigente da Província de São Paulo. Descendo pelo rio Paranapanema, chegou a uns campos que se denominou Campos do Mourão. (Atual região da cidade paranaense denominada Campo do Mourão). Mas a intenção seria alcançar os campos dos garapoabas e daí à região das Missões propriamente ditas. Sempre, informados pelos indígenas quanto a viabilização deste intento.

Agora com a presença de D. João VI no Brasil, retomou-se aquela intenção anterior para alcançar-se os campos dos "garapoabas" e daí a região das Missões Jesuíticas. Para tanto, organizando uma expedição

militar, devidamente chefiada pelo militar Diogo Pinto de Azevedo Portugal. Mas, como sabemos, recrutando, (praticamente a força), cidadãos de Castro e Ponta Grossa. Evidentemente, haviam alguns militares.

Iniciada em 1810 a abertura de tal estrada cujo início se deu nos Carrapatos, (muito embora destacados historiadores afirmem outro nome), tal expedição alcançou os campos de Guarapuava por volta de 1814. Ao mesmo tempo, distribuindo terras a interessados. No entanto, antes desta distribuição de terras, falece Diogo Pinto Portugal e assume um nosso ancestral. O Antonio Rocha Loures. Componente da expedição na qualidade de tenente, foi quem efetivamente procedeu a distribuição de terras.

Ao que se sabe, naquela época, 1814, nenhum gado se fazia presente na região de Guarapuava e adjacências. Ou seja:- Tal estrada, (na verdade um caminho melhorado), interligou Ponta Grossa a coisa nenhuma. A não ser, implantar um núcleo de moradores na região.

No entanto, os próprios indígenas afirmavam que tal intento poderia ser alcançado. Para tanto, indicando um caminho milenar indígena, que partia mais a oeste de Guarapuava, mas em direção sul, denominado caminho do Candoi. (Mais tarde, denominado Caminho das Missões). Deste mesmo local, Candoi, havia outro caminho indígena, em direção oeste, possibilitando chegar aos campos do Nerinhê, (campos das Laranjeiras), Guaraniaçu e ao local denominado Cascavel, indo mais adiante.

O primeiro, caminho do Candoi, (também denominado Caminho das Missões), foi percorrido pelo Atanagildo Pinto Martins, 1815, com origem na região de Castro, chegando a localidade de Campos Novos, atualmente em Santa Catarina, e daí à região das Missões propriamente ditas. Mas foi o Atanagildo Pinto Martins quem denominou campos de Palmas quando por ali passou. Este cidadão alcançou a região de Palmeira das Missões onde fixou-se.

O segundo caminho, o do Nerinhê, (laranjeiras), na mesma época, (ou um pouco mais tarde), foi percorrido pelo Domingos Floriano Machado, que alcançou a região denominada catanduvas, cascavel, etc. Mas como não alcançou nenhuma Missão Jesuítica, onde existia muito gado, não prosperou. Ao menos naquela época.

Na sequência, por volta de 1830 ou pouco mais, igualmente interessados na busca e comercialização do gado solto nas Missões, organizaram-se duas bandeiras a partir de Guarapuava para descobrirem os falados campos de Palmas. Ambas organizadas e devidamente chefiadas. Uma delas por Pedro de Siqueira Cortes. Outra, pelo José Ferreira dos Santos. O pai da minha bisavó Deolinda dos Santos, o Joaquim dos Santos, se dizia aparentado com tal cidadão. O José Ferreira dos Santos teria nascido por volta de 1810 enquanto o Joaquim dos Santos por volta de 1845. “Mãe Diola”, nasceu em 1870. Mas na Fazenda Sarandi, de propriedade do Barão de Antonina. Local, onde seu pai era capataz do mesmo.

Tanto uma bandeira como a outra chegaram quase que ao mesmo tempo aos campos de Palmas. Fato que gerou questionamento na distribuição de terras. Mas resolvido por arbitramento. Dessa forma, coube a bandeira chefiada pelo Pedro de Siqueira Cortes os campos situados a leste de Palmas e em direção a União da Vitória. Ao José Ferreira dos Santos, os campos situados a oeste, (incluindo-se os Campos Erê), bem como em direção ao sul e diretamente alcançando as Missões Jesuíticas que se encontravam abandonadas. A cidade de Palmas, localizou-se na área deste cidadão. Daí, o orgulho dos meus ancestrais com relação a cidade de Palmas.

Assim, tanto uma bandeira como a outra acabaram descobrindo bons e novos caminhos em direção às Missões no Rio Grande do Sul.

Há que se ressaltar, no entanto, que a bandeira do José Ferreira dos Santos, descobriu igualmente os campos erê, chegou a Barracão, divisa com a argentina, e anos depois, (mas descendentes dos componentes da mesma), chegando a Posadas nas enormes Missões Jesuíticas argentinas, praticamente as margens do rio Paraná. Fato

que motivou, mas a partir da Guerra do Paraguai, contestações de parte dos argentinos para com o Brasil.

Como os campos de Palmas precisavam ser povoados por gado e os mesmos não existiam, não foi difícil a estas duas bandeiras traze-los para os mesmos.

No entanto, sempre se afirmou no nosso seio familiar que os campos que couberam ao José Ferreira dos Santos permitiram melhor afluxo de gado. Pois foram descobertos, além dos caminhos em direção às Missões no Rio Grande do Sul, notáveis caminhos nos Campos Erê, em direção oeste. O que possibilitou, anos mais tarde alcançarem as Missões Argentinas e a localidade denominada Posadas as margens do Rio Paraná. Onde também implantaram fazendas para coleta de gado e transporte do mesmo para os campos de Palmas.

Na localidade denominada Barracão, atual divisa com a Argentina, existiu a Invernada da Conceição, de propriedade da Maria da Rocha, casada com o cidadão de sobrenome Lara, com origens no Paraná, que seria filha do Antonio Rocha Loures com uma indígena, possibilitando a mesma uma notável comercialização.

Além da nossa história familiar, o professor Narcélio Inácio de Bona, da atual cidade catarinense denominada Palma Sola, Santa Catarina, efetuou uma brilhante Dissertação de Mestrado sobre a região, abordando, inclusive, a Maria da Rocha e a propriedade da mesma. Por ocasião da Contestação de parte da Argentina para com o Brasil, o Governo Brasileiro determinou a um cidadão de sobrenome Lara, daquela região, que efetuasse um relatório a respeito das divisas entre Brasil e Argentina. Seria esse cidadão de sobrenome Lara, um dos descendentes do Lara casado com a Maria da Rocha?

Em direção sul, foram descobertos caminhos que interligavam Palmas a Chapecó, Nonaí e às Missões de Santo Angelo no Rio Grande do Sul. Bem como outras.

Coube ao Francisco Rocha Loures, então Chefe do Aldeamento indígena em Guarapuava, anos depois, auxiliado pelos mesmos, abrir

melhor o antigo caminho em direção às Missões no Rio Grande do sul, tornando-o melhor transitável. No que igualmente foi auxiliado pelo seu irmão Cipriano da Rocha Loures. Fato este, também constante do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Aí constando, inclusive, as presenças de numerosos indígenas originários de Guarapuava.

Porém, mas anteriormente ao fato acima, coube a outra expedição que igualmente chegou aos campos de Palmas, mas tempos anteriores ao fato acima descrito, chefiada pelo Pedro de Siqueira Cortes, da qual fez parte o Francisco Rocha Loures, filho do Antonio, (ao menos como interessado), ocupar os campos em direção a União da Vitória.

No entanto, muitos anos antes, por volta dos anos de 1720, o Zacarias Dias Cortes, partindo de Curitiba, descendo o rio Iguaçu, chegou aos campos dos Biturunas a procura de ouro. Tais campos situam-se na atual região de General Carneiro, (muito embora exista a cidade de Bituruna atualmente), por onde também passa a BR-153.

Como em tais campos, (tanto de Palmas como dos Biturunas), existiam milenares caminhos indígenas, este fato permitiu aos componentes da bandeira chefiada pelo Pedro de Siqueira Cortes, rapidamente encontrarem um caminho possibilitando a interligação dos mesmos com a cidade de Palmeira.

Na sequência, mas não no mesmo caminho, atingir o vau do rio Iguaçu, por onde também foi possível passar o gado. Pouco tempo depois, local este denominado Porto União da Vitória. Com isso, o gado vindo da região das Missões passou por estes caminhos já referidos.

Com isso, tanto uma bandeira como a outra, conseguiam levar o gado aprisionado nas Missões para a devida comercialização.

A verdade, no entanto, é que tanto uma bandeira como a outra se davam bem entre si quanto aos componentes das mesmas. Mas, primeiramente, havia a necessidade de se buscar o gado solto nas antigas Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul que se encontravam abandonadas.

Fato que motivou o José Ferreira dos Santos chegar a Passo Fundo onde já havia se estabelecido o cidadão Manoel José das Neves, ex-militar que lutou na Guerra dos Farrapos, de origem portuguesa e que chegou inicialmente em Curitiba e possuiu campos na atual região de São Luís do Purunã. Denominado Campos de Cima.

O mesmo casou-se em Curitiba com uma cidadã de sobrenome Rocha, (a Reginalda Nascimento Rocha), natural de São José dos Pinhais e, portanto, igualmente aparentada com nossos outros ancestrais. Devido ao fato de ter sido recrutado para a luta na Revolução Farroupilha, após a mesma tal cidadão obteve concessão de terras em Passo Fundo. Onde se estabeleceu. Com isso, considerado o fundador de Passo Fundo. Mas, ao que se sabe, o Manoel José das Neves deixou notáveis descendentes na região dos Campos de Cima os quais atingiram Ponta Grossa.

Pesquisando a origem do Amantino Nascimento Rocha, em Guarapuava, descobri o cidadão João Alves do Nascimento Rocha e que o mesmo também originário de São José dos Pinhais. Seria o João Alves do Nascimento Rocha, originário também de São José dos Pinhais, mas que alterou seu sobrenome para João Alves da Rocha Loures, assim que passou a morar em Guarapuava, já casado em Curitiba, aparentado com a Reginalda Nascimento Rocha, cuja descendência, a partir do Pedro Alves da Rocha Loures, tanto marcou o Paraná?

Por sua vez, o José Ferreira dos Santos, em busca de um caminho em direção sul, conheceu a Maria da Rocha, (filha do Manoel José das Neves, casado com a Reginalda Nascimento Rocha), casando-se com a mesma. Mas sobrenome da mãe como era o costume da época. Fato que minha bisavó Deolinda dos Santos sabia alinhar.

Mas minha bisavó Deolinda nasceu em Sarandi, região para onde foi inicialmente seu pai, que exerceu as funções de capataz do cidadão João da Silva Machado, (conhecido como Barão de Antonina), o real proprietário da Fazenda Sarandi. Este cidadão representou a

Quinta Comarca de São Paulo, (anos depois Província do Paraná), em São Paulo.

Anos depois, o mentor da estrada do Cerne pois caminho necessário para interligar Curitiba à Colônia Militar do Jataí, (as margens do rio Tibagi), com vias de proteção do território paranaense contra os paraguaios e numa época um pouco anterior a Guerra do Paraguai.

Ao mesmo tempo, pelo que se sabe, aproveitou-se de tal caminho para alcançar a verdadeira estrada das tropas que, vinda do sul, passava por Pirai do Sul, Jaguariaiva, Itararé, Itapetininga e alcançava Sorocaba.

O pai de minha bisavó Deolinda, a mando do mesmo, levava alimentos para os soldados brasileiros cuja recepção, agora pelo próprio exército brasileiro, se dava num local próximo a Posadas. Sabe-se que muitos outros da região participaram igualmente de tal empreitada. Somente retornou a Palmas após o encerramento da Guerra do Paraguai. Dali, o próprio exército brasileiro se encarregava de levava-la até as linhas de frente. Fato que registrei no livro “A guerra dos pés descalços”.

Pelo fato das Missões de Santo Angelo se encontrarem abandonadas, (dentre outras), mas com muito gado solto, os “palmenses” dedicaram-se a abrir melhor o caminho no que foi transformado em estrada pelo Francisco Rocha Loures. Na verdade, anteriormente, um milenar caminho indígena e que os próprios pioneiros melhor abriram a fim de possibilitarem o tráfego inicial do gado. Daí, a intervenção do Francisco Rocha Loures para uma nova melhoria, mas que de forma alguma podia-se qualifica-lo como Estrada. Mas que passou a chamar-se dessa forma. No que foi acompanhado pelos indígenas. Concluída, o mesmo foi a Porto Alegre, devidamente acompanhado pelos indígenas, dar ciência ao Governo daquele Estado. Pois obra, realizada também, após o Rio Uruguai, divisa do Rio Grande do sul com a Quinta Comarca de São Paulo. (Atual Paraná). Fato constante no Arquivo Público de Porto Alegre.

Devido a estes dois eventos, pertinentes as duas bandeiras, os campos de Palmas encheram-se de gado o que permitiu o transito do mesmo tanto para Guarapuava como para União da Vitoria, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaiva, Sorocaba. Até mesmo Curitiba, viu-se alcançada. Gado que vinha do Rio Grande do Sul.

Porém, há que se afirmar que a Estrada das Tropas iniciava-se na Colônia do Sacramento quando iniciou-se o tráfego de mulas argentinas com destino às Minas Gerais. Anos depois, 1730, com o comércio do gado, esta estrada viu-se melhor aberta, por Cristóvão Pereira de Abreu, o que motivou Portugal a defender o avanço do seu território no Tratado de Madri. 1750. Fato que motivou desconfiança de parte dos espanhóis em tal Tratado.

No entanto, espertamente, como já afirmamos, o Rei de Portugal determinou ao cidadão Dom Antônio Rolim de Moura, (que deixou uma vastíssima descendência em São Paulo, por consequência no Paraná também), ocupar o local mais a oeste do Brasil. Local que se denominou Vila Bela da Santíssima Trindade, junto ao Rio Guaporé, divisa com a atual Bolívia. Local onde se descobriu ouro e por consequência uma pequena fundição. Local este, também considerado a primeira capital do Mato Grosso.

Na sequência, mas cabendo a um outro cidadão, a construção do Forte Militar Príncipe da Beira, acima de Vila Bela e próximo do rio Mamoré.

Esse fato, pertinente a Vila Bela do Espírito Santo, foi apresentado no Tratado de Santo Ildefonso. 1780. Tratado esse que sacramentou o Tratado de Madri. Pouco tempo mais tarde, com a conclusão do Forte Príncipe da Beira, os espanhóis desistiram de questionar suas divisas.

Saliente-se que ainda em 1720, o cidadão curitibano Zacarias Dias Cortes, descendo pelo Rio Iguaçu, (em direção a região dos índios Biturunas a procura de ouro), descobriu o vaú do rio Iguaçu, (atualmente próximo da ponte da estrada de ferro em União das

Vitória), que possibilitou a passagem do gado no caminho que interligou Palmas a Palmeira.

Portanto, D. João VI, quando chegou no Brasil, teve êxito no seu intento quanto a abertura da Estrada à Guarapuava. 1814. Inegavelmente a comercialização e transporte do gado gerou imensos recursos econômicos aos que se envolveram nessa atividade e à própria Nação.

Mas estamos falando de fatos pertinentes ao Barão de Antonina e da estrada do Cerne que partindo de Curitiba alcançava Jataizinho.

Por volta de 1853 ou pouco mais. Época que inegavelmente o trânsito de gado era muito intenso. Mas por que o Barão de Antonina se envolveu na abertura melhor da Estrada do Cerne? Desprendimento pela causa? Ou também tinha interesses ?

A meu ver o mesmo também tinha interesse pois acabou fundando a localidade denominada atualmente como Barão de Antonina, Estado de São Paulo, passando por São José da Boa Vista no Paraná. Esta, numa derivação a leste da estrada do Cerne. A localidade denominada atualmente como Barão de Antonina, mas atualmente no Estado de São Paulo, lhe permitia fácil acesso a Itapeva, Capão Bonito e Sorocaba.

Mas, naquela ocasião será que o gado vindo do Mato Grosso, (da região denominada Campo Grande), percorrendo a margem direita do rio Paranapanema já alcançava a localidade Barão de Antonina e daí, porém mais adiante, se integraria com a estrada das tropas cujo destino final era Sorocaba? Caso haja comprovação documental e histórica desse fato, tal cidadão, (o Barão de Antonina), era um príndigo. Mas quando Londrina foi fundada era por esse caminho que o gado chegava a cidade.

Evidentemente, o mesmo contribuiu significativamente com a melhor abertura da Estrada do Cerne já naquela época. Fato que muito facilitou o aceso propriamente dito de Curitiba a Londrina por ocasião do início desta.

No entanto, o gado que vinha do sul do país, via de regra, alcançava Campo Largo e Curitiba utilizando-se da passagem denominada Balsa Nova. Desta última, igualmente aos campos de São Luis do Purunã e a Ponta Grossa.

Porém, quando o gado chegava a Curitiba, o excedente poderia ser direcionado à estrada do Cerne, em direção norte, com isso alcançando a Estrada das Tropas em Pirai que vinha desde o Rio Grande do Sul, passando primeiramente, mas no Paraná atual, pela cidade da Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Pirai e daí Jaguariaiva, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Sorocaba.

Mas porque isto? Porque pela estrada principal das Tropas, pagava-se muito pedágio de trechos em trechos. Muito embora aí houvesse mais “diversão” devido as pousadas existentes. Por essa razão é que surgiram caminhos alternativos.

Assim o trecho Campo Magro – Pirai do Sul, (trecho inicial da estrada do Cerne), tinha interesses econômicos. Igualmente, o trecho que vinha do sul do país e passava por Rio Negro, Quitandinha, Mandirituba, Araucária e da mesma forma chegava a Curitiba e a Campo Magro.

Havia ainda, quando o Paraná era a Quinta Comarca de São Paulo, a estrada das Três Barras que vinha do Rio Grande do Sul, paralela ao mar, e alcançava o Caminho dos Ambrosios ao norte da Baía da Babitonga. (São Francisco do Sul). Estrada esta que recebeu o nome de Linha de Defesa a mando de Dom Afonso Botelho de Mourão, pois temente de uma possível invasão espanhola, mas procedente de Buenos Aires. Fato que realmente ocorreu, devidamente chefiada por Dom Pedro Ceballos. Porém, este invadiu Santa Catarina através de navios militares e não se utilizou de tal caminho paralelo ao mar. Chegando até mesmo a São Francisco do Sul. (Esta, em 1649 elevada a Pelourinho e em 1658 tornando-se Vila). Portanto quando Dom Pedro Ceballos a invadiu, (por volta de 1775), a mesma já era uma Vila significativa. Para tanto, aí existindo a figura do Sargento Mor que a protegia.

O Caminho dos Ambrosios partia do Saí, defronte a baía de São Francisco do Sul, passava por Tijucas do Sul, Campo Largo da Roseira, chegava a São José dos Pinhais e daí Curitiba. Evidentemente, existiam outros. E que sempre despertavam interesse de quem quer que fosse.

Sem olvidar que existia o milenar caminho que interligava Guaraqueçaba, Antonina e Morretes. Em Morretes, existia o caminho do Itupava, (que partia de Paranaguá e se tornou a Estrada da Graciosa muitos anos depois), o Caminho do Arraial que partia de Morretes, alcançava São José dos Pinhais, bem como o caminho atualmente denominado “estrada da laranjeira”, por onde passou o telégrafo, interligando Morretes a Joinville bem como ao sul do país.

Por sua vez, havia a estrada paralela ao mar, (também milenar caminho indígena), que vinda do sul do país alcançava o norte da baía da Babitonga e de fácil trânsito naquela época. Razão do Botelho de Mourão, Governador da Província de São Paulo, aí instalar a Linha de Defesa a fim de se defender contra os espanhóis que, inconformados pelo Tratado de Madri e Santo Ildefonso, sediados em Buenos Aires, pretendiam invadir o sul do Brasil. Como realmente invadiram.

Esta linha de defesa, anos mais tarde denominou-se Estrada das Três Barras, por ocasião do início da colonização alemã em Joinville, (1853), ou mesmo antes, e atualmente é a BR-101.

Quanto a estrada das laranjeiras, (caminho milenar que interligava Morretes a região de Joinville, contornando a baía de Guaratuba), era um fato muito falado no nosso seio familiar de vez que o avô da minha mãe, o Gaspar Schatzmann, suíço, Windisch, tornou-se empreiteiro na execução da linha telegráfica que interligou Morretes a Joinville. De vez que o telégrafo na Suíça já era fato corriqueiro desde muitos anos antes. Tal tarefa foi-lhe sub-empreitada pelo eng. Julius Kalkmann que instalou o telégrafo em Morretes vindo de Cananéia.

Fincar postes de madeira, colocar cruzetas em madeira, fixar e estender os fios telegráficos bem como efetuar o cadastro pertinente aos locais por onde passava tal linha telegráfica, a meu ver, nada de anormal havia.

Foi justamente este fato que lhe possibilitou participar do início da colonização do local hoje denominado Rio Bonito, muitos anos depois de ter chegado a Joinville. Fato que registrei no Livro “Flôres de Jacatirão” onde resgato as histórias familiares do Gaspar Schatzmann, (avô da minha mãe), suíço, vindo para a colonização alemã, já no início da mesma, e que se casou com a Felisbina Maria da Cunha, cujos ancestrais eram de Paranaguá assim que se iniciou a febre do ouro recém descoberto naquela ocasião).

O próprio Imperador D. Pedro II, quando veio instalar os serviços iniciais da linha férrea que interligou Paranaguá a Curitiba, (1880), percorreu o caminho do Itupava, (atual estrada da Graciosa), para chegar a Curitiba. Já com a utilização dos veículos puxados a cavalos. Por ocasião da inauguração da estrada de ferro, 1885, veio e retornou a Paranaguá por trem.

Na minha visão, devido a encontrar caminho alternativo para o gado chegar a São Paulo, pagando menos taxas, é que o Barão de Antonina envidou esforços para abrir melhor o caminho do Cerne. Com isto, chegando até a própria Estrada das Tropas em Pirai. Mas por que razão este mesmo cidadão, Barão de Antonina, adquiriu imensa área na localidade agora denominada Barão de Antonina, Estado de São Paulo? Um local situado ao norte da atual cidade de Itararé ?

Mas, “olhando com outros olhos”, isto lhe permitia alcançar a estrada das tropas já em Capão Bonito onde se interligava com a Estrada das Tropas que vinha do Rio Grande do Sul. Portanto, na minha visão o Barão de Antonina era um excelente “esperto comercialmente”. Porém, oficialmente consta nos registros de São Paulo que o mesmo assim o fez para alí instalar os indígenas que se encontravam desabrigados.

Em 1850, o governo Imperial promulgou a Lei das Terras. Com isso, obrigando, em todo o Brasil, os proprietários declararem e registrarem suas terras. Ao menos junto a igreja pois ainda não existiam cartórios para tanto. O meu tataravô, o José Antonio Alexandre Vieira, (filho do Padre Generoso Alexandre Vieira com a agregada Maria Rosa

de Oliveira), ao deixar seus estudos para Padre na cidade de Itu, São Paulo, veio para Palmas e a convite do Padre de Guarapuava, Padre Braga, iniciou os registros junto a igreja desta cidade. Embora morasse em Palmas. Mas Palmas estava subordinada a Guarapuava.

Como não existiam topógrafos para tanto, o mesmo juntamente com o proprietário da área do interessado no registro das suas terras, acompanhando por seus vizinhos lindeiros, ia ao local, ouvia o proprietário e os vizinhos. Baseado nisto, percorriam o local ao mesmo tempo que José Antonio Alexandre Vieira efetuava a descrição da propriedade, suas características, o que possuía, bem como os vizinhos que costumeiramente também assinavam concordância naquele documento que em seguida era registrado na igreja.

Anos depois, quando foram criados os cartórios para registro das terras, o José Antonio Alexandre Vieira tornou-se o primeiro Tabelião de Palmas. Tal atividade,, inicialmente, deveu-se muito ao Jesuíno Marcondes de Oliveira, cidadão destacado no Paraná e na Corte Imperial, filho do José Caetano de Oliveira, (Barão de Tibagi), aparentado com a Maria Rosa de Oliveira. A agregada do Padre Generoso Alexandre Vieira.

Atividade profissional do José Antonio Alexandre Vieira, que perdurou por toda sua vida até o seu falecimento em 1907.

Segundo a nossa história familiar oral, o mesmo aprendera a tocar piano ainda criança, em Palmeira, no piano do José Caetano de Oliveira, o Barão de Tibagi, e pai do Jesuino Marcondes de Oliveira. Este piano seria o que se encontra, ainda aos dias de hoje, (2024), exposto no Museu Paranaense localizado no prédio da antiga Prefeitura Municipal de Curitiba. Rua Riachuelo.

Por outro lado, o próprio Governo Brasileiro, já naquela época do Barão de Antonina, estimulava a ocupação dos espaços desocupados. Por outro lado, o aldeamento indígena denominado São Pedro de Alcântara, estabelecido as margens do rio Tibagi, passou a contar com a Colônia Militar do Jatai situada defronte mas na outra margem do

mesmo rio. Este fato, conforme relata o próprio Frei Timóteo nas suas correspondências ao Governo em Curitiba, preocupou os que moravam na região. Com isso, a necessidade de se incrementar a ocupação dos enormes espaços vazios desde São Jerônimo até Curitiba.

Verificando as correspondências emitidas por Frei Timóteo, ao Governo em Curitiba, o mesmo constantemente reivindicava reparos e consertos em tal caminho do Cerne. Até mesmo, solicitar liberação de espaços para instalações de novas comunidades e abertura melhor do caminho. (Vide tais correspondências no Arquivo Público do Paraná). Portanto, Frei Timóteo teve papel preponderante na abertura melhor desse caminho que ao longo dos anos se tornou carroçável. Mas que veio, finalmente, se tornar em estrada somente em 1940.

Verifica-se a enorme luta do mesmo pois já naquele tempo a Constituição Brasileira afirmava que na região onde existiam os índios a terra pertencia aos mesmos. Portanto, dificuldade para instalação de novas comunidades.

Outro fato, que me chamou atenção quando deixei o Paulo Muro em Campo Magro, foi a incrível viagem das irmãs Sanabria que, por terra, partindo de Cananea alcançaram a região de Curitiba e pelo trecho inicial do caminho do Cerne alcançaram o Rio Tibagi. Daí navegando por este rio, alcançaram o rio Paranapanema, rio Paraná e no salto das Sete Quedas, por caminho terrestre, chegaram a Assunção. Fato descrito em livro pelo cidadão sevilhano que as acompanhou. Ñufflo de Chaves. Este, anos depois, fundador da cidade de Santa Cruz de La Sierra na Bolívia.

No entanto, Ñufflo de Chaves, anos antes, juntamente com o cidadão Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, também sevilhano, percorreu o caminho indígena, (embora houvesse milhares de derivações para todos os rumos cardeais), e chegou a Assunção. Neste caminho, Cabeza de Vaca teria sido acompanhado por oitenta companheiros, cavalos, indígenas, bem como por seu companheiro de viagem marítima que sabia operar o astrolábio. Pois já se conheciam as coordenadas

geográficas de Assunção bem como da Ilha de Santa Catarina. Embora não na mesma latitude.

O mesmo descobriu as Cataratas do Iguazu às quais denominou Saltos de Santa Maria. Portanto, o Cabeza de Vaca ao menos sabia a linha reta que interligava os dois locais, (Baía da Babitonga, proximidades da atual cidade catarinense de São Francisco do Sul, com a cidade de Assunção), e as possíveis coordenadas geográficas no rumo a percorrer.

Portanto, ao se desviar muito do rumo, ele sempre corrigia. Pois os caminhos indígenas além de serem muitos, percorriam, quase que via de regra, (mas não necessariamente), o espigão topográfico. Fato que lhe permitiu chegar a Assunção com todos seus companheiros e devidamente acompanhado por muitos indígenas.

Em Assunção, Cabeza de Vaca tomou conhecimento dos inúmeros caminhos que podiam alcançar regiões imensas e distantes da mesma. Quando o mesmo retornou a Sevilha registrou estes fatos em livro. Bem como, quanto a sua epopeia anteriormente ocorrida na Florida. Atual Estados Unidos.

Portanto, rios Paraguai, Paraná, Ivai, Piquiri, Paranapanema e Tibagi, seriam apenas alguns deles na ótica do Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Fato que igualmente tomou conhecimento Ñufflo de Chaves. Alguns participantes daquela mesma expedição do Cabeza de Vaca, deixaram Assunção e por terra, utilizando-se de milenares caminhos indígenas, chegaram a Cananeia, Santos e São Vicente. Locais de onde retornaram a Espanha. Alguns deles, registraram em livro tais façanhas. Portanto, de possíveis conhecimentos de parte de interessados.

Assim, as irmãs Sanabria, quando desceram em Cananeia, (Local por onde passava o Meridiano de Tordesilhas), decidiram ir a Assunção, (com a intenção de assumir o Adelantado), muito embora fosse seu meio-irmão Diego o detentor do Direito, devido ao falecimento do pai. Mas Diego ficou doente e não conseguiu vir. Ao mesmo tempo, as irmãs Sanabria levavam cem mulheres a fim de casarem-se com os

espanhóis que lá viviam, Pois, predominavam os mestiços. (Filhos de espanhóis com as indígenas. Fato muito sensível aos paraguaios até os dias atuais).

Certamente vieram em vários navios e aportaram em Cananéia. Ou seja;- Apenas atravessando a rua deixava-se o domínio Português e ingressava-se no Espanhol. Local onde exatamente iniciava-se, (ou findava), o caminho terrestre que partindo dali alcançava-se a região de Curitiba. No entanto, ao que se sabe, as mulheres, na sua maioria, (com exceção das irmãs Sanabria), chegaram a Assunção por navios. Alguns escritores, atreveram-se afirmar que o caminho do Peabiru, que ia ao Império Inca, partia deste local. Cananéia. Hoje sabemos, documentalmente, que na realidade existiam vários caminhos.

Acidade de Curitiba, na verdade, foi localizada no entroncamento de vários caminhos. Caminho que vinha de Cananea, Caminho do Itupava, Caminho dos Ambrósios, Caminho do Açungui, Caminho do Apiaí, Caminho do Itaperuçu, Caminho do Cerne, etc. e tantos outros. Daí, a localização extraordinária de Curitiba pelos primeiros moradores que deixaram Paranaguá ou São Paulo. Fato que permitiu, ainda em 1693, a fundação da mesma. Quando isto ocorreu, já morava, desde muitos anos antes, o cidadão Mateus Leme na região do Barigui. Teria chegado a este local em busca do ouro.

No entanto, fato sabido é que quando os jesuítas deixaram Paranaguá, para constituírem fazenda no Itaiacoca e Pitangui, (por volta de 1620), certamente os mesmos percorreram o Caminho do Cerne após deixarem o caminho do Itupava. Mas, pelo caminho do Cerne na atual localidade de Bela Vista, defletindo a esquerda, tomaram o caminho do Itaiacoca para tanto. Porém, por este caminho, o Rio Tibagi possui nascentes e estas não permitem navegação.

Portanto, na minha visão, as irmãs Sanabria teriam percorrido, por terra, o Caminho do Cerne até a atual localidade de Jatazinho pois nesse local, além de um significativo vau existente naquela época, é totalmente navegável até sua foz. Daí adentrando ao rio Paranapanema

até o rio Paraná e, por este último, até as Sete Quedas na localidade de Guáira. A partir daí, por terra, chegaram a Assunção. Foi uma verdadeira epopéia. Relatada pelo Ñuflo de Chavez.

Por Jataizinho situar-se praticamente ao lado de Londrina, por que não resgatar tal história?

É de se imaginar que as mesmas viram-se acompanhadas por vários homens, operador do astrolábio e alguns práticos. Bem como indígenas. Certamente com a participação de Ñuflo de Chaves já que o mesmo registrou em livro tal aventura. Anos depois, fundador da cidade de Santa Cruz de La Sierra. Bolívia. Por sua vez, a biblioteca da universidade dessa cidade preserva tal livro. Para conferir tal história, basta acessá-lo. Mas tive o prazer de ler tal história quando estive em tal cidade.

Também, que quando navegaram por tais rios, possivelmente construíram uma ou duas “jangadas”, com leme, (ao mesmo tempo instalando velas), o que lhes permitiu viajar com algum conforto pelos rios abaixo. Fato, quanto ao uso de jangadas, igualmente feito por Francisco Orellana ao deixar a Bolívia e navegar pelo rio Amazonas até a sua foz. Conforme registrado documentalmente por ele próprio.

Portanto, fato corriqueiro utilizado pelos sevilhanos ao navegarem pelo rio Guadalquivir até o mar.

Existe ainda a hipótese que após as corredeiras das Sete Quedas, onde o rio é mais navegável, retomaram a navegação. Para tanto, da mesma forma, construindo novas jangadas e chegaram a Foz do Iguaçu. Local muito mais perto de Assunção. Mas o mais provável é que a partir de Guaira, (local onde situavam-se as Sete Quedas), existiam ramais que possibilitavam tanto a chegada a Assunção como ao Perú. Este, o Caminho do Peabiru.

Fato que me chamou atenção poucas horas depois de ter deixado o Paulo Muro na localidade de Campo Magro. Mas que entendi ser digno de registro.

Na verdade, a História do Paraná, também a de São Paulo, registra milhares de caminhos pré-colombianos e que ainda aos dias de hoje permanecem gravados na memória de muitos cujos antepassados se inteiraram sobre os mesmos. O mais famoso, o Caminho do Peabiru. Sobre o qual dezenas de Professores já o registraram nas suas Dissertações de Mestrado.

Ressalto que anos atrás, pesquisando junto ao Arquivo Público do Paraná, encontrei-me com o engenheiro José Carlos Veiga Lopes. Meu contemporâneo da Faculdade de Engenharia, que também pesquisava para seus livros. O mesmo, além de engenheiro, tornou-se escritor e ao mesmo tempo passou a participar da Academia Paranaense de Letras. Com isso, tempos depois, tornou-se Presidente da mesma. Naquela época eu estava obcecado em registrar os vários caminhos pré-colombianos que o Paraná possuiu. Porém, o mesmo advertiu-me para que pesquisasse sobre o assunto para não afirmar “barbaridades”. Pois o mesmo lera muitos trabalhos a respeito. Percebendo o meu interesse, dissertou longamente sobre a questão.

No entanto, embora tais aminhos fossem milenares, havia um mapa elaborado pelo próprio Governo do Estado do Paraná, datado de 1908, que contou com a participação de bons topógrafos. Na visão do José Carlos Veiga Lopes, tais topógrafos teriam ido aos locais mais importantes de tais caminhos e ao menos registrado as coordenadas geográficas dos mesmos.

Neste sentido, ele conseguiu uma cópia de tal mapa, e sobre o mesmo traçamos os caminhos mais importantes que me permitissem uma boa abordagem.

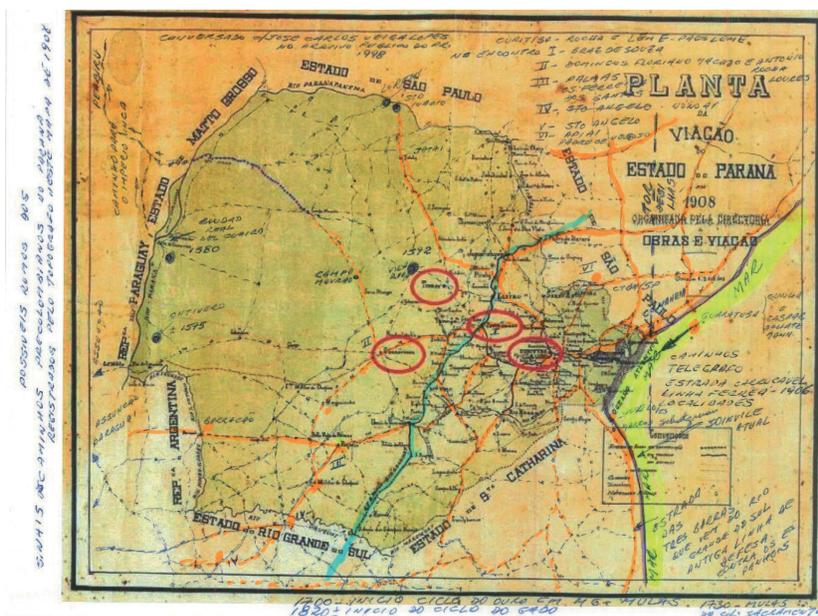
Afim de ajudar possíveis interessados, principalmente aqueles que se dedicam a Dissertação de Mestrado, (no campo da Historia), estou anexando ao presente trabalho tal mapa. Conforme segue na folha seguinte a esta dissertação.

Agradecendo ao companheiro Paulo Muro Barbosa pela oportunidade de efetuar a presente manifestação. Mas que poderá,

no futuro, interessar alguém em mais uma Dissertação de Mestrado. Para tanto, pesquisando melhor e mais abrangente. Porém, a diretriz para tanto aí se encontra. Ainda que tenha uma visão apenas de minha parte.

Segue abaixo o mapa que me foi fornecido pelo eng. José Carlos Veiga Lopes. Com isto, estou disponibilizando aos demais interessados. O que me permitiu bom entendimento sobre os caminhos precolombianos, bem como suas interligações, tão falados na História do Paraná. Como eu já houvera escrito o livro “Villa Rica Del Spiritu Santo”, preocupei-me. No entanto, verificando tal mapa encontrei o caminho. Mas livro este no qual abordo uma das primeiras cidades fundadas pelos espanhóis no atual Estado do Paraná. Atualmente, denominada Fênix. Próxima de Campo Mourão. Não errei.

Evidentemente, existiram milhares de tais caminhos. Todos interligados entre si. Os próprios sambaquis remanescentes e localizados ao longo da costa brasileira demonstram a enorme quantidade de indígenas que se fizeram presentes nestes locais cujo início dos mesmos tem sido de difícil datação. No Paraná e Santa Catarina, ao menos. Pois hoje sabemos, cientificamente comprovados, que tais indígenas chegaram às Américas há mais de dez mil anos atrás. (2024).



Mapa de 1908 onde constam os mais importantes milenares caminhos indígenas. Também a ferrovia. Igualmente, a Estrada das Tropas e a estrada das Tres Barras/SC.

QUANDO A “BOCA MALDITA DE CURITIBA” ERA NO CAFÉ ALVORADA PRÓXIMA AO PRÉDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E AO MESMO TEMPO UMA EXCELENTE ACADEMIA DE ASSUNTOS GENERALIZADOS

Em janeiro de 1960 fui aprovado ao Curso de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. Cujas salas de aulas faziam parte do Majestoso Prédio da Universidade Federal do Paraná. Defronte aos Correios e a Praça Santos Andrade.

Assim que as aulas foram iniciadas, no início de março daquele mesmo ano, constatamos que a grade horária das matérias curriculares era muito irregular de vez que o Centro Politécnico se encontrava, ainda, em construção no Jardim das Américas. Saída para Paranaguá. Devido a isto, no antigo prédio da Escola de Engenharia. Possuíamos aulas pela manhã, (pertinentes ao ensino de algumas matérias escolares), outras a tarde e até mesmo a noite. E tais fatos não ocorriam somente para com a nossa turma do primeiro ano. Igualmente, se repetiam com os alunos dos anos seguintes do Curso de Engenharia.

Muitas vezes, coincidências que nos permitiam interagir não só entre nós calouros mas também com os demais alunos do Curso de Engenharia.

Para os que não se isolavam em “panelinhas”, (o meu caso), este fato permitia a todos um excelente inter-relacionamento podendo-se tomar conhecimento não só sobre fatos escolares, sobre professores, sobre matérias, como, também, sociais. Para os que conseguiam manter conversas com os quartanistas, ou mesmo quintanistas, aprendia-se mais. Ao mesmo tempo que se ia pavimentando o futuro de vez que, certamente, os mesmos iriam ocupar lugares destacados em empresas particulares ou até mesmo nos serviços públicos que iriam pertencer, E isto, inegavelmente, muito me favoreceu quando constituímos a

empresa Técnica Canadá Engenharia e Construções Civis Limitada e iniciamos construções de obras públicas.

Pois, ainda que não dispuséssemos de capital de giro para o bom andamento das obras, muito contei com a ajuda dos mesmos. Tanto na fiscalização das obras, como na agilidade do pagamento. Pois aquela amizade que iniciamos ainda nos bancos escolares acabou se estendendo por toda nossa vida. Evidentemente, os meus companheiros de turma, que exerceram cargos semelhantes, foram os que mais nos ajudaram.

Por sua vez, o Diretório Acadêmico de Engenharia, localizado praticamente defronte a Escola de Engenharia, além de possuir um bom restaurante estudantil, promovia soirées dançantes, aos domingos, denominadas “Chás Dançantes”, que aconteciam no antigo prédio pertencente a Sociedade Duque de Caxias em Curitiba. Muito próximo da Praça Zacarias e Praça Carlos Gomes.

Embora imóvel antigo, situado numa esquina, possuía um excelente salão de bailes sempre animados pelo Genésio e sua Orquestra. Muitas vezes, o próprio Diretório Acadêmico de Engenharia convencia cantores famosos de São Paulo, ou Rio de Janeiro, que vinham a Curitiba para animarem famosas festas dos Clubes Sociais, a darem uma rápida participação naqueles Chás Dançantes. E tais fatos vinham ocorrendo desde muitos anos atrás o que permitiu sedimentar, socialmente na cidade de Curitiba, as famosas “soirées dançantes” do DAEP.

Em agosto de 1959, juntamente com companheiros de Londrina, (Ângelo e Carlos Sorgi), passei a morar no Edifício Ambassador, decimo primeiro andar. Defronte a lateral do prédio da Universidade. Época que, igualmente, passamos a frequentar o Café Alvorada. “Boca Maldita de Curitiba”. Local onde universitários, empresários, professores, advogados, médicos, engenheiros, políticos, etc.etc., quase que diariamente ali se faziam presentes. Afinal de contas, gente famosa e destacada.

Tinha deixado meu emprego como bancário e, agora, dedicado em tempo integral não só à finalização do Curso Científico do Colégio Estadual do Paraná como também a devida preparação para o vestibular que se aproximava. Inicialmente, de minha parte, com vista ao vestibular de Medicina. Os irmãos Sorgi, com vistas a engenharia química. Cursando o Colegial no Colégio Estadual do Paraná, à noite, cujas aulas eram frequentadas, tradicionalmente, por alunos usando ao menos paletó, (ainda que boa parte também usasse gravata), não me foi difícil tomar conhecimento que tal entidade de ensino fora inaugurada em 1945, pelo Interventor Manoel Ribas, sendo que tradicional e anteriormente tal ensino Colegial era ministrado no Ginásio Paranaense. Atualmente Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. Defronte a Praça Santos Dumont e entre as ruas Saldanha Marinho e Cruz Machado. Então, uma entidade de ensino antiga e tradicional na cidade de Curitiba.

No entanto, como num estalar de dedos, dei-me conta que anteriormente estudara no Colégio Estadual de Londrina, cujo início de funcionamento foi no dia primeiro de abril de 1947. Portanto, ambas as instituições, (Colégio Estadual do Paraná e Colégio Estadual de Londrina), passaram a funcionar praticamente na mesma época. Ao menos quanto as suas instalações prediais. No entanto, inegavelmente, o Colégio Estadual do Paraná era a mais forte entidade de ensino no Estado. Alguns dos seus professores eram antigos e até chamados como catedráticos. Cursando o segundo, bem como o terceiro ano colegial, na minha ótica os professores mais antigos apresentavam-se fora do contexto, no sentido pedagógico. Embora muito respeitados.

No entanto em Londrina, por falta de professores, o Diretor do Ginásio Estadual de Londrina, via de regra, convidava o Juiz da cidade, o promotor Público, o Padre, algum médico destacado, algum advogado e até mesmo químico responsável técnico pela produção de uma indústria farmacêutica da própria cidade de Londrina. Convocações estas, para suprirem a falta de professores para atender os respectivos cursos.

Como todos os livros de ensino eram iguais, quanto ao seu conteúdo, pois normalizados pelo Ministério da Educação adotando como parâmetro os livros do Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, nenhuma dificuldade encontrei. E, sabidamente, o nível de ensino no Colégio Estadual do Paraná, era um dos mais elevados no Estado do Paraná e mesmo em Curitiba.

Por outro lado, quando comecei a trabalhar, (mas em Londrina), no escritório de engenharia do engenheiro Celso Alvares Gomes, (pois muitas vezes levava alguns dos meus livros para estudar durante períodos ociosos), o mesmo, como curiosidade, quis saber que livros e matérias eu estudava. Após verificados pelo mesmo, na ótica dele eram praticamente as mesmas matérias e assuntos que estudara ainda na década de 1940. Mas no antigo Colégio Paranaense. Entidade de ensino que antecedeu o Colégio Estadual do Paraná. E que se situava na rua Ébano Pereira. Atual Secretaria da Cultura do Estado do Paraná.

No entanto, diariamente estudando juntos na mesma mesa da sala do apartamento com os irmãos Sorgi, estudávamos o português, desenho, matemática, física, química, etc. etc. O que variava era que os mesmos estudavam desenho e matemática. Enquanto, da minha parte, as matérias pertinentes ao vestibular de Medicina. No entanto, os mesmos tinham muita dificuldade em matemática. Mas que, em vista do meu curso científico no Colégio Estadual do Paraná, nenhum problema havia. Bem como quanto ao português, física e química. Devido a isto, cada vez que os mesmos “patinavam” eu os socorria e os ensinava. A ponto dos mesmos insistirem para que eu prestasse o vestibular de engenharia. Mas eu estava obstinado ao vestibular de Medicina.

No entanto, aquelas insistências dos mesmos, no meu íntimo, coincidiam com o desejo do meu falecido pai, (vitimado por acidente automobilístico em dezembro de 1951), que sempre afirmava aos seus amigos que eu seria engenheiro. E este fato, sempre me bateu a cabeça. Diante disso, no final daquele mês de outubro de 1959, decidi-me pelo

vestibular de engenharia civil no que fui aprovado em janeiro de 1960. Em oitavo lugar quanto a classificação dos aprovados.

Morando no Edifício Ambassador, (onde a maioria dos apartamentos eram ocupados por estudantes universitários), ficome visível as presenças constantes, (mas não diárias), dos professores universitários Vieira Neto, (da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná), e Antenor Pamphilo dos Santos. Este último muito simpático, vindo da Bahia para o Paraná muitos anos antes, negro, médico e Diretor da Escola de Medicina da Universidade Federal do Paraná. Tidos por todos nós, como “visitadores” de pessoas que ali moravam. Mas não no mesmo apartamento.

Ambos educados, sociáveis e atenciosos para com todos. O que, para nós, era motivo de orgulho pois sempre nos cumprimentavam e estendiam conversas para conosco.

Tomando cafezinho no Bar Alvorada, de forma diária e constante, não me foi difícil perceber constâncias de frequências de pessoas as mais destacadas de Curitiba. Também, algumas, do próprio Estado do Paraná. Bem como antigos alunos do Ginásio Paranaense, agora profissionais destacados em Curitiba, que saudosamente falavam dos seus tempos ginasiais. Fato este que muito me chamava atenção.

Assim, quando passei a cursar o primeiro ano de Engenharia Civil, no notável prédio da Universidade Federal do Paraná, na rua XV de Novembro, defronte aos Correios de Curitiba, diante da descontinuidade entre uma aula e outra, aproveitávamos daquele espaço de tempo, para nos dirigirmos ao Bar Alvorada não só para tomarmos um cafézinho como também participarmos das conversas que ali ocorriam.

Novamente ali encontrávamos os Professores Antenor Pamphilo dos Santos e Vieira Neto. Este último, a meu ver, extremamente idealista politicamente. Políticos destacados do Paraná, vez por outra, igualmente sempre se faziam presentes. Gaspar Veloso e Nelson Maculan, senadores, eram os mais festejados. Igualmente, destacados

deputados estaduais. E este fato, de tomar cafezinho no Bar Alvorada, muito me orgulhava. Dentre outros, havia ainda, a presença do promotor Henrique Chesnau Lenz Cesar, que falava muito bem, alegre, o que contagiava a todos ali presentes.

Mas fato curioso para mim naquela época, 1960, era a presença de alguns profissionais que afirmavam ter participado da constituição da Universidade Federal do Paraná, em 1912. Porém, naquele ano de 1960, os mesmos eram muito velhos para mim embora não tivessem mais que setenta e cinco anos de idade. Alguns deles, afirmando que em 1922, (Centenário da Independência Brasileira), tinham passado a lecionar. Na minha ótica, eram muito velhos, embora fossem mais novos do que eu atualmente, 2024.

Na própria Escola de Engenharia, (sem citar nomes), existiam antigos professores, catedráticos vitalícios, e aquela nova leva de alunos universitários, (da qual eu também pertencia), eram contra a Cátedra Vitalícia. Neste sentido, poucos anos depois, a classe universitária passou a ser contra a existência de tal vitaliciedade. Inegavelmente, existiam Professores Universitários destacados a exemplo do Professor Algacir Munhoz Maeder, dentre outros. O próprio Professor de Medicina, Antenor Pamphilo dos Santos, a meu ver, também aí se enquadrava. Evidentemente, existiam outros tantos. Inclusive na Escola de Engenharia.

Mas, na verdade, e na minha ótica, eram muito poucos e não atualizados àquele novo mundo que para mim surgia. Brasília, estava para ser inaugurada. Além de destacadas rodovias, pontes, hidrelétricas, construção civil como um todo, inclusive telefonia, que urgentemente precisava ser atualizada, o Brasil estava se industrializando a olhos vistos. E na nossa visão acadêmica, tais professores encontravam-se fora do contexto mundial e do próprio Brasil naquele momento. Tanto isto era verdade, que determinadas matérias muito se referiam a dados e fatos há muito ultrapassados. A própria forma de ensinar, fundamentada visivelmente em livros e matérias do passado, era

a prova que nos impulsionava imaginar e desejar uma Reforma do Ensino em todos os níveis no país.

Fato que nunca esqueci, quanto ao Bar Alvorada, (praticamente ao lado da Galeria Lustosa), foram as presenças do engenheiro Davi Carneiro, (também escritor e historiador), sempre acompanhado pelo Maestro Bento Mossurunga. Este, autor do Hino do Paraná em 1910. O Maestro Bento Mossurunga, também muito simpático, teria, a meu ver, mais de oitenta anos de idade e “babava”, visivelmente, na camisa. David Carneiro e o Bento, eram amigos praticamente inseparáveis muito embora este último, (também na minha ótica), fosse dependente do primeiro. Que sempre lhe dispensava boa atenção.

Portanto, o Bar Alvorada, na antiga Boca Maldita de Curitiba, foi uma outra Universidade para mim. Ao mesmo tempo, uma excelente Academia de assuntos gerais. Fiz muitos amigos, conheci pessoas, ouvi histórias, aprendi o próprio relacionamento social, político e intelectual de Curitiba então existente. Daí, o presente registro.

Outro fato memorável nessa época para mim, era quando o cantor norte americano, Nat King Cole, cantava para nós, os vestibulandos londrinenses. Todos nós, após nossas preparações diárias para o vestibular, tomávamos um banho, colocávamos o paletó e íamos para a Rua XV por volta das dezessete horas. Nosso local de encontro era nessa mesma rua, defronte a loja de discos denominada “A Musical”. Horário do “footing” das garotas curitibanas.

Diante disso, o gerente que era amigo de todos, passava a tocar os discos do Nat King Cole. Fato que igualmente agradava as “transeuntes”. Com isto, resultando em muitos namoros. Alguns que se concretizaram em casamentos. Por esta razão, fato que nós todos, tendo participado daquele grupo, jamais esquecemos do companheiro Nat King Cole. Que nunca se cansou de cantar para nós vestibulandos londrinenses.

A LENDA DO EL DORADO NA AMAZÔNIA

Morando ainda na cidade de Rolândia, por volta de 1948, onde meu falecido pai era o Delegado da Receita Estadual na região, o mesmo costumava comprar, semanalmente, as revistas “O Cruzeiro” e “Seleções do Reader’s Digest.

Ambas, destacadas e de circulação nacional. Muito embora esta última tivesse origem nos Estados Unidos e devidamente traduzida para o idioma português. Na sua contra-capas, trazia, sempre, a imagem do imponente prédio “Empire State Building”, localizado na cidade de Nova Iorque, construído por volta de 1930 e que era a maior atração desta cidade perante o mundo naquela ocasião. Fato que nunca esqueci.

Podia-se afirmar que as circulações destas duas revistas, naquela época de 1948, alcançavam praticamente todo o território nacional, através dos Correios. No entanto, em regiões que contavam com aeroportos, evidentemente, a entrega era mais rápida. Rolândia contava com esta vantagem pois muito próxima de Londrina que já possuía um aeroporto funcionando desde 1945. No que contou com a ajuda do próprio Governo Estadual na pessoa do Interventor Manoel Ribas. Evidentemente, também com a participação do Governo de Getúlio Vargas muito embora ainda naquele mesmo ano este tivesse deixado o Governo Federal.

Mas a rede ferroviária que partia de Curitiba, ou mesmo de São Paulo, também passando por Rolândia e se dirigindo para Apucarana, (mas já projetada para alcançar Maringá), muito facilitava aos Correios nas entregas de correspondências. Bem como revistas e encomendas.

Por outro lado, eu aprendera a ler há pouco tempo atrás e o meu falecido pai muito insistia para que eu lesse estas revistas no sentido de facilitar o meu entendimento. O que muito me agradava.

Fato que teve continuidade mesmo após o falecimento do mesmo em dezembro de 1951. Vítima de acidente automobilístico. Porém, quanto a Revista “O Cruzeiro”, a nossa mãe Neolete, por já estar familiarizada à mesma, deu continuidade.

Era uma revista importante a nível nacional, sob a direção do jornalista Assis Chateaubriand e podia-se afirmar que a mesma iniciara suas atividades há mais de dez anos atrás em relação àquela época que morávamos em Rolândia. Através da mesma podíamos saber sobre a moda no Brasil, como eram constituídas as altas sociedades quanto aos seus principais componentes, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, dentre outras. O que discutiam, como agiam, como se vestiam, que festas participavam e locais onde as mesmas se realizavam. Quanto à moda feminina, copiava-se a mesma em todo o Brasil.

No entanto, muito se divulgava sobre fatos políticos, obras públicas importantes que estavam sendo realizadas naquele momento, regiões brasileiras que estavam sendo abertas, etc.etc., bem como viagens internacionais.

Havia ainda, sempre, algum artigo importante do Jornalista David Nasser que chamava atenção. Evidentemente, haviam outros também. No entanto, a participação do fotógrafo Jean Manzon nas matérias jornalísticas de David Nasser muito contribuíam para o destaque dos assuntos abordados.

A Televisão iniciava-se no Rio de Janeiro e isto era um fato igualmente notável almejado pelas demais capitais dos Estados Federativos brasileiros. As rádios Nacional, Tupi, Mayrink Veiga, dentre outras, tomavam a atenção dos brasileiros em todo o território nacional. No entanto, emissoras de rádio já se faziam presentes em todo o território nacional. Principalmente nas capitais dos Estados e nas cidades mais importantes dos mesmos. Caso de Londrina, dentre outras, no próprio Estado do Paraná.

Na minha visão, no entanto, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro se destacava sobre todas as demais de vez que na mesma haviam notáveis programas de humor, informações, música, esporte, novelas, etc. etc. sendo que muitos desses programas eram ao vivo. Principalmente os programas carnavalescos e o próprio Carnaval do Rio de Janeiro.

Notícias dadas pelo Repórter Esso, pela manhã, ao meio dia e a noite, eram imperdíveis para quem desejasse estar atualizado. Assim, através da imprensa radiofônica e escrita, (jornais e revistas), o Brasil vinha sendo melhor conhecido em todo o seu próprio território. Vicejava o “ufanismo” nacional. Fato que nos alcançava no seio familiar. No entanto, uma daquelas reportagens da Revista O Cruzeiro muito me marcou. Fato que jamais esqueci. A que abordava o intrépido pesquisador inglês, (Percy Fawcett), que teria sido morto pelos indígenas amazônicos anos atrás em relação a 1948. Bem como quanto aos seus próprios companheiros. Os ossos dessas pessoas teriam sido descobertos numa região de Mato Grosso próxima a Barra dos Garças havendo aí uma região topográfica alta, (serra do roncador), então um divisor de águas. No entanto, na parte mais próxima da Barra dos Garças. Região onde a vegetação era baixa, típica dos Cerrados. Porém, na verdade, tais ossadas nunca ficaram comprovadas como sendo do Coronel Percy Fawcett e seu filho maior que o acompanhava. Daí restando a dúvida quanto ao verdadeiro local onde o mesmo, (juntamente com seu filho), foi trucidado pelos indígenas.

No entanto, sabe-se que o mesmo saiu da Inglaterra, atravessou o canal do Panamá, (inaugurado poucos anos antes), e chegou ao Peru onde desembarcou. Primeiramente visitando ruínas do antigo Império Inca e na sequência alcançando La Paz e o Lago Titicaca na Bolívia. A partir daí, alcançou Santa Cruz de La Sierra e desta cidade dirigiu-se para o setor da Amazônia Boliviana e na sequência adentrando a Amazônia Brasileira.

O Coronel Fawcett tivera estado outras vezes, anteriormente a 1920/1925, tanto na Bolívia como em regiões brasileiras mas lindeiras com aquele país.

Em função dos vestígios de grandes civilizações ali existentes, milenares, bem como da lenda sobre o ouro dos indígenas, o mesmo concluiu que tal metal valioso somente poderia ter origem no leste boliviano em direção ao Brasil.

Exatamente como imaginavam os invasores espanhóis quando adentrarem ao Peru e à própria Bolívia. Ao descobrirem, primeiramente, a riqueza dos Incas no Peru não lhes foi difícil imaginar que pouco mais abaixo, no Lago Titicaca, existiam verdadeiras cidades indígenas, muito populosas e também com vestígios de ouro. Mas que tal ouro teria origem no leste e não nas Cordilheiras dos Andes. Fato sempre cogitado pelos primeiros colonizadores espanhóis quando chegaram ao Peru e à Bolívia.

E, quanto a isto, Fawcett, mas numa expedição anterior, partiu da Bolívia e alcançou Santa Cruz de La Sierra e daí, serra abaixo, alcançou a localidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, atualmente situada no Estado do Mato Grosso divisa com a Bolívia.

Ressalte-se que esta cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada em 1777 por Dom Antonio Rolim de Moura tornando-se assim, a primeira capital do Mato Grosso. Onde realmente existiu muito ouro pois ali existiu fundição de tal metal. Mas não na quantidade imaginável pelos primeiros espanhóis que chegaram a Bolívia.

Ou seja, quando Fawcett e seu filho foram trucidados pelos indígenas, já havia decorrido um período de mais de cento e quarenta anos entre estes dois episódios. Mesmo assim, Fawcett estava determinado a encontrar o tal Eldorado sempre falado pelos primeiros colonizadores espanhóis que chegaram ao Império Inca.

Um dos primeiros europeus que chegaram ao Império Inca e daí direcionou sua atenção para o Eldorado, (situado na Amazônia), foi o espanhol Francisco Orellana. No entanto, o Rio Amazonas fora

descoberto ainda em 1500 por Vicente Yañes Pinzon que o denominou de Mar Dulce.

Francisco Orellana tendo participado da conquista do Império Inca, certamente deslumbrou-se com tais edificações ali existentes. Ao mesmo tempo, como todos os demais espanhóis, tomou conhecimento que em direção leste existiria uma antiga cidade indígena, denominada Eldorado, onde existiria muito ouro. Fato igualmente falado pelos indígenas que habitavam a Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. E a direção indicada sempre foi para o leste e não em direção a Cordilheira dos Andes ou do Oceano Pacífico.

Realmente, a Amazônia é uma enorme região podendo-se afirmar pertencente a Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil. Assim, ao ser indicado pelos indígenas o “Eldorado”, a localização do mesmo seria tentar encontrar uma agulha num palheiro.

No entanto, Francisco Orellana, partindo igualmente de La Paz, em direção leste, alcançou a atual Amazônia Boliviana através do rio Beni, (possivelmente), e deste chegou ao Rio Madeira notável afluente do Rio Amazonas e por este último alcançou a Foz do mesmo.

Como evidentemente não dispunham de navios, (pois deixados no Oceano Pacífico), mas sim de balsas feitas com árvores, de troncos roliços, a viagem não lhes foi difícil pois a deriva, (embora com leme), aproveitando-se da própria correnteza dos rios por onde navegavam.

Na própria cidade de Sevilha existia uma escola de navegação onde se ensinava navegar bem como orientar-se pelo astrolábio.

Descer o Rio Guadalquivir em direção ao mar ou retornar pelo mesmo a Sevilha, pelas mais variadas e pequenas embarcações era um assunto bastante dominado pelos que se interessavam por este tipo de transporte.

No caminho, defrontaram-se e lutaram contra alguns indígenas. Dentre eles, uma tribo cujos guerreiros eram constituídos por homens e mulheres e que lhes deram combate.

Como sabemos, a largura de qualquer um daqueles rios era significativa. Navegar, utilizando-se a região central de tais rios, lhes assegurava segurança. Mesmo assim, ocorreram lutas. Em vista das presenças de mulheres em algumas lutas, Orellana denominou-as de Amazonas e por consequência o nome do Rio. (Rio Amazonas).

Mas Orellana não descobriu o sonhado Eldorado. Mas que continuou na imaginação de outros.

Porém, Percy Fawcett, fundamentando-se em tais histórias ancestrais e que se iniciaram com os primeiros colonizadores espanhóis ao descobrirem o Império Inca, estava convencido que partindo de La Paz, passando por Santa Cruz de La Sierra e alcançando Villa Bela da Santíssima Trindade, (cidade brasileira já com mais de cento e quarenta anos naquela época), onde comprovadamente existiu ouro no passado, mata adentro descobriria o Eldorado mas numa região mais além.

No caminhar mata adentro, mesmo através de rios, os próprios indígenas que iria encontrando lhe informariam a devida localização. No entanto, tal não aconteceu.

E esta história, pertinente ao Coronel Percy Fawcett, contada pela Revista O Cruzeiro, nunca saiu da minha cabeça.

Agora, (desde há poucos anos atrás), passaram a ocorrer as imensas descobertas dos geoglifos totalmente escondidos pela selva Amazônia e que, de certa forma corroboram que o Percy Fawcett não estava totalmente errado. Ainda mais que o número de tais geoglifos já descobertos são praticamente incontáveis.

Mas o que são os geoglifos?

São desenhos geométricos de proporções gigantescas, basicamente constituídos por valas escavadas pelo ser humano, via de regra constituindo áreas quadrangulares ou circulares, apresentando ao mesmo tempo terra preta, (denominada terra de índio), e, com isto, provando-se, cientificamente, que tal área foi ocupada pelo ser humano desde há milhares de anos. Com isso, possibilitando-se calcular a data do início dos mesmos cientificamente. Por consequência, podendo-se afirmar atualmente que tal povoamento tenha se iniciado numa data

muito anterior ao nascimento de Jesus Cristo. Época das pirâmides do Egito.

Via de regra tais desenhos apresentam a forma quadrangular e com muitas inserções de áreas circulares. Os mesmos começaram a ser descobertos há poucos anos atrás, na região do Acre, a medida que a mata amazônica foi sendo devastada para implantação de campos destinados ao gado. E, continuam sendo.

Atualmente os geoglifos já são incontáveis, preservados pelo Governo do Acre, o que permite-nos concluir que aí nessa vasta região existiu uma enorme população e bem organizada. Porém, a utilização de tijolos nas construções com cobertura utilizando-se de vegetação apropriada, (para construção de moradias e edifícios públicos, bem como religiosos), desagregaram-se ao longo dos anos.

Razão pela qual restaram apenas os geoglifos propriamente ditos.

Mas, como estavam sob as matas durante todo este tempo, somente agora, com a devastação das mesmas para implantação da pecuária, foram descobertos. E continuam sendo. Razão pela qual o próprio Governo do Acre mantém-se receoso no sentido de efetuar uma projeção para melhor quantificar a enorme população humana que aí viveu numa época muito anterior ao nascimento de Jesus Cristo. Percy Fawcett, por decidir-se por outro caminho, mais a leste, não chegou a encontrar o Eldorado. Tampouco, os geoglifos.

No entanto, Francisco Orellana e seus homens, passaram pela região mas não chegaram a se dar conta de tais geoglifos muito embora tenham encontrado muitos indígenas. Mas que, certamente, por medida preventiva evitaram maiores aproximações.

Alguém ainda poderá perguntar;- e o ouro tão falado pelos incas? Villa Bela, Cuiabá, e tantas outras cidades e regiões no próprio Estado Mato Grosso sempre foram prodigas na descoberta e comercialização do mesmo. E continuam sendo. No entanto, na Cordilheira dos Andes, mas na minha opinião, pouco se sabe sobre a localização e extração de tal metal precioso.

O QUE FAZER DA OBRA DO ARQUITETO JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS NA RUA SERGIPE (ANTIGA RODOVIÁRIA)

Muito se tem falado o que fazer da antiga rodoviária de Londrina, (atualmente desativada há anos), encomendada na gestão do Prefeito Hugo Cabral ao Arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Mas inaugurada no final de 1952 pelo Prefeito Milton Menezes. Mesmo dia da inauguração do Cine Ouro Verde. Outra grandiosa obra arquitetônica de tal arquiteto.

No início de 1953, juntamente com minha mãe e meus dois irmãos, tomamos ônibus para irmos à Ibiporã visitarmos Tia Corina. Acredito fosse um sábado. Porém, ventava e chovia muito, atingindo todos os passageiros que ali se postavam. Tal rodoviária, revelava-se muito bonita, porém, com muitas queixas de parte dos passageiros em dias de chuva e ventos fortes. Fato recorrente toda vez que chovia, ventava ou fazia frio. Poucos anos depois, a partir de 1958, já estudando em Curitiba, costumava ali pegar o ônibus da Viação Ouro Branco, e as mesmas reclamações. Portanto, fato que vivenciei muito, pois nos incomodava.

Portanto, embora obra arquitetônica relevante, desde a sua inauguração causou desconforto aos passageiros nos seus embarques e desembarques. Principalmente, nos dias frios, ventos e chuvas que, de per sí, sempre provocaram fortes reclamações dos passageiros. Ainda que arquitetonicamente destacável, nunca obteve percentual aceitável no que tangia a aprovação de parte dos londrinenses.

Agora, poucos anos atrás, executando o Restauro do Cine Ouro Verde, (danificado por violento incêndio), juntamente com o engenheiro José Augusto de Queiroz, (já falecido), discutindo alguns restauros ou adaptações, casualmente acabou fazendo parte da nossa conversa o prédio da antiga rodoviária localizada na Rua Sergipe.

Mas sabíamos que encontraríamos muitas dificuldades diante dos posicionamentos dos arquitetos londrinenses em não ser alterada nenhuma parte da mesma. Mas, a nosso ver, poderia ser aproveitada para uma finalidade melhor.

No entanto, todas as vezes que tais discussões ocorriam na cidade, os arquitetos locais eram contra. Não se podia mexer em nada naquela edificação. No entanto, utilidade prática, nenhuma. Razão pela qual atualmente está abandonada.

Em longas conversas com o José Augusto de Queiroz, entendíamos que alguma coisa deveria ser feita. Mas não se podia mexer em tal edificação. No entanto, chegamos a conclusão que se o proprietário do prédio, (Prefeitura ou UEL), efetuasse as fachadas, tanto na parte norte como na parte sul do mesmo, em vidros espelhados esta solução poderia atender a todos. Porém, o Queiroz, como calculista, imediatamente observou que naquele local a Ação do vento é muito grande. Portanto, a necessidade de uma estrutura metálica para suporte e amparo de tais vidros. Mas esta solução, poderia contrariar os “arquitetos de plantão” na cidade.

Também, de pronto, sugeri ao Queiroz que sendo vidros espelhados, tal fato esconderia a estrutura metálica atrás da mesma. Com isto, o real proprietário do imóvel poderia encontrar uma solução arquitetônica não conflitante com o projeto do Vilanova Artigas.

No atual momento, por que o real proprietário do imóvel, (a Prefeitura Municipal de Londrina), não promove um concurso público para viabilização arquitetônica do intento? Ainda que seja, preliminarmente, apenas um esboço. O prêmio? O efetivo desenvolvimento do projeto e, por consequência, o pagamento ao vencedor conforme a usual tabela de honorários.

O ECLIPSE TOTAL DO SOL EM MAIO DE 1947

Morávamos em Rolândia, sabia-se que haveria eclipse total do sol naquela manhã. Porém a própria Rádio Nacional do Rio de Janeiro já havia informado, no dia anterior, que tal eclipse seria mais visível na região norte do Estado de São Paulo e, principalmente na região sul do Estado de Minas Gerais.

Porém, naquela época, o famoso Padre Antonio, da cidade mineira de Urucânia, através do rádio, efetuava diárias e comoventes sermões a todos os brasileiros que conseguiam sintonizar tal emissora. Até mesmo milagres lhe eram creditados. Seus sermões eram comoventes e lhe atribuíam, mesmo através do rádio, muitas curas. Em vista disso, minha mãe Neolete, morando em Rolândia, cuidando da família e dirigindo os afazeres domésticos, sintonizava diariamente tal rádio.

Eram sermões comoventes, encorajadores, e até mesmo milagrosos segundo muitos que lhe ouviam. Pois muitas pessoas que tinham obtido graças, ou curas, testemunhavam através do rádio. Cujas notícias alcançavam locais até remotos do Brasil.

O meu pai, Aristóteles Belo da Rocha, chefiava a Delegacia da Receita Estadual na cidade. Mesmo diante do intenso noticiário que havia quanto a esse eclipse, mostrava-se cético diante de outros eclipses que presenciara na sua vida, mesmo sabendo que naquele dia poderia ocorrer um eclipse total. Com isto, podendo ocorrer breve escuridão, ainda que por minutos, em Rolândia. Em vista disso, foi trabalhar.

Por outro lado, no dia anterior desconhecia-se, ao menos na região norte do Paraná, principalmente em Rolândia, o grau de vedação que a lua teria para com o sol. Em vista disso, nada mais que um simples eclipse solar parcial e sem muita importância. Nem mesmo a comunidade local tinha uma maior preocupação.

Cursando o primeiro ano primário no Grupo Escolar de Rolândia, minha mãe preparou-me, vestiu-me o guarda-pó branco usual, exigido pela escola, e dirigiu-me para a sala de aula.

Lá chegando, mas após todos os alunos já terem ingressado nas suas salas de aula, a própria Diretora convocou as professoras, estando aí incluída a nossa Professora para uma reunião. Certamente precavendo-se que poderia ocorrer um eclipse total, a lua escurecendo tolamente o sol, o que poderia gerar algum pânico nos alunos.

Em vista disso, ficou resolvido dispensar-nos e que fossemos o mais rápido para as nossas casas. Pois haveria um eclipse. A lua escurecendo o sol, por poucos minutos, podendo haver escuridão. Porém, por poucos minutos.

Devido a isto, todos deixamos as salas de aula e rapidamente chegamos às nossas casas. Quanto a mim, nossa casa situava-se não mais que quatrocentos metros da escola.

No entanto, minha mãe não se assustou. Estava postada junto ao rádio e ouvindo a preleção do Padre Antônio da cidade de Urucânia, como costumeiramente fazia. Porém, ficou-me sensível a gravidade da preleção do mesmo. Muito embora para nós fosse um Padre “Milagreiro”. Pois, neste sentido, dezenas de pessoas, costumeiramente, davam testemunhos das graças recebidas.

No entanto, Padre Antônio estava se referindo àquele eclipse como um alerta Divino para que todos os cristãos acreditassem mais em Deus, participassem dos seus ensinamentos, praticassem o bem, a caridade para com o próximo, se mantivessem na fé, etc.etc., pois ninguém sabia a data do Juízo Final. Fato que, de certa forma, assustava quem estivesse lhe ouvindo.

Enquanto ouvíamos o Padre Antônio, (da cidade de Urucânia em Minas Gerais), a lua paulatinamente foi cobrindo o sol e a poucos minutos surgiu a noite podendo-se ver até mesmo as estrelas.

Fato que, na minha visão, não chegou a durar hum minuto, ou menos. No entanto, assustou-nos. No mesmo instante os “galos” da

vizinhança começaram a cantar. Rapidamente nossa mãe Neolete nos abraçou. Eu, meu irmão Péricles, com então cinco anos, e nossa irmã Roseli com menos de um ano de idade.

No entanto, rapidamente foi surgindo novamente a luz solar. Fato que nos confortou. Por sua vez, padre Antônio, durante tal eclipse emocionou-se e ao mesmo tempo tornou-se mais enfático na emissão da sua pregação. Que teve continuidade em seguida ao eclipse e que nunca mais esqueci. Razão deste presente registro.

Observo que agora, 08/04/2024, tal eclipse novamente ocorreu. Mas não no Brasil. Mas da mesma forma, nos Estados Unidos. Mas igualmente, ocasionando rumores e mal presságios em todo o mundo. Até mesmo, que com esta sinalização Divina, estaria se iniciando uma nova era moral e espiritual para toda a humanidade. Fato que preocupou, inegavelmente, o mundo inteiro.

OS INCÊNDIOS FLORESTAIS

Morando em Rolândia em 1947, perto da nossa casa havia uma grande área florestal. Mas, não Pública. Possuía dono. Geralmente no mês de agosto de cada ano, era perceptível para toda a população norte paranaense que o céu ficava amarelo/avermelhado. Ao mesmo tempo, a existência de fuligem. Com isso causando problemas a todas as donas de casa na limpeza das mesmas e das roupas. Era o caso da nossa mãe Neolete.

Lembro-me que num determinado dia desse mês, irrompeu uma violenta queimada próxima da nossa casa e numa dessas áreas. Fato que preocupou toda a vizinhança. Em decorrência disso, havendo a necessidade de policiais pois corpo de bombeiros não havia. Foi um susto para todos em Rolândia e ao mesmo tempo preocupante pois não se encontrava o causador. Dias depois, soubemos que fora o próprio dono que colocara fogo na mata mas com vistas a um loteamento. Ele próprio assustou-se pois incontrolável devido ao vento.

Dias após, era-nos perceptível a existência somente de grandes árvores. Arbustos e a vegetação rasteira desaparecera. Na sequência, demorando vários dias, surgiram os lenhadores e os cortadores daquelas árvores. Ao mesmo tempo, caminhões que as transportavam. Juntamente com meu irmão Péricles, mais nosso vizinho Elton, filho do sr. Joaquim Inácio, ficávamos horas olhando tais serviços. Mas era um fato que já conhecíamos desde que morávamos em Londrina anteriormente. Geralmente, neste mesmo mês de agosto.

Assim quando surgia o mês de agosto, em vista disso, todos na região já sabiam que era a época do corte e limpeza da área com vistas a transformá-la em algum sítio ou fazenda. Era a colonização do Norte do Paraná. Mas até mesmo desconhecido de parte da nossa mãe Neolete, ainda que ela tivesse origem na zona rural de Joinville. Pois desconhecido para ela própria. Ainda que fosse em menor escala.

Lembro-me que naquela mesma ocasião surgiram gafanhotos aos milhares vindos do norte do Chile. Que por sua vez, se multiplicavam aos milhares. Com isso, causando transtornos por onde passavam.

Também fato marcante naquela época, foi a passagem de dois discos voadores sobre Rolândia. Teriam vindo da região de Londrina e voavam em direção oeste. Fato observado por muitos moradores de Rolândia e igualmente registrado pela imprensa de Londrina. Semanas depois, a notícia mundial que dois discos voadores teriam caído em Roswell, nos Estados Unidos. Seriam os mesmos que passam por Rolândia? Devido a isto, nunca deixei de acreditar na existência dos mesmos. Agora, 2024, notícias sobre discos voadores, bem como quanto a seres extra-terrenos, (embora ainda não comprovados), são notícias quase que diárias.

Esporadicamente, ocorriam realmente incêndios florestais.

Porém, em pouca escala.

Nos meses finais de 1963, no entanto, ocorreu um monstruoso incêndio no norte do Paraná. Principalmente, na região de Ortigueira e outras em direção a Santo Antonio da Platina. O mesmo fora provocado pela longa estiagem que houvera e na sequência raios atmosféricos em dias de céu limpo. No decurso dos dias seguintes ao início do mesmo, as próprias autoridades municipais e estaduais passaram a se preocupar com tal fato. Pois, incontrolável.

A região toda, pertinente a esta enorme área, era só fumaça. Diante disso, as rádios emissoras bem como a televisão de Curitiba, diariamente informavam a população paranaense sobre tão grave ocorrência. Fato que assustou todo o Norte do Paraná. Diante de tais informações, como estudava em Curitiba, preoquei-me com nossa mãe Nelete e com nossos irmãos Pércles e Roseli, então residentes em Londrina. Pois toda a população paranaense, pertinente a região afetada, estava assustada.

Demorou para ser controlado tal incêndio bem como a tranquilidade das pessoas. Fato que nunca esqueci e razão de constar do presente conto.

COMO ERAM OS CLUBES DE SERVIÇOS EM LONDRINA POR VOLTA DE 1956 BEM COMO O MAGISTERIO DO CURSO GINASIAL E CIENTIFICO

Em 1956 cursava eu a quarta série e estava em vias de concluir o curso ginasial.

Era uma época que as rádios em Londrina sempre convidavam destacados palestrantes para algum dos seus programas. Os assuntos eram os mais variados. Aplicação de vacinas em seres humanos, o avanço da medicina no mundo todo, o Cosmos, o surgimento da ultrassonografia, a aplicação de defensivos agrícolas e seus problemas, o que era a genética, para que servia e o seu futuro, a melhoria do transporte ferroviário na região não só para cargas como também para passageiros, a necessidade de melhores rodovias, a televisão que se iniciava no Brasil, o uso da mesma para fins educacionais, a necessidade de Londrina ter uma universidade, etc.etc.

Para tanto o nosso professor de matemática, Moacir Teixeira, então um entusiasta e idealista, sempre recomendava a nossa classe de aula que ouvíssemos tais programas. A maior parte dos companheiros não tinha interesse de vez que, para os mesmos, tais palestras eram chatas e cansativas.

No entanto, ouvindo aquelas primeiras palestras, (mas para mim), ficou-me perceptível que a maioria das mesmas eram proferidas por destacados profissionais ligados ao Lions ou ao Rotary. Na minha visão, entidades elitistas pois compostas por pessoas, a meu ver, de alto nível cultural, social e econômico.

Por sua vez, era-me visível que a maioria da população londrinense, não se interessava por tais palestras. Os programas “caipiras”, logo pela manhã, atraíam a maioria da população londrinense. Porém, na nossa casa não tínhamos este hábito. Bem como, o noticiário pela manhã e a noite, sobre as notícias da cidade,

da região e do país tinham a preferência pública. Visivelmente, os programas “caipiras”, com música inclusive, logo pela manhã possuíam a maior audiência de parte dos londrinenses.

Londrina, já era conhecida nacional e mundialmente como a “capital mundial do café” dada a extraordinária produção do mesmo. E, as projeções para os próximos anos, quanto a produção, colheita e transporte, alcançavam patamares inimagináveis. Razão pela qual Londrina continuava atrair pessoas de todas as origens e regiões do Brasil, pois as projeções que se faziam eram no sentido de que a cidade alcançaria cem mil habitantes já nos próximos anos. O que efetivamente ocorreu.

Em 1957, iniciei o Curso Científico, (Colegial), no antigo Colégio Estadual de Londrina. (Atualmente, 2024, Marcelino Champagnat). Dentre as matérias aí lecionadas, constava Química.

Porém, devido ao rápido crescimento da cidade, tanto o Curso Ginásial, como o Colegial não dispunham de professores formados regularmente no Curso de Filosofia para tanto. (Onde eram formados professores de português, ciências, química, física, matemática, geografia, história, filosofia, etc.etc.etc.).

Em vista disso, o Diretor da nossa Escola, (Ginásio e Científico), o Professor Lauro da Veiga Pessoa, também advogado e destinado pela própria Secretaria da Educação do Paraná para a assumir tal cargo, desde que aqui chegou, por volta de 1953, sempre cooptou o Juiz, o Promotor Público, o médico, o Padre, Advogados da cidade, para poder complementar o incipiente quadro de professores então existente. No entanto, quanto a matéria Química, era um enorme problema.

Assim por ocasião do Curso Científico, o Diretor Lauro da Veiga Pessoa cooptou o químico Giuseppe Migliônico, italiano, recém chegado a cidade, responsável técnico pela química da empresa denominada Londrifarma, que atuava na produção de determinados medicamentos. Era uma destacada empresa nessa área, localizada na Rua Guaporé.

O Curso Científico no Colégio Estadual de Londrina, era lecionado à noite.

Lembro-me quando o mesmo adentrou a nossa sala e se apresentou. Mas o mesmo não falava português e sim italiano. Pois recém chegado da Itália. No entanto, o fez de forma pausada o que permitiu a todos nós, seus alunos, bom entendimento. Entendemos que o mesmo era o responsável técnico pela produção de medicamentos da Londrifarma e seria o nosso Professor de Química.

Em seguida, fez uma palestra sobre a Química, também pausadamente, de bom entendimento de nossa parte seus alunos. Ainda que alguns companheiros de classe tivessem alguma dificuldade em entendê-lo. Na verdade, para todos nós pois mais nos preocupávamos com a tradução do que o assunto propriamente dito. Ao mesmo tempo, indicou-nos o livro de Química, determinado pelo próprio Ministério da Educação e Cultura, que iríamos seguir. A maioria de nós, seus alunos, mesmo com dificuldades, o entendemos.

Em seguida, o mesmo dirigiu-se para o Quadro Negro e colocou os tópicos da Química, pertinente aquele ano Colegial, que iria lecionar. Química Inorgânica, (que seria o que ele iria lecionar), e Química Orgânica nos anos seguintes. Na química inorgânica, envolveria molécula e sua interligação com o átomo, o que seria o átomo propriamente dito e sua composição, o que seriam os compostos químicos inorgânicos e orgânicos, e numa fase mais avançada a físico-química e a química analítica. Igualmente, a química orgânica.

Ao mesmo tempo, efetuando um breve relato sobre cada tópico. Ao final, nos tranquilizou afirmando que ele iria nos ensinar de forma que iríamos gostar. Fato que realmente ocorreu e que nunca mais esqueci.

Ao final de dois anos depois após, prestei o vestibular de engenharia na Universidade Federal do Paraná e fui aprovado. Com isto, passando a cursar o primeiro ano de engenharia.

Numa das vindas a Londrina encontrei, casualmente, na Avenida Paraná em Londrina, o Professor Giuseppe Miglionico. Ao saber que

estava iniciando o Curso de Engenharia, convidou-me para visitar o seu clube rotário. O Rotary Cube Londrina Norte que funcionava no Terraço do Edifício Sahão, onde também havia um restaurante. Local que conhecia desde os meus tempos colegiais em Londrina, pois via de regra ali acontecia alguma festa patrocinada pelos jovens da cidade o que me atraía.

Era um local belíssimo, a meu ver “chic”, muito bem frequentado pelos jovens da cidade, possibilitando-nos uma visão belíssima da cidade e da própria região. Nas festas a noite, com céu estrelado, podia se até mesmo ver as luzes da cidade de Cornélio Procópio que distava, em linha reta, em torno de sessenta quilômetros. Fato que destacava aquele Terraço.

Conforme o combinado, devidamente acompanhado pelo Professor Giusepe Miglionico comparecí a tal local. Sentia-me envaidecido por tal convite. Iniciada a sessão, o Professor Giusepe me apresentou ao seu clube afirmando que eu fora seu aluno e agora cursava o primeiro ano de Engenharia em Curitiba. Fato que mereceu de alguns presentes para comigo os devidos cumprimentos.

O Presidente era o médico Ascêncio Garcia Lopes. No entanto, já conhecia, ao menos de vista, outros ali presentes. Pois muito destacados na cidade. Dentre os mesmos, os rotarianos Avano Campos, Odesio Franciscon, Pedro Vasconcelos, Arvid Ericssen, Wilson Moreira, Elias Cesar bem como o médico Romão Sessak.

Ficando evidente outros sócios que, após a minha apresentação ao clube como convidado do Professor Giuseppe, muito me elogiaram. Fato que nunca esqueci.

Muitos anos depois, já exercendo a engenharia na cidade desde há tempos, em 1970, ingressei no mesmo clube do Professor Giuseppe. O Rotary Clube Londrina Norte. Agora, tendo como padrinho o Sr. Elias Cesar. Sendo que o professor Giusepe teria retornado a Itália. Razão do presente registro que faço ao Rotary Clube Londrina Norte. Em homenagem ao saudoso Professor Giusepe Migliônico.

SOBRE O RUI CUNHA

Desde os anos de 1953, conhecia o Rui Cunha. Naquela época, ainda iniciando o meu curso ginasial e o mesmo já destacado cidadão londrinense. Exercendo a Promotoria Pública da cidade de Londrina. No entanto, em agosto de 1957, iniciei na Prefeitura Municipal de Londrina atividades pertinentes a serviços no antigo Departamento da Fazenda da mesma. Local onde haviam muitas conversas não só entre os próprios funcionários como também de parte desses para os que rotineiramente se faziam presentes. Era o caso do Rui Cunha. Alto, elegante, simpático, educado, sempre bem vestido, tido como contumaz namorador na cidade. Por isto mesmo, muito disputado pelas senhoritas muito embora o mesmo já não fosse mais tão jovem assim.

Ocasão que talvez Londrina talvez ainda não contasse com alguma junta de conciliação e julgamento para decisões de causas entre patrões e empregados. Assim, via de regra, as causas iniciavam-se e findavam na Justiça comum. No entanto, iniciava-se, via de regra, junto a Promotoria Pública da cidade.

De minha parte era sensível que grande parte dos questionamentos tinham origem no inter-relacionamento entre clientes questionando valores cobrados por hospitais e médicos. Pois, inegavelmente, havia já uma Associação Médica atuante, organizada, disciplinada, bem como uma rede hospitalar, contra os quais os questionamentos de doentes ou clientes quanto a custos hospitalares e honorários médicos eram uma constante. E isto tudo fluía para a Promotoria Pública.

Igualmente, quanto as questões trabalhistas, comerciais e funcionais. Principalmente, de parte dos arrendatários de terras que após trabalharem muitos anos nas propriedades rurais viam-se despedidos e sem novos locais para morarem. Muitos destes

reivindicavam uma reparação econômica de vez que trabalharam muitos anos para o mesmo patrão e na mesma propriedade rural e agora estavam sendo despedidos. Daí, as reivindicações dos mesmos junto a Promotoria.

Por sua vez, a cidade de Londrina possuía duas rádios comunitárias importantes. Assim, ambas, nos seus jornais radiofônicos diários, possuíam bons locutores que, via de regra, se postavam ao lado dos reclamantes e ao mesmo tempo estendiam suas considerações sobre os pertinentes questionamentos.

Sempre se posicionando ao lado dos reclamantes e criticando as autoridades. Ao mesmo tempo, argumentando melhor as causas dos reclamantes.

Assim, era perceptível para a comunidade londrinense as deficiências que possuíam as autoridades locais para o devido atendimento. E não havia naquela época, a quem mais recorrer. Neste contexto, via de regra, surgia o nome do Promotor Rui Cunha, dentre outros, cujas intervenções judiciais e públicas, via de regra, não atendiam os reclamantes e, por consequência, a própria comunidade londrinense. Pois a argumentação radiofônica, inegavelmente, não deixava de ser a porta voz do morador londrinense.

Assim, no sentido de ironia, (mas respeitosa de parte dos funcionários da Prefeitura Municipal à qual eu passara a pertencer), a voz corrente era que o “namorado” da Maria Calderón, (então diretora da Biblioteca Pública de Londrina), acabara de ingressar no recinto. A Maria Calderón já era, (mas apenas na minha visão), uma senhora, por volta dos seus quarenta anos de idade, solteirona, muito ágil, competente, autoritária, diligente e responsável na sua tarefa funcional. Ao mesmo tempo, muito respeitada na cidade.

Sabidamente, o Promotor Público Rui Cunha veio para Londrina pouco tempo depois que a mesma se tornou município e, por consequência, após a instalação do Forum Judicial propriamente dito. E isto ocorreu poucos anos antes de 1940.

Quando o Rui Cunha, aqui chegou, dado ao seu aspecto físico, condição social, simpático, jovem Promotor Público, evidentemente provocou o alvoroço das jovens londrinenses as quais pertenciam as melhores e mais destacadas famílias. Eram a elite londrinense.

Em 1935, após a construção da ponte ferroviária sobre o rio Tibagi, em Jataizinho, o trem que partia de São Paulo, ou até mesmo de Curitiba, alcançou Londrina. Cinco anos antes da finalização da estrada rodoviária do Cerne que partindo de Curitiba somente alcançou Londrina em 1940.

Naquela época, eram costumeiras as reuniões sociais, (também dançantes), se realizarem no antigo Hotel Luxemburgo. Hotel, restaurante e como possuía um amplo espaço social neste mesmo ambiente, aí se realizavam as costumeiras festas cívicas e sociais da cidade. Para tanto, até mesmo uma orquestra podia se fazer presente. Por sua vez, a Maria Calderón era uma das líderes na organização daquelas festas. Dado a isto, neste ambiente, o Rui Cunha recebeu destacado e acolhedor tratamento na cidade. Provocando até mesmo disputas de parte das jovens para com o mesmo.

Na sequência, ao longo do tempo, percebeu-se que o mesmo participava daquele ambiente, fazia questão de ser assíduo a tais festas, envolvia-se emocionalmente, alternando relacionamentos, o que provocava decepções nas moças que se viram envolvidas. Ao longo dos anos este posicionamento do mesmo sedimentou-se no seio da sociedade londrinense. Fato que teve sequência ao longo de toda a vida do próprio Rui Cunha até praticamente o seu falecimento já em idade avançada.

Por sua vez, a partir dos anos de 1960, a Promotoria Pública de Londrina passou a contar com mais outros jovens Promotores. Ainda que agora, já houvesse a pertinente Junta de Conciliação e Julgamento na Justiça do Trabalho. Com isto, as reivindicações trabalhistas contra os seus pertinentes empregadores.

Porém, nestes anos quando tais questões alcançavam a Promotoria Pública o Rui Cunha via de regra deixava tal tarefa para outros Promotores mais jovens muito embora vivenciasse o mesmo ambiente de trabalho. Inegavelmente, os mesmos trocavam ideias com o próprio Rui Cunha para assunção e encaminhamento judicial daqueles novos questionamentos.

Em março de 1964, ocorreu a Revolução. Nesta ocasião, os que advogavam as reivindicações daqueles trabalhadores foram tachados de comunistas. Estando aí incluído o jovem Promotor Público da cidade. Simpático, conhecido, culto, mas que não se viu amparado e defendido pelo próprio Rui Cunha que era a pessoa que mais poderia defendê-lo.

Ao longo de sua vida, o Rui Cunha teve filhos, embora não tivesse jamais se casado com esta ou aquela mulher. Daí, a ocorrência de processos judiciais para reconhecimento da paternidade. Fatos que acabaram lhe criando problemas ao final da sua vida pois muito cioso de si próprio como também de seus pais e antepassados. Ressalto, que anos depois, a cidade tomou conhecimento que o mesmo acabou reconhecendo seus percalços.

No entanto, a nível de Rotary, sempre foi assíduo, bom Presidente do seu Clube o que lhe permitiu ser o primeiro Governador do pertinente Distrito Rotário. E neste sentido, muito contribuiu. Razão pela qual foi indicado pelos próprios rotarianos da região como Patrono de uma das Cadeiras da Academia Brasileira Rotária de Letras, Seção Paraná. A minha.

CONCEPTORES DE SONHOS PARA LONDRINA E A NECESSIDADE DE BONS EXECUTORES COM OS PÉS NO CHÃO

Desde há anos, sempre ouvimos proposições de políticos londrinenses, por ocasiões dos pleitos eleitorais, de grandes obras para a cidade.

No entanto, pertencendo a comunidade dos engenheiros e arquitetos de Londrina, gostaria de ressaltar que para que tais sonhos se tornem realidade, (no que tange a idealizações de obras públicas), na nossa ótica existe a necessidade, em seguida a concepção de tal sonho, a verificação da segurança, da estabilidade, do conforto, da boa arquitetura destacada, bem como custos, meios e procedimentos para realização do sonho, prazo de execução, preço total envolvido e, ainda, recursos econômicos existentes e possíveis durante a construção do mesmo. Quanto a estes últimos, de forma segura.

A experiência tem demonstrado à própria cidade que emendas parlamentares atendem mais aos pequenos sonhos. Mesmo assim, é preciso envolvimento da maioria dos nossos representantes federais ou estaduais. E, quanto a isso, cada representante político defende a sua própria corrente partidária e dificilmente se agrupa ao programa maior da cidade.

Quanto a isso, por experiência própria, (mas anos depois do caso da Rodoviária de Londrina), aponto o caso do Teatro Municipal de Londrina cuja construção esteve a cargo da nossa empresa construtora por decorrência de licitação pública. Naquela época a cidade de Londrina sonhou com seu Teatro Municipal. Embora na cidade já houvessem o Cine Ouro Verde, Teatro Marista, Teatro do Colégio Mãe de Deus e Teatro do Colégio Filadelfia. Mas várias cidades do sudoeste do Paraná estavam construindo seus Teatros Municipais com utilização de verba federal ou estadual. E, por esta razão, se destacando.

Por sua vez, a cidade passou a contar com o deputado federal, André Vargas, que se notabilizou por ocupar a Presidência da Câmara dos Deputados em Brasília. Fato inédito e marcante para a cidade de Londrina. Em vista disso, o mesmo motivou-se a participar da ideia de se dotar a cidade de Londrina com um notável Teatro Municipal.

Mas iniciativa que deveria partir da própria Prefeitura Municipal. Diante disso, foram elaborados todos os projetos, destacados arquitetonicamente, diga-se de passagem, por arquitetos de São Paulo. A ser construído em terreno de propriedade da Prefeitura que acabou legalizando-o para tanto. Cujo custo, já de início, altíssimo para os próprios cofres municipais. No entanto, passando a existir recursos econômicos decorrentes de emendas parlamentares, nenhum óbice haveria.

Em vista disso, efetuou-se licitação pública para a pertinente construção, sendo a nossa empresa vencedora e, por consequência, contratada.

A Prefeitura nos solicitou agilidade na construção de vez que sabidamente a primeira emenda parlamentar, (complementada por recursos próprios da municipalidade), não seria suficiente. A agilização da construção da obra influiria nas solicitações de complementações. Como havia bom senso em tais procedimentos, iniciamos a obra ficando estabelecido com a Prefeitura que primeiramente faríamos movimentações de terra, fundações, bem como o próprio esqueleto da estrutura de concreto armado. Em vista dessa solicitação da Prefeitura, fizemos a complementação da terraplenagem, adquirimos toda a ferragem, andaimes, escoramentos metálicos, e iniciamos a obra segundo ao atendimento do cronograma proposto e aprovado pela municipalidade.

Porém, vencida a etapa, evidentemente apresentamos a nossa fatura. A Prefeitura então nos respondeu que não viera ainda a verba pertinente a emenda parlamentar. Mas se dispôs a pagar, com recursos próprios ao menos, aquela primeira fatura nossa. Em vista disso, nos

solicitou que não parássemos tais serviços. Na sequência, faturamos a segunda parcela e igualmente ocorreu o mesmo fato. Não pagamento. Pois até mesmo a própria Prefeitura Municipal passou a nos alegar que não possuía recursos próprios para tanto.

Ficamos indecisos, quanto a continuidade. Pois de nossa parte, com nossos próprios recursos, já nos encontrávamos exauridos. Mesmo assim, tomamos a decisão de complementarmos todo o esqueleto em concreto armado pois ferragens, formas, escoramento metálico, andaimes metálicos, já se encontram agregados ao próprio esqueleto. Concluímos o esqueleto em concreto armado. Por consequência emitimos as faturas restantes mas pertinentes aos serviços executados. De parte da Prefeitura, sempre nos afirmando que aguardava a liberação da emenda parlamentar pois recursos próprios não possuía. Ao longo dos meses, devido a falta de pagamento, tais créditos que possuíamos acabaram se tornando precatório. Cujo pagamento, até os dias de hoje, (2024), ainda não ocorreu. Portanto, registrando este fato com conhecimento de causa.

Evidentemente, alguns sonhos da cidade, mas no passado, acabaram se realizando. Dentre os mesmos o sonho da Via Expressa, o sonho do melhor abastecimento de água para a cidade e tratamento de esgoto, o sonho de uma própria central telefônica, o sonho de uma usina para tratamento do lixo, o sonho da transferência da linha ferroviária, e tantos outros.

Mas para tanto, há que existirem tais conceptores de sonhos. Elenca-los, não é fácil, pois cada um no seu próprio tempo e no passado.

Vivenciando a Administração Pública, (porém como associado do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina bem como do nosso clube rotário, o Londrina Norte), na qualidade de um dos tantos representantes da comunidade que existiram por solicitação do Prefeito Municipal para apreciação e encaminhamento de importantes assuntos afetos a comunidade, ousou afirmar que dentre tantos conceptores de sonhos, além do Prefeito, existiram, na minha

opinião o Sergio Bopp, o Luís Cesar da Silva, o Luís Pinheiro Monzoni, o Bortolotti, e, principalmente, mas na minha ótica, o Léo de Judá Barbosa. Este, o mais arrojado nos seus sonhos.

A começar pelo próprio Moringão na Administração Dalton Paranaguá como um daqueles desafios e que resultou da ideia do Leo. Iniciada a construção, bem como efetuada a cobertura, tal obra viu-se paralisada por falta de recursos municipais. Tempos depois, foi retomada. Porém, o executor inicial não quis dar continuidade. Porém, a mesma já se encontrava coberta e com arquibancadas bem como quadra esportiva quase que concluída. Em vista disso, a Prefeitura efetuou uma licitação para tanto. Cabendo a nossa empresa, (Técnica Canadá Engenharia e Construções Civis Limitada, naquela época), a conclusão total de tais serviços.

Sabidamente, ainda na Administração do Dalton Paranaguá, o mesmo envolveu-se não só na solução quanto a contratação de empresa especializada da linha férrea bem como em outros tantos projetos.

Anos depois, já na Administração do Antonio Belinati, na idealização da nova Rodoviária de Londrina. Cujo projeto arquitetônico coube ao arquiteto renomado Oscar Niemeyer. Inicialmente, pensava-se concluí-la com complementações de verbas do próprio Ministério do Transporte pois quanto a execução da primeira etapa nenhum problema houve. Deu-se início aos serviços, porém, extinta a primeira previsão necessitou-se de complementação. No entanto, o próprio Ministério oficializou ao Município a impossibilidade. Este, por sua vez, nenhuma disponibilidade possuía de vez que fizera, anteriormente, uma notável desapropriação da área a fim de viabilizar a construção do sonho da Rodoviária. Diante disso, também por falta de recursos municipais, tal obra, embora importantíssima para a cidade, ficou paralisada.

Mas foi uma promessa de todos os candidatos concluí-la.

Inclusive do Prefeito que se viu eleito. O Wilson Moreira.

Podia-se afirmar que esta obra da nova rodoviária contemplaria todas as necessidades para atendimento ao público. Bem como às

próprias empresas rodoviárias, passageiros, restaurantes, locais de descanso, etc.etc.

Neste sentido, tal projeto arquitetônico do Oscar Niemeyer, era inquestionável. Mas como concluí-lo com os próprios recursos municipais?

Por outro lado, existia uma empresa executora da obra e o contrato com a mesma estava apenas suspenso e não rescindido.

Não existiam mais verbas, para a boa continuidade da obra. Mas havia a presença de cláusulas contatuais com tal empresa prevendo rescisão com multa à Prefeitura de Londrina. No entanto, neste contrato, além das cláusulas contratuais, havia discriminação de todos os serviços envolvidos, a serem realizados, suas quantidades e seus devidos preços unitários e totais.

Tomando posse, o Wilson Moreira, analisou tal contrato e anexos. Com isso, convenceu-se quanto a impossibilidade de concluir tal obra apenas com recursos municipais. Diante disso, mais a convicção de falta de recurso federais para tanto, o Wilson passou a cogitar de uma solução caseira para a finalização de tal obra. Em vista disso, juntamente com seu Secretário de Obras, o jovem Junker de Assis Grassiotto, iniciaram longas e demoradas visitas ao local.

Na sequência, o Wilson Moreira convocou o engenheiro Antonio Galindo Moreno e a mim eng. José Pedro da Rocha Neto, para analisarmos e efetuarmos um parecer sobre os preços unitários propostos pela empresa construtora contratada pela Prefeitura, sobre cada serviço a ser executado.

Porém, desde o início da minha renúncia como Secretário do Prefeito Richa, dirigindo o Pavilon, eu não me somava com o Wilson. Pois até um dos coordenadores da campanha do Osvaldo Macedo à Prefeitura de Londrina, também do MDB, como o Wilson Moreira, eu fora. Porém, o Osvaldo Macedo era um dos políticos mais capacitados que Londrina já teve. (Na minha opinião). Orador invejável, mas não venceu o pleito mas sim o Wilson.

Mas desde a época do Richa, o Wilson já sabia que pertencendo e dirigindo a Técnica Canadá, tradicional empreiteira de obras públicas estaduais, eu possuía uma grande intimidade na execução das mesmas. Conhecendo de cor e salteado os preços unitários correntes na construção civil. Mas delegou ao Antonio Galindo Moreira que me fizesse tal convite.

Explicado o assunto, bem como a razão de ser efetuado um novo orçamento para a conclusão da nova Rodoviária, (cujos serviços encontravam-se paralisados), aceitei e em seguida fomos ao Wilson que nos recebeu de imediato. Bem como nos confirmou a razão de tal solicitação. Pediu-nos sigilo, no entanto.

Tal empresa construtora, era de outro Estado e não local.

De posse de uma tabela oficial de preços unitários, usualmente utilizada pelo Governo do Estado do Paraná, nas suas licitações públicas, efetuamos comparações. Em seguida, coube a nós orçarmos outros serviços não contidos na mesma. Fizemos um relatório e apresentamos a nossa conclusão ao Wilson Moreira. Praticamente, todos os preços unitários dos serviços propostos por tal empresa construtora, estavam muito acima dos preços correntes usualmente utilizados nas licitações públicas do Estado do Paraná. Com isso, entregamos ao Wilson Moreira um possível novo preço caso houvesse nova licitação ou até mesmo para execução por Administração.

Diante disso, mas sempre efetuando análises do que poderia ser suprimido ou modificado, etc.etc. o Wilson Moreira passou a filosofar sobre o melhor encaminhamento dos serviços. Agora, a cargo da Prefeitura Municipal.

Visualmente, poderia se afirmar que a obra, fisicamente, contava com percentual muito próximo dos cinquenta por cento, realizado. Porém, economicamente, para concluí-la dentro dos preços propostos pela empreiteira executora da obra era bem maior do que o total que havíamos chegado. Sendo que a construção da enorme abóboda toda em concreto armado, concebida pelo arquiteto Niemeyer possuía um

valor total inacreditável. (Ao menos era o que parecia a toda população londrinense dada a exposição gráfica da mesma).

Porém, era o destaque arquitetônico. Fato que chamava atenção de qualquer orçamentista na construção civil. Fosse uma estrutura metálica abobadada, também de valor maior do que uma estrutura metálica plana que foi adotada pelo Wilson.

Para tanto, já de imediato, o Wilson, se posicionou a favor de não executá-la daquela forma mas sim mais simples. Através de uma estrutura metálica plana que muito se parecia com a estrutura metálica do Moringão. Concebida pelo Leo de Judá de Barbosa anos atrás. Ainda mais, que tal estrutura metálica do Moringão possuía apenas quatro pontos de apoio em toda a sua extensão. Fato que destacava tal estrutura metálica na própria cidade de Londrina.

Agora, para o caso da Rodoviária de Londrina, a estrutura metálica seria plana. Apoiada em trinta e seis, (ou trinta e oito), pilares que já se encontravam executados mas destinados a abóboda. Havendo um ôco de cobertura na parte central onde seria colocado um pátio interno e descoberto. Caixa d'água, área de lazer, etc.etc.

Com tantos apoios, evidentemente, o custo de tal estrutura metálica seria bem menor.

Como faltavam acabamentos, interna e externamente, o Wilson Moreira, iria aí intervir. Modificando para um custo menor.

Por outro lado, o eng. Junker de Assis Grassiotto, Secretário de Obras naquela ocasião, era competente profissional calculista, não se podendo afirmar, embora jovem, que não teria intimidade com tal fato e solução. Cabendo ao mesmo comunicar ao arquiteto Niemeyer tal alteração e a justificativa para tanto. Conseguiu. Mas não lhe foi tarefa fácil.

Na sequência, o Wilson Moreira concluiu que poderia criar Ações para uma espécie de Consorcio da comunidade com vista a arrecadar fundos para a conclusão da obra. Da mesma forma, vender espaços para bares, restaurantes, boxes para empresas

de ônibus, etc.ec. Até mesmo executar um estacionamento de veículos a interessados. Ao final de poucos meses mais, a nova Rodoviária de Londrina ficou pronta e funcionou.

Tempos depois, o Wilson Moreira envolveu-se na construção do Terminal Urbano da cidade. Anteriormente, localizado no centro. Praticamente, ao lado da Catedral. Porém na rua Piaui. No trecho localizado no Bosque de Londrina.

Este novo terminal urbano agora passou a se localizar na rua Benjamim Constant. Entre as ruas Professor João Candido e São Paulo. Local onde existira, anteriormente, a Coletoria Estadual bem como outros prédios públicos. Portanto, de fácil destinação ao novo Terminal Urbano.

Da mesma forma, o Wilson Moreira o construiu de maneira mais simples arquitetonicamente, bem como custos. Na parte superior do mesmo, pequenas coberturas em concreto armado que mal protegiam, (e protegem), os usuários.

Fato que mereceu discordâncias. Principalmente, de parte do arquiteto Leo de Judá Barbosa. Na opinião do mesmo, tal cobertura deveria ser maior. Ainda que fosse metálica. Devendo existir uma interligação subterrânea, (sob a via leste oeste), com o Terminal de ônibus interurbano que regularmente chegava a cidade. Para tanto, devendo existir desapropriação da área onde funcionava a empresa comercializadora de café. A Intercontinental. Mas, para isso, deveria haver, preliminarmente, a desapropriação de tal área. Com a passagem subterrânea sob a via leste oeste, deveriam existir esteiras rolantes permitindo a integração de acessos de uma unidade para a outra.

Evidentemente, a cidade de Londrina, sempre contou com muitos sonhadores que ajudaram a cidade. Dentre os mesmos destacados técnicos do próprio setor público. Ainda que se possa esquecer os nomes de alguns, os engenheiros Amilcar Neves Ribas, e o Arvid Augusto Ericssen no setor de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto. Este último com notável participação na

solução quanto a opção pela captação de água no próprio rio Tibagi dada a consultoria do Técnico Enaldo Cravo pexoto.

Inegavelmente, a cidade não pode esquecer a participação do técnico paulista Prestes Maia que se viu convocado pelo Prefeito Milton Menezes nos anos de 1950 para planejar e disciplinar o crescimento da cidade de Londrina e que até hoje é a espinha dorsal de tudo que acontece na mesma quanto ao urbanismo, zoneamento e arruamento. Bem como preservação de fundos de vales e tudo o mais que interessa a cidade.

Inegavelmente, utilizando-se de duras palavras, mas no bom sentido, da ousadia e sonhos dos pertinentes Prefeitos a tais grandiosos feitos. Pois, desde os anos de 1940, até hoje, 2024, cada um, no seu tempo, deixou a sua marca. Mas sem esquecer dedicados funcionários públicos municipais e que tanto lutaram na defesa dessas ideias e das pertinentes leis urbanas que aí decorreram. Foi uma inegável luta. Mas continua sendo, defender um bom sonho e de difícil execução. Somemo-nos aos novos sonhadores.

FATO DECISIVO RELATADO POR RUI CUNHA

Rui Cunha foi um dos primeiros Promotores Públicos a chegar em Londrina. 1939. Em dezembro de 1934 foi instalado o município de Londrina tendo sido a cidade criada em 1932.

Já existiam centenas de casas, um bom núcleo populacional, moradores ilustres, porém a Comarca estava sediada em Jataizinho. Somente em 1935, foi criada a Comarca de Londrina. Ocasão em que foram nomeados o Juiz, Promotores, Cartorários, etc. A Instalação da Comarca ocorreu, porém, um pouco mais tarde. Por volta de 1938. Ocasão que Rui Cunha foi nomeado um dos Promotores Públicos da cidade e nesta condição veio para Londrina. Alto, simpático, boa aparência, solícito, logo se entrosou na comunidade e já em novembro de 1940 fez parte da constituição do Rotary Clube de Londrina.

Quando ingressei no Rotary Clube Londrina Norte, por volta de 1970, constatei que o Rui Cunha gostava de frequentá-lo pois não perdia nenhuma reunião. Alguns companheiros justificavam que o Rui Cunha, sendo solteiro, aproveitava para fazer as suas refeições mas, como sabemos, cada rotariano paga a sua. Outros, afirmavam que aquela constância tinha se tornado um hábito de parte do Rui Cunha pois o mesmo fato também ocorria nos outros clubes rotários da cidade.

A verdade, no entanto, é que o Rui Cunha, sempre tinha ótimas e interessantes histórias a quem se sentasse ao seu lado. Era o meu caso.

O Rui falava com conhecimento de causa sobre as primeiras festas que aconteciam em Londrina quando aqui chegou. Das primeiras pessoas que conheceu, dos antigos companheiros do seu Clube Rotário, dos Juizes e dos Promotores Públicos. Da figura do Interventor Manoel Ribas, dos antigos Prefeitos, Willie Davids, Munhoz de Mello, Gabriel Martins, Aquiles Ferreira Pimpão, Milton Menezes, Hugo Cabral e tantos outros.

Nunca deixava de falar nas viagens a Curitiba, ou a sua terra natal, (Jaguariaíva), por trem ou mesmo pela Estrada do Cerne assim que esta viu-se funcionando a partir da inauguração da ponte rodoviária sobre o rio Tibagi. Anteriormente, existia a balsa que permitia a mesma coisa. Porém, a ponte rodoviária somente viu-se concluída em 1940.

Falava também das próprias dificuldades que a cidade possuía, dos primeiros médicos, engenheiros, farmacêuticos, advogados, comerciantes, etc.etc. Bem como das constantes reivindicações da população londrinense pois, inegavelmente, a feição da cidade, extraordinariamente se modificava mês a mês e aceleradamente.

Podia-se afirmar, sem qualquer sombra de dúvida, que o Rui Cunha era um arquivo histórico ambulante pois tinha uma memória incrível.

Um dia apareceu numa das nossas reuniões rotárias, o companheiro Ludovico Surjus, também pertencente ao clube rotário do Rui. Pessoa que eu já conhecia desde que iniciei meus serviços junto ao escritório do Celso Gomes. Ludovico repetia as mesmas histórias. Fora topógrafo que participou das medições e demarcações de terras numa época anterior aos ingleses bem como assinara a Ata da Instalação do Município em 1934. Dizia-se nascido na França, mas na região da Catalunha, num local próximo da divisa com a Espanha. Veio para o Brasil ainda criança. Mas participou da Primeira Guerra Mundial na Europa, (convocado pela França), e já nos primeiros anos de 1920 passou a morar em Sertanópolis.

O mesmo participou de serviços com o engenheiro Joaquim Vicente de Castro, na Gleba Apucarana. O senhor Ludovico sempre afirmou que saía de Sertanópolis e ia à Gleba Apucarana com muita facilidade. Diante disso, imaginei que o caminho percorrido por ele, embora ainda não fosse estrada, ao menos era um caminho antigo, de fácil transito através de cavalos, carroças e até mesmo a pé.

Assim, quando os ingleses chegaram para colonizar Londrina, o mesmo já se fazia presente na região há muitos anos. Posteriormente, com a chegada dos ingleses, o Sr. Ludovico trabalhou para a Companhia de Terras Norte do Paraná. Também, como topógrafo.

Diante da presença do sr. Ludovico, que sentou-se ao lado do Rui, a nossa conversa foi muito produtiva. Ao menos para mim. Fato que jamais esqueci. Principalmente, pelo fato de que ambos, (Rui e Ludovico), tinham muitas histórias o que me despertavam atenção. Fato marcante, era o relato do Sr. Ludovico Surjus que a cidade de Londrina, geograficamente, situava-se praticamente sob o Trópico de Capricórnio que passava na região da Três Bocas.

Principalmente, no tocante ao clube rotário de ambos assim que se viu constituído. Sobre os primeiros passos do Rotary Clube de Londrina.

Contava Rui Cunha, que num determinado dia, à tarde, recebeu aviso de que não haveria jantar e que os sócios desse clube estavam convocados para uma reunião especial a ser realizada na antiga sede da Associação Comercial de Londrina. Então situada quase que na esquina da Rua Minas Gerais com Santa Catarina. Mesmo local onde fora fundado o seu clube rotário. Lá compareceu. Faziam-se presente a quase totalidade dos associados deste clube.

O Dr. Ulisses Medeiros, então Presidente do Clube, inicia a reunião. Ao mesmo tempo que declara que, em entendimento com seus companheiros de Diretoria, havia decidido suspender a reunião jantar em face de graves informações recebidas do vigário da cidade, (Padre), sobre a Instituição Rotariana. Em vista disso, ele (Ulisses Medeiros), vice-presidente, o primeiro secretário e mais destacados companheiros do clube, estavam decididos, desde logo, a não mais participarem do Rotary Clube Londrina. Ao mesmo tempo, convidava os demais companheiros a dissolverem-no para não entrarem em choque com a igreja.

O auditório ouviu calado a exposição do Ulisses Medeiros, pois este era o Inspetor de Terras do Estado do Paraná na região, e gozava de grande estima de parte dos londrinenses. O Ulisses Medeiros era cunhado dos irmãos engenheiros Francisco e Alexandre Beltrão os quais exerceram destacadas funções por ocasião da ocupação do Norte do Paraná. Bem como, do engenheiro Joaquim Vicente de Castro que foi o primeiro Prefeito Municipal de Londrina. O Ulisses Medeiros morava numa grande e imponente casa de madeira situada na Praça Primeiro de Maio que possuía um bem cuidado quintal todo gramado onde hoje é atualmente o Edifício Mônaco. Posteriormente, tal propriedade foi vendida ao médico João Figueiredo que ali morou e possuiu consultório médico.

Diante disso, repentinamente, o Rui Cunha viu o clube ir por água abaixo. Os companheiros que se retiraram, eram justamente os dirigentes do clube. No entanto, em seguida, começaram a pedir a palavra os companheiros que se faziam presentes naquele plenário.

O companheiro David Dequech, no seu estilo conversador, reticente e hábil, manifestou-se pela continuação do Rotary, sem desagradar os amigos que se retiravam e, ainda, fazendo elogios ao vigário.

Falou, em seguida, o médico Newton Câmara que naquele tempo era apelidado como “perereca”. O mesmo ajudava o médico Gabriel Martins no Posto de Saúde. Também, no “Hospitalzinho”, então existente, e possuía sua clínica aos fundos. Tal apelido de “perereca”, se devia ao barro existente em Londrina. Assim meio pulando e correndo, para evitar poças de água, movimentava-se sempre com uns “troços” debaixo do braço, (estetoscópio, revistas médicas, etc.). No entanto, aquela forma de se movimentar em dias de barro lhe motivou o apelido de “perereca”.

Falaram, ainda, o médico Anísio Figueiredo, o Simão Chueiri, o Luis Estrella, dentre outros. O José Bonifácio de Oliveira e Silva, em duas palavras incisivas, manifestou-se contra a dissolução. O

Gabriel Martins, muito católico, acompanhou a turma mas achou que o Ulisses Medeiros tinha motivos especiais que o impediam de agir de outra maneira.

Enfim, prevaleceu a opinião dominante, de que, até aquela hora, nada surgira no Rotary que pudesse ferir, sequer de leve, os “princípios religiosos católicos”. Além disso, não seria lógico que se tomasse uma decisão tão grave como a de extinguir o clube sem que todos se inteirassem melhor da sua organização e orientação através de leitura pertinente, visitas e intercâmbios. Com isso, passou o perigo.

O próprio primeiro secretário do clube voltou atrás e disse que permaneceria no clube renunciando, no entanto, ao seu cargo na diretoria,

Tudo acabou sem qualquer inimizade. Os que saíram continuaram amigos de Rotary. No entanto, esse fato acarretou que o clube passasse dois anos sem admitir novos sócios. Fato que havia sido decidido enquanto o clube não se firmasse dentro da sociedade londrinense.

O primeiro sócio, a ser admitido, tempos depois, foi o companheiro Aristides de Souza Mello. Que, dadas as suas qualidades natas, fizeram do mesmo Presidente do Clube no ano seguinte.

Com este relato, o Rui Cunha sempre acrescia que na sua opinião a verdadeira data do nascimento do seu Clube, (Rotary Clube Londrina), foi aquela tal de “reunião decisiva”.

A partir dessa época, 1940, o Rotary cresceu muito. Não só em Londrina, mas em todas as regiões do Paraná. Bem como, no Brasil.

CLUBE DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DE LONDRINA HOMENAGEIA A PRIMEIRA TURMA DE ENGENHARIA DA UEL PELOS 50 ANOS DE INGRESSO NA MESMA. BEM COMO, SEUS PRIMEIROS PROFESSORES

No dia 15 de novembro de 2023, o Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina homenageou com uma brilhante festa no Restaurante Planalto, os engenheiros que constituíram a primeira turma do Curso de Engenharia da UEL, bem como os engenheiros responsáveis pelas Cátedras do Curso e que possibilitaram o Reconhecimento do mesmo pelo Conselho Federal de Educação. (MEC). Somando-se à luta de parte do Reitor Oscar Alves e a pedido do mesmo.

Como homenageados responsáveis pelas Cátedras, constaram os engenheiros:- Matias José de Quadros Neto, Wilson de Araujo Claudino, Shigeru Obara, José Maria Soares Vasconcelos, (in-memoriam), Casemiro Framil Sobrinho, João Batista Domiciano, Atsushi Yoshii, José Antonio de Oliveira Nascimento e Paulo Roberto de Oliveira, (in memoriam), José Augusto de Queiroz, (in memoriam), Evaldo Florindo Fabiano, Nelson Fujita, José Pedro da Rocha Neto, Osmar Alves, Marcio Kantor e Elias Vieira Plácido Cesar.



O Presidente do CEAL eng. Decarlos Manfrin, saudando os homenageados.

Falar do Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina, é registrar fatos importantes que muito ajudaram a cidade de Londrina. Pois teve participação ativa nas decisões técnicas mais importantes que as Administrações Municipais Londrinenses tomaram. Para tanto, destacando profissionais pertinentes ao assunto e, com isso, possibilitando as Administrações Municipais decidirem-se por esta ou aquela solução. Na qualidade de representante do Clube de Engenharia, em muitas decisões no passado, também muito aprendi.

Quando retornei a Londrina, início de 1965, agora como engenheiro, o clube de Engenharia ocupava um barracão em tijolões de concreto, na Avenida Paraná, (proximidades da esquina com a Rua Pernambuco), cedido pelo sr. José Garcia Molina que igualmente sempre cooperou com a própria cidade de Londrina. Praticamente, ao lado do Restaurante e Pizzaria do Dante. (Um cidadão italiano que chegou a Londrina e se integrou a mesma com destaque).

Porém, ocasião esta, que o médico Raul Lessa vinha discutindo com a Prefeitura Municipal, (Gestão do Prefeito José Hosken de Noves), quanto a pertinente responsabilidade pela execução do enorme bueiro, tipo Freyssinet, no prolongamento da Rua Goiás, para o devido acesso ao loteamento que o mesmo fizera, além do córrego água fresca ali existente. Tal bueiro já se encontrava finalizado, faltando apenas a Prefeitura Municipal executar o enorme aterro sobre o mesmo. Administração do Prefeito Hosken de Novaes.

Por sua vez, tal Prefeito entendia que tais serviços cabiam ao loteador e não a Prefeitura propriamente dita. E não abria mão disso. Por sua vez, o médico Raul Lessa, era excepcionalmente inteligente e de rápido e lógico raciocínio. Sabendo muito bem argumentar. O mesmo consultara vários engenheiros do clube de Engenharia, inclusive a Diretoria, que igualmente se posicionaram tecnicamente ao lado do mesmo. Mas como Prefeito não abria mão, o mesmo solicitou apoio do clube para tal intento. No que obteve êxito.

Em vista disso, tal problema viu-se solucionado e o Raul Lessa acabando doando ao Clube de Engenharia duas salas no Edifício Tuparandi. Local onde o Clube de Engenharia melhor passou a ser instalado. Anos depois, tais salas, mais o antigo terreno doado pelo engenheiro Silvino Alqueres Batista ao Clube de Engenharia, pertinente ao seu loteamento localizado nas proximidades do Jardim Bandeirantes, (mas Jardim Silvino), é que permitiram a construção das atuais instalações próximas ao Lago Igapó.

Gostaria de ressaltar, no entanto, quando aqui cheguei, janeiro de 1965, ainda solteiro pois casei-me em abril de 1965, rapidamente me integrei com os engenheiros locais bem como com a Diretoria. Anual e costumeiramente, o Clube de Engenharia promovia a Semana da Engenharia. Para tanto, promovendo importantes palestras e sobre assuntos que mais interessavam a cidade de Londrina e a região.

Naquela ocasião, costumeiramente me fazia presente nas instalações do Clube, (então ainda na Avenida Paraná entre as ruas Pernambuco e Prefeito Hugo Cabral).

Segundo a minha memória, pois não consigo enumerar todos, lembro-me dos associados Carlos Sergio Bopp, Luis Pinheiro Monzoni, Adir Ferreira, Gabriel Salles Ferreira, Marcos Vinicius Salles Ferreira, Mario Cesar Stamm, Mitomu Simamura, Newton Pietraroia, Abrahão Nora, Claudiomar Menezes, Fernando de Barros Pinto, Americo Sato, Celso Alvares Gomes, Luís Cesar da Silva, Rodolfo Horner, Teofilo Coutinho Gomes, Wilson Moreira, Alceu Vezozzo, Enoch Vieira dos Santos, Sadao Nozaki, Cairo Fernandes, Arvid Augusto Ericssen, Amilcar Neves Ribas, Aristides Souza Melo, Claudio Staziak, Zygmundo Staziak, Ivan Jekoff, Silvino Alqueres Batista, etc. etc. etc. que igualmente compareciam.

Anos depois, o antigo Secretario do clube, arquiteto Luís Pinheiro Monzoni, veio pessoalmente de São Paulo e me entregou o livro contendo as primeiras Atas do Clube de Engenharia. Que repassei ao Presidente do Clube na ocasião. Com isto, podendo ser identificado

nominalmente todos os associados que efetivamente participaram do Clube. Mas, ao que me consta, tal Ata, novamente encontra-se desaparecida.

Gostaria de ressaltar que foi nas dependências do Clube de Engenharia que foi concebida a ideia de se afastar os prédios residenciais, um do outro, como costumeiramente vinha sendo feito dado os interesses dos empreendedores. Ao mesmo tempo, exigindo-se boas garagens, áreas de lazer, etc.etc. Embora fato comum atualmente, (2024), naquela época de difícil aceitação de parte dos mesmos. E este fato, deveu-se aos arquitetos Carlos Sergio Bopp, Luis Cesar da Silva, Luis Pinheiro Monzoni e João Batista Bortolotti. Atualmente, fato consumado e motivo de promoção de venda de parte dos empreendedores.

Anos depois, constituímos uma Chapa para concorrermos ao Clube de Engenharia. Em oposição à Chapa montada no gabinete do Secretário de Obras da Prefeitura Municipal. Wilson Moreira. Vencemos.

O mote da campanha do nosso adversário era que iríamos entregar o IPOLON, pérola do Clube de Engenharia, à Universidade. Fato que não ocorreu na nossa gestão, mas sim por ocasião da Administração do Prefeito Wilson Moreira, ao concluir que era muito dispêndio econômico para a sua administração junto a Prefeitura Municipal.

Os registros contidos nas Atas da nossa gestão, comparados com as de gestões anteriores ou posteriores, podem permitir ao leitor interessado uma efetiva comparação de realizações. O Presidente do Clube de Engenharia, por ocasião dessas eleições, acredito fosse o José Augusto de Queiroz.

Durante muitos anos, não me foi difícil representar o Clube de Engenharia junto ao CREA em Curitiba na qualidade de Conselheiro. Pois via de regra, tinha de me fazer presente naquela cidade devido aos serviços públicos que construíamos na região do norte do Paraná.

Devido a esse fato, o então Presidente do CREA na ocasião, atendeu a nossa solicitação quanto a instalação de uma Delegacia Regional do CREA em Londrina. O Arquiteto Armando Strambi.

Com a devida ajuda do José Gabriel Salles Ferreira, então Presidente do Clube de Engenharia, o mesmo disponibilizou-nos uma sala nas próprias dependências do Clube. Local onde ficou instalada a primeira Delegacia do CREA em Londrina. Anos atrás, por ocasião da gestão do Celso Gomes, tal Inspetoria viu-se instalada no Edifício Júlio Fuganti. Porém, desde há tempos, já não mais existia.

Na sequência, um pouco tempo depois, sendo Presidente do CREA o nosso companheiro de turma de engenharia, o Rubens Curi, com a participação do meu sócio Massaru Onishi, construiu-se a notável Delegacia do CREA em Londrina. Defronte a Prefeitura Municipal de Londrina. Rua Duque de Caxias. O Massaru Onishi sucedeu-me na direção de tal Delegacia.

Por outro lado, participando e executando obras públicas no norte paranaense, filiei-me ao Sindicato da Construção Civil no Paraná. Com sede em Curitiba. Cujo Presidente era o engenheiro Felipe Arns. Ocasão que surgiu a ideia de se instalar em Londrina uma Delegacia do Sinduscon/Paraná, com vistas a se tornar Sinduscon Norte do Paraná. Há que se destacar que tal fato se deveu a longa mão do médico Raul Lessa, proprietário de construtora, e participante da Federação das Indústrias do Estado do Paraná como Conselheiro. No entanto, o Sindicato Obreiro em Londrina cujo Presidente era o Sr. Otávio, era muito ativo pois a construção civil em Londrina era muito expressiva desde há anos. Devido a isto, o Sr. Otávio era muito impositivo quanto as suas defesas e argumentações. Mas o Paraná, executor de obras públicas, exigia que o nível salarial na construção civil fosse o mesmo em todo Estado do Paraná, dado aos orçamentos que procedia nas suas licitações. Por sua vez, naquela ocasião, o Secretário do Trabalho era o Nabor Moraes da Silva Neto meu ex companheiro da casa do estudante universitário e das lutas estudantis. Com a ajuda

do mesmo, o relacionamento com o Sr. Otávio viu se facilitado. No entanto instalada e funcionando tal delegacia, o Governador José Richa convocou-me para assumir a EMOPAR.

Participando do Sinduscon/Paraná, desde há tempos, aquela Diretoria escolheu-me para criar a primeira Delegacia de tal Sindicato em Londrina. Neste sentido, convoquei inúmeros companheiros da construção civil de Londrina bem como da região, (segundo as preconizações do Felipe Arns), e a instalamos. Bem como, iniciamos funcionamento, no terceiro andar do Edifício Metrópole cujas salas eram de propriedade do advogado Francisco Leite Chaves. Anos depois, Senador da República.

Iniciado o funcionamento, vi-me convocado pelo Governador Richa para assumir destacadas funções no Governo do mesmo. Em meu lugar assumiu o companheiro Ezaro Fabiano.

Decorridos dois anos de funcionamento, tal Delegacia viu-se transformada no Sindicato da Indústria da Construção Civil do Norte do Paraná. Que fora o nosso objetivo inicial bem como de ciência do próprio Sindicato da Construção Civil no Paraná. O engenheiro Felipe Arns. Tornando-se o primeiro presidente o companheiro Ezaro Fabiano.

Há que se ressaltar que em novembro de 1977 o Ministério do Trabalho passou a exigir de parte das construtoras em todo o país a obrigação das mesmas subordinarem-se a Medicina e a Segurança no Trabalho. Principlamente, na construção civil que era uma das atividades que mais problemas apresentava. Em vista disso, frequentando o Sinduscon Paraná desde há tempos, em Curitiba, a Diretoria me alertou para a gravidade do problema. Na própria cidade de Curitiba a Universidade Federal do Paraná, (Escola de Engenharia e Faculdade de Medicina), já estavam providenciando cursos noturnos para as devidas empresas interessadas poderem se adaptar a tais exigências. Por similaridade, procuramos o Reitor Oscar Alves em Londrina e conseguimos implantar os mesmos cursos para adaptações

das empresas interessadas. Por sua vez, o Reitor Oscar Alves designou o Eng. Nelson Fujita para tanto. Ficaram constituídos tanto os cursos de Medicina no Trabalho bem como o de Segurança pertinente a execução dos serviços. Ambos os cursos foram realizados a noite nas instalações do Grupo Escolar Hugo Simas. De parte dos médicos a liderança coube ao Jorge Salles. De parte dos engenheiros, ao Nelson Fujita. Fato que muito nos orgulhou.

DRENAGEM URBANA DE LONDRINA

A região do Norte do Paraná, não é uma região plana. Mas sim de topografia levemente elevada e com muitos córregos e ribeirões, conduzindo a água pluvial realmente para os rios. Aproveitando-se disso, a própria Companhia de Terras, (Colonizadora do Norte do Paraná), valeu-se deste fato. Para tanto, construindo estradas de acesso aos lotes pelo espigão. Com isso, praticamente todos os lotes de áreas rurais que foram vendidos, possuíam a frente para tal estrada e os fundos para tais riachos.

Fato que, igualmente, muito beneficiou as próprias cidades projetadas pela própria Companhia e distanciadas umas das outras por quinze ou vinte quilômetros mais ou menos.

Por outro lado, como engenheiro, sempre me convenci que a Companhia de Terras muito utilizou-se da aerofotogrametria. Embora, quanto ao uso deste tipo de topografia, não existam registros demonstrando este fato. No entanto, a aerofotogrametria surgiu por ocasião da Primeira Guerra Mundial quando já existiam aviões bem como fotos propriamente ditas. Mas naquela ocasião, o domínio da aerofotogrametria era um segredo de guerra de parte de quem o dominava. A Inglaterra era um destes países. Pois a foto aérea, tirada de aviões de guerra, muito ajudava os generais e seus batalhões nos combates que haviam. Ao mesmo tempo, descobriu-se que através da foto podiam-se medir áreas, verificar a topografia das mesmas, bem como obstáculos, etc.etc. Com isso, obtenção de facilidades de acesso a determinados pontos ou regiões, pois tanques e caminhões não sobem montanhas.

Por sua vez, constando como membro da equipe da Companhia de Terras, mas em São Paulo, existiu um destacado aviador e herói da Primeira Guerra Mundial. Portanto, com grandes possibilidades de ter participado de vôos com finalidades aerofotogramétricas. Com isto,

aprendido. Pois, para tanto, exigem-se vôos em alturas constantes e adequadas, acopladas ao próprio avião pequenas máquinas fotográficas. De posse de tais fotos, através de outra máquina, mas decodificadora e apropriada, resgata-se a topografia do terreno. Tanto no sentido longitudinal, (distâncias), como no vertical. (alturas). Daí resultando o mapa propriamente dito com distâncias e curvas de níveis. De posse disso, fácil a escolha do melhor caminho.

Nesse melhor caminho, é que as cidades foram implantadas pela Companhia de Terras bem como a linha ferroviária.

Diante da velocidade com que a Companhia de Terras passou a ocupar toda a região, construindo ferrovias que exigem determinados níveis e aclives, e ao mesmo tempo localizando cidades, (praticamente de quinze em quinze quilômetros uma das outras, na mesma diretriz, certamente não foi com apoio de simples topógrafos que iam adentrando as matas e escolhendo caminhos. Pois a aerofotogrametria é que possibilita a rápida escolha dos melhores trajetos e caminhos.

Londrina ficou inserida nesse contexto. Por sua vez, como todas as outras cidades implantadas pela Companhia de terras, possui uma parte mais elevada e no entorno das mesmas diversos córregos e riachos.

Devido a este tipo de topografia, escolhida para a implantação das cidades, não se verificam alagamentos das mesmas em decorrência de chuvas. Ainda que estas tenham significativos índices pluviométricos. Pois não existem registros históricos que tenham ocorridos grandes alagamentos nas mesmas. Muito embora tenham ocorridas, enormes precipitações pluviométricas anualmente. Principalmente, nos meses mais chuvosos.

Porém, nunca houveram inundações mesmo nas regiões mais baixas da cidade de Londrina. O que temos verificado, na realidade, são enormes enchentes. Mas nos ribeirões maiores, (Cafezal Jacutinga, Três Bocas, Ribeirão Cambé, Ribeirão dos Apertados, etc.etc.). Os quais acabam conduzindo toda a água pluvial para o próprio Rio Tibagi.

Mas, inegavelmente, pelo fato da própria cidade de Londrina situar-se no espigão, a medida que a cidade foi pavimentada, (com isso diminuindo o grau de infiltração da água pluvial na própria terra), surgiram problemas. O primeiro, evidentemente, ocorreu no final da Rua Niteroi, praticamente atrás do SENAI, mas já nas imediações do córrego Coati. Local onde existe uma enorme área alagadiça. Atualmente drenada, denominada Vila Portuguesa. Através do córrego Coati a água pluvial vê-se conduzida para melhor local.

Também, em decorrência da pavimentação em toda a área central da cidade, no final da Rua Goiás, cruzamento com a atual rua JK, passou a ocorrer a mesma coisa. Também, na rua Humaitá.

No entanto, por volta de 1964, o médico e notável empreendedor londrinense, Dr. Raul Lessa, estava concluindo o seu loteamento denominado Jardim Quebec. Porém, contíguo, mas acima do córrego Água Fresca e em direção a Rua Maringá. Para tanto, o acesso principal ao mesmo seria pelo prolongamento da Rua Goiás. A qual, por sua vez, carregava para o córrego Água Fresca, praticamente toda a água pluvial da vertente oeste da cidade que já se encontrava toda pavimentada. Portanto, com enorme fluxo de volume da água pluvial originária das partes mais elevadas da cidade em relação aquele ponto. Porém tal córrego água Fresca, corria em direção ao atual Lago Igapó, passando pela Rua Humaitá. Sendo que na mesma, volume de água originário da cidade era ainda maior.

Como tal acesso ao seu loteamento se localizava após tal córrego Água Fresca, o mesmo deu início ao seu intento asfaltou-o, construiu galerias de águas pluviais, e ao mesmo tempo procedeu ao fornecimento de luz e água. Por sua vez, o loteamento do mesmo, situava-se após o córrego água fresca e não anteriormente ou contíguo ao mesmo. Pois faixa preservada segundo a legislação municipal. Portanto, de posse da própria municipalidade e não dele.

No entanto, constou das diretrizes do seu loteamento, as exigências para tanto, bem como o pertinente acesso. Mas não a

obrigatoriedade de se construir uma ponte para tanto. Um acesso normal e sobre aterro imaginando-se que no fundo do mesmo existiria um simples bueiro. Ou uma linha paralela de bueiros. Portanto, nenhuma anormalidade.

Porém, no decurso do loteamento, que demorou uns quatro anos, ocorreram fortes e intensas chuvas. As quais tinham origem na própria vertente leste da cidade e que era enorme e toda pavimentada. Portanto, toda a água pluvial dessa parte da cidade, corria para o mesmo córrego Agua Fresca. Com isso, ocorrendo um enorme represamento das águas pluviais. Mas na Rua Humaitá e muito próximo do atual lago Igapó. Pois além do Jardim Quebec, outros loteamentos igualmente aí também se instalaram. Na mesma região e uns contíguos aos outros. Com isso, a Prefeitura Municipal teve que acudir tal fato. Mas na Rua Humaitá.

Porém, embora não fosse exigência ao loteador, mas sim à Prefeitura propriamente dita.

No entanto devido ao elevado custo para solução, o Prefeito Hosken de Novaes era contra a Prefeitura assumir tal obra. E esta discussão, quando ingressei no Departamento de Obras da Prefeitura Municipal e Londrina, (setor de águas pluviais e pavimentação), já existia.

Por sua vez, o médico Raul Lessa, era extremamente arguto, inteligente, e. ao mesmo tempo, educado, bom interlocutor e contestador. Tanto isto é verdade, que ainda por ocasião da pavimentação do seu loteamento, procurou uma solução através da colocação de algum bueiro ainda que fosse de bom diâmetro. Para tanto, solicitou da própria Prefeitura Municipal determinar tal diâmetro em função da maior precipitação pluviométrica que houvera ocorrido. Porém, como a própria cidade, naquela vertente leste, encontrava-se asfaltada, (inexistindo infiltração a ser considerada), tal cálculo para execução do resultou num enorme diâmetro. Inexistente no comércio pois até mesmo as fabricas não dispunham de fôrmas para tanto.

Em vista disso, ele próprio pesquisou sobre o assunto. Em conversa com o engenheiro José Augusto de Queiroz, também calculista, este lhe sugeriu a execução de um bueiro maior que tais dimensões sugeridas pela própria Prefeitura, porém de custo bem menor. Do tipo Freyssinet, assentado sobre uma base plana também de concreto. Porém, era ovalado, com menores dimensões nas paredes laterais e no próprio topo. Este, tendendo para um fechamento com circunferência bastante menor que a da base. Mas trabalhando como se fosse um canal.

No entanto, apesar de ser enorme, as paredes laterais não possuíam mais que 18 ou 20 cm de largura. Logo, com muito menos custo. Em vista disso, o médico Raul Lessa contratou o engenheiro José Queiroz e ao mesmo tempo comunicou a Prefeitura pois cabia a esta a aprovação, a fiscalização e o recebimento da obra.

Finalizada a obra, cabia a Prefeitura o recebimento da mesma. Mas o médico Raul Lessa reivindicava o ressarcimento dos custos a que se viu obrigado pois nunca deixou de abdicar das suas argumentações. Nesse sentido, já houvera proposto ao Clube de Engenharia, caso isso ocorresse, o mesmo daria duas salas destinadas às efetivas instalações desse Clube. Portanto, a maioria dos associados se postaram ao lado do médico. Na verdade, com tal atitude, ele próprio não ganharia nada. Mas era uma questão de melhor ponto de vista de parte do mesmo.

Assim, quando ingressei no Departamento de Obras, (setor de pavimentação e águas pluviais), uma das primeiras tarefas que o Diretor, Eng. Claudio Staziak me deu, foi vistoriar tais serviços e recebê-lo estando conforme. Ocasão que conheci tal médico e nos tornamos amigos para sempre. Somei-me na mesma direção do mesmo, (pois me era sensível que o próprio Claudio Staziak igualmente se postava), dada a pressão do próprio Clube de Engenharia que possuía direito interesse naquela causa.

Em vista disso, uma enorme reunião foi realizada na sala do Prefeito. Com a presença de todos os envolvidos. Inclusive do Clube

de Engenharia. Após as oitivas de todos, o Prefeito somou-se à causa do médico Raul Lessa. Com isso, o Clube de Engenharia ganhou duas salas e, efetivamente, tornando-se um clube técnico, diferenciado, e sempre à disposição dos interesses municipais de Londrina.

ARBORIZAÇÃO DE LONDRINA

Pode-se afirmar que, desde o início propriamente dito da cidade de Londrina, sempre houve uma preocupação para com a arborização das ruas, praças e jardins.

Por volta de 1968, já executando obras públicas no Estado do Paraná, muitas vezes tive de me valer do avião para ir, ou retornar de Curitiba a Londrina dada a urgência dos meus afazeres. Pois os nossos contratantes maiores eram as empresas públicas que lá funcionavam. Sanepar, Departamento Estadual de Obras e Edificações, (depois Empresa de Obras Públicas do Paraná), bem como Fundação e Desenvolvimento da Educação no Paraná, (Fundepar), bem como outras.

No retorno, via regra tal avião partia de São Paulo, passava por Curitiba, (onde eu embarcava), e chegava a Londrina. No entanto, quase que via de regra, alguns passageiros que não conheciam Londrina, comentavam, em voz alta, a beleza da cidade e da arborização da mesma. Fato estranho para mim pois já estava acostumado à cidade desde há muitos anos. Portanto, nenhuma novidade. Mesmo assim, igualmente olhava para a cidade e constatava a predominância de árvores na mesma. Pois, excetuando-se a parte central da cidade, a imensa maioria dos lotes urbanos possuíam muitas árvores no quintal. Com isso, ensejando uma grande proteção verde e urbana.

Além disso, quando o avião baixava mais, era-nos possível constatar as belíssimas arborizações nas ruas, praças e jardins. Algumas avenidas destacavam-se mais que as ruas propriamente ditas.

Porém, tendo sido funcionário público da Prefeitura Municipal em 1957, (embora menor de idade naquela época, mas responsável pelo setor das Apólices da Dívida Pública da Prefeitura de Londrina), conheci o Noé da Silva. Então responsável pela arborização da cidade. E, neste sentido, embora não sendo um técnico com alguma graduação na área, era um craque. Pois apaixonado pela arborização da cidade.

Anos depois, na Administração do José Richa, (meu ex-companheiro da Casa do Estudante Universitário em Curitiba tendo eu também participado ativamente da campanha eleitoral do mesmo), a seu convite assumi o Serviço de Pavimentação de Londrina. Pavilon. Decorrente disso, em muitas reuniões ocorreu a presença do Noé. Pois a arborização da cidade era, (como sempre foi), um setor importante para todos os Prefeitos que passaram pela municipalidade. Quando o Noé da Silva, passava a falar, era uma verdadeira aula e com conhecimento de causa e paixão pelo que fazia.

Assim, em cada rua ou avenida que o Pavilon asfaltava, passando a existirem calçadas, era imperativo a arborização já em seguida. Porém, o Noé da Silva não era funcionário do Pavilon e sim da Secretaria de Serviços Públicos. Mas pertinente ao setor de arborização de ruas, avenidas, praças e jardins. Daí, a necessidade de reuniões conjuntas.

Neste sentido, nos dava verdadeiras aulas. Sempre enfatizando a necessidade de um planejamento maior, visando a adaptação das espécies, cuidando-se, ao mesmo tempo da proteção da rede elétrica e telefônica, bem como da rede de água e esgoto. Ao mesmo tempo, que tais árvores não fossem obstáculos ao trânsito das pessoas, pois a segurança das mesmas era prioritária. Ao mesmo tempo, bom visual urbano, assegurando benefícios para as pessoas quanto a minimização dos efeitos solares-nos dias mais quentes do ano.

Para tanto, ele teria de ir pessoalmente ao local para a verificação dos espaços possíveis e principalmente decidir sobre as características das arvores a serem plantadas. Pois, além de “sombreadores”, teriam de ser bonitas, etc.etc. Nesse contexto, sempre nos pareceu que o próprio Noé possuía, (ainda que de cabeça), um plano diretor e também de gestão para as mesmas. Sempre insistia que deveriam existir árvores que não perdessem as folhas na época do inverno. Isto, para facilitar a varrição de ruas e calçadas.

Além, do mais deveriam ser aplicadas mudas de qualidade. Mas, para tanto, desde há anos, (já naquela época do Richa), existia o Horto Florestal Municipal praticamente atrás do aeroporto.

Na nossa visão, o Noé era, ao mesmo tempo, um biólogo e um planejador para a arborização da cidade de Londrina. Pois, de cabeça, sabia determinar o tamanho inicial da árvore a ser plantada, a espécie da mesma, distância entre as mesmas, bem como determinar a altura máxima que poderiam atingir sem comprometer outros elementos.

Além disso, o Noé sabia elencar um plano de poda e manutenção das mesmas.

Para as Avenidas, dependendo de como o Prefeito queria destaca-la, o Noé sempre tinha alguma sugestão para tanto. Sempre de forma caracterizar e destacar tal Avenida.

Em algumas daquelas sugestões, imaginávamos quanto ficaria bonita tal avenida com aquela sugestão do Noé. Razão pela qual, todos os Prefeitos que ouviram o Noé, deixaram suas marcas na cidade.

FINALIZANDO

Falar do passado, registrando aí os fatos ocorridos e resolvidos é fácil. Porém, naquelas reuniões convocadas pela própria Prefeitura Municipal de Londrina, as mesmas eram cansativas e muitas vezes irritantes de vez que cada pessoa possuía seu ponto de vista e não abria mão do mesmo.

No entanto, agora 2024, Londrina já possui uma equipe de entidades e pessoas com vistas a uma permanente prospecção do futuro, o pertinente planejamento estratégico da cidade e até mesmo da região. Para tanto, discutindo o assunto visado, registrando-o e documentando-o. Fato, sadidamente, muito mais difícil que registrar o passado.

As minhas saudações aos membros do Forum Desenvolve Londrina pelos assuntos abordados e as devidas documentações dos mesmos.

LIVROS ESCRITOS PELO AUTOR

- 01: Villa Rica Del Spiritu Santo
- 02: Tentando Agarrar Estrelas
- 03: 50 anos depois
- 04: Enquanto o vento vergava barba de bode no Atalaia
- 05: Torvamentos do destino
- 06: E a Lua virou Sol
- 07: Um piano na campina
- 08: Flôres de Jacatirão
- 09: A vida é um caminho. Volume I
- 10: A vida é um caminho. Volume II
- 11: A Guerra dos pés descalços
- 12: A Batalha da Treves. Volume I
- 13: A Batalha da Treves. Volume II
- 14: Administração na construção civil
- 15: Um dia um anjo sentou-se ao meu lado
- 16: Quando os pardais da Praça Tiradentes ouviam La Tarantella
- 17: Acima das nuvens o céu é sempre azul
- 18:- Sonhando poemas
- 19: Bruaca de “estórias”
- 20: Um sopro de luz sobre as cinzas do passado
- 21: Restauro de fachadas de edifícios tombados pelo Patrimônio Histórico
- 22: Quando o vento empurrava canoas a velas na Babitonga
- 23: Do meu sólio como líder estudantil universitário
- 24: Direcionando o meu norte ao florescer dos ipês londrinenses
- 25: Informando e aprendendo aos Pisca-Piscas dos vagalumes
- 26: Transitando ao Zeênite das nossas vidas
- 27: Contos e Recontos

A maior parte dos livros encontra-se no site do autor: www.josepedrodarochaneto.com.br à disposição de interessados.